

**Márcia Eloi Rodrigues**

**“EN TOIS TOU PATROS MOU” (Lc 2,49):**

**A IDENTIDADE MESSIÂNICA DE JESUS SEGUNDO Lc 2,41-52 (E Lc 4,16-30)**

Tese de Doutorado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Johan Konings

Apoio CAPES – PROEX

Belo Horizonte  
FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2019

**Márcia Eloi Rodrigues**

**“EN TOIS TOU PATROS MOU” (Lc 2,49):**

A IDENTIDADE MESSIÂNICA DE JESUS SEGUNDO Lc 2,41-52 (E Lc 4,16-30)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Johan Konings

Belo Horizonte  
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2019

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

R696e Rodrigues, Márcia Eloi  
“En tois tou patrós mou” (Lc 2,49): a identidade messiânica de Jesus segundo Lc 2,41-52 (e Lc 4,16-30) / Márcia Eloi Rodrigues. - Belo Horizonte, 2019.  
167 p.

Orientador: Prof. Dr. Johan Konings  
Tese (Doutorado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia,  
Departamento de Teologia.

1. Jesus aos doze anos. 2. Leitor. 3. Messianismo. 4. Sinagoga de Nazaré. 5. Salvação universal. I. Konings, Johan. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título.

CDU 232.5

**Márcia Eloí Rodrigues**

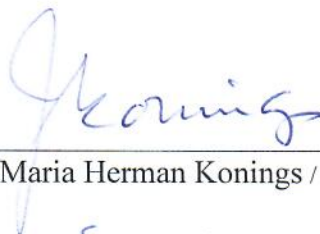
***“EN TOIS TOU PATROS MOU” (Lc 2,49)***

**A IDENTIDADE MESSIÂNICA DE JESUS SEGUNDO Lc 2,41-52 E Lc 4,16-30**


Esta Tese foi julgada adequada à obtenção do título de Doutora em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Doutorado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 02 de outubro de 2019.

**COMISSÃO EXAMINADORA:**



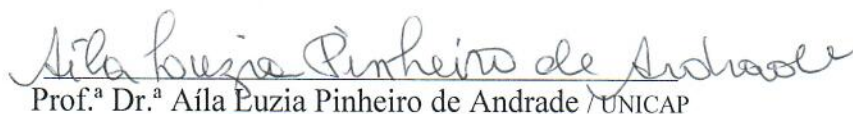
Prof. Dr. Johan Maria Herman Konings / FAJE (Orientador)




Prof. Dr. Luís Henrique Eloy e Silva / FAJE



Prof. Dr. Rivaldave Paz Torquato / FAJE



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aíla Euzia Pinheiro de Andrade / UNICAP



Prof. Dr. Junior Vasconcelos do Amaral / PUC Minas

Dedico o presente trabalho a todas as irmãs do Instituto Religioso Nova Jerusalém que, unidas pelo amor à Palavra de Deus, apostaram suas vidas na missão de evangelizar a partir da Sagrada Escritura.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao prof. Dr. Johan Konings pelo apoio e paciência na orientação da pesquisa.

À direção, professores e funcionários da FAJE, pela amizade e estímulo.

Ao professor Massimo Grilli que gentilmente aceitou me acompanhar durante o meu estágio na Pontificia Università Gregoriana.

À minha comunidade religiosa pelo apoio, incentivo e confiança em mim depositada durante esse longo percurso, particularmente às irmãs Priscila e Socorro; e à Mirian, pela amizade generosa que nos ampara em todas as horas.

À irmã Aíla Andrade, que leu os originais e apresentou críticas e contribuições, encorajando-me a concluir esse trabalho; e à Nivaneide Abreu, pela revisão final do texto.

A Marco Antonio Tourinho e sua esposa Amália Santana, pela amizade e apoio constante em todos os momentos da nossa caminhada.

Ao frei Roberto de Almeida Paz e à irmã Nancy Raquel, amigos que foram uma presença serena durante os momentos bons e ruins e, especialmente, ao pe. Moisés Ponte, pela calorosa acolhida e apoio espiritual durante minha estadia em Roma.

A todos que, de uma forma direta ou indiretamente, contribuíram com a minha formação teológica.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## SIGLAS E ABREVIATURAS

ACF	Bíblia Almeida Corrigida Fiel
ARA	Bíblia Almeida Revista e Atualizada
ARC	Bíblia Almeida Revista e Corrigida
Aseign	Assemblées du Seigneur, Paris
AT	Antigo Testamento
BJ	Bíblia de Jerusalém, São Paulo
BTB	Biblical Theology Bulletin, Roma/ New York
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
<i>EstB</i>	Estudios Bíblicos, Madrid
Interp.	Interpretation: a Journal of Bible and Theology, Richmond
JBL	Journal of Biblical Literature, New Haven
KJV	Bíblia King James Versão
LASBF	Liber annuus. Studium Biblicum Franciscanum, Jerusalém
LUO	Bíblia Lutherbibel (tradução alemã)
LXX	Bíblia dos Setenta
NRS	New Revised Standard Version
NT	Novo Testamento
<i>NT</i>	<i>Novum Testamentum: an International Quarterly for New Testament and Related Studies</i> , Leiden
NTS	New Testament Studies: an International Journal Published Quarterly Under the Auspices of Studiorum Novi Testamenti Societas, Cambridge
REB	Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis
RStB	Ricerche Storico Bibliche, Bologna
ScEs	Science et esprit: revue philosophique et theologique, Montréal
SVV	Bíblia Statenvertaling (tradução holandesa)
TEB	Tradução Ecumênica da Bíblia, São Paulo
TOB	Traduction Oecuménique de la Bible
ZNW	Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft, Berlin

Para os livros bíblicos seguimos a abreviatura conforme a edição brasileira da BÍBLIA Sagrada: tradução oficial da CNBB. 2.ed. Brasília: CNBB, 2019.

## RESUMO

Mediante a abordagem comunicativa do texto bíblico, procura-se apresentar a automanifestação de Jesus aos doze anos (Lc 2,41-52), em sua unidade com a narrativa da infância (Lc 1,5–2,52), como chave de leitura para a compreensão da identidade messiânica de Jesus e de sua missão universal, a ser verificada em sua práxis (Lc 3–24). Expõe-se inicialmente as questões pertinentes ao papel literário-teológico que o episódio ocupa no interior da narrativa da infância, dispensando uma maior atenção à interpretação do sintagma ἐν τοῖς τοῦ πατρὸς μου (Lc 2,49), apresentando sua ambivalência como estratégia narrativa de Lucas. Examina-se, então, o texto de Lc 2,41-52 a partir das análises sintática, semântica e pragmática, com o objetivo de evidenciar a estratégia comunicativa do autor em função da construção do seu leitor. E, por fim, estuda-se o episódio da sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-30), enquanto texto programático da obra lucana (Lc–At), mediante a abordagem comunicativa, no qual é evidenciado o messianismo de Jesus na linha do profetismo, bem como a dimensão universal de sua missão. A correlação entre esses dois episódios (Lc 2,41-52 e Lc 4,16-30) manifesta sua importância como estratégia narrativa na composição da cristologia do Evangelho segundo Lucas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jesus aos doze anos. Leitor. Messianismo. Sinagoga de Nazaré. Salvação universal.



## SINTESE

Attraverso l'approccio comunicativo del testo biblico, cerchiamo di presentare l'auto-manifestazione di Gesù dodicenne (Lc 2,41-52), nella sua unità con il racconto dell'infanzia (Lc 1,5-2,52), come chiave di lettura per comprendere l'identità messianica di Gesù e della sua missione universale, da verificare nella sua prassi (Luca 3-24). Si svolgerà, innanzitutto su le domande pertinenti al ruolo letterario-teologico che l'episodio occupa nel racconto dell'infanzia, prestando maggiore attenzione all'interpretazione del sintagma ἐν τοῖς τοῦ πατρὸς μου (Lc 2,49), presentando la sua ambivalenza come strategia narrativa di Luca. Quindi, il testo di Lc 2,41-52 viene esaminato dalle analisi sintattica, semantica e pragmatica, con l'obiettivo di evidenziare la strategia comunicativa dell'autore in funzione della costruzione del suo lettore. Infine, si studia l'episodio della sinagoga di Nazaret (Lc 4,16-30), come un testo programmatico dell'opera lucana (Lc-At), attraverso l'approccio comunicativo, che mostra il messianismo di Gesù nella linea del profetismo e la dimensione universale della sua missione. La correlazione tra questi due episodi (Lc 2,41-52 e Lc 4,16-30) evidenzia la sua importanza come strategia narrativa nella composizione della cristologia del Vangelo secondo Luca.

**PAROLE-CHIAVE:** Gesù dodicenne. Lettore. Messianismo. Sinagoga di Nazaret. Salvezza universale.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
1 PROBLEMA E ESTADO DA QUESTÃO DE Lc 2,41-52 .....	16
1.1 Lc 2,41-52 no contexto literário de Lc-At .....	17
1.1.1 Lugar e função narrativa .....	17
1.1.2 Conteúdo e gênero literário .....	22
1.2 O dito enigmático ἐν τοῖς τοῦ πατρὸς μου (2,49b) .....	26
1.2.1 A interpretação de ἐν τοῖς segundo os autores modernos.....	27
1.2.1.1 Sentido local (casa / templo) .....	27
1.2.1.2 Análise do emprego dos vocábulos οἶκος/oikía na Obra lucana.....	30
1.2.1.3 Sentido funcional (coisas / assuntos / negócios) .....	32
1.2.2 A ambivalência do ἐν τοῖς no dito de Jesus .....	37
1.3 A ambivalência do sintagma ἐν τοῖς τοῦ πατρὸς μου como estratégia comunicativa .....	38
1.4 Síntese conclusiva .....	39
2 ANÁLISE DE Lc 2,41-52 EM CHAVE COMUNICATIVA .....	42
2.1 O caminho do leitor de Lc 2,41-52 .....	42
2.1.1 O prólogo literário (Lc 1,1-4).....	43
2.1.2 Anúncio do nascimento de João (Lc 1,5-25).....	45
2.1.3 Anúncio do nascimento de Jesus (Lc 1,26-38).....	46
2.1.4 A visitação (Lc 1,39-56).....	49
2.1.5 Nascimento de João, circuncisão e imposição do nome (Lc 1,57-80).....	52
2.1.6 Nascimento de Jesus, circuncisão e imposição do nome (Lc 2,1-21).....	54
2.1.7 Apresentação de Jesus no Templo (Lc 2,22-40) .....	57
2.1.8 Conclusão do percurso .....	60
2.2 Texto e contexto de Lc 2,41-52 .....	62
2.2.1 Demarcação e unidade .....	62
2.2.2 Crítica textual .....	63
2.2.3 Lc 2,41-52 no contexto de Lc 1-2 .....	64
2.3 A coesão linguística de Lc 2,41-52.....	67
2.3.1 Distribuição da comunicação.....	67
2.3.2 Coesão textual .....	70

2.3.2.1 O marco de abertura (Lc 2,41) .....	70
2.3.2.2 Primeira unidade narrativa (Lc 2,42-45) .....	71
2.3.2.3 Segunda unidade narrativa (Lc 2,46-50) .....	73
2.3.2.4 Terceira unidade narrativa (Lc 2,51) .....	76
2.3.2.5 A conclusão (Lc 2,52).....	77
2.4 Coerência comunicativa de Lc 2,41-52 .....	78
2.4.1 O contexto religioso dos pais (Lc 2,41) .....	78
2.4.2 Jesus permanece em Jerusalém sem o conhecimento dos pais (Lc 2,42-45) .....	79
2.4.3 O encontro de Jesus no Templo e a explicação do seu agir (Lc 2,46-50).....	84
2.4.4 Em Nazaré, submissão e meditação (Lc 2,51) .....	89
2.4.5 E Jesus crescia (Lc 2,52).....	90
2.5 A focalização pragmática .....	91
2.5.1 Lc 2,41-52 em seu contexto comunicativo .....	92
2.5.2 A estratégia comunicativa.....	93
2.5.2.1 A pergunta de Maria como ato expressivo.....	94
2.5.2.2 A resposta de Jesus como atos expressivo e representativo.....	95
2.5.2.3 A incompreensão dos pais e meditação de Maria como atos representativos.....	96
2.6 Síntese conclusiva .....	97
3 A DEMONSTRAÇÃO DO MESSINIANISMO DE JESUS (LC 4,16-30).....	100
3.1 A construção do leitor em Lc 3,1–4,15.....	101
3.1.1 Missão e pregação do precursor (Lc 3,1-20) .....	101
3.1.2 A manifestação do Filho amado (Lc 3,21-22).....	102
3.1.3 Filho de Adão, filho de Deus (Lc 3,23-38).....	104
3.1.4 Vitória do Filho na tentação (Lc 4,1-13).....	105
3.1.5 O sucesso da atividade de Jesus na Galileia (Lc 4,14-15) .....	106
3.1.6 Conclusão do percurso .....	107
3.2 Texto e contexto de Lc 4,16-30 .....	109
3.2.1 Demarcação e unidade .....	109
3.2.2 Crítica textual .....	110
3.2.3 Gênero literário.....	110
3.2.4 Lc 4,16-30 no contexto do Evangelho.....	111
3.3 A coesão linguística de Lc 4,16-30.....	112
3.3.1 Distribuição da comunicação.....	113
3.3.2 Coesão textual .....	116

3.3.2.1 Introdução narrativa (Lc 4,16a).....	116
3.3.2.2 Primeira unidade narrativa (Lc 4,16b-20) .....	117
3.3.2.3 Segunda unidade narrativa (Lc 4,21-22) .....	119
3.3.2.4 Terceira unidade narrativa (Lc 4,23-29) .....	120
3.3.2.5 Conclusão (Lc 4,30) .....	124
3.4 Coerência comunicativa de Lc 4,16-30 .....	125
3.4.1 A cidade “natal” (Lc 4,16a) .....	125
3.4.2 A Palavra de Isaías (Lc 4,16b-20).....	125
3.4.3 O “hoje” da salvação (Lc 4,21-22).....	131
3.4.4 O refuto do profeta (Lc 4,23-29) .....	134
3.4.5 Jesus seguiu seu caminho (Lc 4,30).....	137
3.4.6 Síntese do percurso.....	138
3.5 A focalização pragmática.....	141
3.5.1 O contexto comunicativo.....	141
3.5.2 A estratégia comunicativa.....	142
3.5.2.1 A citação de Isaías como ato declarativo .....	143
3.5.2.2 O cumprimento no “hoje” de Jesus como ato representativo .....	144
3.5.2.3 A atestação da rejeição do profeta em sua pátria como ato representativo.....	145
3.6 O leitor-modelo delineado em Lc 2,41-52 e Lc 4,16-30 .....	146
3.7 Síntese conclusiva .....	150
CONCLUSÃO.....	153
REFERÊNCIAS .....	162

## INTRODUÇÃO

Para compreender uma obra é necessário, antes de tudo, conhecer a intenção do autor, o que ele quer comunicar e as técnicas postas em ação para a realização de seu projeto. A intenção de Lucas é posta claramente em seu prólogo ao Evangelho (1,1-4): “Muitos já tentaram compor um relato coordenado dos fatos ocorridos entre nós, como nos transmitiram os que foram testemunhas oculares desde o princípio e se tornaram ministros da palavra. Assim decidi também eu, caríssimo Teófilo, depois de ter cuidadosamente investigado tudo desde o começo, pô-lo por escrito para ti, em boa ordem, para que conheças a solidez dos ensinamentos que recebeste”. Assim, o evangelista dá indicações acerca do conteúdo e do objetivo de seu escrito, a saber: levar seu leitor a verificar na narrativa a confiabilidade daquilo que lhe foi transmitido como verdade salvífica.

O fato de Lucas começar sua narrativa pelo princípio, ou seja, pela origem de Jesus evidencia que a totalidade de sua vida, não apenas sua atividade pública, é acontecimento salvífico e, por isso, deve ser refletida pelo discípulo, a fim de que este compreenda profundamente o sentido e o alcance dessa vida, a salvação da humanidade.

O tempo de Jesus, do cumprimento das promessas de salvação veterotestamentárias, começa com a anunciação de João Batista, seu precursor (1,5-25), e se conclui com o retorno de Jesus ao Pai (Lc 24,50-53; At 1,1-2.9). O estudo da narrativa da infância tem ganhado mais notoriedade na exegese bíblica no decorrer dos anos, por sua importância cristológica e por oferecer uma introdução ao Evangelho lucano, não apenas por que nele os principais temas desenvolvidos na narrativa são antecipados, mas principalmente por causa da cristologia condensada no evangelho da infância. É, pois, objetivo deste estudo, abordar o relato da infância como porta de entrada da obra lucana, cuja importância cristológica consiste em lançar as bases para a compreensão da identidade messiânica e filial de Jesus a ser verificada ao longo da narrativa.

Com este estudo, pretende-se oferecer novos elementos para a compreensão de quem é Jesus. Para isso, propomos lançar um novo olhar sobre o relato da infância, particularmente sobre o episódio de Jesus aos doze anos (Lc 2,41-52), a partir de sua vertente comunicativa, evidenciando sua importância na construção de um leitor capaz de compreender a identidade messiânica de Jesus à luz de sua práxis, demonstrada em seu discurso na sinagoga de Nazaré, que constitui seu programa messiânico.

No evangelho de Lucas, a práxis (palavras e atos) de Jesus revela sua identidade messiânica, progressivamente, ao longo de seu ministério. Nesta pesquisa, propomo-nos a fazer

uma leitura comunicativa-pragmática dos episódios de Jesus aos doze anos (Lc 2,41-52) e de sua pregação na sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-30), evidenciando a íntima relação entre a revelação da identidade messiânica de Jesus e sua práxis, demonstrada no início de seu ministério público.

Propomos como título dessa pesquisa **“En tois tou patrós mou” (Lc 2,49)** porque pressupomos que o tema central do episódio de Jesus aos doze anos (Lc 2,41-52) seja a revelação cristológica condensada nesse dito ambivalente. A escolha do título em grego, no lugar da tradução comumente apresentada nas bíblias brasileiras se deve ao propósito de conservar a originalidade do texto apresentado pelo evangelista, que, ao redigir esse dito ambivalente de Jesus, ponto central da narrativa que interpreta seu agir e prefigura sua vida, motiva seu leitor a descobrir, na leitura, o significado de tal dito. A ambivalência do termo, não estranha ao ambiente helenista em que se situa a literatura lucana, configura, como estratégia narrativa do autor, a condução da leitura. O subtítulo: a identidade messiânica de Jesus segundo Lc 2,41-52 (e Lc 4,16-30), diz respeito aos recortes textuais estudados, considerados chaves de leitura da narrativa lucana, cuja finalidade consiste em apresentar a identidade messiânica de Jesus. O primeiro texto constitui a matéria principal da pesquisa, enquanto o segundo configura-se como ilustração da compreensão da identidade messiânica de Jesus a partir de sua práxis, manifestada ao leitor na narrativa da infância.

O estudo seguirá o método sincrônico mediante a abordagem comunicativa dos episódios a serem analisados. A análise comunicativa e pragmática aqui empregada não constitui uma “alternativa” a outros métodos (histórico-crítico, narrativo, retórico etc.), mas os “complementa”, no sentido de oferecer uma perspectiva de leitura atenta ao potencial performativo da Palavra e a importância do leitor como destinatário e sujeito na atualização da mensagem, como também na co-criação do texto literário.<sup>1</sup>

O desenvolvimento deste estudo se dá por meio de três capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos, mediante o diálogo com os principais estudiosos do Evangelho lucano, a problemática e o estado da questão do estudo do episódio de Jesus aos doze anos (Lc 2,41-52), versando sobre seu lugar e função narrativa no relato da infância (Lc 1,5–2,52), com a finalidade de evidenciar a perícopes como parte integrante da teologia lucana. Em seguida, nos deteremos na discussão a respeito do conteúdo do episódio e o gênero literário que corresponde à mensagem veiculada pelo texto. E, por fim, esboçamos a larga discussão a respeito da interpretação do sintagma ἐν τοῖς τοῦ πατρὸς μου (Lc 2,49b), temática de suma importância

---

<sup>1</sup> GRILLI, Massimo; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elżbieta M. *Comunicazione e pragmatica nell'esegesi biblica*. Roma: GBPres; Milano: San Paolo, 2016, p. 6.

para a compreensão da mensagem teológica veiculada pelo dito de Jesus como interpretação de seu agir. Nessa perspectiva, concluímos o capítulo afirmando a necessidade de manter a ambivalência da frase, mostrando a ambivalência de termos como procedimento retórico de Lucas, bem como sua intencionalidade em manter a ambivalência da frase de Jesus como estratégia comunicativa.

No segundo capítulo, examinamos a narrativa de Jesus aos doze anos (Lc 2,41-52) mediante a perspectiva comunicativa, visando delinear o leitor que Lucas constrói no relato da infância, como estratégia textual na apresentação de sua cristologia. Primeiramente, fazemos um percurso de leitura de Lc 1,1-2,40, denominado “caminho do leitor”, visando tornar mais evidente o tipo de leitor que Lucas constrói nos diversos episódios que antecedem Lc 2,41-52. Na sequência, realizamos uma primeira aproximação ao episódio, para definir os limites (delimitação e unidade do texto), a confiabilidade textual (crítica textual) e o seu contexto literário, a partir dos elementos redacionais que o vinculam ao Evangelho como um todo. Em seguida, examinando a coesão linguística, apresentamos a unidade do texto mediante sua articulação interna. Primeiramente, mostramos a estruturação narrativa de base para a compreensão do contexto comunicativo, por meio da distinção entre os vários níveis da comunicação, a saber: o horizonte de fundo, o primeiro plano e o discurso direto. Essa organização visa individuar as unidades textuais nas quais se articula a comunicação. A partir disso, analisamos a coesão formal mediante a análise sintática do episódio de cada unidade narrativa, a fim de evidenciar o ponto central da narrativa. Nesse enfoque, não empregamos o método narrativo propriamente dito, mas somente alguns elementos subjacentes ao texto narrativo. Em segundo lugar, analisamos a semântica das unidades particulares e do texto em seu conjunto, visando perceber os motivos (subtemas) empregados na composição da temática principal do episódio. E, por fim, na focalização pragmática individualizamos o contexto comunicativo no qual a mensagem acontece, do qual emerge a estratégia comunicativa posta em prática para alcançar o objetivo proposto pelo texto. A estratégia incide diretamente sobre os atos linguísticos através dos quais o autor quer corrigir, mudar, confirmar os seus leitores.

No terceiro capítulo, que segue a mesma dinâmica do anterior, analisamos o episódio da sinagoga de Nazaré (4,16-30) em continuidade com a perspectiva de leitura iniciada no segundo capítulo. A primeira questão que salientamos é a escolha do texto, devido a sua importância como programa messiânico e a correspondência entre o final do relato da infância e o início da atividade de Jesus em Nazaré, cidade de sua infância. Em seguida, apresentamos a construção do leitor de Lc 3,1-4,13 a fim de evidenciar a pré-compreensão do leitor acerca da identidade messiânica de Jesus e do alcance universal de sua missão. Essa leitura é feita em

constante referência às informações já adquiridas pelo leitor na narrativa da infância (Lc 1,5–2,52). No final, apresentamos uma breve conclusão desse percurso retomando os pontos mais relevantes da perspectiva do leitor.

Em seguida, explicitamos Lc 4,16-30 em seu contexto literário: a demarcação e unidade, a crítica textual e a intenção lucana ao inserir esse texto no início da atividade pública como programa messiânico, chave de leitura não apenas do Evangelho, mas também dos Atos dos apóstolos. Após uma breve menção ao gênero literário do episódio, passamos para a análise sintática do episódio. A estrutura literária do texto é apresentada a partir dos níveis de primeiro e segundo planos e discurso direto. Com isso, exibimos uma organização em três unidades narrativas, cada uma centrada no discurso; essa organização está na base das análises sintática, semântica e pragmática. Os elementos gramaticais, sintáticos e narrativos evidenciam a articulação da narrativa em torno dos discursos de Jesus e a reação dos ouvintes, e a focalização em Jesus como personagem principal de todo o episódio.

Mediante o estudo da semântica do texto visamos demonstrar como Lucas apresenta a identidade messiânica de Jesus à luz de sua releitura do Antigo Testamento e a importância das figuras de Elias e Eliseu na composição da sua cristologia, com o enfoque no aspecto universal da salvação. Em continuidade, delineia-se o contexto comunicativo da narrativa, no qual os discursos de Jesus são compreendidos como cumprimento da Escritura e testemunha da perspectiva universal da teologia lucana. E, por fim, procuramos esboçar a estratégia comunicativa de Lucas mediante os atos linguísticos sob a base do discurso de Jesus em cada um dos três momentos narrativos.

Concluimos nossa pesquisa com uma reflexão sobre o leitor-modelo do Evangelho lucano, evidenciado a partir das análises desses dois episódios: Lc 2,41-52 e Lc 4,16-30. A unidade literária da narrativa da infância com o início da atividade pública de Jesus encontra, nesses dois episódios, sua importância estratégica na orientação do leitor do Evangelho lucano na compreensão mais profunda da sua cristológica, mediante a veridicção<sup>2</sup> da identidade messiânica de Jesus em sua práxis. É, pois, interpretando a ação de Deus na história como manifestação do seu amor misericordioso, que se dá à humanidade em Jesus, que o leitor poderá reconhecer que tipo de Messias Jesus é e quem são os destinatários de sua missão salvífica.

---

<sup>2</sup> Segundo ALETTI, Jean-Noël. *Voltar a falar de Jesus Cristo: a escrita narrativa do Evangelho de Lucas*. Lisboa: Cotovia, 1999, p. 233, processo de veridicção é o acordo entre o *ser* e o *agir*, que é outra maneira de dizer o *parecer*. Ele afirma, ainda, em outra obra (*Il Gesù di Luca*. Bologna: Dehoniane, 2012, p. 23-24), que entende por veridicção (*veridizione*) não apenas o “ver-dizer” do narrador e, através disso, do relato, mas também e sobretudo o processo mediante o qual a apresentação das personagens - o seu dizer e o seu fazer - progressivamente e verdadeiramente revela o seu ser.



## 1 PROBLEMA E ESTADO DA QUESTÃO DE Lc 2,41-52

O Evangelho de Lucas, assim como o de Mateus, não inicia seu relato com a atividade de João Batista (Lc 3,1-20; Mt 3,1-12), mas com os relatos da anunciação e do nascimento de Jesus (Lc 1-2; Mt 1-2). Lucas, diferentemente de Mateus, acrescenta à narrativa da infância os relatos da anunciação (Lc 1,5-25) e do nascimento de João Batista (Lc 1,57-80), e conclui com o episódio da juventude de Jesus (Lc 2,41-52).

Durante muitos anos, os estudiosos da teologia lucana discutiram acerca da inserção da narrativa da infância (Lc 1-2) antes do relato do ministério público de Jesus (Lc 3-24), já que, para a pregação primitiva, importava anunciar a vida de Jesus desde o início de seu ministério até a experiência pós-pascal.<sup>1</sup> A adição dos relatos da infância de Lucas (e de Mateus) se explica melhor à luz do desenvolvimento da cristologia, como processo de compreensão e clareza da identidade de Jesus, que se reflete em narrativas cada vez mais elaboradas, cujo auge se pode ver no prólogo do Evangelho joanino.<sup>2</sup>

No interior da narrativa da infância (Lc 1-2) existem problemas relacionados a níveis de estrutura e de conteúdo.<sup>3</sup> Em relação a Lc 2,41-52, um primeiro ponto que salta aos olhos do leitor é a inadequação em nomear o episódio como “narrativa da infância”, já que seu conteúdo apresenta Jesus adolescente. Fitzmyer considera este episódio um corpo estranho no interior da narrativa da infância, cuja supressão não prejudicaria os relatos precedentes.<sup>4</sup> Segundo Brown, do ponto de vista da cronologia e do conteúdo, Lc 2,41-52 dificilmente pode ser considerado parte da narrativa da infância, e sua inteligibilidade independe dos relatos anteriores.<sup>5</sup>

Diante disso, pergunta-se por que Lucas inseriu o episódio de Jesus aos doze anos como conclusão do relato da infância, uma vez que este parece completo sem sua inserção?<sup>6</sup> Qual sua função na narrativa da infância? Que indícios literários e teológicos atestam que Lc 2,41-52

---

<sup>1</sup> RODRIGUES, Márcia Eloi. *O Cristo pós-pascal na narrativa da infância segundo Lc 2,41-52*. Dissertação, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2008, p. 8. Segundo Hans Conzelmann, a *arché* de Jesus designa um momento bem concreto, a saber, o começo na Galileia, fundamentado em At 1,1, que oferece os contornos do Evangelho lucano. Assim, a narrativa da infância está excluída desse começo, pois faz parte do tempo de Israel; Para Jacques Dupont, o relato da infância é irrelevante como “fato salvífico”, pois o período do cumprimento da salvação inicia-se com a narrativa do batismo de João (cf. RODRIGUES, O Cristo pós-pascal, p. 23).

<sup>2</sup> BROWN, Raymond E. *El nacimiento del Mesías*: comentario a los relatos de la infancia. Madrid: Cristiandad, 1982, p. 25; RODRIGUES, O Cristo pós-pascal, p. 8.

<sup>3</sup> Esses problemas se devem, entre outros, à diversidade de fontes empregadas por Lucas (uma fonte especial para os hinos ou cânticos, fontes para as unidades do cap. 2 e fontes para o relato de João Batista e de Jesus no cap. 1). Cf. BROWN, El nacimiento, p. 248-253.

<sup>4</sup> FITZMYER, Joseph A. *El Evangelio según Lucas*. Tomo II: traducción y comentario – capítulos 1-8,21. Madrid: Cristiandad, 1987, p. 271.

<sup>5</sup> BROWN, El nacimiento, p. 502.

<sup>6</sup> BROWN, El nacimiento, p. 502.

faça parte integrante de Lc 1–2? Qual o tema central dessa perícopa e a forma literária elaborada em função de sua transmissão? Qual sua relevância para a compreensão da teologia do Evangelho da Infância e da obra lucana em geral? O estudo de Lc 2,41-52 não pode prescindir destas e de outras questões.

## **1.1 Lc 2,41-52 no contexto literário de Lc–At**

### **1.1.1 Lugar e função narrativa**

Do ponto de vista da estrutura, Lc 1,5–2,40 forma um perfeito paralelismo entre a infância de João Batista e de Jesus, que pode ser percebido tanto pela temática como pelos enlaces redacionais postos no início e no fim de cada seção.<sup>7</sup> As várias possibilidades de estruturação da narrativa da infância inserem-se na discussão acerca do papel que Lc 2,41-52 ocupa em seu interior.<sup>8</sup>

Segundo Laurentin, Lc 1–2 é construído sob a forma de paralelismo, que ordena, dois a dois, os três conjuntos de cenas que se iluminam reciprocamente.<sup>9</sup> Nessa organização, os dois últimos episódios (Lc 2,22-40 e 2,41-52) tratam da manifestação de Jesus no Templo, como Messias transcendente, e têm valor de conclusão do evangelho da infância.<sup>10</sup> Mas a segunda cena marca uma gradação em relação à primeira, pois já não são outros que revelam quem é Jesus, mas ele mesmo, que fala pela primeira vez no Evangelho. Por essa razão, a cena do encontro de Jesus no Templo constitui o ápice da narrativa da infância.<sup>11</sup>

Segundo Van Iersel, Lc 2,41-51a não tem lugar na estrutura bem definida de Lc 1,5–2,39. Há diferença de estilo, pois o caráter midráshico presente nos trechos precedentes é

<sup>7</sup> Os inícios (Lc 1,5; 2,1-3; 2,41) e os finais (Lc 1,80; 2,40; 2,52) são semelhantes. Isso será melhor explicitado no capítulo 2.

<sup>8</sup> Segundo BROWN, *El nacimiento*, p. 253, os especialistas estão de acordo em reconhecer que Lucas organizou a narrativa da infância com cuidadosa maestria, mas ainda não há consenso na análise dessa disposição. Mas, qualquer análise da estrutura lucana deve levar em conta que a narrativa contém basicamente sete episódios. É a divisão adotada pela BÍBLIA Sagrada: tradução oficial da CNBB. 2.ed. Brasília: CNBB, 2019.

<sup>9</sup> LAURENTIN, René. *Jésus au temple: mystère de paques et foi de Marie en Luc 2,48-50*. Paris: Lecoffre, 1966, p. 87-88. O autor apresenta a seguinte estrutura: “Les deux annonces (Lc 1, 5-56). Les deux naissances (Lc 1, 57-2, 21). Les deux scènes du temple: présentation (2, 22-40) et recouvrement (2, 41-52)”.

<sup>10</sup> LAURENTIN, Jésus, p. 88.

<sup>11</sup> LAURENTIN, Jésus, p. 88.

ausente em Lc 2,41-51a.<sup>12</sup> Outro fator é que os eventos não são impulsionados por mensageiros celestes e profetas, mas pelo próprio Jesus.<sup>13</sup> A compreensão do relato não depende do conhecimento da narrativa precedente.<sup>14</sup> Segundo Van Iersel, a análise do texto confirma que o trecho existiu em uma forma original independente e que foi incorporada, posteriormente, a Lc 1-2, sendo geralmente considerada um epílogo.<sup>15</sup>

Brown aponta a dificuldade de encaixar Lc 2,41-52 no plano dos capítulos 1-2, visto que a apresentação ao Templo, Lc 2,22-40, além de formar quase uma inclusão perfeita com o início da infância (Lc 1,5-25), prepara a aparição pública de Jesus a partir de Nazaré (Lc 4,14-30).<sup>16</sup> Baseado nas várias propostas de estruturação do evangelho da infância<sup>17</sup>, ele expõe duas possibilidades de tratar a inserção de Lc 2,41-52:

A primeira, apresentada por Laurentin, no qual o trecho seria um episódio suplementar, similar à visitação, que tem a função de conclusão dos dois relatos da anunciação.<sup>18</sup> Dessa forma, os dois episódios de Jesus no Templo concluiriam os dois relatos de nascimento. No entanto, ele afirma que existe uma dificuldade nessa perspectiva: o episódio da visitação teria uma íntima relação com a cena do anúncio do nascimento de Jesus, além de mostrar o cumprimento do sinal dado. Entretanto, não há em Lc 2,41-52 nenhum cumprimento de algo anteriormente predito.<sup>19</sup>

<sup>12</sup> VAN IERSEL, B. The finding of Jesus in the Temple. Some observations on the original form of Luke 2,41-51a, *Novum Testamentum*, v. 4, p. 161-173, 1960, p. 164. Segundo COLERIDGE, Mark. *Nueva lectura de la infancia de Jesús*. La narrativa como cristología en Lucas 1-2. Madrid: Almendro Córdora, 2000, p. 195, neste episódio Jesus aparece pela primeira vez como intérprete de si mesmo. Por essa razão, a resposta de Jesus à sua mãe pode ser considerada midráshica, sobretudo se a interpretação do ἐν τοῖς τοῦ πατρός μου for “nas coisas do meu Pai”. Nesse caso, o dito de Jesus atualiza o Sl 40(39),9: “τοῦ ποιῆσαι τὸ θέλημά σου ὁ θεός μου ἐβουλήθην καὶ τὸν νόμον σου ἐν μέσῳ τῆς κοιλίας μου” (Fazer a tua vontade, meu Deus, eu quero; a tua lei está no fundo do meu coração). Este episódio constitui uma prefiguração de toda a vida de Jesus.

<sup>13</sup> VAN IERSEL, The finding, p. 164.

<sup>14</sup> Segundo VAN IERSEL, The finding, p. 164, é possível que a tradição acerca de Lc 2,41-51 fizesse parte da tradição antes que a igreja primitiva tivesse tomado consciência do nascimento virginal de Jesus e de suas implicações, tema ignorado no relato de Jesus aos doze anos. Mas ele afirma em nota que, “até agora, nunca foi provado de forma convincente que este episódio exclui o nascimento virginal de Jesus”.

<sup>15</sup> VAN IERSEL, The Finding, p. 163. Essa questão será explicada mais adiante, na nota 51 da p. 22.

<sup>16</sup> BROWN, Raymond E. *The Birth of the Messiah: a commentary on the infancy narratives in Matthew and Luke*. New updated edition. New York: Doubleday, 1993, p. 479. A primeira edição desta obra monumental foi impressa pela Image Books, em 1977.

<sup>17</sup> BROWN, The Birth, p. 248-253, apresenta em síntese a análise de alguns autores que propõem uma organização tripartida (Galbiati, Burrows e Dibelius) e bipartida (Gaechter, Lyonnet e Laurentin) de Lc 1-2.

<sup>18</sup> BROWN, The Birth, p. 249.

<sup>19</sup> BROWN, The Birth, p. 479.

Outra possibilidade seria a estruturação defendida por Burrows, na qual os trechos Lc 2,22-39 e 2,41-52 estão em paralelo e têm introdução e conclusão semelhantes.<sup>20</sup> Lyonnet faz uma proposta na mesma linha.<sup>21</sup> Mas Brown afirma que a melhor solução seria o reconhecimento de que Lc 2,41-52 não fazia parte do díptico original, mas foi adicionado por Lucas num segundo estágio da composição.<sup>22</sup>

Quanto à função de Lc 2,41-52, Brown a avalia numa perspectiva cronológica dentro da sequência narrativa. Segundo ele, o trecho tem função de transição cronológica da infância para o ministério público de Jesus e também de transição entre a revelação sobre Jesus feita pelos mensageiros celestes e o próprio Jesus.<sup>23</sup> Aqui reside a importância cristológica do episódio.

Para Fitzmyer, Lc 2,41-52 é corpo estranho na narrativa da infância. Nota-se o número inferior de semitismos em relação aos trechos precedentes. A inserção deste episódio no relato da infância teria a função de complementar a segunda série de paralelismo: nascimento, circuncisão e manifestação de João e de Jesus.<sup>24</sup> Os vv. 51-52 foram redigidos por Lucas numa

<sup>20</sup> Estrutura de Burrows (segundo BROWN, *The Birth*, p. 248):

A	B
I. ANUNCIAÇÃO a Zacarias (1,5-23) mais dois versículos intermediários (1,24-25)	Cena 1: ANUNCIAÇÃO a Maria (1,26-38) Cena 2: Visita de Maria a Isabel (1,39-56)
II. NASCIMENTO de J. Batista (1,57-79) mais um versículo intermediário (1,80)	NASCIMENTO de Jesus (2,1-21) Cena 1: Anunciação aos pastores (2,1-15) Cena 2: Visita dos pastores a Belém (2,15-20) mais um versículo intermediário (2,21)
III. MISTÉRIO DO TEMPLO Apresentação de Jesus (2,22-39) mais um versículo intermediário (2,40)	MISTÉRIO DO TEMPLO Descobrimento de Jesus (2,41-51) mais um versículo de conclusão (2,51)

<sup>21</sup> Estrutura de Lyonnet (segundo BROWN, *The Birth*, p. 248):

I. AS DUAS ANUNCIAÇÕES:	II. OS DOIS NASCIMENTOS:
Anunciação a Zacarias (1,5-25)	Nascimento de João Batista (1,57-80)
Anunciação a Maria (1,26-38)	Nascimento de Jesus (2,1-20)
Primeiro suplemento: visitação (1,39-56)	Primeiro suplemento: circuncisão, apresentação (2,21-40)
	Segundo suplemento: Jesus no meio dos doutores (2,41-52).

<sup>22</sup> BROWN, *The Birth*, p. 479. Após analisar as diversas possibilidades de organização do evangelho da infância, o autor apresenta, nas pp. 251-252, os dois estágios dessa narrativa:

- O primeiro consistiu em estabelecer um paralelismo entre João Batista e Jesus, dispostos em dois dípticos:
  - duas anunciações: anunciação sobre João (1,5-23) + gravidez de Isabel e louvor a Deus (1,24-25); anunciação sobre Jesus (1,26-38) + louvor por Isabel, pela gravidez de Maria (1,39-45.56);
  - dois relatos de nascimento-circuncisão-imposição do nome e futura grandeza: relato sobre João (1,57-66) + afirmação de crescimento (1,80) e relato sobre Jesus (2,1-27.34-39) + afirmação de crescimento (2,40).
- O segundo estágio acrescentou os cânticos (1,46-55; 1,68-79; 2,29-32) e o episódio da perda de Jesus no Templo (2,41-51), que desequilibrou o esquema de díptico. Uma segunda afirmação de crescimento (2,52) serviu de conclusão da narrativa e transição ao ministério de Jesus.

Assim, a hipótese de 2,41-52 ser um acréscimo posterior explicaria a ausência de paralelo dessa cena com a anterior (2,21-40).

<sup>23</sup> BROWN, *The Birth*, p. 480.

<sup>24</sup> FITZMYER, *El evangelio*, t. II, p. 271. “In the general structure of the Lucan infancy narrative the scene of the finding of the boy Jesus in the Temple is complementary to the preceding parallel episodes of the birth, circumcision, and manifestation of both John and Jesus” (FITZMYER, *The gospel according to Luke I-IX*, p. 435).

redação posterior, para vincular o trecho às narrativas precedentes.<sup>25</sup> O episódio assemelha-se ao da visitação (Lc 1,39-56), embora haja mais divergências que coincidências. Enquanto o episódio da visitação aproveita alguns detalhes das duas anunciações fazendo avançar a história, o de Jesus aos doze anos carece de toda vinculação com os episódios precedentes.<sup>26</sup>

Schürmann organiza a narrativa da infância (Lc 1,5–2,52) seguindo o esquema “promessa-cumprimento”, que determina a composição e a estrutura dos diversos episódios em duas grandes seções: a das anunciações (Lc 1,5-56) e a dos nascimentos de João e Jesus (Lc 1,57–2,40).<sup>27</sup> A cada narrativa bipartida sobre João corresponde uma dupla narrativa sobre Jesus, ou seja, as histórias sobre João preparam aquelas sobre Jesus. A inserção de Lc 2,41-52 nessa estrutura narrativa bipartida é um acréscimo sucessivo cuja finalidade visa ressaltar mais uma vez, no final, a profissão de fé em Jesus “Filho de Deus” (Lc 2,49).<sup>28</sup> A adição de Lc 2,41-52 torna-se, assim, um vigoroso “final” de todo o prelúdio constituído por Lc 1–2.<sup>29</sup>

Bovon afirma que o episódio de Jesus aos doze anos é parte integrante do evangelho da infância, e discorda sobre a ideia de que seja um apêndice. Para ele, a linguagem de Lc 2,41-52 é de Lucas.<sup>30</sup> Sobre a hipótese de acréscimo posterior, ele contra-argumenta afirmando que o paralelismo entre João e Jesus nunca é perfeito, devido à diversidade de tradições e à finalidade cristológica da redação, que deve centrar-se no Messias, não no profeta.<sup>31</sup> O episódio altera a simetria, mas não a intenção do autor, que o inseriu como conclusão do evangelho da infância e como transição entre o nascimento de Jesus e sua aparição pública como Messias.<sup>32</sup>

Coleridge discorda acerca da falta de conexão entre Lc 2,41-52 e Lc 1,5–2,40. Do ponto de vista narrativo, este episódio não é uma unidade independente e sua supressão comprometeria a narrativa da infância.<sup>33</sup> Neste episódio, Jesus aparece como intérprete de si

<sup>25</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 271.

<sup>26</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 272.

<sup>27</sup> SCHÜRMANN, Heinz. *Il vangelo di Luca: commentario teologico del Nuovo Testamento*. v. 1. Brescia: Paideia, 1983, p. 106.

<sup>28</sup> SCHÜRMANN, Il vangelo, p. 106.

<sup>29</sup> SCHÜRMANN, Il vangelo, p. 262.

<sup>30</sup> BOVON, François. *El evangelio según San Lucas I: Lc 1-9*, Salamanca: Sigueme, 1995, p. 221; MORGENTHAUER, *Statistik des neutestamentlichen Wortschatzes*. 4.ed. Zürich: Gotthelf-Verlag, 1992, p. 181, apresenta um vocabulário que considera tipicamente lucano. Um bom número desse vocabulário é encontrado em Lc 2,41-52: γίνεσθαι (129xLc, 18xLc 1-2; δεῖ (18x Lc, 1x Lc 1-2); ἔτος (15x Lc, 4s Lc 1-2); εὐρίσκειν (45x Lc, 4x Lc 1-2); ζητεῖν (25x Lc, 2x Lc 1-2), ἡμέρα (83x Lc, 20x Lc 1-2); Ἱερουσαλήμ (27x Lc, 5x Lc 1-2); μέσος (14x Lc, 1x Lc 1-2); πορεύεσθαι (51x Lc, 4x Lc 1-2); πρὸς (165x Lc, 17x Lc 1-2); ῥῆμα (19x Lc, 9x Lc 1-2); ὑποστρέφειν (21x Lc, 4x Lc 1-2). Além disso, segundo ESCUDERO FREIRE, *Devolver el evangelio*, p. 370, há outros vocábulos em Lc 2,41-52 pelas quais Lucas tem predileção: γνωστός (15x NT, 2x Lc e 10x At); γονεῖς (20x NT, 6x Lc); ἔθος (12x NT, 3x Lc e 7x At); εἶναί (inf. 124x NT, 22x Lc e 20x At); ἐξιστάναι (17x NT, 3x Lc e 8x At); ἱερόν (70x NT, 14x Lc e 25x At); vomίζειν (15x NT, 2x Lc e 7x At) etc.

<sup>31</sup> BOVON, El evangelio, p. 221.

<sup>32</sup> BOVON, El evangelio, p. 224. O autor afirma que, nesta transição, o relato atesta a relação do Pai com o Filho, em uma linha que vai da anunciação (1,35) ao batismo de Jesus (3,21-22).

<sup>33</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 193.

mesmo e, por isso, o episódio constitui o ápice do relato da infância, no qual anteriormente a revelação sobre Jesus foi feita por outros personagens, humanos e divinos.<sup>34</sup>

Valentini considera Lc 2,41-52 um episódio-ponte entre o nascimento e a vida pública de Jesus.<sup>35</sup> Ele concorda com Brown em afirmar que o episódio retrata uma virada cronológica entre a infância e o ministério e, num nível mais profundo, constitui a transição entre duas revelações sobre Jesus: a feita por outros personagens e aquela realizada pelo próprio Jesus.<sup>36</sup>

Para Aletti, Lc 1-2 prepara a parte principal da narrativa, a práxis de Jesus (Lc 3-24), apresentando a origem divina e humana do protagonista e, ao mesmo tempo, anuncia alguns temas recorrentes da narrativa evangélica.<sup>37</sup> O último episódio, que narra o reencontro de Jesus no Templo (Lc 2,41-52), tem a função de transição entre a infância e sua vida adulta, além de descrever brevemente a *paideia*, o crescimento do protagonista.<sup>38</sup> Com isso, o episódio visa acrescentar alguns elementos cristológicos, a saber: anunciar, de modo proléptico, os temas da “necessidade” do seu percurso e a sua relação com Deus, seu Pai; e, por meio da declaração enigmática do v. 49, o narrador prepara a parte central da narrativa evangélica, a práxis.<sup>39</sup> A revelação cristológica realizada até agora por personagens divinos e humanos será, a partir desse episódio, desenvolvida pelo próprio Jesus.<sup>40</sup> Este episódio liga-se imediatamente ao episódio da sinagoga de Nazaré, no qual Jesus traçará a orientação de sua missão.<sup>41</sup>

Esta discussão nos permite perceber que Lc 2,41-52 possui certa autonomia em relação aos anteriores episódios da infância e talvez não tenha como centralidade o Templo, mas aquilo que se aprende no Templo como lugar de instrução, para dali levar ao mundo: a vontade do Pai (cf. Sl 40,9).

Esta é, pois, a proposta assumida na presente pesquisa, que visa analisar o episódio de Lc 2,41-52 não apenas como parte integrante da teologia, mas como estratégia narrativa do autor, que prepara o leitor para o percurso de leitura do evangelho lucano. Os episódios da autorrevelação de Jesus no Templo (Lc 2,41-52) e do programa messiânico de Jesus na sinagoga

<sup>34</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 194-195.

<sup>35</sup> VALENTINI, A. *Vangelo d'infanzia secondo Luca*: riletture pasquali delle origini di Gesù. Bologna: Dehoniane, 2017, p. 325.

<sup>36</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 325.

<sup>37</sup> ALETTI, *Il Gesù*, p. 35. Alguns dos temas apresentados são: a visita do Senhor, piedade de Deus, libertação, salvação.

<sup>38</sup> ALETTI, *Il Gesù*, p. 65.

<sup>39</sup> ALETTI, *Il Gesù*, p. 69.

<sup>40</sup> ALETTI, *Il Gesù*, p. 69.

<sup>41</sup> ALETTI, *Il Gesù*, p. 69: “Il ritrovamento nel tempio annuncia Nazaret, dove Gesù tratterà l'orientamento della sua missione e darà inizio a un percorso tipologico che andrà fino alla fine del dittico”. Em nota Aletti completa: “Riprendendo i termini dell'approccio narratologico, si dirà che Gesù ormai prenderà in carico la costruzione del proprio personaggio”.

de Nazaré (Lc 4,16-30) se complementam e se iluminam mutuamente, qual estratégia narrativa para a condução do leitor na compreensão da identidade e missão de Jesus.

### 1.1.2 Conteúdo e gênero literário

Para Laurentin, o tema central de Lc 2,41-52 é a manifestação de Jesus como Filho de Deus no Templo, em cumprimento da profecia de Mt 3,1-3, que anuncia a chegada do mensageiro de Deus ao seu Templo.<sup>42</sup> Há, pois, várias alusões que pontuam esse movimento da vinda de Jesus ao lugar onde seu mistério é revelado.<sup>43</sup> Seria uma narrativa catequética centrada na primeira palavra de Jesus, que explica sua atitude de permanecer no Templo. O episódio comporta um caráter eminentemente profético e prefigurativo em relação à páscoa de Jesus e pertence ao gênero literário narrativo-didático, na acepção de Laurentin.<sup>44</sup> Contudo, o autor afirma, no final de sua análise, o caráter histórico da perícopa, que parece não corresponder à descrição feita por ele ao analisar a perícopa nas páginas precedentes.<sup>45</sup>

Segundo Bultmann, Lc 2,41-52 contém dois temas, a saber: a sabedoria surpreendente do jovem Jesus (v. 47) e sua permanência no Templo, que manifesta seu destino religioso.<sup>46</sup> Bultmann afirma, ainda, que esses dois motivos, por sua estreita relação, não poderiam ter existido isoladamente em sua forma literária.<sup>47</sup> O episódio seria, pois, uma lenda, à semelhança das lendas de personagens do ambiente helenista.<sup>48</sup>

Van Iersel, no entanto, questiona a posição de Bultmann em relação à correlação desses dois temas, alegando que causam desequilíbrio quanto ao conteúdo. Ele afirma que o segundo e principal tema não estaria centrado na permanência de Jesus no Templo, embora este tenha sua importância, “mas na oposição entre *ὁ πατήρ σου* (v. 48), dito por Maria, e *ὁ πατήρ μου*

<sup>42</sup> LAURENTIN, Jésus, p. 88-89.

<sup>43</sup> LAURENTIN, Jésus, p. 89-90. Segundo o autor, há várias alusões convergentes à profecia de Mt 3-1-3 em Lc 2,48-50: Jesus vem ao Templo (Mt 3,1 e Lc 2,48-50); Nós procuramos por ele (Mt 3,1 e Lc 2,44.45.48.49); Lá senta-se, de acordo com Mt 3,3 e Lc 2,46.

<sup>44</sup> LAURENTIN, Jésus, p. 143-171.

<sup>45</sup> LAURENTIN, Jésus, p. 173-174: “Lc 2,40-52 appartient à un genre littéraire historique. Sur ce plan, l'épisode du Recouvrement ne présente pas de difficultés. Le texte est des plus minces au niveau de l'anecdote : l'histoire d'un petit garçon perdu et retrouvé dans la foule d'un pèlerinage populaire. On n'y trouve ni exagérations, ni boursouflures, seulement une stylisation qui dégage effacement le sens profond de cette première aventure du Fils de Dieu. Il ne s'agit pas, en effet, d'un récit anecdotique. Cette histoire est le fruit d'une méditation, d'abord celle de Marie (Lc 2,19 et 51), puis celle de la communauté chrétienne où cette contemplation s'est exprimée au stade de la catéchèse orale avant que Luc lui donne la forme écrite définitive. Cette catéchèse n'appartient pas au kérygme primitif, mais elle en manifeste un reflet saisissant dans un épisode par ailleurs inconnu de l'Enfance du Christ”.

<sup>46</sup> BULTMANN, R. *Historia de la tradición sinóptica*. Salamanca: Sigueme, 2000, p. 361.

<sup>47</sup> BULTMANN, *Historia*, p. 361.

<sup>48</sup> BULTMANN, *Historia*, p. 361.

(v. 49), dito por Jesus”.<sup>49</sup> O diálogo entre Jesus e sua mãe (vv. 48-49) sublinha fortemente a oposição e declara firmemente que a pertença de Jesus a Deus, seu Pai, é sua única forma de conduta. Assim, o dito de Jesus (v. 49) concentra o interesse central do segundo tema, sendo o primeiro, a inteligência de Jesus, de importância secundária.

Na análise do texto, Van Iersel demonstra o caráter redacional do v. 47 que, segundo ele, não pertenceria à versão original do texto.<sup>50</sup> Para o autor, Lc 2,41-51a seria uma versão adaptada de uma “história individual” concernente a um estágio primitivo da tradição, que tem seu *Sitz im Leben* na instrução catequética.<sup>51</sup> Ele afirma que os dois temas não pertencem ao mesmo ambiente, e que, por isso, não estavam unidos no mesmo texto em sua origem. Foram reunidos em uma redação posterior.<sup>52</sup> O tema da σύνεσις de Jesus demonstrada em relação aos escribas desvia, segundo Van Iersel, a atenção do leitor do *logion* e assim enfraquece o efeito total da história, que tem seu ápice na resposta à estranheza dos pais. O motivo da σύνεσις causa desequilíbrio e pouca clareza à estrutura da narrativa. Há, pois, falha no tema e na sintaxe, o que demonstra que a presente história é uma adaptação. O v. 47, embora lido junto com o v. 48, parece não corresponder ao tema presente nos vv. 43-46 e 48, a busca dos pais de Jesus. O maravilhar-se (“pasmear, comover-se”) de seus pais no v. 48 não estaria ligado ao “extasiar-se” de “todos” no v. 47, ao fato de Jesus estar ouvindo e fazendo perguntas, mas às suas respostas, aos quais não foram mencionadas. Em suma, pode-se afirmar que o v. 47 é visto como uma adição secundária na narrativa, que sugere que a história originalmente teve um propósito apenas, a saber, o *logion* do v. 49.<sup>53</sup>

<sup>49</sup> VAN IERSEL, The finding, p. 168.

<sup>50</sup> Segundo VAN IERSEL, The finding, p. 168, não há conexão entre os dois motivos da história. A σύνεσις de Jesus e sua filiação divina não estão relacionados. A oposição entre a σύνεσις de Jesus e a não σύνεσις dos seus pais (v. 50), embora interligados, não estão relacionados ao tema da filiação divina de Jesus. Na narrativa, há admiração por parte dos διδάσκαλοι em relação a Jesus. Estes teriam ficado horrorizados diante da pretensão de Jesus. Portanto, a σύνεσις de Jesus não tem relação com sua filiação divina, mas com outra coisa.

<sup>51</sup> VAN IERSEL, The finding, p. 170-172. O autor concorda com Bultmann ao afirmar a preexistência de um texto na tradição que serviu de base para a redação lucana de Lc 2,41-51a. À luz do estudo acerca do vocabulário tipicamente lucano, aceita-se o fato de que o evangelista compôs toda a história ele mesmo ou, pelo menos, reescreveu um relato (fonte escrita ou tradição oral) que tinha encontrado na tradição (cf. p. 167-168).

<sup>52</sup> O tema da “inteligência” do menino tem caráter legendário, por apresentar Jesus como uma espécie de menino prodígio. Este não é um tema que interesse na tradição catequética. O caráter legendário ou novelístico é encontrado nos vv. 44 e 47. A versão mais antiga corresponde ao tema da filiação de Jesus, tema corrente nos círculos catequéticos (VAN IERSEL, The finding, p. 166).

<sup>53</sup> VAN IERSEL, The finding, p. 168-69. Segundo o autor, o tema do v. 47 está totalmente ausente da catequese da igreja primitiva, enquanto que do v. 49 há uma importância considerável. O ponto definitivo do motivo parece ser que Jesus não pode ser realmente compreendido enquanto for julgado por seus antecedentes familiares. Na tradição catequética, essa ideia se repete no *logion* em que Jesus se dissocia de seus parentes e declara explicitamente que a consanguinidade não importa (cf. Mc 3,20-21.31-35; Mc 6,2-4; Lc 11,27-28; Jo 2,4; 7,3-10).



Quanto ao gênero literário, Van Iersel define como *apoteigma* (sentença), uma narrativa centrada no *logion* ou diálogo, no qual o verdadeiro problema da narrativa é a oposição entre o pai putativo de Jesus e seu verdadeiro Pai, como fica claro na oposição formal nos vv. 48-49.<sup>54</sup>

Segundo Brown, Lc 2,41-52 corresponde às histórias da juventude – gênero comum em muitas culturas e literaturas –, nas quais a grandeza do protagonista é antecipada na infância.<sup>55</sup> Nessas histórias, há a tendência de enfatizar por antecipação a sabedoria e a obra da vida do protagonista. Esses são aspectos encontrados na narrativa lucana, que destaca o drama em dois pontos: a situação em que Jesus foi encontrado, que realça sua sabedoria, e o dito de Jesus por ocasião do encontro com seus pais. Lucas, no entanto, construiu sua narrativa enfatizando o dito, e não a sabedoria.<sup>56</sup> Assim, o centro da história não seria a inteligência de Jesus, citada no v. 47, mas o fato deste se referir a Deus como seu Pai no v. 49.<sup>57</sup> Nesse caso, o trecho seria um *apoteigma* biográfico, que ilustra uma sentença cristológica.<sup>58</sup>

Fitzmyer qualifica o episódio como “declaração (*pronouncement*) de Jesus” e afirma que o v. 49 contém a frase mais decisiva de toda narrativa: a resposta de Jesus à sua mãe. A importância do trecho está no fato de recolher não apenas as primeiras palavras de Jesus no Evangelho lucano, mas a primeira declaração solene de toda a narração evangélica.<sup>59</sup> O ponto central do episódio é a afirmação cristológica contida implicitamente na segunda parte da resposta de Jesus à sua mãe (v. 49).<sup>60</sup> Essa automanifestação de Jesus, na dinâmica da apresentação de Lucas, contrasta com as revelações parciais feitas pelos personagens nas narrativas precedentes.<sup>61</sup>

Segundo Schürmann, a narrativa de Lc 2,41-52 conclui o evangelho da infância e apresenta claramente dois pontos culminantes: a demonstração da sabedoria de Jesus (vv. 46-47), como foi assinalado nos vv. 40.52; e a manifestação da divina filiação de Jesus (v. 49).<sup>62</sup>

<sup>54</sup> VAN IERSEL, The finding, p. 172. *Apoteigma* é uma denominação de Bultmann (*Apophthegma*), que Dibelius chamou de paradigma, e os estudiosos ingleses, história de pronunciamento (*pronouncement story*).

<sup>55</sup> BROWN, The Birth, p. 481-48: “It is a common instinct in many cultures and literatures to make the boy the father of the man by creating boyhood stories for great figures, stories that anticipate the greatness of the subject”.

<sup>56</sup> BROWN, The Birth, p. 486-487.

<sup>57</sup> BROWN, The Birth, p. 482-483; segundo VAN IERSEL, The Finding, p. 166, o v. 47, assim como o v. 44, seria um acréscimo romanescos a uma história pré-lucana, cujo realce está no brilhantismo de Jesus. No entanto, BROWN, The Birth, p. 488, afirma que o versículo está em harmonia com a concepção lucana da narrativa. A admiração dos ouvintes em relação à compreensão e resposta de Jesus antecipa o espanto e a admiração com os ensinamentos de Jesus durante seu ministério.

<sup>58</sup> BROWN, The Birth, p. 483.

<sup>59</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 274.

<sup>60</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 275.

<sup>61</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 274.

<sup>62</sup> A exegese piedosa de Schürmann e outros se mostra ainda muito preocupada com a filiação divina (supondo o nascimento virginal), mas não se trata disso. Trata-se da disponibilidade filial-profética, a obediência, proposta a ser corroborada no presente estudo.

Ele afirma que “o cume verdadeiro e próprio é constituído pela manifestação da obediência de Jesus como Filho”.<sup>63</sup> Assim, a revelação da identidade de Jesus feita por ele mesmo ilumina tudo o que foi dito sobre Jesus nos episódios precedentes, especialmente o título de Filho em Lc 1,32-35.<sup>64</sup>

Quanto ao gênero literário de Lc 2,41-52, o autor não o especifica, mas trata do assunto na perspectiva da narrativa da infância como um todo. Schürmann afirma que Lc 1–2 não é classificável em nenhum dos gêneros literários conhecidos. Mas em se tratando de uma *homologese* cristológica, a forma literária de Lc 1–2 pode ser incluída no interior do amplo gênero literário da *historiografia homológica*.<sup>65</sup>

Bovon considera o episódio como um exemplo da sabedoria e da graça, mencionados nos dois sumários que enquadram o episódio (Lc 2,40 e 2,52). Os vv. 47 e 49 sublinham a inteligência de Jesus e sua relação com o Pai.<sup>66</sup> O relato é constituído por dois pontos fortes, a saber, a cena de Jesus em meio aos mestres (vv. 46-47), e a palavra dirigida a seus pais (vv. 48-49), a qual interpreta o acontecimento.<sup>67</sup> Bovon classifica o episódio como anedota, com finalidade apologética: desculpar a origem humana tão humilde de Jesus por meio de sua relação com o Pai celeste.<sup>68</sup> Lucas teria recolhido e reelaborado uma anedota isolada, que serviu de conclusão de todo o evangelho da infância.<sup>69</sup>

Para Coleridge, a dinâmica narrativa do episódio, com seus silêncios e elipses,<sup>70</sup> visa direcionar a atenção do leitor para o ponto focal do v. 49, no qual Jesus torna-se intérprete de si mesmo como Filho de Deus.<sup>71</sup> Na perspectiva da revelação cristológica, ou seja, do fato de que, ao longo da narrativa da infância, a identidade de Jesus é revelada pelos diversos personagens que atuaram como intérpretes dos sinais da visita de Deus, neste último episódio, tal revelação alcança o seu ápice.

<sup>63</sup> SCHÜRMANN, Il vangelo, p. 261.

<sup>64</sup> SCHÜRMANN, Il vangelo, p. 261.

<sup>65</sup> SCHÜRMANN, Il vangelo, p. 105. Segundo o autor, a homologese cristológica criou um novo gênero literário nas “pré-histórias” de Lc 1–2 (e Mt 1–2), que ele define como *uma forma narrativa inspirada pela fé* sobre o tipo da *haggadá* judaica tardia, que professa com fé as origens de Jesus em Deus.

<sup>66</sup> BOVON, El evangelio, p. 220.

<sup>67</sup> BOVON, El evangelio, p. 222.

<sup>68</sup> BOVON, El evangelio, p. 223.

<sup>69</sup> BOVON, El evangelio, p. 224.

<sup>70</sup> Por exemplo, nada é dito sobre a reação dos pais ao encontrarem Jesus, e nota-se que estes ficam em segundo plano, enquanto Jesus passa para o primeiro (vv. 46-47); com o sintagma “todos os ouvintes...” (v. 46), o narrador silencia em relação aos doutores e não fixa a atenção neles (Cf. COLERIDGE, Nueva lectura, p. 199-203).

<sup>71</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 207.

Segundo Valentini, Lc 2,41-52 contém dois centros de interesse: a revelação da sabedoria de Jesus entre os mestres (v. 46)<sup>72</sup> e sua autorrevelação como Filho do Pai (v. 49). Ele afirma, ainda, que essas duas cenas não são alternativas nem justapostas, mas coordenadas e interdependentes.<sup>73</sup> A inteligência do menino, ressaltada no v. 46, prepara a manifestação suprema dessa sabedoria no v. 49, quando ele revelará sua identidade de Filho de Deus. Por outro lado, a origem desta sabedoria está em sua condição de Filho do Pai.<sup>74</sup> Assim, ele denomina o trecho como apotegma, breve relato centrado em torno de uma sentença.<sup>75</sup>

Segundo Aletti, o centro de interesse de Lc 2,41-52 está na afirmação de Jesus no v. 49, no qual pela primeira vez Jesus falará de si.<sup>76</sup> A frase enigmática de Jesus oferece algumas indicações da consciência que o menino tem de sua identidade, a saber, a de um filho que quer estar inteiramente à disposição do seu Pai.<sup>77</sup> Segundo o autor, a afirmação do que Jesus devia fazer, na qualidade de Filho, seria uma alusão velada ao seu êxodo (Lc 9,31), uma vez que o episódio narra a subida a Jerusalém por ocasião da Páscoa (vv. 41-42), que faz uma inclusão com a páscoa final (Lc 23-24).<sup>78</sup>

Em suma, a maioria dos autores acima citados está de acordo em relação ao tema central dessa narrativa, a saber, a afirmação cristológica de Jesus formulada no v. 49. Tal afirmação está situada no contexto narrativo da perda, busca e encontro de Jesus por parte dos seus pais. Dessa forma, podemos concluir que episódio é um apotegma biográfico, que visa apresentar dados sobre Jesus.<sup>79</sup>

## 1.2 O dito enigmático ἐν τοῖς τοῦ πατρὸς μου (2,49b)

As discussões acerca do tema central da perícope evidenciam a importância do v. 49 para a compreensão da mensagem do texto. Em vista disso, fica patente a necessidade de

<sup>72</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 340, afirma que o redator quis sublinhar a sabedoria do menino Jesus, mencionada nos dois sumários que enquadram a cena (vv. 40 e 52), em confronto com João Batista, que esperava no deserto sua *anádeiksis* diante de Israel (1,80).

<sup>73</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 341.

<sup>74</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 341.

<sup>75</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 326.

<sup>76</sup> ALETTI, Il Gesù, p. 67. Quanto ao tema da sabedoria, o autor não faz nenhuma menção a esse respeito, mas somente analisa, na p. 66, os temas comuns aos dois sumários (sabedoria, graça e Deus). Estes sumários, além de mostrar a continuidade entre o episódio do reencontro no Templo e a narrativa precedente, sublinham o crescimento humano de Jesus, que aprendeu a falar, a ler as Escrituras, a exercer uma profissão etc.

<sup>77</sup> ALETTI, Il Gesù, p. 68.

<sup>78</sup> ALETTI, Il Gesù, p. 67; ALETTI, *Voltar a falar*, p. 83, afirma em nota: “O comentário do narrador (“não compreenderam”) adquire toda a força pela seguinte alusão: só depois da ressurreição será possível ‘compreender’, ver o que o Filho e Messias *devia* fazer”.

<sup>79</sup> WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 7.ed. rev. atual. São Leopoldo: Sinodal, 2012, p. 227.

esclarecer o sentido desse dito enigmático que constitui, segundo muitos autores, a *via crucis* da exegese de Lc 2,41-52.

### 1.2.1 A interpretação de ἐν τοῖς segundo os autores modernos

Laurentin, em sua obra *Jésus au Temple*, fez uma análise extensa do sintagma ἐν τοῖς τοῦ πατρὸς μου, apresentando as cinco possibilidades de interpretação do ἐν τοῖς.<sup>80</sup> Segundo ele, há a elipse de um substantivo que foi substituído por: coisas, pessoas, domínio, negócios, casa ou habitação (referido ao Templo).

Acolhendo a contribuição que ele deu à análise do referido sintagma,<sup>81</sup> optamos por expor a questão a partir de dois grupos de autores, que correspondem às traduções mais recorrentes do sintagma ἐν τοῖς:

O primeiro grupo corresponde àqueles que dão um sentido local ao sintagma, interpretando-o por “casa”, em referência ao Templo. Esta interpretação conta com um número considerável de adeptos e com maior respaldo na Escritura, e é considerada por muitos autores como a tradução mais óbvia, devido ao local onde Jesus é encontrado.

O segundo grupo recolhe a opinião daqueles que interpretam o sintagma em sentido funcional: “coisas”, “assuntos”, “negócios” etc. Esta interpretação ganhou notoriedade nas últimas décadas e adquire cada vez mais adeptos entre os pesquisadores, por assegurar uma interpretação mais “aberta” do dito enigmático de Jesus.

#### 1.2.1.1 Sentido local (casa / templo)

A frase οὐκ ᾔδειτε ὅτι ἐν τοῖς τοῦ πατρὸς μου δεῖ εἶναί με (Lc 2,49c), que significa literalmente “Não sabíeis que em as (coisas) do Pai meu é necessário estar eu?”,<sup>82</sup> é pauta de uma longa discussão entre os estudiosos do relato lucano da infância. A questão centra-se sobre qual seria o substantivo específico substituído pelo artigo neutro plural preposicionado ἐν τοῖς. As traduções são diversas, todas elas baseadas em análises sintática e contextual, ocorrências em textos bíblicos e patrísticos.

<sup>80</sup> LAURENTIN, Jésus, p. 38-72. Ele propõe um estudo literal de Lc 2,49-51, “a fim de eliminar numerosos falsos problemas ou interpretações artificiais, e para discernir um sentido certo e óbvio” (p. 33).

<sup>81</sup> Laurentin oferece uma lista considerável de testemunhas, desde a patrística grega e latina até os autores modernos de sua época, possibilitando-nos vislumbrar mais ou menos 18 séculos de interpretação da cláusula ἐν τοῖς τοῦ πατρὸς μου.

<sup>82</sup> *Novo Testamento interlinear grego-português*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

Laurentin aborda Lc 2,49 com uma análise metódica das diversas propostas de interpretação. Segundo ele, a tradução material do ἐν τοῖς seria “nos ... de meu pai”, e as reticências manifestam a elipse de um substantivo, substituído de diversas maneiras pelos autores por: coisas, pessoas, domínio, negócios, casa ou habitação (referido ao Templo).<sup>83</sup> Laurentin analisa cada uma dessas propostas, mas, contrariamente à disciplina científica, deixa clara já no início a sua interpretação: “de todos esses sentidos, apenas um é admissível, o último: ‘na casa de meu Pai’”.<sup>84</sup> Assim, ele rejeita categoricamente qualquer outra tradução que não seja “casa”. Sua posição é muito criticada pelos autores que reconhecem a possibilidade de mais de uma interpretação para o ἐν τοῖς.

Brown também adota a interpretação “na casa de meu Pai” para o sintagma ἐν τοῖς τοῦ πατρὸς μου.<sup>85</sup> E, no comentário, ele enfatiza que o sentido é indireto, pois Lucas não emprega aqui o vocábulo “οἶκος”.<sup>86</sup> Segundo o autor, o contexto narrativo em que os pais de Jesus procuram por ele, bem como o local no qual ele foi encontrado, substitui apropriadamente um *substantivo de local*.<sup>87</sup>

O autor também apoia essa interpretação no uso da preposição ἐν seguida do artigo neutro plural τοῖς com o sentido de “na morada de” atestada em alguns textos da LXX (cf. Jó 18,19; Est 7,9). Outro fator a favor dessa interpretação é que Lucas emprega em algumas ocasiões a expressão “casa de Deus”, em referência ao templo de Jerusalém (cf. Lc 6,4; 19,46).<sup>88</sup> Essa interpretação tem o apoio das versões siríaca, armênia e persa, dos Padres da Igreja gregos e de muitos dos Padres latinos que seguiram Agostinho.<sup>89</sup>

Novos estudos a respeito de Lc 2,49 são apresentados por Brown em um “Suplemento” acrescentado a sua nova edição do “The Birth”. Ele atualiza a pesquisa acerca dos Evangelhos da Infância a partir do diálogo com a literatura escrita de 1976 a 1992.<sup>90</sup> Ele apresenta, de modo particular, a tendência atual de evitar atribuir sentido exclusivo à frase. Segue expondo alguns autores que propõem uma interpretação “múltipla”, que contemple os significados local,

<sup>83</sup> O plural neutro τὰ, dativo τοῖς, não é percebido, em grego, como incompleto, mas como equivalente de um pronome indefinido, equivalente ao português “aquilo”. Não há nenhuma supressão. O que houve foi a inserção dos Padres de complementações desnecessárias.

<sup>84</sup> LAURENTIN, Jésus, p. 39.

<sup>85</sup> BROWN, The Birth, p. 471: “Did you not know that I must be in my Father's house?”. Nas pp. 475-477, Brown apresenta uma síntese das principais interpretações dessa expressão de construção tão ambígua.

<sup>86</sup> BROWN, The Birth, p. 490: “I the NOTE I have defended this translation of an ambiguous Greek expression; here I would stress only that the word 'house' does not occur in the Greek so that the reference to the Temple is at most indirect”.

<sup>87</sup> BROWN, The Birth, p. 476.

<sup>88</sup> BROWN, The Birth, p. 476. O que faz perguntar por que não a usou aqui!

<sup>89</sup> BROWN, The Birth, p. 476.

<sup>90</sup> Supplement to the birth of the Messiah. In: BROWN, The Birth, p. 571-712.

funcional e pessoal.<sup>91</sup> Ele rejeita a interpretação – defendida por Kilgallen e Sylva –, que propõe significado dual, casa e assuntos, ambos relacionados à atividade de Jesus de ensinar, que teria o objetivo de antecipar sua atividade futura de ensino do Templo (Lc 19,47; 21,37). Brown duvida que a expressão signifique algo tão preciso como “ensinar”.<sup>92</sup> A partir dessa hipótese, ele considera a melhor tradução, além de “na casa de meu Pai”, o texto mais abrangente “a respeito dos assuntos de meu Pai”. Nessa linha, está também a proposta de De Jonge, que abrange não apenas a casa do Pai, mas diz respeito ao plano divino.<sup>93</sup>

Fitzmyer afirma que não é fácil definir com exatidão o significado preciso da expressão ἐν τοῖς τοῦ πατρός μου no contexto em que o dito é proferido. Ele assegura que a locução grega pode ser traduzida por “na casa de meu Pai”, “nas coisas, nos assuntos de meu Pai”, como também “entre os parentes que pertencem a meu Pai”, se o artigo “τοῖς” for considerado não como neutro, segundo a interpretação mais óbvia, mas como masculino plural.<sup>94</sup>

Fitzmyer, no entanto, adota a interpretação “na casa de meu Pai” e apresenta como apoio para essa escolha os numerosos textos bíblicos e extrabíblicos nos quais essa construção (artigo neutro plural + genitivo) significa “a casa (a família) de N”.<sup>95</sup> Ele afirma, ainda, que esse sentido, “na casa...”, seria mais natural nos lábios de um adolescente do que os outros, por serem mais abstratos.<sup>96</sup>

Rodríguez Carmona adota a tradução “eu esteja permanentemente na casa de meu Pai” e em nota apresenta as duas outras possibilidades, “nas coisas” e “entre os”.<sup>97</sup> Sua justificativa para a tradução “na casa” está no fato de que Jesus falou isso no Templo. Ele cita Schürmann, que afirma a importância do Templo neste episódio como lugar da instrução e que a interpretação explicita melhor o sentido da total dedicação de Jesus à palavra de Deus.<sup>98</sup>

Além dos autores aqui apresentados,<sup>99</sup> as diversas Bíblias internacionais, e suas traduções brasileiras, que adotaram a interpretação “na casa” para o ἐν τοῖς, indicam que essa

<sup>91</sup> BROWN, The Birth, p. 693.

<sup>92</sup> BROWN, The Birth, p. 693-694.

<sup>93</sup> BROWN, The Birth, p. 694.

<sup>94</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 286.

<sup>95</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 287: Gn 41,51: “a casa paterna”; Est 7,9: *en tois Aman* (= “na casa de Amã”); Jó 18,19: “nenhum sobrevivente em suas casas”; Flávio Josefo, *Apion*. I, 18, n. 118: *en tois tou Dios* (= “no templo de Júpiter”); *Ant.* XVI, 19 1, n. 302: *en tois Antipatrou* (= “alojado na casa de Antipater”).

<sup>96</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 287.

<sup>97</sup> RODRÍGUEZ CARMONA, A. R. Jesús comienza su vida de adulto (Lc 2,41-52). *Estudios Bíblicos*, Madrid, v. 50, n. 1-4, p. 177-189, 2ª época 1992, p. 187.

<sup>98</sup> RODRÍGUEZ CARMONA, Jesús comienza, p. 188.

<sup>99</sup> Outros autores como Rinaldo Fabris, Jacques Dupont, Alfred Plummer, assumem a tradução “na casa” como provavelmente certa. Nos limitamos a apresentar os principais expoentes da atualidade, uma vez que Laurentin, *Jésus au temple*, já apresenta uma análise metódica da questão e uma lista extensa de autores.

interpretação caiu no uso comum.<sup>100</sup> No entanto, uma interpretação unilateral dessa cláusula enigmática é considerada problemática por muitos autores. O fato é que a própria narrativa de Lc 2,41-52 oferece pistas para se interpretar o dito de Jesus no v. 49 de forma ambígua.

Antes, porém, de dar continuidade à exposição dos estudiosos acerca da tradução do ἐν τοῖς, verificaremos brevemente o emprego dos vocábulos οἶκος/οἰκία em Lc-At, a fim de abrir caminho para uma interpretação mais aberta do referido sintagma.

### 1.2.1.2 Análise do emprego dos vocábulos οἶκος/οἰκία na Obra lucana<sup>101</sup>

Segundo a análise de Robert Morgenthaler, das 94 vezes que vocábulo οἰκία aparece no Novo Testamento, 25 vezes são encontrados no evangelho de Lucas e 12 vezes no Atos dos Apóstolos.<sup>102</sup> E, das 112 ocorrências do vocábulo οἶκος no Novo Testamento, 58 vezes estão na obra lucana (33 vezes em Lc; 25 em At).<sup>103</sup> Analisaremos apenas as ocorrências em que esses vocábulos estão referidos ao templo e à família.

#### a) Os vocábulos οἶκος/οἰκία relacionados ao templo

Em Lc 6,4, aparece pela primeira vez o termo οἶκος referido ao templo. Este trecho encontra-se também em Mt 12,4 e Mc 2,26, e é uma referência ao relato de 1Sm 21,2-7. O texto de Samuel não contém o termo οἶκος nem menciona o templo, mas a narrativa refere-se aos pães da proposição que o sacerdote disponibiliza para Davi e seus homens no templo/santuário de Nob. Como o trecho encontra-se nos três sinóticos, provavelmente não é composição lucana, mas provém de uma fonte comum (Mc).

Em Lc 11,51, o termo οἶκος é referido ao templo, numa alusão ao texto de 2Cr 24,20-22, no qual o trecho emprega a expressão ἐν αὐτῇ οἴκου κυρίου (v. 21: no pátio da Casa do

<sup>100</sup> As traduções americanas: *New Revised Standard Version* – NRS (1963) e *New Revised Standard Version* – NRS (1989), encontradas no software Bible Works 8. As traduções brasileiras: Almeida – ARA (1993); A Bíblia de Jerusalém (1998); *Bíblia Sagrada: nova versão internacional* (2000); *Bíblia Sagrada Almeida século 21: Antigo e Novo Testamento* (2008); *Bíblia Sagrada: Nova tradução na linguagem de hoje* (1989); *A Bíblia do Peregrino* (2011). Em sentido contrário, a neerlandesa Willibrord mudou a tradução de 1978 “na casa” para “junto de” (1995), o que demonstra que não há uma tendência clara de privilegiar o termo “casa” para a interpretar o ἐν τοῖς de Lc 2,49.

<sup>101</sup> KOHLENBERGER III, John R. et al. *The exhaustive concordance to the Greek New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 1995, p. 677-680.

<sup>102</sup> MORGENTHALER, *Statistik*, p. 124; cf. Lc 4,38; 5,29; 6,48.49; 7,6.37.44; 8,27.51; 9,4; 10,5.7; 15,8.25; 17,31; 18,29; 20,47; 22,10.11.54; At 4,34; 9,11.17; 10,6.17.32; 11,11; 12,12; 16,32; 17,5; 18,7.

<sup>103</sup> Lc 1,23.27.33.40.56.69; 2,4; 5,24.25; 6,4; 7,10.36; 8,39.41; 9,61; 10,5; 11,17.24.51; 12,39.52; 13,35; 14,1.23; 15,6; 16,4.27; 18,14; 19,5.9.46; At 2,2.36.46; 5,42; 7,10.20.42.46.47.49; 8,3; 10,2.22.30; 11,12.13.14; 16,15.31.34; 18,8; 19,16; 20,20; 21,8.

Senhor). Lucas conserva somente o termo οἶκος no genitivo, subentendido como casa de Deus. Mt 23,35 substitui o termo οἶκος por ναός, em referência ao santuário, parte interna do Templo.

Em Lc 13,34-35, Jesus chora sobre Jerusalém e profere um oráculo sobre o Templo, que é expresso pelo vocábulo οἶκος (v. 35a: ἰδοὺ ἀφίεται ὑμῖν ὁ οἶκος ὑμῶν [Eis, vossa casa é abandonada a vós.]). Aqui o texto faz alusão a textos proféticos (Jr 7,14; 12,7; 26,6; Mq 3,12). Nesses textos, são empregados o termo οἶκος para se referir ao templo. Mt 23,38 traz o mesmo texto.

Na narrativa da purificação do Templo (Lc 19,45-47), Lucas emprega a expressão ὁ οἶκος μου em referência ao Templo (v. 46; Mt 21,13; Mc 11,17), numa citação direta da última frase de Is 56,7 (ὁ γὰρ οἶκός μου οἶκος προσευχῆς κληθήσεται πᾶσιν τοῖς ἔθνεσιν).<sup>104</sup>

Quanto ao vocábulo οἰκία, não há nenhuma ocorrência em Lc-At relacionado ao Templo.

#### ***b) Os vocábulos οἶκος/οἰκία com sentido de “casa / família”***

Lucas emprega os termos οἶκος/οἰκία indistinta e sucessivamente, em uma mesma e única seção, com o significado de “casa”, lugar onde alguém mora.<sup>105</sup> Em Atos do Apóstolos, os vocábulos οἶκος/οἰκία são empregados para designar o lugar da reunião de uma comunidade cristã.<sup>106</sup>

Quanto ao termo οἰκία em Lc-At, o significado é de “casa”, nunca de “família”. Já o termo οἶκος, Lucas emprega com alternância de significado, ora “casa” (31 vezes) ou “família” (19 vezes). São encontrados algumas vezes, na obra de Lucas, em uma mesma e única seção, o vocábulo οἶκος com os significados alternativos de “casa” (31 vezes) e “família” (19 vezes).<sup>107</sup>

Desta breve análise pode-se tirar a seguinte conclusão:

<sup>104</sup> Somente em Jo 2,16-17 é que aparece a expressão “casa de meu Pai” (μὴ ποιεῖτε τὸν οἶκον τοῦ πατρός μου οἶκον ἐμποσίου, v. 16c) referida ao Templo.

<sup>105</sup> Cf. Lc 7,6.10; 7,36.37.44; 8,27.39; 8,41.51; 10,5a.b.7a; At 10,17.22; 10,30.32; 11,11.12.13; BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard (Eds). *Diccionario exegetico del Nuevo Testamento*. v. 2. Salamanca: Sigueme, 1998, p. 501-502: “Originalmente, οἶκος e οἰκία tiveram em grego significados diferentes; οἶκος tinha um sentido mais amplo e designava todas as propriedades; οἰκία designava unicamente a habitação (cf. Xenofonte, *Oec.* I, 5). Na maioria das passagens do NT em que se encontram atestados um e outro vocábulo, ambos são intercambiáveis entre si e de fato foram intercambiados”.

<sup>106</sup> Cf. At 2,46; 5,42; 8,3; 12,12; 20,20; BALZ; SCHNEIDER, *Diccionario*, v. 2, p. 503-504.

<sup>107</sup> Cf. Lc 19,5.9; At 10,2.22.30; 11,12.13.14; 16,15; 16,31.34.



Há somente 9 ocorrências do termo οἶκος nos sinóticos se referindo ao Templo (4 delas no evangelho de Lucas), e, em todas elas, o trecho corresponde à citação ou alusão a algum texto do Antigo Testamento.

Lucas conhece bem os termos οἶκος/oikía, inclusive no sentido de “casa de Deus”. Sendo assim, ele poderia muito bem ter empregado o termo em Lc 2,49b para referir-se ao templo de Jerusalém. Por que, então, não o fez? Por que o trecho é ambíguo? É intencional? Com que propósito Lucas fez isso?

### 1.2.1.3 Sentido funcional (coisas / assuntos / negócios)

De Jonge argumenta que a construção τὰ τοῦ + genitivo de um substantivo indicando uma pessoa com o sentido “casa de” nunca ocorre em Lucas ou no Novo Testamento.<sup>108</sup> Essa ideia seria extraordinária em Lucas, de acordo com alguns textos neotestamentários, que justificam a interpretação “coisas”.<sup>109</sup> Também argumenta que, na literatura cristã primitiva, a expressão “as coisas de meu Pai” ocorre literalmente no *logion* 61, do Evangelho de Tomé.<sup>110</sup>

De Jonge não nega a possibilidade da interpretação “na casa”, mas levanta a questão se realmente Lucas não quis com a expressão enigmática aproveitar sua ambivalência. Nesse caso, a interpretação “nas coisas” faz bastante sentido.<sup>111</sup> Ele apresenta quatro razões para justificar uma interpretação ambivalente em detrimento de um significado exclusivista “na casa de meu Pai”.<sup>112</sup> E, no final, ele afirma o seguinte: “Parece justificado concluir que Lucas usou um modo de se expressar com dois significados. O primeiro, que apesar de sua formulação incomum se

<sup>108</sup> DE JONGE, Henk J. Sonship, wisdom, infancy: Luke ii. 41-51a. *New Testament Studies*, v. 24, n. 3, p. 317–354, April 1978, p. 332.

<sup>109</sup> DE JONGE, Sonship, p. 332: “Mark viii. 33 ‘you do not think the things of God’, τὰ τοῦ θεοῦ; Matthew xxii. 21 ‘pay Caesar what is due to Caesar’, τὰ καίσαρος, ‘and God what is due to God’, τὰ τοῦ θεοῦ; 1 Cor. ii. 11 ‘who knows the thoughts of a man?’ τὰ τοῦ ἀνθρώπου; 1 Cor. vii. 32 ‘the unmarried man cares for the Lord’s business’, τὰ τοῦ κυρίου; 1 Cor. vii. 34 *idem*; 1 Cor. xiii. 11 ‘when I grew up, I had finished with childish things’, τὰ τοῦ νηπίου”.

<sup>110</sup> DE JONGE, Sonship, p. 332-333; a Synopsis de K. Aland, p. 564, traduz: ex illis Patris mei/ von den Sachen meines Vaters/ that which is my Father’s (sentido abstrato).

<sup>111</sup> DE JONGE, Sonship, p. 333.

<sup>112</sup> DE JONGE, Sonship, p. 333-334: 1) O uso do verbo δεῖ diz respeito ao ministério de Jesus como um todo, e não apenas ao evento pascal (cf. Lc 4,43; 9,22; 22,37). Usando o δεῖ, Lucas quer dar a entender que a permanência de Jesus no Templo deve ser entendida como parte de sua tarefa na realização do plano de Deus; 2) A descida de Jesus a Nazaré torna incongruente a interpretação “eu devo estar na casa (Templo) de meu Pai”; 3) A incompreensão dos pais em relação à declaração de Jesus seria um sinal para os leitores de que o v. 49 possui um significado mais profundo do que o óbvio; 4) A questão “Não sabíeis...?” assume uma resposta positiva e esperava-se que os pais estivessem cientes disso. Mas, no contexto da narrativa, não se poderia esperar que eles soubessem que seu filho estaria na “casa de Deus”.

incute no leitor do texto grego, é: ‘Eu devo estar na casa de meu Pai, i.é., o templo’. O segundo é: ‘Eu devo ocupar-me com os negócios de meu Pai’.”<sup>113</sup>

De Jonge propõe, pois, interpretação ambivalente. Ele não nega a possibilidade da expressão significar “Eu devo estar na casa de meu Pai”, dada sua atestação na Septuaginta, papiros, autores gregos e padres gregos que interpretam nesse sentido.<sup>114</sup> Outro fator seria a sequência lógica dada às palavras “por que me procurais...”, que dá a entender que a busca dos pais era desnecessária, pois deviam saber onde Jesus estaria.<sup>115</sup> Ele afirma ainda que, se Lucas quisesse dizer “na casa”, ele o fez “de uma forma não natural e até de maneira extraordinária”.<sup>116</sup> O emprego do vocábulo “οἶκος” seria o “natural”, já que se encontra em várias passagens lucanas.<sup>117</sup>

Para De Jonge, em nenhuma língua essa ambivalência é suscetível de uma interpretação satisfatória. O tradutor é, pois, confrontado a escolher uma tradução. E seria inadequado e insuficiente escolher uma tradução e, depois, indicar em nota de rodapé as outras possibilidades.<sup>118</sup> O melhor seria, pois, chamar a atenção para o fato de que ambas as traduções correspondem à intenção do autor. E, na impossibilidade de uma nota, a tradução mais adequada para a compreensão do leitor seria: “devo me ocupar com as coisas de meu Pai”.<sup>119</sup>

Segundo Schürmann, a própria pergunta de Jesus em resposta à sua mãe já soa ambígua, pois se refere à obviedade do fato. Em sua determinação já ressoa o δέῃ da segunda parte da resposta. O dito é pronunciado no Templo como lugar da instrução, e não lugar do sacrifício e da oração. Por isso, a tradução “estar naquilo que é de meu Pai” retrata bem a total dedicação e exclusividade à Palavra de Deus, que é característico do comportamento de Jesus e de sua constante busca.<sup>120</sup>

<sup>113</sup> DE JONGE, Sonship, p. 335: Os negócios (ou as coisas) do Pai referem-se a tudo o que Deus realizou por meio de Jesus: a proclamação (Lc 4,43) e doação do reino de Deus (Lc 12,32), o cumprimento da promessa de seu Pai (24,49) e a doação do Espírito Santo (At 2,33) etc.; a interpretação “negócios” é assumida pelas seguintes traduções: holandesa *Statenvertaling* – SVV (1637); inglesa: King James – KJV (1769) e alemã *Lutherbibel* – LUO (1912), disponíveis no Bible Works 8; as duas versões portuguesas: João Ferreira de Almeida, revista e corrigida – ARC (1969) e João Ferreira de Almeida, corrigida fiel – ACF (1753/1819/1847/1994/1995), também disponíveis no Bible Works 8.

<sup>114</sup> DE JONGE, Sonship, p. 331-332.

<sup>115</sup> DE JONGE, Sonship, p. 332.

<sup>116</sup> DE JONGE, Sonship, p. 332.

<sup>117</sup> Cf. Lc 16,27; 19,5; 6,4; 19,46; At 7,47; Lc 11,51.

<sup>118</sup> DE JONGE, Sonship, p. 335.

<sup>119</sup> DE JONGE, Sonship, p. 335. Algumas traduções da Bíblia assumem essa interpretação mais indefinida do ἐν τοῖς: A versão greco-italiana do Novo Testamento de NESTLE-ALAND (1996); uma versão italiana da TOB (1995); a TOB francesa (“chez mon Père”); as versões latinas Vulgata e Nova Vulgata (“... quia in his, quae Patris mei sunt...”; algumas traduções brasileiras: Bíblia Mensagem de Deus (1994), Bíblia Sagrada Ave-Maria (2009); Nova Bíblia Pastoral (2014). Algumas traduções brasileiras como a Bíblia Sagrada, tradução oficial da CNBB (2019) e a Bíblia Sagrada de Aparecida (2009), optam pelo vocábulo “naquilo”, tradução gramaticalmente literal do plural neutro indefinido (τοῖς) e semanticamente equivalente a “coisas” ou “negócios”.

<sup>120</sup> SCHÜRMANN, Il vangelo, p. 266.

Ferraro, em sua obra sobre o evangelho da infância, adota a tradução “Não sabíeis que eu devo ocupar-me das coisas do meu Pai?”, mas não justifica sua escolha.<sup>121</sup> Seu comentário sobre o trecho centra-se na ideia da consciência que Jesus, aos doze anos, tinha de sua relação única com Deus.<sup>122</sup> Para Ferraro, o dito de Jesus revela o caráter profético do seu gesto e eleva sua obediência a um nível além do humano.<sup>123</sup>

Para Weinert, tanto a interpretação “na casa de meu Pai” como “nos assuntos de meu Pai” sofrem da mesma imperfeição, pois salientam apenas um dos três sentidos de Lc 2,49 – espacial, funcional e pessoal –, e também silenciam a força pessoal da declaração de Jesus.<sup>124</sup> Para ele, o sentido deve ser encontrado não apenas pelo caminho analítico, mas na própria característica multifacetada dos dados contidos em Lc 2,41-50 e na temática da peregrinação que, segundo ele, é potencialmente unificador no episódio.<sup>125</sup> Assim, o autor sugere traduzir a expressão ἐν τοῖς τοῦ πατρὸς μου por “na companhia de meu Pai”.<sup>126</sup> Essa tradução explora os múltiplos significados da palavra “company”, que, em inglês, pode designar proximidade pessoal, grupo social ou aliança em uma sociedade mista.<sup>127</sup> Ele afirma que essa tradução preserva as dimensões espacial, pessoal e dinâmica de Jesus observadas em Lc 2,49.<sup>128</sup>

Sylva apresenta um estudo sobre o sentido da cláusula ambígua de Lc 2,49b e, particularmente, o significado da expressão ἐν τοῖς. Ele afirma que os argumentos usados por De Jonge, que atribui à expressão um duplo sentido, são inconclusivos e precisam ser provados. Para isso, é necessário abordar duas questões para esclarecer o duplo sentido dado por Lucas: a que “assuntos” Lucas se refere e por que ele liga esses assuntos ao Templo por tal dito?<sup>129</sup> A tese de Sylva é que *tois* em Lc 2,49b tem um duplo sentido e seu significado seria: “Não sabíeis que devo estar preocupado com as palavras de meu Pai no templo?” Assim, o trecho refere-se

<sup>121</sup> FERRARO, Giuseppe. *I racconti dell'infanzia nel vangelo di Luca*. Napoli: Dehoniane, 1983, p.176-177.

<sup>122</sup> FERRARO, I racconti, p.176-177.

<sup>123</sup> FERRARO, I racconti, p.177.

<sup>124</sup> WEINERT, Francis D. The multiple meanings of Luke 2,49 and their significance. *Biblical Theology Bulletin*, Roma/New York, v. 13, n. 1, p. 19–22, Feb. 1983, p. 22-23.

<sup>125</sup> WEINERT, The multiple, p. 21-22. Segundo o estudo sobre o motivo da peregrinação, o peregrino tem a possibilidade de alcançar, no final da peregrinação, uma transformação salvífica. Foi, segundo ele, o que aconteceu com Jesus ao demorar-se no Templo. Weinert conclui, na p. 22: “Em suma, dentro do seu presente contexto de peregrinação, Lucas pode usar o dito em 2,49 simultaneamente para afirmar o lugar único de Jesus no plano salvífico de Deus, o seu papel ativo, e o distintivo vínculo pessoal com Deus que isso implica”.

<sup>126</sup> Essa ideia encontra-se na conhecida *Bíblia Tradução Ecumênica* – TEB (1994) oferece a seguinte tradução: “Não sabíeis que eu devo estar junto do meu Pai?”. Tradução que reproduz fielmente o modelo da Traduction Oecuménique de la Bible (TOB), 3.ed. Paris: Éditions du Cerf; Pierrefitte: Société Biblique Française, 1989, cuja tradução « chez » tem caráter ambíguo. Em nota de rodapé, a TEB afirma que a tradução “Que eu devia estar ocupado com os negócios de meu Pai”, foi feita muitas vezes, mas seria menos conforme o emprego dos termos e não convinha à situação, pois Jesus ainda não tinha começado sua missão.

<sup>127</sup> WEINERT, The multiple, p. 22.

<sup>128</sup> WEINERT, The multiple, p. 22.

<sup>129</sup> SYLVA, D. D. The cryptic “en tois tou patros mou dei einai me” in Lk 2,49b. *ZNW*, Berlin, v. 78, p. 132-140, 1987, p. 134.

à necessidade do ministério de ensino de Jesus no templo de Jerusalém, pois o uso do *δεῖ* que Lucas emprega ao longo do Evangelho refere-se a diferentes aspectos do ministério de Jesus.<sup>130</sup>

Bovon, que é co-tradutor da TOB, adota a interpretação “junto a meu Pai” por apresentar um duplo sentido, local e funcional.<sup>131</sup> Também afirma que uma resposta enigmática se encaixa muito bem no gênero da anedota.<sup>132</sup> Junto com o *δεῖ*, o trecho anuncia algo além desta cena, a saber: o destino de Jesus, assumido por ele e querido por Deus. Para Bovon, a resposta enigmática de Jesus lhe confere um valor simbólico à sua atitude; a permanência inesperada no Templo converte-se na parábola de toda a obra do Messias.<sup>133</sup>

Para Valentini, o v. 49 constitui o clímax do relato e o ponto de chegada de toda a cristologia do evangelho da infância. Por isso, interpretar acertadamente o dito de Jesus se torna imprescindível para a compreensão profunda da cristologia presente não apenas neste trecho, mas em toda a narrativa da infância. Essa compreensão se torna ainda mais urgente na medida em que se volta para os caps. 1–2 como introdução teológica à obra lucana.<sup>134</sup> Assim, o trabalho consiste em encontrar o vocábulo que melhor explique o sentido de “*τοῖς*” na formulação enigmática da frase final do v. 49.<sup>135</sup>

Valentini adota a tradução “não sabíeis que devo estar junto ao meu Pai?”, mas não explica sua opção por essa tradução. Sua análise do trecho centraliza a atenção no tema da revelação da identidade filial do menino Jesus, evidenciado no contraste entre os sintagmas “*teu pai e eu*” e “*meu Pai*”.<sup>136</sup> Mais adiante, considera alguns pontos da narrativa, entre eles, o valor cristológico da expressão *ἐν τοῖς τοῦ πατρὸς μου*. Para ele, o dado verdadeiramente notável no trecho é a revelação explícita de Jesus como Filho de Deus.<sup>137</sup> Mas a forma elíptica do v. 49 não exprime a que se refere o *δεῖ εἶναι*, do qual depende a missão e a escolha de Jesus. Desse modo, pergunta-se que palavra seria subentendida por trás do *τοῖς* que deixa o texto impreciso.<sup>138</sup> Ele apresenta uma síntese das propostas de alguns autores, deixando claro o

<sup>130</sup> SYLVA, The cryptic, p. 134. “*Dei* é usado em Lc 2,49 para expressar a necessidade de Jesus estar *en tois tou patros*. Contudo, Lucas usou *dei* para referir-se à necessidade de 1) sofrimento de Jesus (Lc 9,22; 17,25), 2) sofrimento de Jesus, morte e ressurreição (Lc 24,7), 3) sofrimento de Jesus e glorificação (Lc 24,26), 4) pregação de Jesus do Reino de Deus (Lc 4,43), 5) estadia de Jesus com Zaqueu (Lc 19,5), 6) o cumprimento da escritura que Jesus foi ‘contado com os transgressores’ (Lc 22,37).”

<sup>131</sup> A TEB, versão brasileira da Traduction Oecuménique de la Bible (TOB), conservou essa interpretação.

<sup>132</sup> BOVON, El evangelio, p. 232.

<sup>133</sup> BOVON, El evangelio, p. 232.

<sup>134</sup> VALENTINI, A. La rivelazione di Gesù dodicenne al tempio (Lc 2,41-52). *Estudios Bíblicos*, Madrid, v. 50, n. 1-4, p. 261-304, 2ª época, 1992, p. 288.

<sup>135</sup> VALENTINI, La rivelazione, p. 288.

<sup>136</sup> VALENTINI, La rivelazione, p. 277.

<sup>137</sup> VALENTINI, La rivelazione, p. 288.

<sup>138</sup> VALENTINI, La rivelazione, p. 288.

mérito de trazer à luz a complexidade e polivalência da expressão, na qual o significado não pode ser univocamente determinado.<sup>139</sup>

Contudo, alguns anos depois, em sua obra “Vangelo d’infanzia secondo Luca” (2017), Valentini adota outra tradução para Lc 2,49c: “Não sabíeis que eu devo ocupar-me das coisas de meu Pai?”.<sup>140</sup> Ele não descarta a possibilidade da tradução “na casa”, mas concorda com Bovon ao afirmar que o trecho poderia ter um duplo sentido que, segundo ele, seria “na casa” e “nos negócios”, baseado no fato de que “Lucas ama os duplos sentidos”.<sup>141</sup>

Muñoz Nieto, em sua abordagem estrutural do evangelho da infância segundo Lucas, no que se refere ao episódio de Lc 2,41-52, dedica-se a mostrar a estrutura e sua relação interna. Ele adota uma tradução literal do trecho em questão, com a seguinte tradução do v. 49c: “não sabíeis que no de meu Pai devia estar eu?” [isto é, naquilo que é de meu pai].<sup>142</sup> Ele não se atém à discussão sobre o significado do ἐν τοῖς, provavelmente por estar consciente de que o artigo definido plural neutro τοῖς contém o sentido de pronome indefinido. Todavia, ele concorda com De Jonge em que se deve manter a ambiguidade da expressão, deixando a indeterminação daquilo que se pode entender como “a casa de” ou “os assuntos de”.<sup>143</sup>

Coleridge concorda com a posição de De Jonge, de que a expressão enigmática não pode se restringir a uma única interpretação como “na casa de meu Pai”, pois este seria apenas um dos vários significados que o narrador combina na ambiguidade da expressão. Segundo Coleridge, uma tradução preferivelmente imprecisa como “nas coisas de meu Pai” reflete melhor a ambiguidade do termo.<sup>144</sup> Essa ambiguidade teria a função de levar o leitor a partilhar da perplexidade dos pais e perguntar-se o que poderia significar esse “estar nas coisas do meu Pai”, interrogação essa que terá sua resposta ao longo da narrativa lucana.<sup>145</sup>

Aletti afirma que se deve reconhecer no trecho uma técnica narrativa cujo objetivo consistiria em compartilhar com o leitor a dificuldade dos pais em compreender o que Jesus quer dizer.<sup>146</sup> Embora ressalte que a frase permanece enigmática pela ausência de um substantivo, ele adota a interpretação “nos assuntos de meu Pai”.<sup>147</sup>

<sup>139</sup> VALENTINI, La rivelazione, p. 289.

<sup>140</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 329.

<sup>141</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 346.

<sup>142</sup> MUÑOZ NIETO, J. M. *Tiempo de anuncio: estudio de Lc 1,5-2,52*. Taipei: Facultas Theologica S. Roberti Bellarmino, 1994, p. 130.

<sup>143</sup> MUÑOZ NIETO, *Tiempo*, p.136.

<sup>144</sup> COLERIDGE, *Nueva lectura*, p. 208.

<sup>145</sup> COLERIDGE, *Nueva lectura*, p. 209.

<sup>146</sup> ALETTI, *Il Gesù*, p. 67.

<sup>147</sup> ALETTI, *Il Gesù*, p.68; o autor coloca a questão se, de fato, a resposta de Jesus a Maria indica o “Templo” ou o “ocupar-se dos assuntos de Deus”. A ambiguidade da indicação convida a examinar mais de perto o conjunto da frase.

Segundo a função que a narrativa do reencontro de Jesus no Templo exerce no Evangelho lucano, se explica o porquê da escolha de Aletti pela interpretação “assuntos”. Para ele, o narrador prepara para o seu leitor, mediante a declaração do v. 49, a parte central da narrativa, a saber, a práxis de Jesus. É, pois, mediante a práxis que o próprio Jesus desvelará sua identidade messiânica ao longo do seu ministério.<sup>148</sup>

Se muitos autores renomados insistem em afirmar que o dito de Jesus em Lc 2,49b permanece enigmático devido à ausência de um substantivo, por que não pensar na intenção de Lucas em escrever o ἐν τοῖς por seu caráter ambivalente? Não seria esse um procedimento retórico lucano, com a intenção de deixar o dito de Jesus ambíguo, ou melhor, ambivalente?

### 1.2.2 A ambivalência do ἐν τοῖς no dito de Jesus

Segundo alguns autores atuais, a ambivalência do dito de Jesus no relato de Lc 2,41-52 seria proposital. A utilização de termos ou temas de duplo sentido deve ser considerada, segundo Marguerat, um procedimento retórico de Lucas, cuja função é fazer-se compreender por seus leitores de cultura judaica e helenista.<sup>149</sup> A utilização deliberada de Lucas desse procedimento de ambivalência semântica é atestada em alguns textos de Lc-At.<sup>150</sup>

No relato da Paixão (Lc 23), Lucas modifica sua fonte (Mc 15) quanto à declaração do centurião sobre Jesus na cruz. Em Mc 15,39, o centurião afirma: Ἀληθῶς οὗτος ὁ ἄνθρωπος υἱὸς θεοῦ ἦν (Verdadeiramente, este homem era filho de Deus); e em Lc 23,47: Ὅντως ὁ ἄνθρωπος οὗτος δίκαιος ἦν (Certamente, este homem era justo). O vocábulo δίκαιος admite dois sentidos, do ponto de vista lexicográfico: sentido jurídico de inocência e o teológico do justo sofredor.<sup>151</sup> Marguerat questiona se Lucas não pretendeu essa ambiguidade, com a intenção de inscrever a morte de Jesus “na linha helenista do mártir inocente e na tradição judaica do servo sofredor”.<sup>152</sup> Dessa forma, a morte de Jesus pode ser entendida pelos leitores

<sup>148</sup> ALETTI, Il Gesù, p. 69.

<sup>149</sup> MARGUERAT, Daniel. *A primeira história do cristianismo: Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 73-90. O autor apresenta o estudo da ambivalência semântica como procedimento retórico de Lucas, cuja intenção é situar a escrita entre duas realidades culturais e religiosas: Israel e o Império Romano. Para Marguerat, Lucas “não elabora simplesmente uma *accommodation* da tradição judeu-cristã a um público greco-romano, ele desenvolve antes entre Jerusalém e Roma o que chamo de ‘um programa teológico de integração’”.

<sup>150</sup> Marguerat também apresenta a composição de personagens “ambíguos” como exemplificação desse procedimento retórico: Paulo, Barnabé, Timóteo etc. (Cf. MARGUERAT, *A primeira história*, p. 74-76.)

<sup>151</sup> MARGUERAT, *A primeira história*, p. 77.

<sup>152</sup> MARGUERAT, *A primeira história*, p. 77.

gregos e judeus. A sequência, marcada por declarações de inocência (Lc 23,4.14.22 [Pilatos]; 23,41 [malfeitor]) confirma o caráter consciente dessa ambiguidade.<sup>153</sup>

Esse procedimento retórico de Lucas também é exemplificado por alguns termos e temas ambivalentes:<sup>154</sup>

- σωτηρ (salvador): título messiânico e imperial;
- ἐν τοῖς τοῦ πατρός μου (Lc 2,49): o artigo neutro τοῖς tem dois sentidos – domínio ou afazeres;
- νόμος (At 18,13): Torá ou lei romana.

Lucas empregou em sua obra alguns temas de duplo teor, conhecidos tanto pela cultura judaica como helenista:

- a genealogia de Jesus (Lc 3) se insere na historiografia judaica e corresponde aos modelos de atestação da antiguidade das tradições religiosas dos romanos;
- a descrição da Ascensão (At 1,9-11), tema apocalíptico da glorificação do justo e modelo helenístico da elevação do herói ao céu;
- evocação das nações pagãs no relato do Pentecostes (At 2,9-11a): universalismo escatológico profético e ideal romano de acolhimento das nações estrangeiras; etc.<sup>155</sup>

Segundo Marguerat, a repetida ocorrência em Lc-At dessa ambivalência semântica talvez não indique falta de clareza de Lucas, mas o emprego deliberado da figura literária denominada *anfibia*.<sup>156</sup> “Lançar mão da anfibia é o cálculo deliberado de um autor decidido a sugerir o duplo significado de uma palavra ou de um acontecimento, ela interpela e intriga. Ela propõe. Ela surpreende por deixar de limitar o sentido.”<sup>157</sup>

### 1.3 A ambivalência do sintagma ἐν τοῖς τοῦ πατρός μου como estratégia comunicativa

Considerando, pois, que a ambivalência semântica em Lc-At é um procedimento linguístico lucano, é plausível afirmar a ambivalência do dito de Jesus em Lc 2,49. Esta ambivalência não exclui o sentido local, mas, pelo contrário, inclui o Templo entre as “coisas”

<sup>153</sup> Essa ambivalência lucana também é exemplificada em outros textos: Discurso de Paulo em Atenas (At 17,16-34); At 27-28 (MARGUERAT, A primeira história, p. 78-80).

<sup>154</sup> MARGUERAT, A primeira história, p. 81.

<sup>155</sup> MARGUERAT, A primeira história, p. 81.

<sup>156</sup> “A anfibia é uma figura retórica empregada corriqueiramente pelos estudiosos dos *midrashim*. No tratado *bMegila* 14b dá-se o nome de *tartey machma* ao uso voluntário do duplo sentido” (DUMAIS, M. *Le langage de l'évangélisation*, 1976, p. 94 *apud* MARGUERAT, A primeira história, p. 82).

<sup>157</sup> MARGUERAT, A primeira história, p. 82.

de que Jesus deve ocupar-se. Bem como afirmou De Jonge, o tradutor do texto deve confrontar-se com a escolha da tradução para o *ἐν τοῖς*. Por esse motivo, adota-se nesta pesquisa a seguinte tradução: “Não sabíeis que devo estar naquilo que é de meu Pai?”, pois conserva a ambivalência do termo e, ao mesmo tempo, instiga o leitor a descobrir ao longo da narrativa evangélica o significado enigmático da resposta de Jesus.

Retomando, pois, a ideia de Coleridge, de que a ambiguidade do dito de Jesus visa dividir com o leitor a perplexidade dos pais em relação à atitude de Jesus no Templo e perguntar-se pelo significado do “estar naquilo que é de meu Pai”, reafirmamos a intencionalidade de Lucas, que cria no leitor o desejo de buscar pela resposta no seu itinerário de leitura do evangelho. Para Aletti, Lucas prepara seu leitor, mediante a declaração enigmática de Lc 2,49b, para a parte central de sua narrativa, em que será desenvolvida a práxis de Jesus, como reveladora de sua identidade messiânica.

Pois bem, essa ambiguidade além de denotar o ambiente judeu-helenista no qual Lucas está inserido, afirmamos que faz parte da estratégia comunicativa de Lucas concluir a narrativa da infância com um episódio centrado nas primeiras palavras de Jesus, que desvela sua identidade e missão com uma declaração ambivalente. A ambivalência da declaração de Jesus deixa o final da narrativa da infância aberto, pois constitui uma afirmação da identidade de Jesus que aponta, prolepticamente, para a declaração de Jesus na sinagoga de Nazaré. Tal declaração, para ser bem compreendida, deve ser analisada no contexto comunicativo em que é proferida, levando em consideração todo o percurso do Leitor, que se inicia com o prólogo (Lc 1,1-4) e se conclui no relato da apresentação de Jesus no Templo (Lc 2,21-40). Este percurso prepara a leitura de Lc 2,41-52, que deve ser lida como conclusão de todo o percurso de revelação da identidade de Jesus, Messias e Filho de Deus no relato da infância, que aponta para a revelação de Jesus, Messias e profeta no relato de Lc 4,16-30.

#### **1.4 Síntese conclusiva**

O estudo de Lc 2,41-52 revela, em primeiro lugar, algumas questões acerca da função literária e da importância teológica deste episódio no relato da infância (Lc 1,5–2,52). Ao analisar o lugar e a função de Lc 2,41-52 na narrativa da infância (Lc 1–2) constatamos que a variedade de material empregado por Lucas dificulta a determinação de sua organização interna. A complexidade das soluções propostas evidencia a riqueza das fontes e o labor redacional de Lucas. É inegável a importância do episódio na narrativa da infância, seja como transição cronológica entre a infância de Jesus e sua vida pública, seja como conclusão de todo



o relato. A importância cristológica do episódio se faz perceber pela dinâmica narrativa que conduz ao seu ápice a revelação de Jesus como Messias e Filho de Deus. Pela primeira vez no Evangelho Jesus fala de forma direta, revela sua relação única com o Pai e seu dever fundamental.

Quanto ao conteúdo, é consenso entre os estudiosos que o episódio de Lc 2,41-52 apresenta dois motivos: a sabedoria de Jesus e sua automanifestação como Filho de Deus. As divergências de opinião residem, pois, no grau de importância de um e de outro na narrativa. Dessa discussão emerge a questão sobre o gênero literário. Alguns autores, que reconhecem a importância dos dois temas, denominam o episódio como lenda (Bultmann) ou anedota (Bovon); mas os acreditam que o ponto central está no dito de Jesus, em sua autorrevelação como Filho de Deus, qualificam o trecho como apotegma (Van Iersel, Brown e Valentini) ou declaração de Jesus (Fitzmyer). E há autores como Schürmann, Coleridge e Aletti, que reconhecem a centralidade do dito de Jesus na narrativa, mas não especificam o gênero literário do episódio. Concordamos com os autores que definem o episódio como apotegma biográfico.

A exposição das diversas opiniões a respeito da interpretação da cláusula enigmática ἐν τοῖς τοῦ πατρὸς μου incide sobre o problema da ambiguidade contida no dito de Jesus (Lc 2,49) e levanta a questão se realmente não foi intenção de Lucas expressar essa ambiguidade na narrativa.

Os autores que optaram pela interpretação “na casa de meu Pai” levam em consideração as indicações locais que perpassam a narrativa, bem como o contexto em que Jesus foi encontrado. Além disso, as bases escriturísticas e as referências aos autores da patrística e da modernidade são bem amplas. No entanto, não se pode negar a dificuldade de uma interpretação unilateral para uma compreensão mais ampla da mensagem veiculada pelo texto em questão.

Essa mentalidade é que torna possível uma interpretação mais “aberta”, aproveitando a ambivalência do sintagma, que, gramaticalmente falando, nada mais é do que um corriqueiro neutro com valor de pronome indefinido. Os expositores da interpretação funcional não descartam a referência ao lugar, mas reiteram que ambos os sentidos são possíveis. Nesse caso, a melhor opção que retrata essa ambivalência seria o vocábulo “naquilo”, por conservar essa imprecisão, além de ser a tradução gramaticalmente literal do plural neutro indefinido (ἐν τοῖς) e semanticamente equivalente a “coisas” ou “negócios”.

A análise do emprego dos termos οἶκος e οἰκία na obra lucana revela que o evangelista conhecia bem o vocábulo e sua referência ao templo de Jerusalém. Todavia, todas as ocorrências em Lc-At de οἶκος como “templo” não são matéria original de Lucas, mas de suas

fontes. O conhecimento de Lucas do vocábulo levanta a questão por que o autor não o utilizou no dito de Jesus em Lc 2,49, e se a não utilização seria proposital ou não.

Uma breve abordagem acerca de alguns textos lucanos, que testificam a ambivalência semântica como procedimento retórico, fundamenta a hipótese do emprego proposital do ἐν τοῖς no dito de Jesus (Lc 2,49). Assim, é justificável que a melhor interpretação para o ἐν τοῖς seja uma expressão que conserve a ambivalência de sentidos, o que instigaria o leitor a descobrir no decorrer da narrativa evangélica o significado da resposta de Jesus.

Assim, a ambivalência do pronunciamento de Jesus no Templo (Lc 2,49), no final da narrativa da infância, constitui estratégia do autor que conclui sua revelação cristológica com um final aberto a ser preenchido pelo Leitor, mediante o processo de desvelamento da identidade messiânica de Jesus que continuará ao longo do evangelho.

A estratégia narrativa de Lucas 2,41-52 será evidenciada no capítulo seguinte, mediante a análise comunicativa do referido episódio, em seu contexto literário e teológico, a saber, como conclusão de todo o relato da infância (Lc 1-2)

## **2 ANÁLISE DE LC 2,41-52 EM CHAVE COMUNICATIVA**

O primeiro capítulo consistiu em apresentar as principais questões acerca do episódio de Jesus aos doze anos (Lc 2,41-52) em uma discussão com os principais estudiosos do Evangelho segundo Lucas, que evidenciou a importância literário-teológica do referido episódio para a compreensão da cristologia lucana.

Como parte importante dessa discussão, expomos as diversas propostas de interpretação do sintagma ἐν τοῖς τοῦ πατρὸς μου (Lc 2,49b), cuja interpretação pelos estudiosos modernos gira em torno de dois polos: tradução local ou funcional. Esta última tende a conservar a dimensão ambígua do sintagma, que parece ser a proposta mais acertada e correspondente à intencionalidade do relato lucano.

É, pois, a partir dessa proposta que o estudo do episódio de Lc 2,41-52 visa demonstrar a estratégia comunicativa do autor lucano com vista a construir a visão cristológica oferecida ao Leitor, colhendo os elementos que o capacitam a compreender a identidade messiânica de Jesus no processo de leitura do evangelho da infância.

No presente capítulo propõe-se a análise literário-teológica do episódio de Jesus aos doze anos (Lc 2,41-52), a fim de delinear o leitor que Lucas constrói no relato da infância, qual estratégia na composição do Terceiro Evangelho.

### **2.1 O caminho do leitor de Lc 2,41-52**

A narrativa da infância (Lc 1,5–2,52) constitui uma verdadeira introdução teológica ao relato lucano, que dispõe o leitor para acompanhar, ao longo do Evangelho a manifestação de Jesus como enviado de Deus para salvar Israel e as nações. Em cada episódio da Narrativa da Infância, Deus vai manifestando de que modo visita o seu povo, como se dá o reconhecimento e, nesse processo, o significado e alcance dessa visita divina. Assim, Lucas cria um leitor competente, capaz de reconhecer os sinais da visita de Deus manifestados em Jesus ao longo de sua atuação pública.

Em Jesus, Deus visita o seu povo! A dinâmica narrativa de Lc 1,5–2,52 põe o leitor diante do processo de revelação da identidade do enviado de Deus e de seu reconhecimento por parte das personagens, evidenciando também, mediante a atitude de alguns personagens ante a revelação divina, os critérios desse reconhecimento.<sup>1</sup> Nesse processo, o leitor situa-se diante de

---

<sup>1</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 34.

um paradoxo: ao mesmo tempo que é desvelada a identidade de Jesus como enviado de Deus, percebe-se um escondimento, devido às circunstâncias dessa manifestação e ao conteúdo do que é revelado. Esse “mistério” instiga o leitor a acompanhar as personagens da narrativa e a descobrir nas ações e palavras de Jesus, ao longo do Evangelho, sua identidade profunda e o alcance de sua missão.

A leitura de Lc 1–2 visa tornar mais evidente o tipo de leitor que vai sendo construído nos diversos episódios que antecedem Lc 2,41-52. É, pois, esse Leitor-Modelo, enquanto estratégia textual, que orientará a leitura de toda a obra lucana, a começar pelo Evangelho, na compreensão da identidade messiânica de Jesus revelada mediante sua práxis.<sup>2</sup>

### 2.1.1 O prólogo literário (Lc 1,1-4)

O prólogo, no estilo do grego clássico, além de informar a motivação, o conteúdo e o objetivo de sua obra,<sup>3</sup> apresenta alguns traços característicos do seu leitor.<sup>4</sup>

O que Lucas se propõe a narrar será feito à luz do evento da morte e ressurreição de Jesus. E esse evento tem uma dimensão escatológica, possui a sua atualidade no “hoje” de cada tempo, por isso pode-se falar de “eventos acontecidos entre nós”.<sup>5</sup>

Lucas põe seu escrito na linha de continuidade com a tradição dos apóstolos: a tradição sobre Jesus conservada e transmitida por aqueles que viviam com ele durante sua atividade pública, desde a pregação de João Batista (At 1,21-22), e que, depois da morte de Jesus, proclamaram o querigma (Lc 1,1-2).<sup>6</sup> O escrito supõe que o autor não pertence à primeira (testemunhas oculares) nem à segunda (ministros da palavra) geração de cristãos, pois conhece outras histórias escritas antes dele. Lucas se coloca no mesmo plano dos seus antecessores e se põe a serviço da tradição. Essa informação supõe que o leitor conhece os evangelhos de Marcos e Mateus e os escritos paulinos.

<sup>2</sup> Segundo ECO, Umberto. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. São Paulo: Perspectiva, 1986. p. 45, “o Leitor-Modelo constitui um conjunto de *condições de êxito*, textualmente estabelecidas, que devem ser satisfeitas para que um texto seja plenamente atualizado no seu conteúdo potencial”.

<sup>3</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 11. “Do ponto de vista gramatical e literário, o prólogo constitui um só período, com uma composição bem equilibrada: tanto a prótase (vv. 1-2) e como a apódose (vv. 3-4) constam de três frases paralelas” (*Ibid.*, p. 12).

<sup>4</sup> Segundo ROSSÉ, G. *Il vangelo di Luca: commento esegetico e teologico*. 4.ed. Roma: Città nuova, 2006, p. 32, a construção estilisticamente rebuscada e o vocabulário escolhido apontam para um ambiente cristão de cultura helenista.

<sup>5</sup> ROSSÉ, Il vangelo, p. 34.

<sup>6</sup> ROSSÉ, Il vangelo, p. 35.

Lucas apresenta, no v. 3, o seu método, com a clara intenção de qualificar-se aos olhos de seu leitor como um historiador digno de confiança.<sup>7</sup> O emprego do advérbio ἄνωθεν (v. 3), com sentido mais amplo que o substantivo ἀρχή (v. 2), indica que a narrativa não se restringe ao início da atividade de Jesus (Lc 3), mas inclui também a história de sua origem (Lc 1–2).<sup>8</sup> É nesse sentido que se propõe a escrever ordenadamente, mostrando a coerência do conjunto, segundo a perspectiva da história da salvação: uma sucessão narrativa que manifesta a ação de Deus na vida e nos ensinamentos de Jesus.<sup>9</sup>

O destinatário da obra, κράτιστε Θεόφιλε, é alguém já iniciado na caminhada cristã, pois o verbo κατηχέω nos permite supor que Teófilo já foi instruído. Lucas lhe escreve, portanto, “para que reconheças com precisão a confiabilidade dos ensinamentos nos quais foste instruído” (v. 4). Esse ensinamento diz respeito a todo o acontecido com Jesus Cristo (vv. 1-2).

Segundo Coleridge, a declaração do prólogo acerca do objetivo da narrativa pressupõe que os destinatários já estão informados sobre o “quê” da visita de Deus (vv. 1 e 4).<sup>10</sup> O escrito destina-se a que o leitor reconheça não apenas que, em Jesus, Deus visita o seu povo, mas que o faz de modo completamente surpreendente. A solidez dos ensinamentos diz respeito ao “como” tanto da visita quanto de seu reconhecimento.<sup>11</sup> Esse reconhecimento se apresenta, pois, como um desafio e o relato da infância estabelece os critérios necessários para enfrentá-lo. Ao final do percurso de leitura de Lc 1–2, fica patente a necessidade de seguir Jesus através da narrativa evangélica, no qual Jesus vai interpretando a si mesmo em palavras e atos como aquele em quem Deus visita o seu povo.<sup>12</sup>

O reconhecimento da visita de Deus se dá mediante a revelação da identidade messiânica de Jesus, que é vinculada à revelação de sua identidade filial.<sup>13</sup> O processo de revelação cristológica, tema importante na narrativa da infância é manifestação tanto do “como” da visita de Deus quanto do “modo” como ela acontece na história.

<sup>7</sup> ROSSÉ, Il vangelo, p. 35. O uso do vocabulário demonstra essa intenção: παρηκολουθηκότι... πᾶσιν (ter investigado tudo); ἄνωθεν (desde a origem); ἀκριβῶς (cuidadosamente); καθεξῆς (ordenadamente).

<sup>8</sup> ROSSÉ, Il vangelo, p. 35.

<sup>9</sup> ROSSÉ, Il vangelo, p. 36.

<sup>10</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 239.

<sup>11</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 240.

<sup>12</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 240.

<sup>13</sup> Lucas não se propõe em seu relato da infância apresentar a identidade filial de Jesus na perspectiva transcendente, como é afirmado por muitos estudiosos, mas na linha do justo em sentido sapiencial do termo. Essa é a ideia pressuposta nesta pesquisa, que será tratada com maior detalhe no terceiro capítulo.

### 2.1.2 Anúncio do nascimento de João (Lc 1,5-25)

O v. 5 introduz o leitor no ambiente político (“no tempo de Herodes, rei da Judeia”) e religioso de Israel (“havia um sacerdote, chamado Zacarias, da classe de Abias”). A descrição das personagens Zacarias e Isabel, como pessoas justas e fiéis cumpridoras dos mandamentos e dos preceitos divinos, porém sem filhos e em idade avançada, induz o leitor a recordar-se de Abraão e Sara, ambos sem filhos e avançados em idade, a quem Deus prometeu descendência.<sup>14</sup>

Lucas situa a narrativa em ambiente litúrgico (a hora do incenso, no interior do Santuário de Jerusalém) e mediante o emprego de modelo veterotestamentário de anúncio de nascimento mesclado com narrativa de vocação,<sup>15</sup> organiza seu material em vista do seu objetivo teológico: a visita escatológica de Deus inicia-se com a promessa de envio do precursor do Messias, cuja missão será preparar o caminho do Senhor.<sup>16</sup>

A revelação é feita desde o céu, com o envio do anjo, chamado Gabriel (v. 13), a Zacarias, e contém uma mensagem que trará alegria para muitos (v. 14).<sup>17</sup> A mensagem refere-se ao cumprimento de uma promessa (v. 13b), e está orientada para o futuro, mediante frases compostas com verbos no futuro e no infinitivo (vv. 13b-17). Nos vv. 15-17, o leitor toma conhecimento acerca de quem é João e qual seu papel na história da salvação.

João é apresentado no v. 15 com características de nazireu e de profeta, imagens que serão desenvolvidas na narrativa de sua atuação pública em Lc 3,1-20.<sup>18</sup> O v. 16 apresenta a missão de João a partir da releitura da versão grega (LXX) de Mt 3,23, que descreve a missão de Elias no Dia do Senhor. Já no v. 17, há uma menção explícita a Elias, com clara referência a Mt 3,1.22. Com isso, Lucas assemelha João com a figura desse profeta anunciado para o fim dos tempos e, ao mesmo tempo, sublinha a sua condição profética.<sup>19</sup> Assim, desde o início da

<sup>14</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 56; COLERIDGE, Nueva lectura, p. 36; segundo ESCUDERO FREIRE, Devolver el evangelio, p. 58, a descrição de Isabel se assemelha a de outras mulheres do Antigo Testamento: Sara (Gn 15,3; 16,1ss); Rebeca (Gn 25,21); Raquel (Gn 29,31; 30,22); a mãe de Sansão (Jz 13,2); Ana, mãe de Samuel (1Sm 1-2).

<sup>15</sup> STOCK, citado por ALETTI, Il Gesù, p. 38, afirma que o gênero não é apenas o de anunciação de nascimento (Gn 17,1-21; 18,1-15; Jz 13,2-23); mas alguns motivos pertencem de fato ao gênero de narrativa de vocação (Ex 3,1-4,17 e Jz 6,11; 24).

<sup>16</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 62, afirma que o nascimento do menino será sinal da fidelidade de Deus “que veio visitar e redimir o seu povo” (cf. Lc 1,68b). Segundo ESCUDERO FREIRE, Devolver el evangelio, p. 61, a oração de Zacarias não se destinava a pedir um filho, mas a vinda do Messias. A mudez de Zacarias, por não ter acreditado nas palavras do anjo (v. 20), a descrição do seu filho que “irá à frente do Senhor” (vv. 13.17), junto com o nome simbólico dado pelo anjo, são indicadores dessa interpretação.

<sup>17</sup> ESCUDERO FREIRE, Devolver el evangelio, p. 61. Alusão à alegria messiânica que envolverá o povo de Israel.

<sup>18</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 64-65.

<sup>19</sup> ESCUDERO FREIRE, Devolver el evangelio, p. 63; a “assemelhação” – antes que identificação – não diminui outra assemelhação, a de Jesus com Elias. Os evangelhos não identificam Jesus com nenhuma figura do imaginário escatológico, mas associam tanto Jesus como João a diversas dimensões da “visitação” escatológica.

Narrativa da Infância, o leitor é informado acerca da pessoa e da missão de João, cujo papel na história da Salvação consiste em preparar o caminho do Senhor. A menção a Elias e a releitura de Mt 3,1.22-23 introduzem o leitor no ambiente escatológico, de cumprimento das expectativas messiânicas esperadas para o fim dos tempos.

A reação de Zacarias ante a mensagem divina é inesperada para alguém que conhece as Escrituras e as esperanças messiânicas. O diálogo (vv. 18-19) entre Zacarias e o anjo, posto em primeiro plano mediante verbos aoristos, evidencia a incredulidade de Zacarias (v. 18a) ao que lhe foi anunciado, justificada pela descrição da situação de Zacarias e de sua mulher (v. 18b), já informada ao leitor pela voz do narrador (v. 7).

A resposta do anjo a Zacarias, visa tornar evidente a descrença deste na palavra anunciada pelo mensageiro de Deus. Primeiramente, o anjo afirma sua identidade e procedência (v. 19b) e, em seguida, sua missão: “anunciar esta boa-nova” (v. 19c). A mudez imposta pelo anjo a Zacarias confirma sua descrença e aponta para o cumprimento no tempo determinado por Deus (v. 20).

Os vv. 21-22 encerram a cena da aparição no Santuário. O povo (λαός), mencionado duas vezes na narração (vv. 10 e 21), percebeu que Zacarias teve uma visão no interior do Santuário (vv. 21-22). Este pormenor cria a expectativa no leitor em relação ao desenlace dessa história, que será resolvido mais à frente na narrativa (Lc 1,57-80). O episódio é concluído com a narração do retorno de Zacarias à sua casa e a concepção de Isabel (vv. 23-25) em cumprimento do que foi proferido no v. 13.

No início da narrativa da infância, o leitor toma conhecimento de que o tempo da visita de Deus começou, de que a criança a nascer terá um papel importante na história da salvação: preparar o caminho do Senhor. Mas o modo como essa visita ocorrerá, o leitor ficará sabendo apenas no episódio seguinte.

### **2.1.3 Anúncio do nascimento de Jesus (Lc 1,26-38)**

Após o anúncio a Zacarias, a narrativa conduz o leitor a uma cidadezinha chamada Nazaré, onde o mesmo anjo, Gabriel, é enviado a revelar a uma jovem, chamada Maria, que ela conceberá e dará à luz a um filho (cf. Lc 1,26-38). As palavras do anjo revelam ao leitor a identidade e missão desta criança que nascerá e, mediante a reação de Maria, os critérios para o reconhecimento da visita de Deus na pessoa de Jesus.

Após uma breve introdução narrativa (vv. 26-27), o episódio é constituído pelo encontro e anúncio do anjo (vv. 28-38a): saudação e reação (vv. 28-29), mensagem (vv. 30-33), pergunta

de Maria (v. 34), que introduz a segunda parte do anúncio, na qual o anjo explicita a dimensão filial da identidade de Jesus e o sinal (vv. 35-37), seguida pela resposta de Maria (v. 38a). A cena se conclui com a saída do anjo (v. 38b).<sup>20</sup> Toda a perícopa está em função da mensagem cristológica, organizada com maestria por Lucas.<sup>21</sup>

A breve introdução narrativa (vv. 26-27) insere o leitor no ambiente simples e cotidiano de uma pequena cidade (Nazaré), que se contrapõe ao ambiente religioso do Templo descrito no episódio anterior (Lc 1,8-9). A descrição da personagem, embora muito breve, insere o leitor no horizonte das expectativas messiânico-davídicas, mas acrescenta algo inesperado, ao enfatizar a origem humilde de Maria. A ausência de qualquer menção de pedido ou oração por parte de Maria ressalta a absoluta iniciativa divina e o modo de Deus agir.<sup>22</sup>

A dinâmica da narrativa direciona a atenção do leitor para o diálogo entre o anjo e Maria, que constitui o centro de interesse da cena. O diálogo contém uma mensagem, que compreende duas partes: o anúncio do nascimento da criança (v. 31) e a apresentação de sua identidade e missão (vv. 32-33).<sup>23</sup> A promessa do nascimento de um filho (v. 31) dirigida a uma virgem (v. 27) faz alusão à profecia de Is 7,14.<sup>24</sup>

Na sequência da mensagem (vv. 32-33), a descrição de Jesus, inspirada em textos da Sagrada Escritura,<sup>25</sup> conduz o leitor a fazer reminiscência de personagens da história de Israel e, com isso, reconhecer no presente, a ação de Deus como cumprimento de suas promessas. Os títulos empregados são certamente atributos que descrevem o messianismo davídico conforme 2Sm 7, 9.13-14.16.<sup>26</sup> Com o título “Filho de Deus” ou “Filho do Altíssimo”, que, no Antigo Testamento, era uma atribuição metafórica que indicava uma particular relação com Deus, o narrador já anuncia a densidade e plenitude da revelação da filiação divina do v. 35, que será retomada na declaração de Jesus em Lc 2,49.<sup>27</sup>

<sup>20</sup> Estrutura tomada de MUÑOZ NIETO, *Tiempo de anuncio*, p. 334, com algumas modificações baseadas em VALENTINI, *Vangelo*, p. 91-129.

<sup>21</sup> SCHÜRMANN, *Il Vangelo*, p. 130. Segundo este autor, o anjo intervém três vezes, desvelando o mistério cada vez mais profundo da mensagem de Deus: a primeira intervenção (v. 28), prepara a segunda, que comunica a mensagem propriamente dita (vv. 30-33), e a terceira (vv. 35-37), esclarece e aprofunda a mensagem.

<sup>22</sup> COLERIDGE, *Nueva lectura*, p. 63.

<sup>23</sup> VALENTINI, *Vangelo*, p. 105.

<sup>24</sup> SCHÜRMANN, *Il Vangelo*, p. 137; segundo FITZMYER, *El evangelio*, t. II, p. 116, este relato, salvo algumas diferenças contextuais, se inspira no modelo veterotestamentário de anuncio e nascimento de personagem significativo (cf. Gn 16,11; Jz 13,3.5; Is 7,14).

<sup>25</sup> 1Cr 22,9s; Sl 2,7; 89,27-30; Is 9,5-6; 11,10; Jr 23,5; 33,15; Zc 3,8; 6,2

<sup>26</sup> VALENTINI, *Vangelo*, p. 107.

<sup>27</sup> VALENTINI, *Vangelo*, p. 109.



Na sequência do diálogo, a pergunta de Maria no v. 34 introduz a explicação do anjo a respeito do “como” acontecerá e, conseqüentemente, revela em sentido mais profundo a identidade de Jesus como “Filho de Deus” (v. 35).<sup>28</sup>

Na descrição da identidade do menino, há um salto qualitativo nos atributos “Santo” e “Filho de Deus” do v. 35. Estes atributos assinalam uma *nova realidade* na linha da progressão narrativa, que inclui a descida do Espírito Santo sobre Maria.<sup>29</sup> Há, pois, um paralelismo literário e progressivo entre “Grande e Filho do Altíssimo” (v. 32) e “Santo e Filho de Deus” (v. 35), que explica, na linha ascendente da narrativa, a nova realidade na história da salvação inaugurada com a descida do Espírito Santo sobre Maria.<sup>30</sup> A visita definitiva de Deus se realizará mediante a vinda do Messias, que é o Filho de Deus. Ao descrever, pois, o modo como acontecerá a concepção, com a descida do Espírito Santo, o texto nos indica um leitor conhecedor da tradição cristã acerca da origem de Jesus, formada a partir da concepção bíblica acerca da filiação divina.

Os versículos 31-33.35 apresentam, portanto, os dois níveis da identidade messiânica de Jesus: descendente de Davi e Filho de Deus.<sup>31</sup> A denominação “Filho de Deus” expressa o sentido mais profundo da identidade de Jesus, confessada pela tradição cristã e retroprojetada para o momento da concepção virginal.<sup>32</sup> A revelação gradual da identidade messiânica de Jesus e de sua missão continuará nos episódios seguintes, assim como sua confirmação, mediante o reconhecimento e a proclamação das personagens.

O v. 36 introduz no diálogo a notícia da concepção de Isabel, sinal e garantia de que a maternidade virginal de Maria é possível para Deus.<sup>33</sup> E a última palavra do anjo (v. 37), retomada de Gn 18,14 (LXX), garante a eficácia da palavra anunciada.<sup>34</sup> A esta palavra responde Maria com sua adesão de fé e total abandono ao plano divino.<sup>35</sup>

<sup>28</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 111.

<sup>29</sup> ESCUDERO FREIRE, Devolver el evangelio, p. 69.

<sup>30</sup> ESCUDERO FREIRE, Devolver el evangelio, p. 70; BROWN, El nacimiento, p. 322, afirma: “A ação do Espírito Santo e a força do Altíssimo não descem sobre o rei davídico, mas sobre sua mãe. Não se trata, portanto, da adoção filial de um descendente de Davi, mas da geração do Filho de Deus no ventre de Maria pelo Espírito criador”.

<sup>31</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 121. Ele afirma: “É verdade que em Lucas – como em geral no Antigo Testamento e na tradição bíblica – o título ‘Filho de Deus’ é um apelativo messiânico (cf. Lc 4,34.41; At 9,20.22), mas é também expressão privilegiada da relação misteriosa de Jesus com o Pai, desconhecida pelos homens: Lucas não põe nunca este título nos lábios de homens – a diferença do que acontece em Mt 14,33; 16,16; 27,40.43.54; Mc 15,39 – mas é proferido só pelo Pai (Lc 3,22; 9,35), por um anjo (Lc 1,35), por espíritos malignos (Lc 4,3.9.41; 8,28) e por Jesus mesmo (Lc 10,22; 22,70).”

<sup>32</sup> ALETTI, Il Gesù, p. 48; BROWN, El nacimiento, p. 323; VALENTINI, Vangelo, p. 116.

<sup>33</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 122.

<sup>34</sup> A ligação entre os trechos é muito estreita: Gn 18,14: μη ἀδυνατεῖ παρὰ τῷ θεῷ ῥῆμα // Lc 1,37: ὅτι οὐκ ἀδυνατήσει παρὰ τοῦ θεοῦ πᾶν ῥῆμα.

<sup>35</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 126. “O verbo optativo em forma passiva *gēnoito* sublinha mais uma vez a ação do sujeito divino e a atividade receptiva de Maria” (p. 125).

Na cena seguinte, a do encontro de Isabel com Maria, será proclamado em alta voz o cumprimento da promessa de salvação como reconhecimento dos sinais da visita de Deus. E, em Maria, o leitor se depara com o modelo do crente, capacitado a reconhecer os sinais da visita de Deus ao seu povo.

#### **2.1.4 A visitação (Lc 1,39-56)**

A revelação progressiva da identidade e missão de Jesus avança mais uma etapa. Na visitação, a revelação não será feita pela mediação do anjo, mas pela ação do Espírito, que conduz as personagens Isabel e Maria à correta interpretação dos sinais de Deus e a colher os frutos do reconhecimento da salvação que se concretiza na vinda do Senhor. Este episódio, inserido imediatamente depois das duas anunciações, adquire a função de interpretação dos eventos narrados, pois sua função narrativa consiste em estabelecer a convergência entre fé e interpretação.<sup>36</sup>

O episódio da visitação narra o encontro entre as duas mães, que resulta numa explosão de alegria e louvor a Deus (Lc 1,39-56): Maria se dirige à montanha da Judeia (v. 39), chega à casa de Zacarias e saúda Isabel (v. 40); a saudação causa efeitos (vv. 41-42a), que levam Isabel a reconhecer Maria “mãe do meu Senhor” (vv. 42b-45), o que, por sua vez, provoca a resposta de Maria em forma de louvor a Deus (vv. 46-55). O relato se conclui com a permanência de Maria por três meses (v. 56a) e, depois, seu retorno a Nazaré (v. 56b).<sup>37</sup>

Seguindo a sequência das afirmações cristológicas, nas vozes das personagens Maria e Isabel, são apresentados os sinais da visita de Deus e os meios de reconhecimento. E, nesse processo de reconhecimento, Maria adquire papel fundamental enquanto modelo de fé.

Louvor e proclamação são inseridos no quadro narrativo do encontro (Lc 1,39-45.56), cuja ações de Maria e, conseqüentemente, de Isabel são postas em primeiro plano mediante verbos aoristos. Nos vv. 39-40, Maria é sujeito dos três verbos principais – πορεύω, εἰσέρχομαι, ἀσπάζομαι – o que evidencia seu protagonismo na narrativa. A destinatária de suas ações é Isabel, que logo responde à saudação com o reconhecimento de Maria como “mãe do meu Senhor”.

O καὶ ἐγένετο, seguido da conjunção subordinada ὥς, insere as reações de Isabel e da criança em seu ventre à saudação de Maria, numa estreita relação de causa e efeito. A

<sup>36</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 79.

<sup>37</sup> A organização do trecho foi baseada em MUÑOZ NIETO, Tiempo de anuncio, p. 138, com algumas modificações para simplificar a estrutura do texto.

importância do evento é enfatizada pelo emprego de dois verbos em aoristo, ἀκούω, referido à Isabel, e σκιρτάω, relacionado à criança. As duas orações subordinadas: “Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança pulou de alegria em seu ventre” (v. 41ab), apresentam a íntima relação entre o “ouvir” e o “saltar” preparando, na sequência, o efeito da saudação: “e Isabel ficou plena do Espírito Santo, e exclamou com um grito forte e disse” (vv. 41c.42a).

A resposta de Isabel à saudação de Maria evidencia uma dupla proclamação: a maternidade de Maria por sua fé e a celebração da salvação em Cristo (Lc 1,42b-45).<sup>38</sup> Cheia do Espírito, ela proclama o cumprimento das promessas de salvação que se realizarão em Jesus, o Senhor. A bênção de Isabel (inspirada na bênção de Jt 13,18) e o salto de regozijo da criança têm caráter messiânico.<sup>39</sup> A descrição da reação da criança no ventre de Isabel ao ouvir a saudação de Maria retoma o que foi anunciado a Zacarias pela voz do anjo: “e será pleno do Espírito Santo já desde o ventre dela” (Lc 1,15c).

No discurso de Isabel, o título “Senhor”, atribuído à criança que irá nascer de Maria, alude ao Sl 110,1, relacionando o título “Senhor” referido a Deus (v. 45) ao Messias (v. 43) numa única proclamação em que se reconhece Maria como “a mãe do meu Senhor”.<sup>40</sup>

No v. 45, a atenção passa de Maria para a terceira pessoa, indicando um auditório mais amplo, incluindo o leitor, no qual se proclama “bem-aventurada aquela que creu”, apresentando Maria como paradigma da fé na promessa divina.<sup>41</sup> A preposição ὅτι tem função declarativa, pois insere o conteúdo da fé de Maria: o cumprimento da Palavra de Deus.<sup>42</sup> Este sentido é confirmado no início do cântico de Maria (Lc 1,46-49). O v. 45 também faz a ligação entre a cena da visitação e a da anunciação, pois recolhe sumariamente o que Gabriel anunciou a Maria em Lc 1,30-33.<sup>43</sup>

Em continuidade à cena, o hino de louvor proferido por Maria constitui a resposta humana do reconhecimento da ação de Deus, que realiza maravilhas.<sup>44</sup> Esta proclamação começa numa dimensão pessoal e se amplia a “todas as gerações”.<sup>45</sup> No *Magnificat* fala-se somente de Deus e sua ação na história, embora Jesus tenha sido mencionado, de forma indireta,

<sup>38</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 140.

<sup>39</sup> ESCUDERO FREIRE, Devolver el evangelio, p. 178-79: A bênção foi inspirada na bênção de Jt 13,18, embora exista em Gn 14,19 uma fórmula semelhante. Quanto ao salto de regozijo de João, este manifesta o reconhecimento daquele de quem será o precursor.

<sup>40</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 90; Segundo ESCUDERO FREIRE, Devolver el evangelio, p. 175, o ponto culminante da perícopa seria a proclamação da maternidade de Maria como mãe do Messias (v. 42) e mãe do Senhor (v. 43), Messias transcendente. O título Senhor se aplica tanto a Iahweh (v. 45) quanto a Jesus (v. 43).

<sup>41</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 89.

<sup>42</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 147.

<sup>43</sup> ESCUDERO FREIRE, Devolver el evangelio, p. 179.

<sup>44</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 91.

<sup>45</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 92.

na declaração de Isabel sobre a maternidade de Maria.<sup>46</sup> Inserido no contexto da visita, o hino do *Magnificat* pretende ser, pois, a resposta humana à ação de Deus na história, que reconhece sua visita definitiva na vinda dessa criança que irá nascer.

O hino desenvolve duas temáticas: a da salvação de Deus que atua mediante seu poder exercido em favor de uma pessoa (vv. 46b-49); e a da santidade de Deus que se manifesta na sua misericórdia perdurável, que envolve não apenas uma pessoa, mas todas as gerações (vv. 49b-55).<sup>47</sup> Os vv. 51-54a desenvolvem a imagem do poder de Deus que se concretiza na carne humana, em favor de uns e detrimento de outros. O termo “misericórdia”, posto no início (v. 50a) e no final (v. 55) dessa descrição, objetiva definir o poder de Deus como um poder guiado pela misericórdia.<sup>48</sup>

O poder ilimitado de Deus assegura o que foi prometido e a misericórdia sem falta garante que a ação divina alcançará todas as pessoas de todos os tempos.<sup>49</sup> O hino conclui-se com a menção a Abraão e sua descendência, o que implica que a intervenção salvífica de Deus não ficou apenas no passado, mas alcança todos os que partilham a mesma fé, à semelhança de Maria, no poder e na misericórdia de Deus.<sup>50</sup>

Essa misericórdia, cantada no hino, é a manifestação concreta da salvação de Deus que interveio na história de seu povo para libertá-lo, começando com o êxodo, e concluindo com a libertação definitiva que se inicia com a vinda do Cristo.<sup>51</sup> Assim, a visita de Deus, concretizada em atos de libertação na história do povo de Israel, é celebrada por Maria, que personifica não apenas o povo de Israel (v. 54), mas todos os que creem e se alegram em Deus pela salvação messiânica que se vislumbra com a chegada do Messias.<sup>52</sup> O v. 56 conclui o episódio e insere o leitor no episódio seguinte, o nascimento de João.

---

<sup>46</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 92.

<sup>47</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 94-95.

<sup>48</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 96.

<sup>49</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 96.

<sup>50</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 97; ESCUDERO FREIRE, Devolver el evangelio, p. 195, afirma: “A fé de Abraão dá origem à história da salvação. A fé de Maria (1,38) origina *um novo começo*: a etapa definitiva em que a descendência de Abraão recolhe o fruto das promessas, o Messias”.

<sup>51</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 162.

<sup>52</sup> ESCUDERO FREIRE, Devolver el evangelio, p. 197.

### 2.1.5 Nascimento de João, circuncisão e imposição do nome (Lc 1,57-80)

Com este episódio, a primeira seção do relato da infância (Lc 1,5-80) chega ao seu ponto final, pois grande parte do que foi prometido nos episódios anteriores se cumpre agora e, por isso, também funciona como transição à segunda seção (Lc 2,1-40).<sup>53</sup>

No relato do nascimento de João é destacado, em poucos versículos (vv. 57-58), o cumprimento da promessa anunciada pelo anjo Gabriel a Zacarias (Lc 1,13-14). A brevidade com que é tratado o nascimento de João indica que a centralidade do relato não está tanto no fato, mas na reação das pessoas diante do nascimento de João.<sup>54</sup> Tal reação provocará questionamentos a respeito do menino, que serão respondidos por Zacarias mediante uma profecia. A atenção do leitor se volta, assim, para a proclamação de Zacarias como resposta aos eventos narrados. Nessa perspectiva, a cena apresenta a seguinte estrutura: vv. 57-58: breve notícia do nascimento; vv. 59-66: circuncisão e imposição do nome; vv. 68-79: o cântico *Benedictus*; v. 80: sumário de crescimento.<sup>55</sup>

O verbo γεννάω, empregado para narrar o nascimento de João (v. 57), é o mesmo usado anteriormente na anunciação (Lc 1,13), assinalando que a promessa feita a Zacarias se cumpriu agora. O v. 58, ao relatar o cumprimento do que foi predito em Lc 1,14 e 1,25, ressalta a reação dos vizinhos e parentes de Isabel diante do que Deus fez por ela.

Em seguida, a atenção do leitor é direcionada para o relato da circuncisão (vv. 59-66), inserida pela construção temporal “καὶ ἐγένετο ἐν τῇ ἡμέρᾳ τῇ ὀγδόῃ” (v. 59a), contexto comunicativo no qual será inserida a reação das personagens ao reconhecerem os sinais da visita de Deus. No relato da circuncisão e imposição do nome são narrados acontecimentos extraordinários – o nome “João” dado pelo anjo (Lc 1,13) é confirmado por Isabel (v. 60), sem qualquer indicação de que Zacarias tenha comunicado isso a ela, a confirmação de Zacarias ao ser-lhe perguntado (v. 63) e a consequente soltura de sua língua, levando-o a bendizer a Deus (v. 64). Esses eventos pedem uma explicação, que será dada por Zacarias em forma de louvor e profecia.

Os acontecimentos em torno do nascimento de João causaram “temor” em todos os vizinhos e a notícia de “todas estas coisas” percorria a região montanhosa da Judeia (v. 65). Assim, o que fora dito a Zacarias pelo anjo é, agora, revelado a todos por meio de fatos

<sup>53</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 105-106.

<sup>54</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 108.

<sup>55</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 212.

excepcionais que produzem o maravilhar-se dos vizinhos e parentes.<sup>56</sup> Tais eventos se espalham pela região e levam todos a se perguntarem, no íntimo, sobre o menino (v. 66), preparando, assim, a inserção do *Benedictus* (vv. 67-79).

O v. 67 introduz o cântico como resposta de Zacarias, e mediante a expressão “cheio do Espírito Santo” e o verbo “profetizou”, o narrador enfatiza o caráter divino da revelação feita por Zacarias.

O *Benedictus*, expressão do louvor a Deus, interpreta os acontecimentos narrados – nascimento, circuncisão e imposição do nome a João –, como cumprimento do que foi anunciado no início do Relato da Infância, que se insere no movimento mais amplo de promessa e cumprimento, ou seja, promessa de salvação feita a Israel no passado, que se cumpre no presente, mediante a visita de Deus, que suscita uma força salvadora, através do Messias triunfante da casa de Davi.<sup>57</sup>

A dinâmica do cântico apresenta, nos vv. 68-69, o louvor a Deus e sua motivação: a visita de Deus, a redenção de seu povo, o fato de ter suscitado um salvador poderoso por meio do qual Deus realizou a salvação.<sup>58</sup> E, na sequência, o cântico proclama a visita de Deus mediante uma interpretação analéptica (vv. 70-75) e proléptica (vv. 76-79) do modo como esta visita acontecerá.<sup>59</sup> A interpretação profética do como da visita de Deus (vv. 70-75) começa olhando para o passado, para compreender o que Deus está fazendo agora e o que fará no futuro,<sup>60</sup> apresentando a intervenção salvífica de Deus em Cristo como cumprimento da palavra divina expressa pelos profetas, sinal da fidelidade de Deus às suas promessas.<sup>61</sup> A obra do Messias é descrita com a linguagem tradicional do êxodo, mas aplicado à realidade nova da libertação messiânica na perspectiva lucana.<sup>62</sup>

Os vv. 76 e 79 passam, agora, a delinear o futuro do menino e de sua missão na história da salvação. Zacarias se dirige para o futuro, para a figura do João, que posto entre os profetas, terá o papel de anunciar e interpretar a visita de Deus a seu povo através do Messias davídico, que outorgará a salvação em forma de perdão dos pecados (v. 77).<sup>63</sup> Em seguida, Zacarias volta-se para a imagem do Messias como “sol que nasce do alto” (v. 78), como uma luz que expulsa a sombra (v. 79), que substitui a imagem do “poder” (v. 69) que expulsa os inimigos (v. 71).<sup>64</sup>

<sup>56</sup> BROWN, El nacimiento, p. 392.

<sup>57</sup> BROWN, El nacimiento, p. 391.

<sup>58</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 124; VALENTINI, Vangelo, p. 229.

<sup>59</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 125.

<sup>60</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 125.

<sup>61</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 228.

<sup>62</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 229; cf. Sl 17,18; 105,10 (LXX).

<sup>63</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 126.

<sup>64</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 127.

O cântico do *Benedictus* revela ao leitor não apenas o “como” da visita de Deus, mas o papel de João Batista no processo de reconhecimento dessa visita, que consistirá em “preparar o caminho a Deus dispondo o povo para passar de uma ideia da salvação messiânica como fruto de uma vitória militar à noção da salvação messiânica como fruto do perdão com que se inicia caminhada até a paz”.<sup>65</sup>

O cântico do *Benedictus*, posto no contexto do nascimento, circuncisão e imposição do nome a João tem, pois, duas finalidades: com a *eulogia* (vv. 68-75), pretende bendizer a Deus (v. 64) por sua visita que traz libertação a Israel; com a profecia (vv. 76-79), responder à multidão a respeito desse menino que acaba de nascer (v. 66).<sup>66</sup> E, nessa dupla finalidade, o leitor faz memória do passado, no qual o mesmo Deus operou redenção, fez surgir no presente a salvação e, por causa da sua misericórdia, visitará o seu povo com a aurora do alto. O v. 80 conclui a narrativa com um sumário de crescimento que resume a vida de João Batista e antecipa seu futuro estilo de vida, ligando a infância à sua atuação pública em Lc 3,1-20.

### 2.1.6 Nascimento de Jesus, circuncisão e imposição do nome (Lc 2,1-21)

O contexto narrativo dos vv. 1-5 insere os fatos que irão acontecer na história universal, mediante a autoridade humana (César), que ordena um censo que abrange todo o mundo, levando José e Maria a Belém (vv. 1-5). Porém, a partir do v. 6, a autoridade divina começa a se manifestar, ao situar o nascimento de Jesus no “tempo completado para o parto” (vv. 6-7). Assim, Lucas põe a autoridade humana a serviço da autoridade divina na condução da história.<sup>67</sup>

O nascimento de Jesus é narrado brevemente nos vv. 6-7, cujas circunstâncias exigirão uma interpretação adequada (vv. 10-11). Nada é dito sobre as reações de Maria e José, simplesmente é descrito que ela “o envolveu em faixas e o deitou em uma manjedoura...” (v. 7bc), uma atitude um tanto banal à primeira vista, sabendo o leitor a importância desse menino.<sup>68</sup> O nascimento de Jesus é descrito como uma história ordinária, sem intervenções espetaculares. A pobreza do local e as circunstâncias do nascimento pedem por uma interpretação, que será dada pela iniciativa divina.<sup>69</sup>

<sup>65</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 128.

<sup>66</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 221.

<sup>67</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 137-140.

<sup>68</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 141.

<sup>69</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 143.

Os destinatários da revelação divina são os pastores (v. 8), a quem o anjo do Senhor (v. 9) anunciará o nascimento e interpretará as estranhas circunstâncias que rodearam esse evento.<sup>70</sup> A aparição da “glória do Senhor” (v. 9b) indica o início do cumprimento da profecia de Lc 1,78b-79a, e o fato de que a presença de Deus se faz mais notória.<sup>71</sup> A atenção do narrador está não apenas na interpretação do nascimento e de suas circunstâncias, mas também na reação dos pastores ante tal interpretação.<sup>72</sup>

O anúncio é introduzido pela expressão ἰδοὺ γὰρ (v. 10c), que direciona a atenção do leitor para o que será anunciado acerca do evento ocorrido em Belém, que logo será verificado pelos ouvintes. A interpretação é dada mediante a mensagem divina e indicação de um sinal (vv. 10b-12). A mensagem, inicialmente feita aos pastores, se amplia a todo o povo, e o seu conteúdo – o nascimento de um “Salvador” e a sua universalidade – constitui verdadeira “boa notícia”. E, mediante o título “Salvador”, associado a “Cristo” e “Senhor”, a identidade e missão de Jesus são definidas.<sup>73</sup>

A proclamação de Jesus como “Salvador” (v. 11) retoma o que foi dito por Maria em Lc 1,47, sobre a ação salvífica de Deus na história de Israel, e por Zacarias em Lc 1,69, que celebra a Deus que “fez surgir um chifre de salvação” (Lc 1,69).<sup>74</sup> Assim, o título de “salvador” referido a Deus e a um poder salvador suscitado por ele, converge para Jesus, apresentando-o como salvador e fonte de paz. Esse título era também referido a César, mas ao unir os títulos “Senhor” e “Salvador” em Jesus, a questão se centra no modo como se deve entender a salvação e a paz e como se fazem realidade: no *Benedictus* foi dito que a paz de Deus é fruto do perdão.<sup>75</sup> Assim, o verdadeiro Salvador é o Messias prometido da casa de Davi que acaba de nascer, que trará a paz mediante o perdão dos pecados.

A denominação “Cristo Senhor”, empregado aqui por Lucas, identifica o Messias davídico com o próprio Deus, que suscita a salvação.<sup>76</sup> Lucas, insiste, pois, tanto no senhorio de Jesus quanto em sua missão de salvação.<sup>77</sup>

<sup>70</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 144.

<sup>71</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 145.

<sup>72</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 145.

<sup>73</sup> Segundo BROWN, El nacimiento, p. 444, são títulos tomados do querigma cristão.

<sup>74</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 147.

<sup>75</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 147: “Como porta voz do céu, o anjo esclarece que não só o nascimento, mas também suas circunstâncias são produzidas tal como Deus quis”.

<sup>76</sup> “Cristo” e “Senhor” são dois títulos herdados por Lucas da antiga comunidade judeu-cristã da Palestina anterior a ele (FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 204). O duplice título *Christòs Kúrios*, referido ao primeiro discurso de Pedro em Pentecostes (At 2,36), segundo o qual Jesus foi constituído por Deus Senhor e Cristo – *Kúrion autón kai Christòn epoiēsen ho Theós* – na ressurreição, é projetado para o momento do nascimento de Jesus (cf. VALENTINI, Vangelo, p. 265).

<sup>77</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 264.



A mensagem do anjo continua agora apresentando o sinal do reconhecimento. O nascimento do menino em um presépio poderia parecer um infortúnio (v. 7), mas pelo anúncio do anjo é apresentado como realização do desígnio divino (v. 12).<sup>78</sup> Tais circunstâncias visam transformar a mentalidade das personagens a respeito das expectativas messiânicas: da imagem de um Messias davídico poderoso para a de um servo.<sup>79</sup>

Nos vv. 13-14, o coro dos anjos tem função interpretativa, indicando que o efeito do anúncio do nascimento une céu e terra num único louvor: “glória a Deus no céu e paz na terra...”. O coro se dirige a Deus, porém fixa a atenção no efeito terreno da ação divina, que é descrito como ‘paz’.<sup>80</sup> Essa paz, como efeito do reconhecimento de que Deus cumpriu sua promessa, já apareceu em Lc 1,79 e reaparecerá em Lc 2,29.<sup>81</sup> Na proclamação: “e sobre a terra paz entre os homens de seu agrado” ou seja, os destinatários de seu beneplácito, há um universalismo implícito, com o qual se amplia o alcance da ação de Deus e as possibilidades do reconhecimento por parte de todos os homens.<sup>82</sup>

Os vv. 15-20 narram o acolhimento da mensagem por parte dos pastores e a pronta disposição para verificar o que foi anunciado pelo anjo. “O narrador faz que os pastores se ponham em marcha a fim de reforçar o que vem assinalado desde os primeiros episódios, que a fé é o que põe em marcha a ação, e para fazer uma proposta nova, que a fé é o que outorga a visão.”<sup>83</sup>

Os pastores, ao chegarem ao local indicado pelo anjo, encontram José e Maria e o menino deitado na manjedoura. Os pastores não presenciaram o fato do nascimento, apenas sua interpretação mediante a mensagem do anjo e, agora, a anunciam aos pais que desconhecem a interpretação. Os pastores, ao contarem tudo o que lhes foi anunciado pelo anjo, assumem o lugar dos anjos, que interpretam acontecimento tão desconcertante.<sup>84</sup> Assim, a atenção do leitor é deslocada do fato do nascimento à resposta humana a este evento e à revelação de seu significado.<sup>85</sup>

Na sequência, após o encontro dos pastores com os pais de Jesus e a verificação do sinal, o narrador informa, à semelhança do relato do nascimento de João Batista, que “todos os que

<sup>78</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 149.

<sup>79</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 149. Essa mudança de perspectiva acompanhará o discurso de João Batista a respeito do Messias.

<sup>80</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 150.

<sup>81</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 150.

<sup>82</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 151.

<sup>83</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 153; segundo BROWN, El nacimiento, p. 447, “Lucas utiliza este cumprimento do sinal angélico e esta verificação da boa nova angélica a todo o povo, para introduzir as diferentes reações dos grupos que rodeiam o presépio (18-20)”.

<sup>84</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 154.

<sup>85</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 155.

ouviram maravilharam-se a respeito das coisas faladas pelos pastores para eles” (v. 18). E, introduzindo uma adversativa (δὲ), informa que somente Maria “guardava todos estes acontecimentos meditando-os em seu coração” (v. 19). Sua reação ante os acontecimentos é descrita logo após as reações dos que ouviam com admiração (v. 18).

A reação de Maria implica um aprofundamento da revelação divina que ainda não está clara. Esta atitude está em consonância com a figura de Maria delineada por Lucas na Narrativa da Infância. “Precisamente porque Lucas a descreve no ministério como crente e discípula, tem que apresentá-la aprofundando no significado dos acontecimentos que tiveram lugar e do sinal concedido”.<sup>86</sup> Desse modo, Lucas antecipa a atitude que deverá tomar os discípulos para reconhecer os sinais da visita de Deus em Jesus. Atitude essa que será louvada por Jesus em seu ministério: “ditosos os que ouvem a palavra de Deus e a guardam...” (Lc 11,28).<sup>87</sup>

A narrativa se conclui com a informação de que os pastores retornaram a Belém louvando a Deus (v. 20).<sup>88</sup> Na sequência, a breve narrativa da circuncisão de Jesus e imposição do nome (Lc 2,21) faz a ponte entre o nascimento de Jesus (Lc 2,1-20) e a apresentação no Templo (Lc 2,22-40), concluindo, assim, o paralelismo entre João e Jesus.<sup>89</sup>

### **2.1.7 Apresentação de Jesus no Templo (Lc 2,22-40)**

O episódio da apresentação de Jesus no Templo ocupa importância excepcional no relato da infância, pois a progressiva revelação da identidade messiânica de Jesus nos episódios passados encontra, aqui, um notável aprofundamento do mistério de Cristo e da sua missão salvífica.<sup>90</sup> A subida dos pais com o menino para a cidade santa em cumprimento de preceitos rituais está em função do interesse narrativo da perícopre: o reconhecimento do menino Jesus como “o Messias do Senhor, a salvação preparada diante de todos os povos, a luz para a

---

<sup>86</sup> BROWN, El nacimiento, p. 449.

<sup>87</sup> BROWN, El nacimiento, p. 451.

<sup>88</sup> BROWN, El nacimiento, p. 448, os pastores compreendem os fatos no momento em que conectam o que ouviram (v. 15) ao que viram (v. 17). Retornam ao seu rebanho sem dizer nada a ninguém, mas louvando e glorificando a Deus que realiza grandes coisas. Eles são, portanto, os precursores dos futuros crentes que louvarão a Deus pelo que ouviram e glorificarão pelo que vão ver.

<sup>89</sup> BROWN, El nacimiento, p. 451 afirma: “O triplice uso da expressão “chegou o tempo” em 2,6 (“do parto”), em 2,21 (“de circuncidar o menino”) e em 2,22 (“de que se purificasse”) é indício de um esquema cuidadosamente planejado pelo autor do conjunto, de modo que a circuncisão serve de ponte cronológica (oitavo dia) entre o nascimento e a purificação\purificação (quarenta dias depois do nascimento, que não se menciona)”.

<sup>90</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 280

revelação dos gentios e a glória do povo de Israel, posto para a queda e o levantamento de muitos em Israel, sinal de contradição e o resgatador de Jerusalém”.<sup>91</sup>

Após os versículos iniciais (22-24), que apresentam o local e as circunstâncias da narrativa, a perícope é estruturada em duas partes: descrição do personagem Simeão e seu comportamento, acolhimento do menino seguido de um cântico a Deus e um oráculo relacionado ao futuro da criança (vv. 25-35); apresentação da profetisa Ana e seu testemunho acerca do menino (vv. 36-38). O v. 39 conclui o trecho com o retorno dos pais a Nazaré e o v. 40 encerra, com um sumário de crescimento, toda a seção dedicada ao nascimento e apresentação de Jesus (Lc 2,1-40).<sup>92</sup>

Nas duas partes que compõem o relato da apresentação de Jesus (vv. 25-35 e 36-38), as declarações das personagens oferecem ao leitor alguns elementos já mencionados anteriormente e que serão aprofundados à luz de novos traços apresentados. Assim, as revelações acerca da identidade messiânica de Jesus e de sua missão se fazem mais profundas e esclarecedoras e preparam o leitor para a última etapa desse processo de reconhecimento, no qual o próprio Jesus será intérprete dos fatos narrados (Lc 2,41-52).

A primeira revelação é feita por Simeão, personagem descrito como justo e piedoso, que aguarda o cumprimento da promessa de que veria a salvação de Deus (vv. 25-26). Ele é conduzido ao Templo pelo Espírito, onde se cumpre o prometido a ele, que não apenas vê a salvação, mas a toma em seus braços e bendiz a Deus (vv. 27-28), mediante um cântico (*Nunc dimittis*), contendo uma afirmação *eulógica* (v. 29), seguida das suas motivações (vv. 30-32).<sup>93</sup>

O conteúdo desse cântico acentua o cumprimento da promessa de Deus e o reconhecimento da salvação prometida e esperada pelo povo, que se concretiza na criança que Simeão toma nos braços. A salvação preparada por Deus, manifestada em Jesus, ultrapassa os limites de Israel para alcançar a todos os povos, “luz para revelação dos gentios e glória do teu povo, Israel” (Lc 2,32).<sup>94</sup> A dimensão universal da salvação de Deus realizada por Jesus já foi anunciada anteriormente, no *Benedictus* (Lc 1,79),<sup>95</sup> mas aqui se amplia notavelmente, porque

<sup>91</sup> NEF ULLOA, Boris Agustín. *A apresentação de Jesus no Templo* (Lc 2,22-39): o testemunho profético de Simeão e Ana como ícone da história da salvação. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 165.

<sup>92</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 282.

<sup>93</sup> ALETTI, Il Gesù, p. 61.

<sup>94</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 298, afirma: “A luz para a revelação dos gentios alude ao segundo Isaías, segundo o qual o servo é feito por Deus luz das nações para levar a salvação até a extremidade da terra (Is 49,6), um motivo característico do universalismo da salvação segundo Lucas, sublinhado em particular nos Atos dos Apóstolos (cf. At 1,8; 13,47)”.

<sup>95</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 244. “A luz proveniente da revelação do *anatolê* retoma o Sl 107,10, mas em particular Is 9,1, onde se fala daqueles que caminhavam nas trevas, para os quais ‘uma luz refulge’, e Is 42,7 no qual o servo é apresentado como luz das nações, para abrir os olhos dos cegos e fazer sair aqueles que habitam nas trevas”.

Israel não é mais o único destinatário da salvação escatológica, perspectiva já delineada em Is 49,6.<sup>96</sup>

A revelação proferida por Simeão adquire não apenas o caráter de reconhecimento da ação de Deus realizada em Jesus, mas também de profecia a respeito do futuro reservado ao menino.<sup>97</sup> Simeão, após bendizer o menino e sua mãe, prediz o futuro de Jesus no que diz respeito à sua missão e destino (v. 34). No oráculo, a atenção se volta para as reações que a presença do Messias provocará nas pessoas e nas consequências dessas reações.<sup>98</sup> Maria, destinatária da segunda parte do oráculo, deverá lidar com a dor de ver seu filho rejeitado.<sup>99</sup> Ela é uma personagem paradigmática que na narrativa da infância encarna o processo de reconhecimento da visita de Deus.

A segunda revelação acerca do menino Jesus (vv. 36-38) é apresentada no testemunho de uma profetiza chamada Ana. Depois da descrição detalhada de Ana – sua descendência, idade e espiritualidade ligada ao Templo (vv. 36-37) –, o narrador descreve sua ação: “Aproximando-se” (v. 38a), e reação: “dava graças a Deus” (v. 38b); e o motivo da ação de graças: “e falava a respeito dele a todos os que aguardavam o resgate de Jerusalém” (v. 38).

O resgate, que Jerusalém esperava, diz respeito ao cumprimento escatológico da libertação de Jerusalém mediante pagamento de resgate, tema já mencionado no hino de Zacarias (Lc 1,68). Ana dá, pois, testemunho de Jesus como salvador escatológico, atestando, assim, o cumprimento da ação salvadora de Deus mediante seu enviado (v. 38).<sup>100</sup>

O v. 39, com o duplo motivo do cumprimento da Lei de Moisés, faz inclusão com o início (v. 22), que ressalta a fidelidade dos pais de Jesus à Lei do Senhor. Todas as afirmações acerca do menino, da sua identidade messiânica e missão, são proferidas no contexto de fidelidade e cumprimento da Lei mosaica que, no templo de Jerusalém, lugar escolhido por Deus para habitar no meio do seu povo, qualifica os testemunhos de Simeão e Ana como representantes da fé judaica que reconhecem em Jesus a realização da salvação divina.<sup>101</sup>

<sup>96</sup> ALETTI, Il Gesù, p. 62-63. “Este versículo não apenas retoma as profecias de Isaías, mas faz do messias/salvador uma figura universal, da qual depende a salvação de toda a humanidade”.

<sup>97</sup> ALETTI, Il Gesù, p. 60.

<sup>98</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 177; ALETTI, Il Gesù, p. 63, afirma: “a cristologia não é mais apenas reconhecimento e proclamação da identidade de Jesus como salvador, mas tornar-se um anúncio geral das condições nas quais Jesus exercerá a sua missão salvífica. Com esta profecia são esboçadas pela primeira vez, em grandes traços, as oposições e contestações das quais Jesus será o objeto: ele é a salvação e, todavia, em Israel nem todos o acolherão”.

<sup>99</sup> COLERIDGE, Nueva lectura, p. 181. “Ler a espada como uma metáfora do juízo é considerar Maria como intérprete, como alguém que se situa ante o sinal que é Jesus e certamente ante todos os sinais da ação de Deus no processo da interpretação”.

<sup>100</sup> NEF ULLOA, A apresentação, p. 222.

<sup>101</sup> NEF ULLOA, A apresentação, p. 159.

O v. 40 encerra toda a seção do nascimento (Lc 2,1-40), com um sumário de crescimento referente a Jesus, que prepara a cena seguinte (Lc 2,41-52), em que Jesus, agora na idade de doze anos, subirá novamente ao Templo com seus pais, onde sua identidade messiânica será manifestada mais uma vez.

O episódio da apresentação de Jesus no Templo retoma o motivo da salvação já mencionado anteriormente, no *Magnificat* (Lc 1,47), no *Benedictus* (Lc 1,71.77), no anúncio do anjo aos pastores (Lc 2,11) e no cântico de Simeão (Lc 2,30). A novidade do episódio está no fato de que as declarações cristológicas não são mais proferidas por anjos, mas por personagens humanos, que preparam, assim, a parte central do Evangelho lucano, a práxis.<sup>102</sup> O que foi revelado da identidade messiânica de Jesus e de sua missão na narrativa da infância, poderá ser verificada na sua atuação pública. O leitor que foi informado desde o início a esse respeito, é convidado a acompanhar esse processo junto aos personagens, para ver quem reconhece Jesus e como, e quem o rejeita e por quê.

### 2.1.8 Conclusão do percurso

O prólogo lucano revela um leitor que não é iniciante em sua caminhada de fé, mas conhecedor da tradição acerca de Jesus, que já recebeu os ensinamentos referentes à visita de Deus realizada em Jesus. É um cristão de cultura helenista, que tem consciência de que os ensinamentos recebidos estão fundados na tradição dos apóstolos. É um leitor que deve conferir na narrativa a confiabilidade do que lhe foi transmitido, não somente mediante a tradição, mas também no modo como foi construída a narração: uma acurada investigação, feita ordenadamente desde o início.

Assim, o leitor se prepara para seguir a narrativa desde sua origem, a começar pelo nascimento e infância de Jesus, esperando assim verificar na narrativa evangélica como Jesus manifesta, em atos e palavras, sua identidade messiânica, e de que modo realiza sua missão salvadora, compreendida como ação de Deus que visita o seu povo. E, na narrativa da infância, o autor apresenta os critérios para essa verificação.

A narrativa da infância propõe, pois, um percurso no qual se vai delineando o contexto comunicativo em que se revela a identidade messiânica de Jesus e sua missão universal. É um contexto marcado pelo ambiente religioso judaico, com forte acento aos preceitos da Lei e ao templo de Jerusalém, como lugar da manifestação divina. As personagens são apresentadas com

---

<sup>102</sup> ALETTI, Il Gesù, p. 64.

características que ressaltam sua religiosidade e fidelidade a Deus. Esperavam o cumprimento de suas expectativas de salvação.

A narrativa também apresenta outro contexto comunicativo, constituído por ambiente mais simples, seja de uma cidadezinha da Galileia, da região montanhosa da Judeia, da cidade de Belém. As personagens apresentadas nesse contexto, uma jovem mulher chamada Maria, sua prima Isabel, os pastores, chamam a atenção por sua simplicidade e humildade e, acima de tudo, sua abertura à revelação divina. Essas personagens já fazem o leitor entrever que tipo de pessoas acolhem a revelação divina e quais critérios são necessários para o reconhecimento de Jesus como enviado do Pai.

As reminiscências a personagens da história de Israel e as diversas alusões e citações bíblicas criam um contexto no qual as expectativas de salvação escatológica são cumpridas com a vinda do messias esperado. Os textos da Sagrada Escritura distribuídos ao longo da narrativa, seja nas alusões, na boca das personagens, em forma de mensagem, hino ou profecia, conduzem o leitor a reconhecer em Jesus a visita definitiva de Deus a seu povo, como continuidade da história da salvação. Também informa ao leitor que é somente a partir da leitura do passado de Israel, da história da gesta de Deus em prol do seu povo que se pode reconhecer, nos sinais apresentados, a salvação que se inicia com sua visita definitiva em Jesus, o Messias e Filho de Deus.

Assim, são delineados os critérios para que o leitor acompanhe, juntamente com as personagens, a revelação da identidade messiânica de Jesus, o enviado de Deus, bem como sua ação salvífica, que supera as expectativas messiânicas ligadas à casa de Davi. Nesse processo de revelação torna-se cada vez mais evidente por quais meios Deus salvará seu povo, que não se restringe apenas a Israel, mas a todas as nações (Lc 2,30-32).

As diversas afirmações sobre o menino, proferidas como reconhecimento da ação de Deus em cumprir sua promessa de salvação, conduzem o leitor a reconhecer, mais uma vez, no último episódio da sequência (Lc 2,41-52), a manifestação da identidade messiânica de Jesus e o teor de sua missão, contida em suas próprias palavras (cf. Lc 2,49), que desvelam o sentido de sua ação (cf. Lc 2,43.46). Identidade e missão estão intimamente relacionadas: “Jesus é o filho que veio realizar a vontade do Pai” e, para isso, supera as expectativas nacionalistas do seu povo (cf. Lc 2,47.48a).

Lucas propõe um percurso de leitura no qual os acontecimentos realizados em prol da salvação do povo de Israel se configuram como cumprimento da promessa de Deus, que se realiza com a vinda de Jesus, revelada pelas vozes angélicas (Lc 1,26-38 e 2,10-14), anunciada profeticamente por homens e mulheres inspirados (Lc 1,43; 2,28-35; 2,38) e, finalmente, pelo

próprio menino Jesus, que profere um dito revelador de sua identidade messiânica e missão (Lc 2,49).

## **2.2 Texto e contexto de Lc 2,41-52**

### **2.2.1 Demarcação e unidade**

A demarcação do início da perícopa de Lc 2,41-52 deve-se às seguintes indicações:

- 1) temporal (os pais iam todos os anos),
- 2) topográfica (Jerusalém),
- 3) circunstancial (festa da Páscoa).

Essas indicações marcam uma nova cena em relação à precedente (Lc 2,21-40), que narra a circuncisão do menino e sua apresentação ao Senhor.

Há, também, mudança de personagens (menino Jesus, seus pais, os mestres) em relação ao relato anterior (Jesus, os pais, Simeão e Ana) e à narrativa posterior (João, multidões, publicanos, soldados, Herodes; cf. Lc 3,2-10).

O texto de Lc 2,41-52 apresenta uma unidade orgânica, evidenciada pelos substantivos e verbos repetidos ou destacados no texto:

1) A cidade de Jerusalém é nomeada três vezes na narrativa (vv. 41.43.45). Juntamente com os verbos ἀναβαίνω (subo, v. 42), no início, e καταβαίνω (desço, v. 51), no final, a tríplice menção coloca essa cidade como cenário da narrativa.

2) Outro fator de unidade do texto está na repetição dos verbos ὑποστρέφω (retorno, vv. 43.45), εἰμί (estou, vv. 44.49), ἀνεζητέω (procuro, vv. 44.45), ζητέω (procuro, vv. 48.49), εὕρισκω (encontro, vv. 45.46). Estes verbos descrevem as ações das personagens na narrativa. A dinâmica da narração conduz a seu clímax no Templo, onde Jesus fala pela primeira vez, revelando o significado de seu agir.

## 2.2.2 Crítica textual

A perícope não apresenta muitos problemas de crítica textual.<sup>103</sup> O estudo do aparato crítico possibilita-nos identificar algumas variantes principais que influenciam o sentido do texto, embora não apresentem problemas relevantes à leitura.<sup>104</sup>

Em relação ao v. 41, alguns manuscritos substituem “οἱ γονεῖς αὐτοῦ” por “ὁ τε Ἰωσήφ καὶ ἡ Μαρία(μ)”. Essa substituição não se sustenta por carecer de testemunhas fortes, pois aparecem somente nos manuscritos latinos (it) e em um texto grego do séc. XI (1012). Trata-se, portanto, da correção do copista que quis harmonizar esse trecho com os anteriores.<sup>105</sup>

No v. 43, alguns manuscritos<sup>106</sup> substituem “ἔγνωσαν οἱ γονεῖς” por “ἔγνω Ἰωσήφ καὶ ἡ μήτηρ”. Levando em conta a quantidade e a qualidade dos manuscritos, os que atestam contra a substituição parecem ser os mais qualificados. Em relação às evidências internas, os critérios de texto mais curto e mais difícil parecem atestar que essa substituição não pode ser considerada original. É a opção do texto de Nestle-Aland. Esta conclusão é reforçada pelo sentido teológico da perícope. O termo οἱ γονεῖς (os pais) está mais condizente com a proposta lucana em querer evidenciar, no decorrer da perícope, quem é o verdadeiro “pai” de Jesus. Provavelmente, trata-se de substituição ou alteração proposital com motivação piedosa, cujo objetivo é evidenciar a concepção virginal.<sup>107</sup>

No v. 48, há duas variantes em relação à leitura “ἰδοὺ ὁ πατήρ σου κἀγώ” (eis, teu pai e eu). Alguns manuscritos<sup>108</sup> substituem por “ἰδοὺ οἱ συγγενεὶς καὶ ὁ πατήρ σου κἀγώ” (eis, os parentes e teu pai e eu), outros<sup>109</sup> simplesmente omitem o sujeito “ὁ πατήρ σου κἀγώ” (teu pai eu). No entanto, do ponto de vista externo, a maioria das testemunhas<sup>110</sup> depõe contra essa substituição, e uma avaliação interna nos leva a concluir que a substituição não condiz com a

<sup>103</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 278-291; PLUMMER, Alfred. *A critical and exegetical commentary on the Gospel according to St. Luke*. 10.ed. New York: Charles Scribner's Sons, 1914, p. 75.77, faz referência apenas a três termos: γονεῖς (2,41) e ζητοῦμεν (2,48) e ἐζητεῖτέ (2,49).

<sup>104</sup> Segundo NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 28.ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012, o texto de Lc 2,41-52 apresenta variantes em quase todos os versículos, alguns deles com até quatro leituras possíveis. Julgamos necessário analisar apenas as mais relevantes. ALAND, B. et al. (Ed). *O Novo Testamento Grego*. 4.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012 (baseado em *The Greek New Testament*. 4.ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2007), não apresenta em seu aparato crítico variantes para essa perícope.

<sup>105</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 278. Em alguns textos precedentes, os pais de Jesus são nomeados (cf. Lc 1,27; 2,4-5; 2,16).

<sup>106</sup> Os manuscritos são: A C K N Γ Δ Ψ 0130 f<sup>13</sup> 565 892 1424 2542 28 it (sy<sup>p,h</sup>) bo<sup>pt</sup>; Testemunhas contra a substituição: txt 8 B D L W Θ f<sup>2</sup> 33. 579. 1241 lat sy<sup>s,hmg</sup> sa bo<sup>pt</sup>. Cf. NESTLE-ALAND, *Novum Testamentum*.

<sup>107</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 282; cf. Lc 1,27.

<sup>108</sup> C<sup>vid</sup> (579) (β e sy<sup>h</sup>)

<sup>109</sup> Manuscritos da Vetus Latina: a b ff<sup>2</sup>

<sup>110</sup> Os manuscritos que conservam o sujeito “teu pai e eu”: 8<sup>2</sup> A C D K L N W Γ Δ Θ Ψ f<sup>1,13</sup> 33. 565. 579. 700. 892. 1241. 1424. 2542. 28 sy bo<sup>mss</sup>.



intenção lucana, que é a de contrapor os termos “teu pai e eu” (na boca de Maria) e “meu pai” (na boca de Jesus). A leitura “ἰδοὺ οἱ συγγενεὶς καὶ ὁ πατήρ σου κἀγώ” (v. 48) seria, pois, decorrente da tentativa de harmonização com o v. 44, em que o substantivo “συγγενῆς” é empregado. E o acréscimo de “οἱ συγγενεὶς” ao sintagma “ὁ πατήρ σου κἀγώ” seria desnecessário, uma vez que somente “os pais” retornaram a Jerusalém em busca do menino. Quanto à leitura que omite o sujeito “teu pai e eu”, não há testemunhas suficientemente fortes que sustentem essa opção.

A variante do v. 51, que omite o verbo “ἦλθεν” (e “desceu” para Nazaré), carece de testemunha fidedigna.<sup>111</sup>

### 2.2.3 Lc 2,41-52 no contexto de Lc 1-2

O evangelho da infância (Lc 1,5-2,52), inserido logo após o prólogo literário (Lc 1,1-4) constitui, segundo alguns autores, uma *ouverture*, uma introdução teológica de toda a obra lucana (Lc-At).<sup>112</sup> Nessa introdução são apresentados os principais temas a serem desenvolvidos na narrativa evangélica e nos Atos dos Apóstolos. Dentre os temas recorrentes na obra, o principal deles centra-se na cristologia. O Evangelho da Infância teria, assim, mediante a técnica da *synkrisis*,<sup>113</sup> o objetivo de apresentar a identidade messiânica de Jesus e sua missão como enviado de Deus para salvar o seu povo, com a inclusão dos gentios.<sup>114</sup>

Nessa perspectiva cristológica, duas figuras importantes na história da salvação são apresentadas de forma paralela: João e Jesus. Lucas organizou a apresentação paralela desses dois personagens em direção ascendente de importância, delineando, assim, a identidade de João como precursor e a de Jesus como Messias. Indícios literários nos levam a perceber uma divisão interna em três grandes seções, cada uma delas marcada por elos que assinalam o início e a conclusão de cada seção (Lc 1,5-80; 2,1-40; 2,41-52).<sup>115</sup>

<sup>111</sup> Testemunhas: D (uncial ocidental do séc. V) e versão copta alexandrina do séc. II (co).

<sup>112</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 17; segundo AUDET, J. P. Autour de la théologie de Luc I-II. *Science Ecclésiastique*, Montréal, v. 11, p. 412-413, 1959, Lc 1-2 teria a função de prefácio (*prooimia*), com o objetivo de preparar o leitor para compreender o corpo da obra. Tal prefácio foi concebido segundo o estilo clássico e helenístico; KARRIS, Il vangelo, p. 885, afirma que se trata de uma introdução ao Evangelho, na qual aparecem os principais temas lucanos, principalmente o da fidelidade de Deus à promessa.

<sup>113</sup> Por meio da *synkrisis* – termo que designa os paralelismos ou confrontos entre atores – Lucas narra progressivamente a diferença de condições, de vocação, entre João Batista e Jesus (ALETTI, J.-N. *Il racconto come teologia: studio narrativo del terzo Vangelo e del libro degli Atti degli Apostoli*. 2.ed. Bologna: Dehoniane, 2009, p. 74).

<sup>114</sup> RODRIGUES, O Cristo pós-pascal, p. 28.

<sup>115</sup> MUÑOZ NIETO, Tiempo de anuncio, p. 45.

Cada seção inicia-se da seguinte forma:

- Lc 1,5: **Ἐγένετο ἐν ταῖς ἡμέραις** Ἡρώδου βασιλέως τῆς Ἰουδαίας  
 ἱερεὺς τις ὀνόματι Ζαχαρίας ἐξ ἑφημερίας Ἀβιά,  
 καὶ γυνὴ αὐτῷ ἐκ τῶν θυγατέρων Ααρὼν καὶ τὸ ὄνομα αὐτῆς Ἑλισάβετ.  
 Lc 2,1-3: **Ἐγένετο δὲ ἐν ταῖς ἡμέραις ἐκείναις** ἐξῆλθεν δόγμα παρὰ Καίσαρος Αὐγούστου  
 ἀπογράφεσθαι πᾶσαν τὴν οἰκουμένην.  
 αὕτη ἀπογραφή πρώτη ἐγένετο ἡγεμονεύοντος τῆς Συρίας Κυρηνίου.  
**καὶ ἐπορεύοντο** πάντες ἀπογράφεσθαι, **ἕκαστος** εἰς τὴν ἑαυτοῦ πόλιν.  
 Lc 2,41: **Καὶ ἐπορεύοντο** οἱ γονεῖς αὐτοῦ **κατ' ἔτος** εἰς Ἱερουσαλὴμ τῇ ἑορτῇ τοῦ πάσχα.<sup>116</sup>

Os finais de cada seção:

- Lc 1,80: **Τὸ δὲ παιδίον ἠῤῥξανεν καὶ ἐκραταιοῦτο** πνεύματι,  
 καὶ ἦν ἐν ταῖς ἐρήμοις ἕως ἡμέρας ἀναδείξεως αὐτοῦ πρὸς τὸν Ἰσραήλ.  
 Lc 2,40: **Τὸ δὲ παιδίον ἠῤῥξανεν καὶ ἐκραταιοῦτο** πλησούμενον **σοφία,**  
**καὶ χάρις θεοῦ** ἦν ἐπ' αὐτό.  
 Lc 2,52: Καὶ Ἰησοῦς προέκοπτεν [ἐν τῇ] **σοφία** καὶ ἡλικία  
**καὶ χάριτι** παρὰ θεῷ καὶ ἀνθρώποις.<sup>117</sup>

O tema da religiosidade judaica, pontuado pela fidelidade à Lei e às tradições de Israel, o quadro geográfico que emoldura toda a narrativa, que começa e termina no templo de Jerusalém e as várias afirmações cristológicas demonstram que o evangelho da infância trata de um processo de revelação cristológica iniciado com o anúncio de João e culmina com o episódio de Jesus aos doze anos, no Templo.

Este último episódio (Lc 2,41-52) liga-se ao trecho imediatamente anterior (Lc 2,21-40) mediante alguns elementos que dão continuidade ao relato:

- A conjunção coordenativa καί (v. 41) liga esta nova cena à anterior, à qual foi encerrada com um sumário de crescimento (v. 40);
- A expressão οἱ γονεῖς αὐτοῦ (v. 41) faz referência ao τὸ παιδίον (v. 40), informando ao leitor que se trata dos pais do menino Jesus;
- A correspondência entre ἐπορεύοντο ... εἰς Ἱερουσαλὴμ (v. 41) e ἐπέστρεψαν εἰς τὴν Γαλιλαίαν εἰς ἑαυτῶν Ναζαρέθ (v. 39) indica que os pais sobem para Jerusalém desde Nazaré, para onde voltaram após cumprirem os preceitos da Lei (v. 40).<sup>118</sup>

No sumário a respeito do crescimento de Jesus em Lc 2,40 há dois motivos que serão retomados em Lc 2,41-52:

<sup>116</sup> MUÑOZ NIETO, Tiempo de anuncio, p. 44.

<sup>117</sup> MUÑOZ NIETO, Tiempo de anuncio, p. 41.

<sup>118</sup> O verbo ἐπορεύοντο, no imperfeito, significava “costumavam ir”: costume piedoso (segundo a Torá), completando os ritos religioso anteriormente mencionados. Esse pormenor realça ainda mais a continuidade entre os dois episódios.

- a. O v. 47 menciona a sabedoria de Jesus, na cena do menino entre os mestres (ἐξίσταντο δὲ πάντες οἱ ἀκούοντες αὐτοῦ ἐπὶ τῇ **συνέσει** καὶ ταῖς **ἀποκρίσεσιν** αὐτοῦ). O episódio anterior se encerra com o sumário (v. 40) que descreve o crescimento do menino, cheio de sabedoria (Τὸ δὲ παιδίον ἤϋξανεν καὶ ἐκραταιοῦτο πληρούμενον **σοφία**...);
- b. No v. 49c, as palavras de Jesus revelam sua relação com Deus, seu Pai (οὐκ ἤδειτε ὅτι ἐν **τοῖς τοῦ πατρὸς μου δεῖ εἶναί με**;). No v. 40, o sumário também afirma que a graça de Deus estava sobre Jesus (...καὶ **χάρις θεοῦ** ἦν ἐπ' αὐτό).

Há, portanto, uma continuidade narrativa entre Lc 1,5–2,40 e Lc 2,41-52. Este último episódio encerra a narrativa da infância, constituindo o clímax da apresentação de Jesus feita por personagens celestes e terrestres ao longo do Evangelho da Infância (cf. Lc 1,31-33.35; 1,69.1,78b-79; 2,11; 2,29-32). Neste último episódio da infância (Lc 2,41-52), a revelação da identidade messiânica de Jesus e de sua missão é proclamada por ele mesmo. A inserção de Lc 2,41-52 no final da narrativa da infância (Lc 1,5–2,40) teria uma dupla função: fazer a transição cronológica entre a infância e o ministério de Jesus e, em nível mais profundo, a transição entre a revelação sobre Jesus feita por diversos personagens e a revelação proclamada por ele mesmo.<sup>119</sup>

Em relação ao texto imediatamente posterior (Lc 3,1-20), não há indícios literários de ligação com o episódio no Templo (Lc 2,41-52), a não ser a menção à Galileia (Lc 3,1), onde está situada a cidade de Nazaré, local para onde Jesus voltou com os pais, no final da narrativa (Lc 2,51). É, pois, na Galileia onde se inicia a atividade pública de Jesus (Lc 4,14), quando este retorna do deserto (Lc 4,1-13), para onde se dirigiu logo após o seu batizado no Jordão (Lc 3,21-22).<sup>120</sup>

Do ponto de vista temático, Lc 3,1-20 constitui um novo começo na sequência, pois narra a atuação profética de João Batista, precursor do Messias. A figura de João Batista como precursor foi apresentada nos episódios que narraram sua anunciação e nascimento (Lc 1,5-25; 1,57-80).

<sup>119</sup> VALENTINI, La rivelazione, p. 265; BROWN, El nacimiento, p. 503.

<sup>120</sup> Embora a Galileia não seja mencionada no relato do batismo de Jesus (Lc 3,21-22), a localização na Galileia está subentendida na perícopa da atividade de João Batista (Lc 3,1-20), que prepara a aparição de Jesus – batismo, tentação no deserto e começo do ministério na Galileia (Lc 3,21-22; 4,1-13; 4,14-30). Mateus 3,1 diz “deserto da Judeia” – que é a Judeia no sentido estrito. Marcos 3,5 diz “a região da Judeia”, que pode ser a Judeia no sentido estrito ou toda a Palestina conforme a nomenclatura romana. Lc 3,3 diz “a região do Jordão”.

## 2.3 A coesão linguística de Lc 2,41-52

Nesse tópico pretende-se analisar o texto em questão a partir dos elementos formais, ou seja, a unidade do texto mediante sua articulação, os vários dispositivos de ordem lexical, gramatical, sintático etc., que nos possibilite compreender o tecido dos sinais textuais que veiculam a mensagem.

### 2.3.1 Distribuição da comunicação

A estruturação de Lc 2,41-52 não seguirá, neste estudo, a divisão geralmente adotada pelos estudiosos do evangelho lucano.<sup>121</sup> Para melhor perceber os níveis da comunicação no texto, sob uma base verbal-sintático-formal, é possível representar a comunicação textual segundo a distinção entre primeiro e segundo planos e discurso direto.<sup>122</sup> Dessa forma, propomos organizar o texto segundo critérios adotados por Niccacci, que considera os verbos no aoristo e no imperfeito como elementos de estruturação da narrativa.<sup>123</sup>

<sup>121</sup> MEYNET, Roland. *Il Vangelo di Luca: analisi retorica*. Roma: Dehoniane, 1994, p. 114-115, propõe uma organização concêntrica do texto, na qual ressalta a inteligência do menino:

Gesù Sale a Gerusalemme per la Pasqua	41-42
<i>I genitori non sanno che Gesù è rimasto a Gerusalemme</i>	43
Lo cercano tra i parenti	44
ma lo trovano nel tempio	45-46
TUTTI SI STUPISCONO DELL'INTELLIGENZA DEL RAGAZZO	47-48b
Tuo padre ed io ti cercavamo	48c-e
Devo essere da mio Padre	49
<i>I genitori non capiscono la parola di Gesù</i>	50
Gesù torna a Nazaret dove cresce	51-52

São inegáveis os paralelos entre os versículos. No entanto, essa organização não leva em conta a dinâmica narrativa, nem tampouco a importância dos verbos aoristos na estruturação da narrativa. A dinâmica narrativa conduz a um clímax, cujo centro constitui o diálogo entre mãe e filho, no qual se desvela a compreensão da atitude de Jesus. O motivo da sabedoria do menino constitui o pano de fundo da revelação da identidade de Jesus, e está em função dessa revelação fundamental. Assim, pode-se dizer que Meynet descobre uma estrutura mais estática e simétrica, Niccacci uma mais dinâmica, levando a um ponto culminante final. Uma não exclui a outra.

<sup>122</sup> GRILLI *et al*, Comunicazione, p. 70.

<sup>123</sup> NICCACCI, Alviero. Dall'aoristo all'imperfetto o dal primo piano allo sfondo. Un paragone tra sintassi greca e sintassi ebraica. *Liber Annuus. Studium Biblicum Franciscanum*, Jerusalém, v. 42, p. 85-108, 1992.

## a. Estrutura:

v.	Nível de segundo plano	Nível de primeiro plano	Discurso direto
<b>Introdução</b>			
41	Καὶ ἐπορεύοντο οἱ γονεῖς αὐτοῦ κατ' ἔτος εἰς Ἱερουσαλὴμ τῇ ἑορτῇ τοῦ πάσχα.		
<b>Primeira unidade narrativa</b>			
42a		καὶ ὅτε ἐγένετο ἐτῶν δώδεκα,	
b	ἀναβαινόντων αὐτῶν κατὰ τὸ ἔθος τῆς ἑορτῆς		
43a	καὶ τελειωσάντων τὰς ἡμέρας,		
b	ἐν τῷ ὑποστρέφειν αὐτοὺς		
c		ὑπέμεινεν Ἰησοῦς ὁ παῖς ἐν Ἱερουσαλὴμ,	
d		καὶ οὐκ ἔγνωσαν οἱ γονεῖς αὐτοῦ.	
44a	νομίσαντες δὲ αὐτὸν εἶμαι ἐν τῇ συνοδίᾳ		
b		ἦλθον ἡμέρας ὁδὸν	
c	καὶ ἀνεζήτουν αὐτὸν ἐν τοῖς συγγενεῦσιν καὶ τοῖς γνωστοῖς,		
45a	καὶ μὴ εὗρόντες		
b		ὑπέστρεψαν εἰς Ἱερουσαλὴμ	
c	ἀναζητοῦντες αὐτόν.		
<b>Segunda unidade narrativa</b>			
46a		καὶ ἐγένετο μετὰ ἡμέρας τρεῖς	
b		εὗρον αὐτὸν ἐν τῷ ἱερῷ	
c	καθεζόμενον ἐν μέσῳ τῶν διδασκάλων		
d	καὶ ἀκούοντα αὐτῶν		
e	καὶ ἐπερωτῶντα αὐτούς		
47	ἐξίσταντο δὲ πάντες οἱ ἀκούοντες αὐτοῦ ἐπὶ τῇ συνέσει καὶ ταῖς ἀποκρίσεσιν αὐτοῦ.		
<b>Díálogo</b>			
48a	καὶ ἰδόντες αὐτόν	ἐξεπλάγησαν,	
b		καὶ εἶπεν πρὸς αὐτὸν ἡ μήτηρ αὐτοῦ,	
c			a. Τέκνον, τί ἐποίησας ἡμῖν οὕτως;
d			b. ἰδοὺ ὁ πατήρ σου καγὼ ὀδυνώμενοι ἐζητοῦμέν σε.
49a		καὶ εἶπεν πρὸς αὐτούς,	
b			b'. Τί ὅτι ἐζητεῖτέ με;
c			a'. οὐκ ᾔδειτε ὅτι ἐν τοῖς τοῦ πατρὸς μου δεῖ εἶναί με;
50		καὶ αὐτοὶ οὐ συνήκαν τὸ ῥῆμα ὃ ἐλάλησεν αὐτοῖς.	
<b>Terceira unidade narrativa</b>			
51a		καὶ κατέβη μετ' αὐτῶν	
b		καὶ ἦλθεν εἰς Ναζαρεθ	
c	καὶ ἦν ὑποτασσόμενος αὐτοῖς.		
d	καὶ ἡ μήτηρ αὐτοῦ διετῆρει πάντα τὰ ῥήματα ἐν τῇ καρδίᾳ αὐτῆς.		

### Conclusão

- 52 Καὶ Ἰησοῦς *προέκοπτεν* [ἐν τῇ]  
σοφίᾳ καὶ ἡλικίᾳ καὶ χάριτι παρὰ  
θεῶ καὶ ἀνθρώποις.

### b. Tradução:

v.	Nível de segundo plano	Nível de primeiro plano	Discurso direto
<b>Introdução</b>			
41	E iam os pais dele cada ano para Jerusalém para a festa da páscoa.		
<b>Primeira unidade narrativa</b>			
42a		E quando <b>fez</b> doze anos,	
b	<u>subindo</u> eles segundo o costume da festa		
43a	e <u>tendo terminado</u> os dias		
b	ao retornarem eles		
c		<b>permaneceu</b> Jesus, o menino, em Jerusalém,	
d		e não <b>sabiam</b> os pais dele.	
44a	<u>considerando</u> , pois, ele estar na caravana		
b		<b>andaram</b> de dias um caminho	
c	e <i>procuravam</i> ele entre os parentes e os conhecidos,		
45a	e não <u>encontrando</u>		
b		<b>retornaram</b> para Jerusalém	
c	<u>procurando</u> ele.		
<b>Segunda unidade narrativa</b>			
46a		E <b>aconteceu</b> depois de três dias	
b		<b>encontraram</b> ele no Templo	
c	<u>sentado</u> em meio dos mestres		
d	e <u>escutando</u> eles		
e	e <u>interrogando</u> eles.		
47	<i>Maravilhavam-se</i> , pois, todos os <u>ouvintes</u> dele com a inteligência e as respostas dele.		
<b>Diálogo</b>			
48a	E <u>vendo</u> ele	<b>ficaram atônitos</b> ,	
b		e <b>disse</b> para ele a mãe dele,	
c			a. Filho, por que <b>agiste</b> conosco assim?
d			b. Eis o pai teu e eu aflitos <i>procurávamos</i> a ti.
49a		e <b>disse</b> para eles,	
b			b'. Por que <i>procuráveis</i> a mim?
c			a'. Não <i>sabíeis</i> que nas coisas de meu pai <b>devo</b> estar eu?
50		E eles não <b>compreenderam</b> a palavra que <b>falou</b> a eles.	
<b>Terceira unidade narrativa</b>			
51a		E <b>desceu</b> com eles	
b		e <b>foi</b> para Nazaré	
c	e <i>era</i> <u>submisso</u> a eles.		

- d E a mãe dele *conservava* todos os acontecimentos no coração dela.

---

**Conclusão**

- 52 E Jesus *crescia* [na] sabedoria e idade e graça diante a Deus e aos homens.
- 

O v. 41 introduzido por um verbo no imperfeito, constitui o *background* que insere o leitor no ambiente no qual o episódio será narrado.<sup>124</sup>

As sequências maiores (vv. 42-51) são estruturadas por verbos no aoristo e são organizadas em três unidades narrativas.<sup>125</sup> As duas primeiras (vv. 42-45 e 46-50), introduzidas solenemente por marco temporal, construído com καὶ ἐγένετο, situam a narrativa em dois momentos bem distintos: a primeira, que narra a subida e permanência de Jesus em Jerusalém sem o conhecimento dos pais e a busca por ele na caravana; e a segunda, que destaca o encontro de Jesus no Templo e o diálogo que interpreta os fatos. A terceira sequência narra o retorno de Jesus a Nazaré e a sua submissão aos pais (v. 51), concluindo, assim, o episódio.

O v. 52, construído com verbo no imperfeito, encerra a narrativa da infância com um sumário de crescimento que prepara a futura aparição pública de Jesus já adulto em Lc 3,21.

### 2.3.2 Coesão textual

#### 2.3.2.1 O marco de abertura (Lc 2,41)

A introdução da perícope é formada por um período simples, iniciado pela conjunção copulativa καί, com a qual este período é coordenado ao anterior (v. 40). O verbo πορεύομαι no indicativo imperfeito ativo, com sentido iterativo, indica uma ação costumeira no passado em relação à prática de subir a Jerusalém. Essa ideia é enfatizada pela locução acusativa κατ' ἔτος. O pronome demonstrativo αὐτός, em uso pessoal, é empregado no genitivo como complemento de especificação do sujeito (οἱ γονεῖς αὐτοῦ), cuja informação é encontrada no

---

<sup>124</sup> O verbo constitui o motor da ação narrativa, base das instruções textuais. O relevo de uma narrativa é conferido por dois tempos verbais que a articula segundo a distinção entre primeiro e segundo planos. Assim, na narrativa, as ações narradas com verbos no imperfeito têm a função de fundo, com o qual o narrador descreve, reflete ou comenta as ações principais. Ao contrário, as ações que fazem avançar a narrativa são construídas com verbos aoristos (GUIDI, Maurizio. La questione contestuale: l'influsso del contesto sul testo. In: GRILLI, Comunicazione, p. 67).

<sup>125</sup> Segundo NICCACCI, Dall'aoristo, p. 98-99, a distribuição dos tempos do primeiro plano e dos tempos do fundo constitui o relevo da narração. O que ocupa o primeiro plano é o "fato inaudito", ou seja, o que retém a atenção do leitor/ouvinte; o que vem posto no fundo representa o quadro e o suporte do mesmo.

substantivo παιδίον do versículo anterior (v. 40). A ação do verbo é completada pelo substantivo preposicionado no acusativo εἰς Ἱερουσαλήμ, que define o local onde o episódio será narrado, e a locução τῇ ἑορτῇ τοῦ πάσχα especifica o motivo da ação.

Esse versículo inicial, elaborado com verbo no imperfeito, tem a função de introduzir o leitor no ambiente religioso no qual o episódio será desenvolvido, destacado pelo local e pelo costume dos pais de participar anualmente da festa da páscoa. Note-se que o substantivo “Jerusalém” será repetido mais duas vezes (vv. 43.45), constituindo importante cenário na perícope.

### 2.3.2.2 Primeira unidade narrativa (Lc 2,42-45)

A primeira unidade narrativa, introduzida solenemente pelo καὶ ἐγένετο<sup>126</sup>, é desenvolvida em duas subunidades (vv. 42-43 e vv. 44-45), ambas construídas com proposições subordinadas, que exercem as funções de prelúdio e *background* das ações principais, narradas com verbos no aoristo.<sup>127</sup>

A primeira subunidade (vv. 42-43) é formada por seis orações, três principais e três subordinadas. A oração principal (v. 42a), construída com verbo γίνομαι, no aoristo indicativo, rege as duas orações subordinadas que seguem (vv. 42b-43a), ambas construídas com os verbos ἀναβαίνω (subo) e τελειώω (termino), no particípio, em seu uso adverbial, que funcionam como circunstância da oração principal (v. 42a). O sujeito da oração principal é Jesus, implícito no verbo γίνομαι, conjugado na terceira pessoa do singular, enquanto o sujeito das duas orações subordinadas (vv. 42b-43a) são “eles”, subentendido no verbo participial, no genitivo masculino plural. Não há menção explícita à subida de Jesus a Jerusalém, mas está subentendida na frase ἀναβαίνόντων αὐτῶν... (v. 42b). A subunidade, introduzida pela cláusula temporal καὶ ὅτε ἐγένετο ἐτῶν δώδεκα, enfatiza que a subida de Jesus a Jerusalém com os pais se deu em momento chave da sua vida, ao completar doze anos e, ao mesmo tempo, indica que precisamente neste contexto, o menino Jesus age de modo independente dos pais.

<sup>126</sup> O καὶ seguido de um verbo finito, καὶ ἐγένετο ou então ἐγένετο δὲ, é hebraizante: hebr. way<sup>e</sup>hi... w<sup>e</sup>. BLASS, F.; DEBRUNNER, A. *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*. 2.ed. Brescia: Paideia, 1997, § 442, p. 533.

<sup>127</sup> Segundo NICCACCI, Dall’ aoristo, p. 89, os verbos no imperfeito devem ser considerados em sua relação de dependência com os verbos aoristos que precedem ou seguem. Com esse procedimento, o autor visa fazer a passagem do primeiro plano (aoristo) para o segundo (imperfeito), ou vice-versa, estabelecendo, assim, ligações entre unidades literárias aparentemente autônomas. Embora não haja relação de dependência sintática entre frases construídas com verbos em aoristo e verbos no imperfeito, há, pois, relação de dependência lógica entre os verbos. O uso de duas formas verbais que constituem uma unidade sintática (aoristo de primeiro plano + imperfeito de fundo) tem o efeito de produzir uma ligação estreita entre unidades literárias diversas.



A descrição da cena da subida a Jerusalém para a festa, construída com períodos subordinados, tem a função de criar o espaço e o ambiente onde a cena se desenvolve. Da mesma forma que a festa da Páscoa, mencionada duas vezes, mas não descrita, tem a função narrativa de justificar essa subida das personagens em direção à cidade santa.

Em seguida, duas orações inseridas por verbos aoristos e coordenadas pelo καί narram as ações principais do episódio (v. 43cd). A primeira (v. 43c), tem como sujeito Jesus e é formada pelo verbo ὑπομένω (permaneço) no aoristo, o que indica que sua permanência em Jerusalém é uma ação deliberada. Insere-se, aqui, um afastamento entre Jesus e seus pais, uma vez que ambos são sujeitos de frases distintas. Essa oração principal rege a oração subordinada que a precede (v. 43b), construída com o verbo ὑποστρέφω (retorno), no infinitivo, com função de prelúdio da ação principal. Esse retorno ainda não encerra a viagem a Jerusalém, uma vez que para indicar a descida da cidade é usualmente empregado o verbo καταβαίνω, que seguirá somente no v. 51. O emprego do verbo ὑποστρέφω cria a circunstância narrativa no qual o drama será desenvolvido. É, pois, durante esse retorno que os pais notarão a ausência de Jesus e começarão a procurá-lo.

A segunda oração principal tem como sujeito os pais (v. 43d) e é formada com o verbo γινώσκω, no aoristo indicativo, precedido do advérbio de negação οὐκ. A oração enfatiza o desconhecimento deles em relação à ação de Jesus. O narrador cria, assim, o drama que desenvolverá nos versículos seguintes.

A segunda subunidade (vv. 44-45) desenvolve o drama da busca. É introduzida pela conjunção coordenativa adversativa δέ, que liga imediatamente ao trecho precedente, continuando-o. Essa adversativa introduz a ideia de oposição, desenvolvida no v. 44a, cuja falta de conhecimento dos pais leva-os a pressupor que o menino esteja na caravana (συνοδία). Os vv. 44b-45 desenvolvem o drama da busca por Jesus, que ocorre em outro espaço (συνοδία) e envolve outros personagens (ἐν τοῖς συγγενεῦσιν καὶ τοῖς γνωστοῖς), levando os pais a retornarem a Jerusalém. A sequência narrativa é construída com seis orações: quatro indeterminadas (vv. 44a.c.45a.c), com função de *background* das duas ações principais (vv. 44b.45b), construídas com aoristos. O sujeito dos períodos são os pais, enquanto Jesus é o objeto dessa busca.

A primeira ação principal (v. 44b), descrita com o verbo ἔρχομαι, no aoristo, é realizada em contexto de suposição do paradeiro de Jesus, pois a frase construída com o verbo νομίζω, no particípio aoristo (v. 44a), funciona como prelúdio dessa ação principal. O não-saber dos pais em relação à permanência de Jesus em Jerusalém, fato indicado na sequência anterior (v. 43d), é reforçado pelo narrador ao informar que os pais “consideravam” que Jesus estava na

caravana (v. 44a). Na sequência, a frase elaborada com o verbo composto ἀναζητέω, no imperfeito (v. 44c), indica que a busca contínua constitui a circunstância dessa ação. Com o complemento “ἡμέρας ὁδὸν”, o narrador indica temporalmente o início dessa busca, que começa na caravana, entre os parentes e conhecidos, e terminará em outro momento e lugar definidos.

O retorno a Jerusalém (v. 45), indicado com o verbo ὑποστρέφω, no aoristo, é a segunda ação principal da sequência (v. 45b). Esse retorno é preparado pela ação de não encontrar Jesus, descrita com o verbo εὐρίσκω no particípio aoristo (v. 45a). A circunstância desse retorno é a contínua procura, construída com o verbo composto ἀναζητέω no particípio presente (v. 45c), que indica a ação no seu desenvolvimento progressivo.

Assim, a primeira unidade narrativa dirige a atenção do leitor para a ação principal, a permanência de Jesus em Jerusalém quando este tinha doze anos de idade. A essa ação corresponde a falta de conhecimento dos pais quanto à permanência de Jesus na cidade. O leitor sabe não apenas que Jesus ficou em Jerusalém, mas que foi uma ação deliberada. Por esse motivo, somente depois de uma jornada de volta é que os pais constatarem a ausência de Jesus, procuram por ele na caravana e, não o encontrando, retornam a Jerusalém procurando-o. Essa busca é contínua e infrutífera, pois terá seu desfecho em tempo e local bem definidos pelo autor na próxima sequência narrativa.

### 2.3.2.3 Segunda unidade narrativa (Lc 2,46-50)

A segunda unidade narrativa é introduzida solenemente por um marco temporal, construído com o καὶ ἐγένετο, seguido de μετὰ ἡμέρας τρεῖς, que precisa ainda mais o momento do encontro (v. 46a). O verbo γίνομαι, no aoristo, põe em primeiro plano a cena do encontro, que pode ser disposta em duas subunidades. A primeira focaliza o encontro (vv. 46-47) e a segunda, o diálogo (vv. 48-50).

A primeira subunidade (vv. 46-47) destaca o encontro de Jesus, não em qualquer lugar, mas no Templo. A frase principal, εὑρον αὐτὸν ἐν τῷ ἱερῷ (v. 46b), construída com o verbo εὐρίσκω no aoristo, e o substantivo ἱερόν, como complemento de lugar, enfatiza o encontro de Jesus especificamente no Templo. Na sequência, três orações (v. 46cde), construídas com verbos no particípio presente no acusativo (καθεζόμεναι, ἀκούω e ἐπερωτάω), têm a função de *background* da ação principal (v. 46b), descrevendo as circunstâncias em que Jesus foi encontrado. Com o substantivo preposicionado “ἐν μέσῳ τῶν διδασκάλων” como complemento do verbo καθεζόμεναι, o autor precisa ainda mais o modo como Jesus foi encontrado. O lugar e

as circunstâncias do encontro contrapõem-se à sequência anterior (vv. 44-45), na qual se deu a procura: na caravana, entre os parentes e conhecidos. Uma quarta oração (v. 47), inserida por um verbo no imperfeito (ἐξίστημι), comenta a reação dos ouvintes de Jesus nesse quadro narrativo do seu encontro entre os mestres.<sup>128</sup>

A segunda subunidade (vv. 48-50) é composta pelo diálogo, emoldurado por uma introdução (v. 48a) e uma conclusão narrativa (v. 50). Segundo Valentini, os vv. 48-49 são indissociáveis e evidenciam a estreita relação entre pergunta e resposta, cuja perspectiva se dilata no v. 50. Dessa forma, pode-se perceber uma estrutura parcialmente concêntrica:<sup>129</sup>

- a. 48a: καὶ ἰδόντες αὐτὸν ἐξεπλάγησαν,
- b. 48b: καὶ εἶπεν πρὸς αὐτὸν ἡ μήτηρ αὐτοῦ,
- c. 48c-d: 1. Τέκνον, τί ἐποίησας ἡμῖν οὕτως;  
2. ἰδοὺ ὁ πατήρ σου κἀγὼ ὀδυνώμενοι ἐζητοῦμέν σε.
- b'. 49a: καὶ εἶπεν πρὸς αὐτούς,
- c'. 49b-c: 1. Τί ὅτι ἐζητεῖτέ με;  
2. οὐκ ᾔδειτε ὅτι ἐν τοῖς τοῦ πατρὸς μου δεῖ εἶναί με;
- a'. 50a: καὶ αὐτοὶ οὐ συνήκαν τὸ ῥῆμα ὃ ἐλάλησεν αὐτοῖς.<sup>130</sup>

Na introdução (v. 48a), o verbo ὁράω, no particípio aoristo com função adverbial, especifica a ação sofrida pelos pais, descrita com o verbo ἐκπλήσσω, no aoristo passivo. A ação principal da oração é o “ficar atônito” dos pais ao verem Jesus no Templo entre os mestres (v. 46cde). O encontro de Jesus no Templo, em circunstâncias que causaram o espanto dos seus pais, constitui o quadro no qual Lucas insere o discurso direto.

Na sequência, a atenção do leitor é focalizada no diálogo entre mãe e filho que, por sua vez, é disposto em dois momentos, ambos inseridos pelo verbo λέγω, no aoristo indicativo. A mãe, sujeito do primeiro verbo, faz duas perguntas ao filho, enquanto Jesus, sujeito do segundo verbo, direciona sua resposta aos pais, formulada em dupla pergunta retórica. É evidente o paralelismo antitético entre os vv. 48cd e 49bc, que cria uma tensão dialética que se apaziguará somente nos vv. 50 e 51.<sup>131</sup>

<sup>128</sup> Meynet considera o tema da sabedoria de Jesus (vv. 47-48a) central na perícopa (cf. nota n. 123 deste capítulo). No entanto, o v. 47, formulado com verbo imperfeito (ἐξίσταντο), descreve apenas a circunstância do encontro, elaborado com verbo no aoristo (εὔρον), que prepara a cena do diálogo (central), realçada pela reação dos pais (v. 48a).

<sup>129</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 342.

<sup>130</sup> Optamos por inserir o texto grego ao invés da tradução para melhor evidenciar os termos correspondentes (grifo nosso).

<sup>131</sup> VALENTINI, Gesù dodicenne, p. 277; ARRÁIZ, Santiago M. María, un corazón dócil ante la palabra de Dios: modelo esplendoroso de la contemplación (Lc 2,41-52). *Lumen Veritatis*, Mairiporã, SP, n. 15, p. 17-78, abr.-jun. 2011, p. 44. O diálogo é construído com elementos quiásticos e elementos paralelos.

Na dupla pergunta e resposta, se pode perceber uma relação quiástica formada pelo duplo emprego do verbo ζητέω e sua correspondência com os verbos aoristo (ἐποίησας) e presente (δεῖ). Há, também, um evidente paralelismo antitético entre os sintagmas ὁ πατήρ σου e τοῦ πατρός μου:<sup>132</sup>

- |                                    |   |   |
|------------------------------------|---|---|
| A. Τέκνον, τί ἐποίησας ἡμῖν οὕτως; | X | B. ἰδοὺ ὁ πατήρ σου καὶ γὼ ὁδυνώμενοι ἐζητοῦμέν σε.     |
| B'. Τί ὅτι ἐζητεῖτέ με;            |   | A'. οὐκ ᾔδειτε ὅτι ἐν τοῖς τοῦ πατρός μου δεῖ εἶναι με; |

A pergunta de Maria (A), formulada com o verbo ποιέω, no aoristo indicativo, constitui a ação principal da oração, que põe a indagação pelo agir de Jesus em primeiro plano. Esta oração é complementada por outra frase (B), introduzida pelo ἰδοὺ, que enfatiza a justificativa da pergunta da mãe. A frase, construída com o verbo ζητέω, no imperfeito, põe o fato da procura dos pais em segundo plano. A locução “ὁ πατήρ σου καὶ γὼ”, sujeito explícito da segunda frase, enfatiza o sintagma “ὁ πατήρ σου”, ao situá-lo antes do “ἐγώ”, que terá uma contraposição na segunda parte do diálogo.

A resposta de Jesus é formulada com duas orações coordenadas e que se complementam. A primeira (B'), uma oração simples, introduzida pelo pronome interrogativo τίς e construída com o verbo ζητέω, no imperfeito, cria o *background* da segunda parte da resposta (A'), formulada com uma oração subordinada substantiva objetiva direta. A oração principal, construída com o verbo οἶδα, no perfeito, precedido do advérbio de negação οὐκ, pede um complemento. A conjunção subordinada ὅτι insere a frase que completa o sentido da oração principal. Esta frase é construída com o verbo δεῖ, no presente indicativo, e seguido do infinitivo presente, εἶναι. Nota-se a contraposição entre “ὁ πατήρ σου”, proferido por Maria, e “τοῦ πατρός μου”, pronunciado por Jesus. Assim, a frase ὅτι ἐν τοῖς τοῦ πατρός μου δεῖ εἶναι με, que completa a frase οὐκ ᾔδειτε, constitui a afirmação fundamental em resposta à pergunta da mãe

<sup>132</sup> HERRERO, Salvador Villota, “En las (cosas) de mi padre”. Del trasfondo paterno divino en Lc 1-2 a la respuesta filial de Jesús en Lc 2,49. *Antonianum*, v. 88, p. 217–238, 2013, p. 229, propõe outra organização, em forma paralela:

- A. Τέκνον, τί ἐποίησας..οὕτως; (v.48c)  
 B. ἰδοὺ ὁ πατήρ σου καὶ γὼ ὁδυνώμενοι (v.48d)  
 C. ἐζητοῦμέν σε (v.48c)  
 C'. τί ὅτι ἐζητεῖτέ με; (v.49b)  
 B'. οὐκ ᾔδειτε ὅτι ἐν τοῖς τοῦ πατρός μου (v.49c)  
 A'. δεῖ εἶναι με; (v.49d).

Essa organização ressalta o movimento desde a busca de Jesus (A-B-C) até o conhecimento do Pai, no qual Jesus está (C'-B'-A'). A permanência de Jesus em Jerusalém provocou a preocupação dos pais, impulsionando-os a buscar Jesus e encontrá-lo no templo. O final dessa busca não termina com o encontro do filho, mas continua com uma busca mais profunda, ou seja, entender “por que o buscam”, a fim de conhecer quem é Jesus e, por meio dele, o Pai. Essa busca, na qual Maria meditará, deve levar a um aprofundamento da pessoa de Jesus e, a partir dele, do ser relacional paterno-filial de Deus, pois “ninguém conhece o Pai senão o filho...” (Lc 10,22).

acerca do agir de Jesus. Tanto a pergunta de Maria (A) quanto a resposta de Jesus (A') são postas em primeiro plano devido aos verbos empregados.

A ênfase do diálogo está, pois, na correspondência entre A e A', na qual o agir de Jesus é consequência de sua relação única com o “Pai celeste”. Os verbos ζητέω e οἶδα, empregados na frase em segundo plano, constituem as circunstâncias da manifestação da identidade messiânica de Jesus que é compreendida no seu agir: “devo estar naquilo que é de meu Pai”.

A resposta de Jesus, que desvela sua identidade messiânica como “Filho do Pai”, precedida pela pergunta sobre a busca dos seus pais por ele, relativiza o papel e a figura dos genitores e, particularmente, do pai terreno, em função de uma obediência maior. O fundamental para Jesus não é participar da peregrinação exigida pela Lei e retornar com a “caravana”, conforme esperavam seus pais, mas a necessidade de “estar nas coisas do meu Pai [celeste]”.

Essa afirmação, no entanto, comporta um mistério, perceptível na ambivalência da frase, formulada com o artigo neutro plural τοῖς, precedido da preposição dativa ἐν. A explicação dada por Jesus sobre sua atitude fundamental ainda não é compreendida, como afirma o v. 50.

O diálogo é encerrado com uma oração coordenada (v. 50), introduzida pelo conectivo καί, que liga esta oração à frase anterior (v. 49c), informando ao leitor a incompreensão dos pais em relação ao que Jesus falou. A oração principal é formulada com o verbo συνίημι, no aoristo, e completado pelo substantivo ῥῆμα, no acusativo. A frase seguinte, inserida com o pronome relativo ὃ, no acusativo, seguida do verbo λαλέω, no aoristo, tem função atributiva, restringindo o objeto dessa incompreensão: a palavra que Jesus lhes falou.

A não compreensão dos pais é destinada a dissolver-se gradualmente à luz dos eventos futuros e graças à contínua meditação pessoal, apresentada por Lucas mediante a figura de Maria como modelo de fé (v. 2,19 e v. 2,51b).<sup>133</sup>

#### **2.3.2.4 Terceira unidade narrativa (Lc 2,51)**

A terceira unidade narrativa é formulada com quatro frases coordenadas pelo καί. As duas primeiras (v. 51ab), construídas com verbos no aoristo (καταβαίνω, ἔρχομαι), põem o retorno a Nazaré em primeiro plano. O sujeito das frases é Jesus, enquanto os pais, mencionados indiretamente com pronome pessoal preposicionado μετ' αὐτῶν (com eles), no genitivo, tem a função de complemento indireto.

<sup>133</sup> VALENTINI, Gesù dodicenne, p. 279.

O verbo καταβαίνω é usualmente empregado para designar a descida de Jerusalém, cujo verbo usado para narrar a subida é ἀναβαίνω. É evidente a correspondência entre o v. 42, no início e o v. 51, no final. Este último versículo conclui o episódio, marcando, assim, o contraste com o início (v. 42), no qual Jesus está implícito no verbo participial ἀναβαινόντων αὐτῶν e, agora (v. 51), é sujeito explícito do verbo καταβαίνω. Na subida para a festa, fica subentendido que Jesus é levado pelos pais, enquanto no final, ele assume a posição de personagem principal: “Jesus desceu, com eles (os pais), e foi para Nazaré”.

As duas frases seguintes (v. 51cd), ambas inseridas pelo καί, dão continuidade à narrativa, mostrando outra situação, agora, em Nazaré, cidade onde Jesus passará os anos que precederão sua aparição pública. Os verbos empregados no imperfeito, em sua função de *background* dos verbos aoristos precedentes, descrevem, simultaneamente, as atitudes de Jesus e de sua mãe em Nazaré.

A primeira frase: καὶ ἦν ὑποτασσόμενος αὐτοῖς (v. 51c) descreve a atitude de submissão de Jesus em relação aos pais. A conjunção coordenativa καί liga esta frase diretamente às duas anteriores. Logo após o episódio em Jerusalém, o narrador informa ao leitor a atitude de Jesus para com seus pais em Nazaré. Dois verbos são empregados para descrever essa atitude: εἰμί, no indicativo imperfeito, e ὑποτάσσω, no particípio presente passivo. As formas verbais sublinham a duração da ação, ressaltando o modo de vida assumido por Jesus em Nazaré, durante o período que antecede o início de sua vida pública (Lc 3,21; 4,14).

A segunda frase: καὶ ἡ μήτηρ αὐτοῦ διετήρει πάντα τὰ ῥήματα ἐν τῇ καρδίᾳ αὐτῆς (v. 51d), referida à mãe de Jesus, informa ao leitor que ela “conservava todos os acontecimentos no seu coração”. Observe-se que o adjetivo neutro πᾶς, no acusativo, modifica o substantivo neutro ῥῆμα, dando uma maior abrangência ao objeto conservado no coração da mãe: não apenas as palavras ditas por Jesus (τὸ ῥῆμα ὃ ἐλάλησεν..., v. 50), mas a todo o acontecido descrito na narrativa (πάντα τὰ ῥήματα..., v. 51d). O verbo no indicativo imperfeito expressa a ação contínua no passado, indicando, assim, a atitude frequente de Maria em relação aos acontecimentos em Jerusalém. Com isso, Lucas encerra o quadro narrativo iniciado no v. 42.

### 2.3.2.5 A conclusão (Lc 2,52)

A conclusão é construída com uma oração simples, que está coordenada com o período anterior (v. 51) por meio da conjunção copulativa καί. O verbo προκόπτω no indicativo imperfeito ativo indica que a narrativa passou para o segundo plano e expressa uma ação contínua no passado. O sujeito da frase é Jesus, explicitado pelo substantivo Ἰησοῦς sem

adjunto (παιδίον, v. 40 ou ὁ παῖς, v. 43), ressaltando, assim, no final do episódio, outro momento de sua vida. Três substantivos no dativo (σοφία, ἡλικία e χάρις) complementam o sentido do verbo, pontuando características importantes que marcam o crescimento de Jesus durante esse período em Nazaré. A locução preposicionada dativa (παρὰ θεῶ καὶ ἀνθρώποις) formada por dois substantivos indica totalidade universal. A exemplo dos dois sumários precedentes (Lc 1,80; 2,40), a oração constitui um típico sumário lucano, empregado para encerrar não apenas esta seção, mas todo o evangelho da infância.<sup>134</sup>

## 2.4 Coerência comunicativa de Lc 2,41-52

A análise do texto proposto segue agora no plano semântico, visando assim, individuar os motivos de conteúdo que compõem a unidade temática. Esse estudo levará em conta a divisão sugerida na análise formal.

### 2.4.1 O contexto religioso dos pais (Lc 2,41)

Com o v. 41, o autor cria o ambiente de religiosidade e fidelidade à Lei, característico das narrativas precedentes. O verbo πορεύομαι (ir, caminhar) é o mesmo empregado em Lc 1,6 para caracterizar a conduta de Zacarias e Isabel, personagens principais do relato da anunciação do nascimento de João (Lc 1,5-25), criando assim um ambiente religioso judaico fortemente marcado pela fidelidade a Deus. O mesmo verbo é utilizado por Lucas ao longo do Evangelho para descrever o caminho de Jesus a Jerusalém, onde ele consumará seu ministério.<sup>135</sup> O sentido deste verbo significa bem mais que um caminhar físico, pois denota uma forma de conduta, um modo de agir que configurará o ministério de Jesus. Em Lc 2,41, o emprego do sintagma κατ' ἔτος εἰς Ἱερουσαλὴμ reforça a ideia de conduta pautada na fidelidade à Lei veiculada pelo verbo πορεύομαι. O autor inicia sua narrativa afirmando a atitude habitual dos pais de fazer a peregrinação anual a Jerusalém.

<sup>134</sup> O primeiro sumário de crescimento (1,80) refere-se a João Batista e encerra a primeira seção (1,5-80); o segundo (2,40) refere-se a Jesus e encerra a seção (2,1-40) e o terceiro (2,52), também referido a Jesus encerra não somente a seção (2,41-52), mas todo o Evangelho da Infância (cf. MUÑOZ NIETO, Tiempo de anuncio, p. 42).

<sup>135</sup> Lc 4,30.42; 7,6.11; 9,51.52.53.56.57; 13,33; 17,11; 22,22.39; 24,28.

A festa da páscoa, com a peregrinação anual a Jerusalém, constitui uma das características mais marcantes da religiosidade judaica.<sup>136</sup> Sendo assim, Lucas, ao descrever que os pais de Jesus iam todos os anos a Jerusalém para a festa da páscoa, cria o ambiente religioso no qual Deus irá revelar, como aconteceu nos episódios anteriores, que sua promessa de salvação se cumpre na vinda de seu filho, Jesus. O leitor que acompanhou as diversas manifestações já ocorridas nos episódios precedentes é envolvido pela expectativa de que mais uma vez Deus irá manifestar os sinais para o reconhecimento de que o tempo de sua visita definitiva começou com a vinda de Jesus.

#### **2.4.2 Jesus permanece em Jerusalém sem o conhecimento dos pais (Lc 2,42-45)**

O substantivo γονεύς, empregado duas vezes (vv. 41.43), junto com os substantivos μήτηρ (vv. 48.51), τέκνον (v. 48) e πατήρ (vv. 48.49), ressaltam o ambiente familiar da narrativa.

A cidade de Jerusalém constitui o fundo semântico: é mencionada três vezes (vv. 41.43.45), no início, meio e fim. Na tradição do Antigo Testamento, Jerusalém é o centro espiritual de Israel, onde está situado o Templo, a morada de YHWH no meio de seu povo (Sl 78,68s; 132,13-18); e o lugar para onde as nações se dirigirão para receber a instrução divina (cf. Is 2,1-4; Mq 4,1-2).<sup>137</sup> Na teologia lucana, Jerusalém e, particularmente, o Templo ocupam lugar de destaque: a narrativa da infância começa e termina no Templo (cf. Lc 1,9; 2,46), assim como todo o Evangelho (cf. Lc 1,9; 24,53); no relato da vida pública de Jesus, Jerusalém será o local para onde está direcionado o cumprimento de sua missão (Lc 9,51; 13,22). Em Atos dos Apóstolos, é de Jerusalém que sairá a Palavra de salvação até os confins da terra (cf. At 1,8; Is 2,3).

Nos textos da infância, “a cidade de Jerusalém é mencionada sempre em relação ao Templo, como espaço onde germina o ideal da piedade hebraica veterotestamentária e se

<sup>136</sup> Na época do Novo Testamento, a festa da Páscoa compreendia uma das três principais festas de peregrinação nas quais os judeus deveriam subir a Jerusalém, esteja na Palestina ou na diáspora, para participar da celebração litúrgica. Esse costume obedecia às prescrições de Ex 23,14-17; 34,23; Dt 16,16 (FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 280).

<sup>137</sup> ALONSO SCHÖKEL, L.; SICRE DIAZ, J. L. *Profetas I: Isaías; Jeremias*. Madrid: Cristiandad, 1980, p. 124. Segundo Is 2,1-5, no fim dos tempos todos os povos se dirigirão à montanha da casa do Senhor para receber a instrução. Essa peregrinação será encabeçada pelo povo escolhido (v. 5). De Sião sairá o ensinamento, de Jerusalém, a palavra do Senhor (v. 3). Esse movimento de subida à montanha (Sião) e de saída do ensinamento (de Sião) e da palavra (de Jerusalém) parece ressoar na Obra lucana. A caminhada de Jesus à Jerusalém, sua entrada no Templo, seria a realização desse movimento centrípeto, enquanto a missão dos Apóstolos, de ser testemunha em Jerusalém, Judeia e Samaria, até os confins da terra (At 1,8) seria a concretização desse movimento centrífugo de irradiação do ensinamento e da palavra (Is 2,3).



conserva a mais genuína tradição dos pais”.<sup>138</sup> Os personagens apresentados nesse contexto representam a aspiração, que percorre o Antigo Testamento, dos que esperam a realização da promessa messiânica (Lc 2,25.38).<sup>139</sup> Assim, a cidade de Jerusalém é apresentada como o lugar onde as esperanças messiânicas se cumprem.<sup>140</sup> Por isso, situar a revelação da identidade messiânica de Jesus no templo de Jerusalém é de grande relevância para a teologia lucana.

Com efeito, a revelação da identidade messiânica de Jesus no Templo adquire relevância pelo fato de ser Jerusalém o lugar estabelecido por Deus para a consumação da obra salvífica realizada por Jesus (cf. Lc 13,33).<sup>141</sup> Nos relatos precedentes, o Templo figura como local onde Lucas situa, por duas vezes, as revelações divinas a respeito da promessa de salvação, primeiro a Zacarias (Lc 1,13-17), depois aos pais de Jesus, Simeão e Ana (Lc 2,22-40). Essa revelação não diz respeito somente à identidade messiânica de Jesus, mas à sua obra salvífica, pois é no Templo que Jesus se manifesta como o Filho de Deus e declara a especificidade de sua vocação: sua radical obediência à vontade do Pai.<sup>142</sup> Nesse sentido, em Lc 2,49, as palavras de Jesus, proferidas no Templo, adquirem sentido prefigurativo da história da salvação, como cumprimento da promessa de Deus mediante a vinda de Jesus, e continua no caminho da Igreja até sua consumação.

A festa da Páscoa, citada duas vezes (vv. 41 e 43) como *background* narrativo, tem a função de criar um ambiente religioso de cumprimento da Lei. Aliás, a narrativa da infância é toda envolta nesse ambiente de fidelidade e cumprimento da Lei de Moisés e suas práticas religiosas: os personagens são descritos como fieis observantes da Lei (cf. Lc 1,6; 2,25; 2,36-37), que cumprem seus preceitos (cf. Lc 1,59; 2,21-23.39; 2,41-42). A subida do menino Jesus para participar da festa está relacionada ao cumprimento do costume religioso dos pais, expressa com a oração participial “ἀναβαίνόντων αὐτῶν...” (v. 42b). O texto ressalta, pois, no início da narrativa, a submissão do menino em relação aos seus pais, assim como no relato anterior (Lc 2,21-40), Jesus é levado por seus pais ao Templo em cumprimento dos preceitos divinos. Nesse contexto de submissão aos pais, irrompe algo inesperado, Jesus permanece em Jerusalém sem

---

<sup>138</sup> CASALEGNO, A. *Gesù e il tempio*: studio redazionale di Luca – Atti. Brescia: Morcelliana, 1984, p. 80.

<sup>139</sup> CASALEGNO, Gesù, p. 80.

<sup>140</sup> ROSSÉ, Il Vangelo, p. 98.

<sup>141</sup> ESCUDERO FREIRE, Devolver el evangelio, p. 402.

<sup>142</sup> CASALEGNO, Gesù, p. 80.

que seus pais saibam (v. 43bc). Ressalta-se, com isso, a “desobediência” de Jesus em relação aos pais terrenos em função de sua obediência fundamental ao pai celeste.<sup>143</sup>

Nesse ambiente religioso, o fato da permanência de Jesus em Jerusalém acontece num período determinado da sua vida: “quando tinha doze anos” (καὶ ὅτε ἐγένετο ἐτῶν δώδεκα). A menção à idade de Jesus é motivo de discussão entre os estudiosos dessa perícopes.

Segundo De Jonge, o interesse da cena estaria em apresentar Jesus segundo os modelos clássicos, sejam bíblicos ou helenistas, com o objetivo de antecipar a futura grandeza do herói ainda em sua juventude.<sup>144</sup> Mas ele ressalta que o principal interesse de Lucas estaria em afirmar que Jesus era ainda uma criança, uma vez que a perícopes se refere a ele como um παῖς no v. 43.<sup>145</sup> A menção à idade de doze anos teria, pois, a função narrativa de destacar a sabedoria extraordinária do menino no v. 47.<sup>146</sup>

É inegável o tema da sabedoria de Jesus ainda menino na narrativa, mediante o vocabulário empregado, bem como as circunstâncias nas quais Jesus foi encontrado. No entanto, segundo a análise do texto, pode-se observar que a dinâmica narrativa conduz a um clímax, apresentado no diálogo dos vv. 48-49. Nesse contexto, a sabedoria do menino não seria o tema central da narrativa, mas estaria em função da manifestação da identidade messiânica de Jesus e de sua obediência ao Pai celeste (v. 49).

A perícopes de Lc 2,41-52 é emoldurada por dois sumários de crescimento (vv. 40 e 52) semelhantes aos sumários de 1Sm 2,21.26; 3,19, relacionados ao jovem Samuel, que servia ao Senhor com fidelidade. Note-se, também, a semelhança entre a descrição do costume de ambos os pais, de Samuel (a Silo) e de Jesus (a Jerusalém), de subir ao santuário anualmente.<sup>147</sup> E, embora lexicalmente não haja semelhanças entre os dois versículos, do ponto de vista temático, tanto os pais de Samuel como os de Jesus tinham o costume de subir ao santuário por motivos religiosos.

<sup>143</sup> Segundo MARTINS, J. M. F. Os motivos da rebeldia de Jesus-Menino: contributos para a exegese de Lc 2,41-52. *Theologica*, Braga, v. 44, n. 1, p. 133-167, 2009, p. 126, do ponto de vista narratológico, a análise estrutural da perícopes revela um centro no motivo da “desobediência” de Jesus, visto desde a perspectiva dos seus pais. O leitor acompanha os pais na subida a Jerusalém, seu regresso, a busca pelo menino e o retorno a Jerusalém, o encontro no Templo, o diálogo e, no fim, o retorno da família à Nazaré.

<sup>144</sup> DE JONGE, Sonship, p. 320-323. Na p. 323, ele afirma: “In Christian times, perhaps under the influence of Luke ii. 42, stories of amazingly precocious evidence of wisdom and spiritual maturity by twelve-year-olds were also related for Daniel, Alexander the Great, Moses and Cambyses”.

<sup>145</sup> DE JONGE, Sonship, p. 319.

<sup>146</sup> DE JONGE, Sonship, p. 322.

<sup>147</sup> 1Sm 2,19: καὶ διπλοῖδα μικρὰν ἐποίησεν αὐτῷ ἡ μήτηρ αὐτοῦ καὶ ἀνέφερεν αὐτῷ ἐξ ἡμερῶν εἰς ἡμέρας ἐν τῷ ἀναβαίνειν αὐτὴν μετὰ τοῦ ἀνδρὸς αὐτῆς θύσαι τὴν θυσίαν τῶν ἡμερῶν.

Lc 2,41: Καὶ ἐπορεύοντο οἱ γονεῖς αὐτοῦ κατ' ἔτος εἰς Ἱερουσαλὴμ τῇ ἐορτῇ τοῦ πάσχα.

Essa aproximação das personagens, juntamente com a semelhança entre os sumários de crescimento de 1Sm 2,21.26; 3,19<sup>148</sup> e Lc 2,40.52, induz o leitor a associar a figura do menino Jesus à de Samuel, que ainda jovem servia a Deus e à sua palavra, como profeta do Senhor (1Sm 3,19).<sup>149</sup> Segundo a *haggadá*, Samuel começou sua atuação profética aos doze anos de idade.<sup>150</sup> Nos capítulos 4–9, Lucas desenvolverá a imagem de Jesus como profeta, mediante a tipologia de Elias e Eliseu, associando sua missão e destino ao do profeta.

Para outros autores, essa seria a idade em que o judeu assume a maioridade perante a Lei mediante o ritual do *Bar Mitzwah*.<sup>151</sup> Esta é, no entanto, uma questão ainda muito discutida entre os estudiosos devido ao fato de não haver testemunhos diretos acerca da existência do ritual na época de Jesus.<sup>152</sup> Não há indicação no texto que afirme, com precisão, a referência ao ritual. Mas, a hipótese de uma alusão ao fato não pode ser descartada, ideia defendida por Fitzmyer.<sup>153</sup> De fato, faz sentido pensar nessa ideia, uma vez que a primeira atividade pública de Jesus (Lc 4,14-30) vai ser o exercício de seu *Bar Mitzwah*.<sup>154</sup>

Sobre o *background* narrativo da subida a Jerusalém para a festa da Páscoa e, conseqüentemente o término e retorno dos pais, dois eventos são destacados e postos em contraste, tanto pelos verbos empregados quanto pelos sujeitos das ações.

A primeira ação destacada é realizada por Jesus. É a primeira vez que ele é nomeado, junto com o qualificativo “menino” que, em correspondência ao termo “doze anos”, destaca a juventude dele. O emprego do verbo composto ὑπομένω, que significa “fico para trás”,

<sup>148</sup> LXX: 1Sm 2,21c: καὶ ἐμεγαλύνθη τὸ παιδάριον Σαμουὴλ ἐνώπιον κυρίου.; 1Sm 3,19: καὶ ἐμεγαλύνθη Σαμουὴλ καὶ ἦν κύριος μετ’ αὐτοῦ καὶ οὐκ ἔπαισεν ἀπὸ πάντων τῶν λόγων αὐτοῦ ἐπὶ τὴν γῆν.

<sup>149</sup> De fato, Lucas associa a missão de Jesus à imagem profética, principalmente os profetas Elias e Eliseu, que foram enviados a povos estrangeiros; também para demonstrar a veracidade de sua missão, ao associar seu destino ao do profeta. Cf. Lc 4,16-30.

<sup>150</sup> Flávio Josefo, *Ant.* V, 10,4, citado por DEL ÁGUA PEREZ, Agustín. *El método midrásico y la exégesis del Nuevo Testamento*. Valencia: Institución S. Jerónimo para la Investigación Bíblica, 1985, p. 130-131. Segundo este autor, em sintonia com o resto do relato da infância, se pode observar no episódio de Lc 2,41-52 um mesmo procedimento derásico, denominado *estilo de imitação*, em paralelismo com outros personagens da história bíblica.

<sup>151</sup> Alguns estudiosos, dentre eles, F. MANNS, J. FITZMYER, R. RODRÍGUEZ CARMONA, ARON, P. van der HORST, A. PLUMMER, H. J. DE JONGE associam essa cena ao ritual do *Bar Mitzwah* de Jesus. Mas há outros – R. E. BROWN e F. BOVON, – que descartam a referência ao ritual devido ao fato de não haver testemunhos diretos que afirmam existir na época de Jesus a prática do *Bar Mitzwah*. Contudo, a ideia de que a cena aluda ao ritual é possível. Segundo o verbete BAR MITZWAH. *Encyclopaedia judaica Jerusalem*, p. 244, a tradição recordada na literatura talmúdica alude ao fato que em Jerusalém durante o período do Segundo Templo, havia o costume para os sábios em abençoar a criança que tinha completado os seus 12 ou 13 anos. VALENTINI, Gesù dodicenne, p. 285, afirma que tal questão é de interesse secundário, visto que a menção de idade de doze anos teria o objetivo de apresentar o menino em idade já adulta, conforme modelos clássicos e bíblicos de antecipação da futura grandeza do personagem.

<sup>152</sup> RODRIGUES, O Cristo pós-pascal, p. 86.

<sup>153</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 281. Ele afirma: “La locución moderna: *bar mišwāh* (= “hijo del mandamiento”) y la ceremonia correspondiente son de origen muy posterior. Hay razones para pensar que algunos preceptos de la ulterior reglamentación misnaica son perfectamente aplicables, en cierto sentido, a la época de Jesús; al menos, en el caso presente”.

<sup>154</sup> Abordaremos esse tema mais adiante, na análise dos vv. 46-50, parte central do episódio.

formulado no indicativo aoristo ativo, enfatiza que a permanência de Jesus em Jerusalém foi uma decisão deliberada. Assim, o autor focaliza a atenção do leitor para a autonomia do menino Jesus no episódio pois, pela primeira vez, na narrativa da infância (Lc 1–2), Jesus é sujeito de suas ações.<sup>155</sup>

A segunda ação tem o sujeito explicitado pelos termos οἱ γονεῖς αὐτοῦ. É importante notar que os pais são o sujeito implícito de quase todas as ações da narrativa. O verbo γινώσκω, que significa “me dou conta por meio da observação”<sup>156</sup>, junto com o advérbio de negação οὐκ, ressaltam que os pais não perceberam a permanência de Jesus em Jerusalém. Essas duas ações contrapostas, ambas com sujeitos explícitos, enfatizam a separação entre Jesus e seus pais.

A procura pelo menino constitui o *background* narrativo da cena seguinte, uma busca contínua e sem resultado, porque realizada em local errado, na caravana. O verbo νομίζω, que assinala uma “suposição equivocada”, reforça essa ideia. O verbo ὑποστρέφω, que significa “regresso, retorno”, põe os pais novamente na direção certa, a caminho de Jerusalém. O contraste entre os dois locais é evidenciado pelo emprego do verbo ὑποστρέφω, no v. 43b, no infinitivo presente, para narrar o retorno dos pais depois da festa, ressaltando, assim, a permanência de Jesus em Jerusalém; e o mesmo verbo no v. 45b, no indicativo aoristo, para evidenciar o retorno dos pais a Jerusalém, onde Jesus será encontrado.<sup>157</sup>

O verbo composto ἀναζητέω, empregado duas vezes (vv. 44.45), implica uma busca na qual se inquire para encontrar, tendo como objeto dessa busca uma pessoa.<sup>158</sup> O emprego desse verbo por Lucas cria uma expectativa ainda maior para o encontro, uma vez que a busca é contínua e se dá pelo caminho até Jerusalém, onde terá seu fim somente no Templo.

<sup>155</sup> Tanto no episódio da apresentação de Jesus no templo (Lc 2,22.27.28), como no início do texto de Jesus aos doze anos (Lc 2,42), o menino é levado pelos pais. Cf. HERRERO, “En las (cosas) de mi padre”, p. 228.

<sup>156</sup> γινώσκω. In: BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. *Diccionario exegetico del Nuevo Testamento*, v. 1, 3.ed. Salamanca: Sigueme, 2005, p. 748; Cf. Lc 1,22; 9,11; At 19,34; 21,24; 23,6.

<sup>157</sup> Esse distanciamento e, depois, retorno a Jerusalém reporta o leitor ao final do Evangelho, onde dois dos discípulos de Jesus caminham para Emaús, numa espécie de êxodo às avessas, no qual Jesus lhes explica as Escrituras com o objetivo de levá-los a compreender os eventos acontecidos em Jerusalém (Lc 24,13-35). No final da narrativa, os dois discípulos retornam a Jerusalém (ὑποστρέφω, v. 33).

<sup>158</sup> ἀναζητέω. In: BALZ; SCHNEIDER, *Diccionario*, v. 1, p. 238; cf. At 11,25. Esse verbo composto é empregado por Lucas apenas três vezes em toda a sua obra (Lc-At), e em todas as ocorrências o sentido é de ir a um determinado lugar em busca de alguém. Cf. MORGENTHALER, Statistik, p. 72.

### 2.4.3 O encontro de Jesus no Templo e a explicação do seu agir (Lc 2,46-50)

A busca por Jesus tem seu fim no Templo, introduzido por um solene marco temporal, construído com καὶ ἐγένετο seguido de μετὰ ἡμέρας τρεῖς (três dias depois).<sup>159</sup> Para alguns estudiosos, a intenção de Lucas seria apenas indicar uma sucessão de dias, conforme o emprego em At 25,1; 28,17.<sup>160</sup> No Antigo Testamento, μετὰ ἡμέρας τρεῖς é uma expressão carregada de valor teológico: significa o dia em que Deus intervirá para salvar o justo.<sup>161</sup> A referência imediata ao templo de Jerusalém parece indicar muito mais que uma simples sucessão de dias. O Templo, centro da aliança e da vida religiosa de Israel, torna-se de agora em diante o lugar onde as revelações sobre Jesus acontecem<sup>162</sup>.

Jesus é encontrado “καθεζόμενον ἐν μέσῳ τῶν διδασκάλων καὶ ἀκούοντα αὐτῶν καὶ ἐπερωτῶντα αὐτοὺς”. O termo διδάσκαλος é ligado ao ensino, e não ao ritual. Os três verbos que descrevem o modo como Jesus foi encontrado ressaltam esse ambiente de ensino:<sup>163</sup> καθέζομαι (estou sentado, como mestre), ἀκούω<sup>164</sup> (ouço, inteiro-me), ἐπερωτάω<sup>165</sup> (pergunto). A reação dos ouvintes é descrita com o verbo ἐξίστημι, empregado por Lucas em outras ocasiões para manifestar o estado de desconcerto ou assombro diante de um acontecimento milagroso (Lc 8,56; At 2,7.12; 9,21; 10,45; 12,16).<sup>166</sup> Em Lc 2,47, o assombro é consequência da atuação maravilhosa do Jesus adolescente entre os mestres.

Há indicações textuais que ressaltam o contexto de ensino. Mas que imagem do menino Jesus Lucas quer transmitir: a de um discípulo ou de um mestre?

A atitude comum de um discípulo é ficar aos pés do mestre (cf. At 22,3). Jesus é encontrado sentado, entre os mestres. Outra atitude própria do discípulo é a escuta (cf. Lc 19,48; 21,38), e Jesus está ouvindo e interrogando os mestres. Segundo Rodríguez Carmona, a atitude

<sup>159</sup> Há muita discussão acerca do uso dessa expressão em sentido pascal. A objeção dessa interpretação fundamenta-se no emprego do número cardinal (μετὰ ἡμέρας τρεῖς) neste trecho, enquanto nos textos referentes à ressurreição (Lc 9,22; 18,33; 24,7.21.26) o emprego é do ordinal (τῇ τρίτῃ ἡμέρᾳ). No entanto, em Marcos e Mateus encontramos a construção com o ordinal referida à ressurreição (cf. Mc 8,31; 9,31; 10,34; Mt 27,63).

<sup>160</sup> FITZMYER, *El Evangelio*, t. II, p. 283; BROWN, *El nacimiento*, p. 510.

<sup>161</sup> Oséias 6,2: ὑγιάσει ἡμᾶς μετὰ δύο ἡμέρας ἐν τῇ ἡμέρᾳ τῇ τρίτῃ ἀναστήσόμεθα καὶ ζήσόμεθα ἐνώπιον αὐτοῦ (Depois de dois dias, nos revigorará; ao terceiro dia nos ressuscitará e viveremos em sua presença).

<sup>162</sup> ROSSÉ, *Il vangelo*, p. 98.

<sup>163</sup> Observe-se que na narrativa anterior a revelação acerca de Jesus acontece em ambiente religioso, no Templo, por ocasião da apresentação do menino e purificação da mãe, embora a profecia tenha sido proferida por um homem piedoso e justo, Simeão, e não um sacerdote (Lc 2,25).

<sup>164</sup> “O ouvir é a forma essencial de assimilação na religião bíblica” (Kittel, 217), citado por G. Schneider. In. BALZ; SCHNEIDER, *Diccionario*, v. 1, p. 157.

<sup>165</sup> “O verbo designa em metalinguagem uma ação verbal de uma só frase, na qual se pede ao interpelado que dê informação, comunique uma decisão ou dê uma confirmação acerca de uma situação, sobre cuja realidade se supõe que o interpelado tem competência” (W. SCHENK, In. BALZ; SCHNEIDER, *Diccionario*, v. 1, p. 1482).

<sup>166</sup> ἐξίστημι. BALZ; SCHNEIDER, *Diccionario*, v. 1, p. 1439-1440. Em Lc 8,56 é empregado para descrever a reação dos presentes depois de contemplar um milagre de Jesus.

de Jesus na perícope é a de um discípulo interessado em aprender com os mestres mediante o método de disputa, com perguntas e respostas.<sup>167</sup>

Há, pois, indícios textuais que apontam para a possibilidade de interpretar a atitude de Jesus em ambas as direções, tanto como discípulo quanto como mestre. Então Lucas não estaria interessado em mostrar que o discípulo se tornou mestre? Nesse caso, o ritual do *Bar Mitzwah* de Jesus configura-se como contexto ideal para Lucas transmitir essa ideia.

Embora muitos estudiosos rejeitem a referência ao ritual, devido à ausência de testemunhos em relação a existência do mesmo na época de Jesus, não se pode descartar a possibilidade de já existir na época uma tradição relacionada à celebração da maioridade do judeu em relação à Lei.<sup>168</sup> É possível que alguns preceitos existentes na época de Jesus tenham sido regulamentados posteriormente.<sup>169</sup> Segundo Rodríguez Carmona e Manns, há elementos na perícope que combinam perfeitamente com o ritual do *Bar Mitzwah* de Jesus.<sup>170</sup> O tema do terceiro dia, a menção à idade de 12 anos e o emprego dos verbos subir e descer, buscar e encontrar, seriam indícios para afirmar que o texto lucano faz alusão ao *Bar Mitzwah* de Jesus.<sup>171</sup> A partir de uma pesquisa sobre os textos rabínicos, Manns propõe fundamentar sua afirmação acerca dessa intuição.

Segundo Manns, no judaísmo intertestamentário e na literatura targúmica, o tema do terceiro dia está ligado ao dom da Lei no Sinai, de acordo com o Targum Néofiti de Ex 19,10.15-16: “Que eles estejam preparados para o terceiro dia, porque ao terceiro dia a glória da Shekinah de Yahweh aparecerá... Tende-vos preparados por três dias... O terceiro dia, no tempo da manhã, haverá trovões e relâmpagos...”.<sup>172</sup>

Manns também afirma que os verbos “subir” e “descer”, “buscar” e “encontrar” empregados em Lc 2,41-52, juntamente com o tema do terceiro dia, seriam indícios que reforçam a ideia de que a perícope faz alusão ao fato de Jesus receber a Lei por intermédio de Moisés. Na narrativa de Ex 19, Moisés sobe (vv. 3.20) e desce (vv. 14.25) da montanha do

<sup>167</sup> RODRÍGUEZ CARMONA, Jesús comienza, p. 183.

<sup>168</sup> BAR MITZWAH. In: WIGODER, G.; SECKBACH, F. (Ed.). *Encyclopaedia Judaica Jerusalem*. New York: MacMillan, 1971, v. 4, p. 244. A tradição recordada na literatura talmúdica alude ao fato que em Jerusalém durante o período do Segundo Templo, havia o costume para os sábios de abençoar a criança que tinha completado os seus doze ou treze anos.

<sup>169</sup> FITZMYER, El Evangelio, t. II, p. 281.

<sup>170</sup> RODRÍGUEZ CARMONA, Jesús comienza, p. 186; MANNS, F. Luc 2,41-50 témoin de la bar mitswa de Jesus. *Marianum*, Roma, v. 40, n. 121-122, p. 344-349, 1978, p. 348.

<sup>171</sup> MANNS, Luc, p. 347-348; cf. RODRIGUES, O Cristo pós-pascal, p. 87-88.

<sup>172</sup> MANNS, Luc, p. 347 : “Qu'ils soient prêts pour le troisième jour, car le troisième jour la gloire de la Shekinah de Yahvé apparaîtra... Tenez-vous prêts pour trois jours... Le troisième jour, au temps du matins, il y eut des tonnerres et des éclairs...”. O tema do terceiro dia também se encontra no Targum Pseudo-Jonathan, no Talmud (*Sabbat* 8a) e *Sifra*, *Shemini* 1.

Sinai. Quanto ao tema do buscar e encontrar, aparece em muitos textos do Antigo Testamento, mas particularmente no livro do Cântico dos cânticos. Mas é importante observar que o Targum de Ct 3,1-2 relaciona essa temática com a figura de Moisés e a *Shekinah* que reside no meio do povo:

À noite, em meu leito, eu procurei aquele que meu coração ama, eu o procurei e não o encontrei. Quando o povo, a casa de Israel, percebeu que as nuvens da glória haviam partido e que a coroa de santidade, que lhe fora dada no Sinai, lhe fora tirada, então ele teve a impressão de ser abandonado na obscuridade densa como a noite, e quando os hebreus procuraram a coroa da santidade, eles não a encontraram, já que ela foi tirada deles.

Eu me levantarei, eu irei para a cidade pelas ruas e os mercados para buscar aquele que meu coração ama, eu procurei-o e não o encontrei. Os filhos de Israel dizem a um e a outro: Em pé, vamos ver a tenda que Moisés ergueu fora do acampamento, procuremos para ser instruídos pelo Senhor. Talvez reencontraremos sua *Shekinah*.<sup>173</sup>

O tema do décimo segundo ano também está relacionado ao dom da Lei na tradição judaica, pois é dito no Midrash *Exode Rabbah* 5,2 que Moisés deixou a casa paterna aos 12 anos de idade.<sup>174</sup>

Dessa análise, podemos concluir que Jesus, aos doze anos, é apresentado como o filho obediente, que deve estar naquilo que é de seu Pai. Sua identidade e missão são compreendidas no horizonte cultural e religioso de Israel: *Bar Mitzwah*, filho do preceito. E, é dessa compreensão que sua missão de salvador se estenderá além dos muros de Jerusalém.

Lucas insiste muito no verbo τελειόω, no sentido de “plenificar”. Em cada um dos episódios nos quais Jesus é apresentado em contexto cultural, cumprindo os preceitos da Lei, é empregado o verbo com o sentido de “levar a termo”, plenificar. Jesus plenifica a Lei ao cumprir todos os preceitos divinos.

No *Bar Mitzwah*, Jesus plenifica o ritual, torna-se o filho do preceito, realizando em sua vida o sentido pleno da Lei enquanto instrução divina.<sup>175</sup> Esse sentido é perceptível no contexto comunicativo em que Jesus profere suas primeiras palavras no Evangelho lucano. O discípulo se torna mestre porque assume, em sua existência, o significado profundo da Lei de Deus: ser

<sup>173</sup> MANNS, Luc, p. 348 : “La nuit, dans mon lit, j’ai cherché celui que mon cœur aime, je l’ai cherché et ne l’ai pas trouvé. Quand le peuple, le maison d’Israël s’aperçut que les nuées de gloire s’étaient éloignées et que la couronne de sainteté, qui lui avait été donnée au Sinaï, lui avait été enlevée, alors il eut l’impression d’être abandonné dans l’obscurité dense comme la nuit, et quand les Hébreux cherchèrent la couronne de sainteté, ils ne la trouvèrent pas, puisqu’elle avait été enlevée d’eux. Je me lèverai, j’irai dans la ville par les rues et les marchés pour chercher celui que mon cœur aime, je l’ai cherché et ne l’ai pas trouvé. Les fils d’Israël dirent l’un à l’autre: Debout, allons voir la tente que Moïse a dressée en dehors du campement, cherchons à être instruits par le Seigneur. Peut-être retrouverons-nous sa *Shekinah*.” [Tradução nossa].

<sup>174</sup> MANNS, Luc, p. 348.

<sup>175</sup> O termo hebraico *tōrāh*, derivado do verbo *yārāh* (lançar; cf. 2Rs 13,17; Js 18,6), que na forma causativa significa instruir; o termo *tōrāh* diz respeito a toda espécie de determinações, não necessariamente jurídicas, dadas por YHWH pela mediação de sacerdotes ou profetas (Is 8,20; Jr 2,8; Ez e Ml) (Lei. DE FRAINE, J. In. VAN DEN BORN, A. (Red). *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 878).

instrução e ensino para o seu povo. Ao longo da narrativa evangélica o leitor poderá verificar de que modo Jesus instrui os seus.

O diálogo é preparado pela reação dos pais, descrita com dois verbos: ὁράω (vejo, com os olhos), que ressalta a dimensão física do ver,<sup>176</sup> e ἐκπλήσσω (fico maravilhado, atônito), que expressa a reação dos circunstantes ante as palavras ou os atos de Jesus.<sup>177</sup> No diálogo, disposto em quiasmo, somente mãe e filho conversam, enquanto o pai é mencionado diretamente na fala da mãe, e indiretamente por Jesus. Na pergunta de Maria, construída com duas orações coordenadas que se complementam, é enfatizada a “porquê” de Jesus ter agido “conosco desse modo”. O emprego do pronome pessoal ἡμῖν, no dativo plural, chama a atenção do leitor para o fato de que a ação de Jesus afetou, de modo negativo, seus pais. Eles o procuraram com aflição. O que Jesus fez foi inesperado, principalmente no contexto em que se destaca a religiosidade dos pais.

O verbo ποιέω, da primeira frase, está no aoristo, enquanto ζητέω, da segunda, está no imperfeito. O verbo ποιέω é o mesmo empregado na narrativa da infância para falar do agir de Deus (cf. Lc 1,25.49.51.68.72). Nos sinóticos diz respeito, quase sempre, ao que Jesus deve fazer ou se ele deve fazer alguma coisa (cf. Lc 4,23; Mc 10,35-36; Mt 20,32).<sup>178</sup>

Na narrativa da infância, o verbo ποιέω, é empregado duas vezes em sentido pessoal, para referir-se à ação de Deus em benefício de uma pessoa (Lc 1,25.49). Em ambas as passagens, a ação em prol da pessoa está em função da realização do projeto histórico salvífico: Isabel, que concebe João, o precursor do Messias (Lc 1,25) e Maria, depois da anunciação, louva a Deus no cântico do *Magnificat* (Lc 1,49). Em outras três ocorrências, o verbo é empregado em sentido coletivo, referindo-se à ação salvífica de Deus em prol do seu povo (Lc 1,51.68.72).

Em Lc 2,48, o emprego de ποιέω, nos lábios de Maria, está referido ao que Jesus fez aos seus pais: “por que agiste conosco dessa forma?”. Embora o uso seja pessoal, o sentido pode ser visto como comunitário, seguindo a dinâmica de Lucas no emprego do verbo. Disso, se conclui que os pais de Jesus, no relato, representam a comunidade lucana, cuja porta-voz é Maria, apresentada em Lucas como modelo de discípula.

<sup>176</sup> “O que vê é capaz de perceber pessoas concretas em sua individualidade (cf. “ver o rosto”, At 20,15; Cl 2,1) e frequentemente em seu modo individual de ser ou de comportar-se (p.ex. Mt 11,8; Mc 1,16). Frequentemente ὁράω se refere a atos extraordinários”. [...] “Nos evangelhos, ὁράω (juntamente com βλέπω e outros verbos pelo estilo) se referem aos atos de Jesus, que as gerações anteriores não puderam *ver* (ou seja, experimentar; Lc 10,24 par.)” (J. KREMER. In: BALZ; SCHNEIDER, Dicionário, v. 2, p. 582-583).

<sup>177</sup> BALZ; SCHNEIDER, Dicionário, v. 1, p. 1282.

<sup>178</sup> BALZ; SCHNEIDER, Dicionário, v. 2, p. 1041.



O verbo ζητέω, empregado na pergunta de Maria (v. 48), expressa a ação de buscar em sentido não religioso. Refere-se aos vv. 44-45, que narram a busca pelo menino, cujo verbo é empregado na forma composta (ἀναζητέω), expressando, assim, a ação contínua dessa busca.

A resposta de Jesus, também construída com duas orações coordenadas, é dirigida aos pais em forma de pergunta retórica. A primeira, retoma o verbo anterior (ζητέω), também no imperfeito do indicativo ativo. É o mesmo verbo empregado no relato da ressurreição, quando os varões perguntam às mulheres “por que buscais entre os mortos o que vive?” (Lc 24,5).<sup>179</sup>

A segunda frase completa a resposta e é introduzida pela partícula negativa (οὐκ) seguida do verbo οἶδα, no indicativo perfeito, que expressa um saber puramente mental, sem experiência inerente.<sup>180</sup> Note-se que o verbo aqui empregado difere daquele usado no v. 43 (γινώσκω). Uma frase objetiva direta completa a oração, construída com os verbos δεῖ<sup>181</sup> no presente histórico e εἶμι, no infinitivo presente, focalizando a atenção na “necessidade de estar” nas coisas do Pai. O δεῖ designa a necessidade absoluta e estende-se aos decretos divinos.<sup>182</sup> Lucas inclui toda a história da salvação, o plano divino que culmina na morte, ressurreição e exaltação de Jesus. Mas engloba, também, o seu estilo de vida, a sua missão apresentada no programa messiânico que Lucas desenvolverá ao longo da narrativa evangélica (Lc 4,16-30). Esse plano divino determina toda a vida de Jesus.<sup>183</sup> A insistência no uso do termo por Lucas reside na sua relevância teológica. De fato, o termo indica o projeto de Deus, a história da salvação, que consiste numa instância pessoal.<sup>184</sup>

O emprego do sintagma ἐν τοῖς que, para muitos estudiosos evidencia a elipse de um substantivo, deve ser traduzido por “nas coisas”, que corresponde ao sentido grego do seu uso.<sup>185</sup> Essa tradução conserva o sentido ambivalente proposto pelo evangelista. De fato, se Lucas quisesse indicar “na casa”, em relação ao Templo, o teria feito com o emprego do vocábulo οἶκος. O leitor ao se deparar com a afirmação de Jesus a respeito das “coisas do seu Pai”, deve se perguntar a que ele se refere com tanta convicção e prontidão, que justifique uma obediência fundamental, que está acima de sua relação de parentesco.

Na narrativa da infância, Jesus é apresentado como o enviado de Deus que cumprirá sua promessa de salvação que ultrapassa os limites da etnia judaica. Essa salvação dirigida a todos

<sup>179</sup> τί ζητεῖτε τὸν ζῶντα μετὰ τῶν νεκρῶν.

<sup>180</sup> BALZ; SCHNEIDER, Dicionário, v. 2, p. 480.

<sup>181</sup> Lucas tem certa preferência por esse verbo; das 101 ocorrências em todo o Novo Testamento, 40 são encontradas em Lc-At (BALZ; SCHNEIDER, Dicionário, v. 1, p. 840).

<sup>182</sup> BALZ; SCHNEIDER, Dicionário, v. 1, p. 841.

<sup>183</sup> BALZ; SCHNEIDER, Dicionário, v. 1, p. 842.

<sup>184</sup> GRILLI, Massimo. *L'opera di Luca*: v. 1: Il Vangelo del viandante. Bologna: Dehoniane, 2012, p. 32.

<sup>185</sup> A questão acerca da interpretação do ἐν τοῖς foi discutida no capítulo I desta pesquisa.

os povos constitui uma Boa Notícia, que trará paz e alegria aos que aguardam a libertação. Na sinagoga de Nazaré o leitor ficará sabendo do conteúdo dessa Boa Notícia e, ao longo da narrativa, Jesus concretizará em atos e palavras o que significa “estar naquilo que é meu Pai”. Significa, pois, percorrer o caminho traçado por Deus, manifestar sua ação salvífica na história humana. A identidade filial de Jesus se revela através de suas escolhas e de seu caminho em obediência ao seu Pai.

O contraste entre *ὁ πατήρ σου* e *τοῦ πατρός μου* ressaltado por Lucas no diálogo, reforça a ideia da absoluta obediência de Jesus ao plano divino, subentendida na cláusula enigmática *ἐν τοῖς τοῦ πατρός μου δεῖ εἶναι με*. Essa obediência é fundada na relação única que Jesus tem com seu Pai celeste; a paternidade é, pois, um elemento essencial da teologia lucana.<sup>186</sup> Em diversas passagens do Evangelho, Lucas ressalta, direta ou indiretamente, a íntima relação entre a paternidade e a missão salvífica de Jesus.<sup>187</sup> No início de sua missão, estando Jesus em oração após ser batizado, o Pai lhe declara sua predileção (Lc 3,22). Jesus, enquanto *ὁ υἱὸς ὁ ἀγαπητός*, é o destinatário deste agrado, que recebe do céu a ratificação da sua identidade messiânico-profética, apresentando-a como válida e, ao mesmo tempo, a descida do Espírito prepara-o para o seu ministério público.<sup>188</sup>

#### 2.4.4 Em Nazaré, submissão e meditação (Lc 2,51)

No final do episódio, o narrador informa que Jesus desceu com os pais e voltou para Nazaré, onde viverá submisso a eles até iniciar sua vida pública. O verbo *καταβαίνω* é frequentemente usado para referir-se à descida de Jerusalém, cujo oposto, *ἀναβαίνω*, emprega-se para descrever a subida.

Com a frase seguinte, construída com o verbo *ἔρχομαι* (“vou”) e o complemento de lugar, *εἰς Ναζαρέθ*, o autor conclui a narrativa com o retorno a Nazaré, cidade onde Jesus viveu até iniciar sua vida pública. Esse período da vida de Jesus, entre sua juventude e vida adulta, é de submissão aos pais (*καὶ ἦν ὑποτασσόμενος αὐτοῖς*). Seu retorno à vida humilde de Nazaré é sinal de obediência aos pais terrenos, assim como foi sua permanência em Jerusalém por obediência ao pai celeste. A obediência de Jesus é característica fundamental de sua própria identidade filial.<sup>189</sup>

<sup>186</sup> GRILLI, L'opera di Luca, v. 1, p. 33.

<sup>187</sup> Cf. Lc 1,32; 3,22; 10,21.22; 11,2; 12,32; 15; 22,29.42; 23,24.46; 29,49.

<sup>188</sup> FITZMYER, El Evangelio, t. 1, p. 349.

<sup>189</sup> SCHÜRMANN, Il vangelo, p. 268.

A menção a Maria, ao seu “meditar no coração”, retoma o que foi dito pelo narrador acerca da incompreensão dos pais quanto ao que Jesus falou. Busca esclarecer um possível mal-entendido, ou seja, a incompreensão dos pais coloca-se como um interrogativo aberto a Deus, que busca um posterior entendimento.<sup>190</sup> O *πάντα τὰ ῥήματα* confere à meditação de Maria uma extensão que vai além das palavras proferidas por Jesus em Lc 2,49, incluindo, assim, toda a narrativa, inclusive o nascimento de Jesus. Também há atitude semelhante em Lc 2,19.<sup>191</sup>

O agir de Maria propõe um itinerário de fé que parte da obscuridade e da incompreensão até chegar a uma abertura progressiva ao mistério divino. Este é o itinerário proposto pelo terceiro Evangelho, que apresenta Maria como o tipo do discípulo que deve percorrer o caminho com Jesus. Na narrativa da infância, Maria é a crente (Lc 1,38.45) que se abre ao mistério de Deus, que acolhe sua vontade e, pela fé, reconhece sua ação salvífica. Em Maria, o leitor constata que é somente pela fé que se pode reconhecer em Jesus a visita de Deus.

Na sequência do Evangelho, a primeira aparição pública de Jesus em contexto de ensino será na sinagoga de Nazaré. Este último versículo prepara, assim, a aparição pública de Jesus na qual apresentará seu programa messiânico (Lc 4,14-30).

#### 2.4.5 E Jesus crescia (Lc 2,52)

Lucas conclui o episódio com um sumário de crescimento (v. 52), no qual prepara o leitor para acompanhar Jesus em seu caminho de cumprimento da vontade do Pai. No início da perícopie, Jesus é denominado Ἰησοῦς ὁ παῖς. O marco temporal “quando tinha doze anos”, enfatiza que Jesus ainda é um menino. No final, quando desce para Nazaré, ele é nomeado apenas Ἰησοῦς.

A conclusão assemelha-se a 1Sm 2,26 (LXX), no qual o texto descreve o crescimento do jovem Samuel com vocabulário muito semelhante.

1Sm 2,26: καὶ τὸ παιδάριον Σαμουὴλ ἐπορεύετο καὶ **ἐμεγαλύνετο** καὶ **ἀγαθὸν** καὶ μετὰ **κυρίου** καὶ μετὰ **ἀνθρώπων**.

Lc 2,52: Καὶ Ἰησοῦς **προέκοπτεν** [ἐν τῇ] σοφίᾳ καὶ ἡλικίᾳ καὶ **χάριτι** παρὰ **θεῷ** καὶ **ἀνθρώποις**.

<sup>190</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 352.

<sup>191</sup> SCHÜRMANN, Il vangelo, p. 269; segundo BOVON, El evangelio, I, p. 234, o termo διατηρέω insiste na conservação das recordações, enquanto συντηρέω (2,19) insistia em seu agrupamento.

No texto de 1Samuel, o verbo empregado para indicar o crescimento do jovem é μεγαλύνω, que significa fortificar, fazer grande uma coisa.<sup>192</sup> O adjetivo ἀγαθός, (tradução do hebraico טוב, agradável, bom) é empregado para descrever como esse crescimento se realiza em relação a Deus e aos homens. No texto lucano, é empregado o verbo προκόπτω, que significa “mudar o seu estado para melhor, através de avanços ou fazendo progresso”.<sup>193</sup> O verbo, combinado com o termo ἡλικία, geralmente refere-se a envelhecer, em vista do paralelo com o v. 40, é possível que tenha em vista a estatura corporal.<sup>194</sup> Mas, é mais provável que ἡλικία, para Lucas, seja maturidade espiritual, conforme emprego em Ef 4,13.<sup>195</sup>

O crescimento de Jesus é pontuado por características importantes que ressaltam o período de progresso durante sua juventude. O sumário de 2,40 ressaltou o crescimento do menino Jesus, em sabedoria (σοφία) e graça (χάρις), que ficou evidente na narrativa que se seguiu (Lc 2,41-51). Com o acréscimo do termo ἡλικία (tamanho, estatura), o autor resalta a maturidade da pessoa.<sup>196</sup> O termo χάρις está relacionado à locução preposicionada dativa παρὰ θεῶ καὶ ἀνθρώποις, indicando que a graça de Deus e a simpatia humana repousam em Jesus que se desenvolve sem qualquer obstáculo.<sup>197</sup>

## 2.5 A focalização pragmática

Os elementos formais, sintáticos e semânticos evidenciados colocam em relevo que o principal âmago comunicativo do texto lucano repousa sobre a relação que intercorre entre a manifestação da identidade messiânica e missão universal de Jesus e sua correta compreensão por parte do leitor. Uma vez delineado esse horizonte comunicativo, pode-se individuar a estratégia posta em prática pelo autor para alcançar seu objetivo: levar o leitor a uma mudança de mentalidade em relação a compreensão do messianismo de Jesus. Assim o leitor compreenderá melhor a identidade messiânica de Jesus revelada em suas obras e palavras.

<sup>192</sup> Μεγαλύνω. PEREIRA, Isidro. *Dicionário grego-português e português-grego*. 8.ed. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1998. p. 359.

<sup>193</sup> Προκόπτω. LOUW, J. P.; NIDA, E. A. (Eds.). *Léxico grego-português do Novo Testamento*: baseado em domínios semânticos. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p. 141.

<sup>194</sup> Προκόπτω. KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (Eds.). *Theological dictionary of the New Testament*. Grand Rapids: WM. B. Eerdmans, 1975. p. 713.

<sup>195</sup> KITTEL; FRIEDRICH, *Theological dictionary*, p. 713.

<sup>196</sup> VALENTINI, Vangelo, p. 359; BOVON, *El evangelio*, I, p. 234.

<sup>197</sup> BOVON, *El evangelio*, I, p. 234.

### 2.5.1 Lc 2,41-52 em seu contexto comunicativo

A situação comunitária que se destaca dos traços da figura de Jesus e de sua mãe (que fala em nome dos pais) delineados em Lc 2,41-52 diz respeito a dois aspectos fundamentais: a correlação entre identidade e missão de Jesus e a necessidade de compreensão da mesma por parte do leitor.

Antes de tudo o texto fornece ao leitor a resposta sobre a identidade messiânica de Jesus manifestada em sua forma de agir. A identidade e missão de Jesus foi revelada ao leitor de modo progressivo ao longo da narrativa da infância como manifestação dos sinais da visita definitiva de Deus ao seu povo. Em cada episódio da infância, a revelação da visita de Deus mediante a vinda de Jesus se deu em situações que suscitaram no leitor a necessidade de interpretar tais eventos mediante a recordação da Escritura iluminada pela atitude de fé. E, com isso, fica patente a necessidade de abertura para acolher o modo como Deus age para salvar a humanidade, mediante a vinda de Jesus, Messias e Filho de Deus.

O último episódio da infância constitui o cume da revelação sobre Jesus, pois fecha o arco narrativo que começa no Templo, com o anúncio do nascimento do precursor do Messias (Lc 1,5-25), e se conclui no mesmo local, com Jesus aos doze anos de idade (Lc 2,41-52), que manifesta no seu modo de agir os critérios para o reconhecimento de sua identidade filial.

A narrativa é desenvolvida em torno do drama da busca por Jesus, que conduz o leitor ao cume do episódio, o encontro no Templo, no qual será respondida à questão acerca da atitude de Jesus para com seus pais. O centro da narrativa está, pois, no diálogo entre mãe e filho, cuja função é esclarecer a conduta de Jesus em relação aos seus pais.

O contexto sapiencial evocado pelo vocabulário empregado – καθέζομαι, διδάσκαλος, ἀκούω, ἐπερωτάω –, na descrição da situação em que Jesus foi encontrado, somado aos elementos textuais que aludem ao ritual do seu *Bar Mizwah* – ἔτος δώδεκα, μετὰ ἡμέρας τρεῖς, ἀναβαίνω, καταβαίνω, ζητέω, εὕρισκω –, induz o leitor a considerar essa cena como a solene manifestação da identidade de Jesus como Filho de Deus, cuja atitude fundamental é “estar naquilo que é de meu Pai”. Ele age como verdadeiro filho do preceito, aquele que assume em sua existência o sentido profundo da Torah: ser instrução de Deus para a vida do ser humano.<sup>198</sup>

<sup>198</sup> “Etimologicamente [Torá] vem da raiz hebraica *yrd*, que expressa a ideia de *ensinar*, concretamente é um substantivo derivado da forma causativa ou hifil, com o sentido de *o que ensina*; significa, pois, *instrução* (Is 8,16.20; Pr 1,8; 6,20), *ditame*, *prescrição* do sacerdote (Jr 18,18) ou do sábio (Pr 13,14) ou do pai ou do mestre (Pr 3,1; 4,2; 7,2), *decisão* dada como resposta a uma consulta (Ag 2,11); *norma*, *preceito*, *lei* (Ex 12,49; Nm 15,29). [...] O sentido básico, pois, é ensinamento, que se entende sempre para a vida, ensinamento prático, e uma forma concreta disso é a lei, a norma” (RODRÍGUEZ CARMONA, A. *La religión judía: historia y teología*. 2.ed. Madrid: BAC, 2002. p. 379).

O segundo aspecto fundamental ressaltado no “contexto comunicativo” é a necessidade de compreensão por parte do leitor. O Leitor-Modelo com o qual o leitor empírico se identifica é representado pela figura de Maria, que fala em nome dos pais. Ela está presente em quase todas as cenas do relato da infância (Lc 1,26-38; 1,39-56; 2,1-21; 2,22-40; 2,41-52) e é apresentada pelo autor como modelo de discípula. O destaque dado a Maria como discípula significa que o leitor empírico encontra nela o seu modelo de identificação. Isso porque o autor construiu o texto de modo tal que o discípulo de todos os tempos poderá reconhecer na sua atitude de fé (Lc 1,38.45) e no seu “meditar” no coração (Lc 2,19.51) o seu *typos* do agir diante do mistério divino não compreendido.

O contexto comunicativo revela uma comunidade de leitores que sabe que Jesus é Messias, enviado por Deus para realizar a sua promessa de salvação, mas ainda não compreendem seu modo de agir (ποιέω), decorrente de sua atitude fundamental de obediência ao Pai. Uma comunidade que é convidada a percorrer o caminho do discipulado para compreender que é na forma como Jesus se relaciona com seu Pai que determina sua missão salvífica. E seu modo de agir no mundo desvela sua verdadeira identidade messiânica.

A presença desses dois aspectos ao longo da narrativa: a manifestação da identidade e missão de Jesus, e a interpretação desses acontecimentos como processo revelatório, faz do *logion* de Jesus em Lc 2,49 o ponto alto da manifestação de sua identidade messiânica, revelando sua importância como estratégia pragmática.

### **2.5.2 A estratégia comunicativa**

Faz parte da estratégia do autor concluir a narrativa da infância (Lc 1–2) com um episódio no qual Jesus fala pela primeira vez (Lc 2,41-52), configurando-se como chave de leitura para toda a obra lucana no que diz respeito à compreensão da identidade messiânica de Jesus e sua missão universal.

A análise da estrutura sintática e semântica do episódio nos leva a concluir que faz parte da estratégia de Lucas deslocar a atenção do leitor do drama da busca por Jesus, que culmina no encontro em Jerusalém, precisamente no Templo, para focalizar em sua declaração como resposta ao questionamento de sua mãe. Na verdade, a busca cria o contexto comunicativo no qual se insere o diálogo e o possibilita ser compreendido. Por isso, o tema da busca é retomado no diálogo, tanto na pergunta da mãe como na resposta de Jesus.

A procura incessante pelo menino evidencia contrastes importantes para a compreensão da comunicação do texto na narrativa. A busca por Jesus na “caravana” entre os “parentes e

conhecidos” contrasta com o encontro no “Templo”, entre os “mestres”. Como nas narrativas precedentes, as circunstâncias da revelação divina a respeito do Messias são desconcertantes e levantam a questão do “como” da visita de Deus, que se concretiza na vinda de uma criança.

Ao situar o encontro de Jesus no Templo, no contexto religioso alusivo ao ritual do *Bar Mitzwah*, Lucas cria no seu leitor a perspectiva de que Jesus, enquanto filho do preceito, realiza efetivamente o sentido dessa denominação. Ele é, realmente, aquele que instrui e ensina o seu povo, pois assume em sua existência a instrução de Deus como orientação para a vida.

No diálogo entre Jesus e sua mãe, posto como ápice da narrativa do encontro no Templo, o autor evidencia sua estratégia comunicativa. No discurso direto, mediante os atos de fala, Lucas intenciona corrigir um tipo de conduta no seu leitor que orientará a correta compreensão da práxis de Jesus como manifestação de sua identidade filial.

A estratégia comunicativa se articula em três atos linguísticos:

- Um ato expressivo no v. 48cd: Τέκνον, τί ἐποίησας ἡμῖν οὕτως; ἰδοὺ ὁ πατήρ σου κάγω ὁδυνώμενοι ἐζητοῦμέν σε.
- Um ato expressivo no v. 49b: Τί ὅτι ἐζητεῖτέ με;
- Um ato representativo no v. 49c: οὐκ ᾔδειτε ὅτι ἐν τοῖς τοῦ πατρός μου δεῖ εἶναί με;

Como a incompreensão dos pais conclui a cena do diálogo, e o comentário do narrador a respeito da atitude meditativa de Maria retoma toda a perícopa, vimos também a importância de ressaltar os dois versículos como estratégia comunicativa:

- Dois atos representativos: καὶ αὐτοὶ οὐ συνῆκαν τό ῥῆμα ὃ ἐλάλησεν αὐτοῖς (v. 50) e καὶ ἡ μήτηρ αὐτοῦ διετήρει πάντα τὰ ῥήματα ἐν τῇ καρδίᾳ αὐτῆς (v. 51d).

A estrutura quiástica entre pergunta e resposta formulada pelo emprego duplo do verbo ζητέω, no imperfeito, como *background* das falas principais, formuladas com os verbos ἐποίησας, no aoristo, e δεῖ, no presente, bem como o paralelismo antitético entre os sintagmas ὁ πατήρ σου e τοῦ πατρός μου manifestam a intenção do autor de focalizar a atenção do leitor para a correspondência entre a pergunta de Maria acerca do “agir” de Jesus e a resposta dele, mediante o “dever” em relação ao “seu Pai”.

### 2.5.2.1 A pergunta de Maria como ato expressivo

Mediante o ato expressivo “Por que agiste conosco dessa forma?” (v. 48c), Maria manifesta a Jesus sua reprovação em relação à atitude dele para com eles, os pais. O ato expressivo centrado nos pais procura objetivar a angústia causada pela atitude de Jesus e

esclarecer que essa atitude incide diretamente na vida dos pais, causando uma busca contínua e infrutífera. Tal reprovação é justificável devido ao que a atitude de Jesus provocou nos pais: “Eis, teu pai e eu aflitos de buscávamos”.

Com este ato expressivo, o leitor é convidado a objetivar seus sentimentos em confronto com a forma de Jesus agir para, então, dar um passo adiante no processo de abertura e acolher a novidade trazida por Jesus, manifestada em sua práxis reveladora de sua identidade messiânica. A reprovação de Maria expressa a incompreensão do leitor acerca do agir de Jesus, haja vista ele superar as expectativas judaicas ligadas à compreensão de um Messias restrito às expectativas messiânicas de Israel.

No relato, a subida de Jesus a Jerusalém supera uma mera peregrinação piedosa de sua parte, sendo ele judeu cumpridor dos preceitos religiosos judaicos, evocado desde o início mediante a atitude dos seus pais. A importância da narrativa está, pois, no fato da permanência deliberada do menino Jesus no Templo, sem que os pais o soubessem. Tal permanência não é demorada, pois no final da perícopes ele retorna com seus pais para Nazaré. Isso indica o simbolismo que o evento contém, prefigurativo da atividade messiânica de Jesus, ainda incompreendida pelos seus.

#### **2.5.2.2 A resposta de Jesus como atos expressivo e representativo**

A dupla resposta de Jesus constitui um expressivo seguido de um representativo. Com o ato expressivo: “Por que me buscáveis?”, Jesus manifesta seu espanto em relação à busca dos pais, atribuindo ao ouvinte a necessidade de rever sua maneira de compreender o próprio Jesus, suas ações e, principalmente sua autonomia e liberdade em relação aos preceitos judaicos.

Ao longo da narrativa evangélica, o leitor se deparará com episódios em que Jesus entra em conflito com os judeus por causa de sua práxis em relação aos pecadores e publicanos. Tal atitude reflete a liberdade com que Jesus atua para buscar e salvar os que estavam perdidos, objetivo de sua missão no mundo. Tal atitude de Jesus é condizente com sua fidelidade ao Pai e, por isso, o leitor empírico que se identifica com o personagem que aqui é questionado, deverá rever sua pré-compreensão de Jesus, muitas vezes fortemente marcada por uma visão errônea de Deus, para abrir-se à revelação que o próprio Jesus faz de sua pessoa.

Esta compreensão é o fundamento do seguinte ato representativo: “Não sabíeis que devo estar naquilo que é de meu Pai?”. Jesus adapta suas palavras à situação manifestada por sua atitude em relação aos pais. Ele manifesta seu compromisso com a afirmação fundamental de que fazer a vontade de seu Pai celeste constitui a atitude basilar de sua vida. Com este ato, visa



induzir seu leitor a mudar a consciência em relação ao que se pensa conhecer de Jesus e, ulteriormente, manifestar-se em uma planificação do atuar do leitor, configurado como abertura ao novo que Jesus representa.

Da mesma forma que não se sabe quem é Jesus, a compreensão do alcance de sua missão torna-se limitada. As “coisas do Pai”, aos quais Jesus enquanto Filho obediente tem a necessidade absoluta de estar, determina toda a sua vida. Por isso, a importância fundamental de compreender a que Jesus se refere com essa frase enigmática, que constitui um convite ao leitor para descobri-lo no caminho.

O ato representativo, formulado com o dito enigmático “ἐν τοῖς τοῦ πατρὸς μου δεῖ εἶναι με”, ganha ainda mais força mediante outros dois atos representativos, reforçando a estratégia do autor, cujo escopo é levar o leitor a mudar de perspectiva que possibilite sua abertura ao inaudito que Jesus representa na história da salvação.

### **2.5.2.3 A incompreensão dos pais e meditação de Maria como atos representativos**

O diálogo é encerrado com uma observação do narrador a respeito do que Jesus falou: “E eles não compreenderam a palavra que ele lhes falou” (v. 50), manifestando assim, a incompreensão da intenção comunicativa de Jesus. Constitui um ato representativo que propicia ao leitor uma função cognoscitiva, que pode induzi-lo a uma modificação de consciência em relação ao que se pensa e se espera de Jesus e, ulteriormente, manifestar-se em uma planificação do agir em relação ao acolhimento ou rejeição ao novo representado por ele.

Essa mudança de perspectiva será possível na medida em que o leitor aceitar o convite de meditar todo o acontecido no episódio narrado, à luz do que foi dito e revelado a respeito de Jesus no relato da infância, em sintonia com o que o próprio Jesus revela de si mesmo. É o que propõe o v. 51d: “E Maria conservava todas essas coisas no seu coração”.

A meditação de Maria constitui um ato representativo, no qual o narrador faz uma observação, apenas em relação a Maria, modelo de fé e do discipulado, que se refere não apenas às palavras de Jesus, mas a todo o evento narrado no episódio. O objetivo visa criar no leitor competente a consciência segundo a qual se faz necessário percorrer o caminho do discipulado para compreender essa palavra-evento e, ulteriormente, mudar sua forma de agir. Trata-se de um convite a continuar a leitura atentamente, pois o que aqui foi revelado sobre Jesus e sua missão, constitui apenas o início “dos eventos acontecidos entre nós” (Lc 1,1).

## 2.6 Síntese conclusiva

O conteúdo exposto ao longo deste capítulo procurou demonstrar a função comunicativa do texto bíblico proposto a partir da análise dos vários elementos textuais que o compõe e que dão unidade e coerência à narrativa lucana da infância.

A leitura de Lc 2,41-52 é preparada por um itinerário proposto pelo autor (Lc 1,1-2,40), denominado aqui “caminho do leitor” que, ao longo dos trechos – prólogo literário e narrativa da infância –, oferece indicações acerca da composição do contexto comunicativo no qual a mensagem deverá ser captada pelo leitor. O percurso feito pela leitura dos vários episódios da infância permitiu, por um lado, delinear os critérios de verificação do reconhecimento de Jesus como enviado de Deus e, por outro, o Leitor-Modelo construído na narrativa da infância. É, pois, essa imagem do leitor, enquanto estratégia textual, que conduzirá a leitura de toda a obra lucana.

Essa leitura prévia evidenciou alguns traços da identidade e missão de Jesus que serão aprofundados na última narrativa, quando ele próprio revelará sua identidade messiânica referida a Deus como seu Pai e sua missão fundamental. Com isso, o leitor é preparado para confrontar suas expectativas messiânicas com o modo inesperado de Deus agir na história, manifestado na práxis de Jesus ao longo da narrativa evangélica.

As personagens são apresentadas com características que ressaltam sua religiosidade e fidelidade a Deus, esperavam o cumprimento de suas expectativas de salvação. As personagens descritas chamam atenção por sua simplicidade e abertura à revelação divina, delineando o tipo de pessoa que acolhe a revelação divina e quais os critérios necessários para o reconhecimento de Jesus como enviado do Pai. E, nesse caso, Maria é apresentada como paradigma do discípulo, que crê na Palavra de Deus e, por isso, é capaz de reconhecer a visita definitiva de Deus em Jesus.

O estudo propriamente dito de Lc 2,41-52 pressupõe o conhecimento de alguns elementos literários para que se possa definir com maior clareza o objeto material do estudo. O episódio é bem demarcado como unidade autônoma em relação aos trechos imediatamente precedente (Lc 2,22-40) e seguinte (Lc 3,1-20) mediante elementos temporal, topográfico e circunstancial; e forma um todo coeso e orgânico (início, meio e fim) identificáveis pelo vocabulário empregado, pelas repetições de verbos ao longo da narrativa e pela temática que perpassa toda a perícope.

Através da crítica textual documental foi possível constatar que o texto em questão não oferece problemas sérios de crítica textual, assim como foi possível atestar que ele corresponde com a maior probabilidade ao original, testificado pelos documentos mais fidedignos.

A narrativa da infância desenvolve uma cristologia mediante a técnica da *synkrisis*, na qual identifica João Batista como precursor do Messias e Jesus como o enviado de Deus para salvar o seu povo. Essa cristologia é apresentada de forma progressiva, mediante três grandes seções narrativas (Lc 1,5-80; 2,1-40; 2,41-52), demarcadas por elos que assinalam o início (Lc 1,5; 2,1-3; 2,41) e o final (Lc 1,80; 2,40; 2,52) de cada seção. O texto aqui analisado constitui o cume e a conclusão de todo esse processo de revelação cristológica que se inicia com o anúncio do nascimento de João e se conclui com o episódio de Jesus aos doze anos, no Templo. Os elementos textuais analisados atestam a continuidade narrativa e temática entre este episódio e a narrativa precedente, constituindo, assim, uma verdadeira conclusão do relato da infância, em preparação ao início da atividade pública de Jesus.

A análise sintática de Lc 2,41-52 evidenciou uma narrativa estruturada em vários períodos compostos por subordinação, que funcionam como prelúdio e *background* das ações principais. A organização do texto visa focalizar a atenção do leitor em duas ações principais: a atitude de Jesus e a reação dos seus pais. O relato apresenta uma estrutura básica em três pequenas unidades narrativas bem articuladas entre si, em função do diálogo que constitui o ponto focal da perícopes. Este diálogo visa, pois, desvelar a identidade messiânica de Jesus referida ao seu Pai e sua obediência fundamental, em confronto com as expectativas dos seus pais terrestres.

Por meio da análise semântica, foi possível constatar que o ambiente religioso no qual a narrativa é desenvolvida visa apresentar Jesus inserido na fé de seu povo, bem como evidenciar que é no interior dessa mesma fé que Deus revela os sinais de sua visita definitiva. No entanto, ficou comprovada, na atitude de Jesus em relação aos seus pais, a necessidade de superar as expectativas de um messias restrito a Israel e ao modo como este povo aguardava a salvação divina. Salvação essa que se concretizará em Jesus mediante atos e palavras que revelam a imensidão de sua misericórdia (Lc 4,16-30).

O encontro de Jesus no Templo, em ambiente de ensino, com todos os elementos que possivelmente aludem ao ritual do *Bar Mitzwah*, ressalta a afirmação fundamental acerca da identidade e missão de Jesus como enviado do Pai para instruir a humanidade. Essa instrução, segundo Isaias, sairá da montanha da casa do Senhor e se dirigirá a todas as nações (Is 2,1-4). Tal projeto de salvação, prefigurado na narrativa na qual Jesus se revela a si mesmo como o Filho obediente do Pai, constitui matéria da obra lucana (Lc-At).

A incompreensão dos pais de Jesus, um dos motivos que compõem a temática da perícope, constitui um interrogativo aberto a Deus que reivindica um ulterior entendimento, fazendo desse trecho um texto aberto a ser preenchido pelo Leitor-Modelo em seu itinerário de leitura do Evangelho e dos Atos dos Apóstolos.

A focalização pragmática nos revelou que o âmago comunicativo do texto lucano repousa sobre a relação entre a manifestação da identidade messiânica e missão de Jesus e sobre seu reconhecimento por parte do leitor. A intenção do autor consiste em levar seu leitor a mudar sua concepção acerca do modo como entende Jesus – identidade e ação – como manifestação de sua filiação divina. É, pois, na atitude de Jesus que se desvela sua identidade filial e, acima de tudo, a maneira inaudita de Deus agir para salvar a humanidade.

Assim, a estratégia do autor na narrativa de Lc 2,41-52 consiste em corrigir seu leitor no que diz respeito à imagem que têm de Jesus e de sua ação no mundo. Mediante a personagem Maria, modelo do discípulo, o leitor de todos os tempos se dá conta de sua expectativa equivocadas em relação a Jesus e, conseqüentemente, de sua incompreensão em relação a sua práxis. Por meio da pergunta de Jesus aos seus pais, o leitor deve confrontar suas próprias expectativas com a revelação que o próprio Jesus faz de si, que denota um mistério a ser desvelado ao longo do caminho. Com isso, o leitor é instigado a mudar sua forma de compreender Jesus e, conseqüentemente, conformar seu agir no mundo. Essa proposta de mudança de mentalidade fica mais evidente na atitude de Maria, que soa como um convite ao leitor para percorrer o caminho do discipulado, a fim de compreender o que significa “cuidar das coisas do Pai” e, enfim, agir no mundo conforme essa necessidade fundamental de Jesus Messias e filho de Deus.

Diante da tomada de consciência no que se refere à forma de compreender a messianidade de Jesus, o relato da manifestação de Jesus aos doze anos no Templo (Lc 2,41-52) constitui uma preparação para a manifestação de Jesus a ser narrada ao longo do Evangelho, demonstrada no episódio programático da sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-30). Nesse episódio, o leitor é confrontado com uma ideia de messianismo que ultrapassa as expectativas de Israel, já antecipada no relato da infância.

### 3 A DEMONSTRAÇÃO DO MESSINIANISMO DE JESUS (Lc 4,16-30)

A narrativa da infância concluiu seu percurso no Templo, lugar onde Jesus se autorrevela a seus pais terrenos e ao leitor como o “Filho obediente” de seu Pai celeste e seu dever fundamental de “estar naquilo que é de seu Pai”.<sup>1</sup> O contexto religioso no qual Lucas conclui a apresentação da identidade e missão de Jesus alude ao ritual do *Bar Mitzwah*, no qual Jesus se tornou “filho do preceito”. Tal cena fundamenta o protagonismo de Jesus nesse relato e o prepara para o início de sua atuação pública. Esse trecho não apenas conclui a progressiva revelação da identidade de Jesus no relato da infância, assim como sua missão como enviado de Deus, mas prepara o leitor para a práxis de Jesus a ser narrada ao longo de seu ministério público (Lc 3–24).

Do ponto de vista narrativo, Lc 2,41-52 anuncia o episódio da aparição pública de Jesus na sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-30), pois no final de sua atuação no Templo, Jesus desce com seus pais para Nazaré (Lc 2,51), não o mesmo menino que subiu a Jerusalém, mas agora protagonista de seus atos. É, pois, como protagonista que ele entrará na sinagoga de Nazaré e começará a ensinar, prefiguração de sua missão messiânico-profética.

Na sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-30), Jesus, além de exercer sua religiosidade judaica, revela, em sua pregação, o que significa concretamente “cuidar das coisas do Pai” (Lc 2,49b), pois plenifica a Escritura ao cumpri-la em sua pessoa. No Templo (Lc 2,41-52), Jesus é apresentado ao leitor como o discípulo bem instruído, cuja obediência ao Pai norteará toda sua existência. E, na sinagoga de Nazaré, o leitor se depara com a primeira manifestação de Jesus adulto, não mais como discípulo, mas agora como mestre que ensina a interpretar as Escrituras.

O presente capítulo propõe-se a analisar o episódio da sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-30) como demonstrativo da identidade messiânica de Jesus e sua consequente missão, levando em consideração o conhecimento do leitor a respeito do seu messianismo e da necessidade de abrir-se ao que o próprio Jesus tem a revelar de si mesmo.

O episódio, além de apresentar o “programa messiânico” de Jesus a ser desenvolvido em Lc-At, constitui nova etapa na revelação cristológica lucana, em continuidade com a cristologia revelada na narrativa da infância. Dessa forma, a análise de Lc 4,16-30 será precedida pela leitura do tríptico inaugural (Lc 3,1-20; 3,21-38; 4,1-13), objetivando evidenciar o leitor construído por Lucas que possibilite a compreensão da cristologia lucana presente na perícopes da sinagoga de Nazaré.

---

<sup>1</sup> No capítulo I, p. 26-39, apresentamos a discussão acerca da interpretação do sintagma ἐν τοῖς τοῦ πατρὸς μου (2,49b) e concluímos que a tradução “naquilo que é de meu Pai” corresponde melhor ao sentido do texto.

### 3.1 A construção do leitor em Lc 3,1–4,15

O leitor que acompanhou a revelação cristológica ao longo da narrativa da infância já está ciente quanto à identidade messiânica de Jesus e sua missão de salvação universal. As vozes das personagens celestes e terrestres manifestaram em cada episódio o que Jesus é: o messias esperado por Israel, da descendência de Davi, que irá reinar para sempre; o enviado escatológico que salvará o seu povo dos seus pecados, incluindo as nações; e, por fim, o filho obediente que deve “cuidar das coisas do seu Pai”.

Nos episódios imediatamente posteriores ao evangelho da infância, que preparam o início do ministério público de Jesus, confirma-se tudo o que foi anunciado antes a respeito da identidade e missão de Jesus. Com isso, o leitor é conduzido a perceber na práxis de Jesus o tipo de Messias delineado já no relato da infância, mediante um olhar mais atento às suas ações e palavras, bem como ao que é revelado dele nos episódios.

#### 3.1.1 Missão e pregação do precursor (Lc 3,1-20)

A narrativa da apresentação da pessoa e do ministério de João Batista pode ser dividido em quatro partes.<sup>2</sup> No entanto, observando o emprego dos verbos de primeiro e segundo plano, optamos por dividir o episódio em cinco unidades narrativas, precedidas por uma introdução:

- Introdução, que situa a atuação de João no período histórico e religioso de Israel, dando ao episódio o caráter de novo começo (vv. 1-2);
- primeira unidade narrativa (vv. 3-6), que descreve João como o profeta do altíssimo, já antes mencionado (Lc 1,76-77), enviado por Deus para preparar o “caminho do Senhor” (Lc 3,4);
- segunda unidade narrativa (vv. 7-9), apresentando o discurso exortativo de João direcionado ao povo;
- terceira (vv. 10-14), narrando a reação da multidão em adesão à proposta de conversão, focalizada em alguns grupos específicos: multidão, publicanos, soldados;

---

<sup>2</sup> Segundo KARRIS, *Il vangelo*, p. 893, o episódio segue a seguinte divisão: “Lc 3,1-6 apresenta o apelo de João a preparar os caminhos do Senhor. Em 3,7-14, Lucas descreve como pessoas comuns e marginalizadas se preparam para o Senhor. Lc 3,15-18 destaca a diferença entre aquele que prepara a via do Senhor e o messias. Em 3,19-20, Lucas conclui a apresentação de João”.

- quarta unidade narrativa (vv. 15-17), enfatizando a questão da identidade do Messias, que cria a ocasião para esclarecer o papel de precursor exercido por João e seu discurso escatológico acerca do juízo que o Messias realizará em sua vinda;
- quinta unidade (vv. 18-20), que também funciona como conclusão do episódio, apresentando um sumário do ministério de João Batista como anunciador do evangelho e o fim de sua atuação pública com o seu encarceramento por causa do seu ministério profético.

Ao citar o texto de Is 40,3-5 para descrever a atuação de João Batista, Lucas confere ao evento o caráter de cumprimento do que foi anunciado pelo profeta. Com a citação “e todos verão a salvação que vem de Deus” (Lc 3,6), além de remeter à profecia de Simeão (Lc 2,30), Lucas prepara seu leitor para os eventos que irá narrar ao longo do evangelho e, ao mesmo tempo, cria a expectativa em torno da aparição pública de Jesus (Lc 3,21-22).

Nos vv. 7-14, o leitor toma conhecimento do conteúdo exortativo da pregação de João e a reação positiva da multidão ao seu apelo, cumprindo, então, o que foi dito na narrativa da infância a respeito do papel de João na história da salvação (Lc 1,13-17). As multidões (ὄχλος)<sup>3</sup> são os destinatários da pregação (vv. 7.10) e os que a acolhem, em contraposição aos líderes religiosos dos judeus que a rejeitam (Lc 7,28-30; 20,1-8).<sup>4</sup> Durante o ministério de Jesus, também serão as multidões que o reconhecerão como enviado de Deus, e não os judeus piedosos. É, pois, esse tipo de ouvinte, os mais simples, que responde positivamente à pregação de Jesus.

Lucas também ressalta, nos vv. 15-18, que João não é o Messias esperado pelo povo, mas aquele que lhe prepara o caminho, conforme foi profetizado no relato da infância (Lc 1,76). E, nos vv. 19-20, Lucas encerra a apresentação de João informando ao leitor o seu destino como profeta, encarcerado por causa de seu ministério; sua missão de preparar um povo bem disposto foi, enfim, concluída. O destino de João prepara o de Jesus, qual profeta que é rejeitado por seu povo, conforme ele mesmo dirá na sinagoga de Nazaré (Lc 4,24).

### **3.1.2 A manifestação do Filho amado (Lc 3,21-22)**

A apresentação de Jesus é feita somente após João Batista sair de cena, focalizando a atenção do leitor no momento mais importante do episódio, a declaração divina a respeito de

<sup>3</sup> Em Lucas, ὄχλος é sinônimo de λαός (Lc 3,15; 7,29).

<sup>4</sup> KARRIS, Il vangelo, p. 894.

Jesus (v. 22). Depois do batismo, e estando em oração, o Espírito desce sobre Jesus, preparando-o para o seu ministério público, em obediência a seu Pai celeste.<sup>5</sup>

Lucas descreve uma sucessão de ações subordinadas à ação principal, introduzida por ἐγένετο δὲ, e formuladas com frases que funcionam como *background* da declaração fundamental do episódio, descrita com verbos no presente e no aoristo.<sup>6</sup> Assim, a narrativa não descreve o batismo de Jesus (Mt 3,13-17) nem menciona que foi batizado por João (Mc 1,9-11). O fato é apenas acenado como ocasião para narrar a descida do Espírito Santo sobre Jesus e a proclamação divina.<sup>7</sup> O contexto é de oração, característico no evangelho lucano: Jesus inicia e termina seu ministério com a oração (Lc 22,46).<sup>8</sup> O caráter oracional de Jesus significa que o poder que ele tem de levar a salvação provém de Deus.<sup>9</sup>

O episódio constitui uma teofania, evidenciada pelo símbolo profético e escatológico de “o céu se abriu”<sup>10</sup> e do Espírito que desce em forma corpórea, sendo visível aos presentes, enquanto a voz divina se dirige somente a Jesus.<sup>11</sup> A “visibilidade” do Espírito remete o leitor ao que foi anunciado por João Batista: “E toda carne verá a salvação de Deus” (Lc 3,6). Esse episódio recorda ao leitor que aquilo que foi revelado na infância a respeito da identidade de Jesus como Filho (Lc 1,32.35), obediente ao Pai (Lc 2,49), aqui é assumido por ele mediante o dom do Espírito.<sup>12</sup>

O emprego da preposição ἐπί (“sobre”) orienta a ideia de unção profética e messiânica (cf. At 10,38). Jesus, concebido pelo Espírito Santo (Lc 1,35), não recebe apenas agora a unção messiânica que o põe em relação filial com Deus, mas é apresentado publicamente como o ungido para iniciar sua missão.<sup>13</sup> O Espírito está na origem da obra de Jesus, que inaugura o tempo da salvação e o acompanha ao longo de sua vida, no cumprimento de sua atividade pública.<sup>14</sup> É, pois, o mesmo Espírito que acompanhará a missão da igreja, no testemunho da Palavra-evento, “em Jerusalém, em toda a Judeia e na Samaria, até confins da terra” (At 1,8).

<sup>5</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 349.

<sup>6</sup> As frases que descrevem o *background* são formuladas com os verbos no infinitivo (βαπτίζω, ἀνοίγω, καταβαίνω, γίνομαι) e no particípio (βαπτίζω, προσεύχομαι), e a afirmação fundamental, com os verbos no presente (εἰμί) e no aoristo (εὐδοκῶ).

<sup>7</sup> FABRIS, R. O Evangelho de Lucas. In.: FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2006, p. 49.

<sup>8</sup> KARRIS, Il vangelo, p. 895; cf. Lc 5,16; 6,12; 9,18; 9,28-29; 11,1-2; 22,32; 22,29-46.

<sup>9</sup> KARRIS, Il vangelo, p. 896.

<sup>10</sup> Em Ez 1,1 e Is 64,1 o símbolo indica que a revelação divina está para acontecer.

<sup>11</sup> A diferença de Mt 3,17, em que a voz divina se dirige a todos os presentes.

<sup>12</sup> KARRIS, Il vangelo, p. 894.

<sup>13</sup> ROSSÉ, Il vangelo, p. 135.

<sup>14</sup> ROSSÉ, Il vangelo, p. 135.



O conteúdo da voz divina – “Tu és o meu filho amado, em ti me agrado” –, a diferença de alguns manuscritos,<sup>15</sup> expressa melhor a teologia lucana de apresentar Jesus como o Messias Servo.<sup>16</sup> “Esta audição, uma combinação do Sl 2,7 e, provavelmente, Is 42,1, se dirige a Jesus como Filho e Servo, para que ele assuma o poder (δύναμις) que já era seu desde a concepção (cf. Lc 1,32;35; 5,1; 6,19)”.<sup>17</sup>

Assim, na voz celeste que ratifica a identidade de Jesus como “Filho” e “Servo”, o leitor é recordado acerca de quem é Jesus e de sua relação única com o Pai. Também vai se configurando que tipo de messias é Jesus, cuja caracterização ultrapassa as expectativas judaicas vigentes. Jesus é o Filho que agrada ao Pai por realizar sua vontade. O servo que se ajusta à vontade de Deus, como já foi apresentado no relato da infância (Lc 2,49).

### 3.1.3 Filho de Adão, filho de Deus (Lc 3,23-38)

O filho amado e ungido pelo Espírito (Lc 3,21-22), antes de iniciar sua obra messiânica, é apresentado ao leitor como o prometido da história de Israel e o Salvador universal da humanidade, como fora ressaltado nos episódios precedentes.<sup>18</sup> A genealogia deve ser lida em continuidade com o episódio do batismo, devido à sua correlação.

A genealogia de Jesus, posta imediatamente depois do episódio do batismo, tem a função de rever a ascendência do protagonista precisamente no início de seu ministério público de pregação e de atividade curativa. O fato de que essa larga enumeração de nomes termine reconhecendo a Jesus como descendente de “Adão, filho de Deus” (Lc 3,38) se deve, obviamente, a um influxo direto da declaração que vem do céu por ocasião do batismo.<sup>19</sup>

A genealogia de Jesus, organizada em forma ascendente, de José até Deus, passando por Davi e, depois, Adão, visa mostrar a identidade de Jesus como descendente de Davi e, também,

<sup>15</sup> Há uma variante em relação ao conteúdo da voz divina: “υἱός μου εἶ σύ ἐγὼ σήμερον γεγέννηκά σε” [“Tu és o meu filho, eu hoje te gerei”] (citação do Sl 2,7), leitura atestada pelos manuscritos D it; Ju (CI) Meth Hil Aug; No entanto, a leitura “σὺ εἶ ὁ υἱός μου ὁ ἀγαπητός, ἐν σοὶ εὐδόκησα” [“Tu és o meu filho amado, em ti me agrado”] é atestada pelos manuscritos mais representativos: Ɔ<sup>4</sup> & B D L W 070. 33. 579. 1241. Cf. NESTLE-ALAND, *Novum Testamentum*.

<sup>16</sup> A expressão designa Jesus como o verdadeiro servo anunciado por Isaías, mas o termo “Filho”, que substitui o “servo”, ressalta o caráter messiânico e propriamente filial da sua relação com o Pai (cf. BJ, nota q referente a Mt 3,17); segundo FAUSTI, Silvano. *Una comunità legge il vangelo di Luca*. Bologna: Dehoniane, 1995. p. 90, Jesus, o servo obediente, imerso na obediência, se revela Filho, o Messias libertador entronizado segundo o Sl 2,7. É o “amado” filho único do seu coração, como Isaque votado ao sacrifício da obediência e, por isso, princípio do novo povo (cf. Gn 22,2) [tradução nossa].

<sup>17</sup> KARRIS, Il vangelo, p. 896.

<sup>18</sup> SCHÜRMANN, Il vangelo, p. 157.

<sup>19</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 364.

como ele se insere no plano divino que remonta à criação da humanidade por parte de Deus.<sup>20</sup> “Desse modo, a genealogia de Jesus até Adão inclui toda uma série de antepassados pertencentes à grande família humana anterior ao chamado de Abraão e à configuração do povo eleito.”<sup>21</sup> A universalidade da salvação, afirmada já no relato da infância, é reiterada por Lucas na genealogia de Jesus. Assim, em Jesus, está concentrada toda a história humana iniciada com Adão.<sup>22</sup>

Outro ponto importante na genealogia é que essa referência à ἀρχή de Jesus, além dos sentidos cronológico (batismo) e geográfico (Galileia), tem significado teológico, pois apresenta Jesus como o início da nova humanidade escatológica de Deus.<sup>23</sup>

Em suma, Lucas apresenta nessa genealogia a condensação da história da salvação aberta a Deus e uma perspectiva universalista dessa mesma história, que encontra, em Jesus, seu ponto de referência.<sup>24</sup>

### 3.1.4 Vitória do Filho na tentação (Lc 4,1-13)

Após seu batismo no rio Jordão, no qual Jesus é revelado como Filho e Servo, e a genealogia que o apresenta como filho de Adão e filho de Deus, ele é conduzido pelo Espírito ao deserto para ser posto à prova.<sup>25</sup> O mesmo Espírito recebido no Batismo o conduz ao deserto e o sustenta durante a tentação. “As cenas da tentação descrevem Jesus como Filho de Deus, obediente à vontade do Pai; por isso não cede à sedução de usar seus poderes ou sua autoridade de Filho para uma finalidade distinta da que constitui sua missão.”<sup>26</sup> Jesus vence a tentação de ostentar seu poder em benefício próprio para ratificar a missão que o Pai lhe confiou.<sup>27</sup>

O que Jesus enfrenta no deserto descreve as oposições que enfrentará em sua missão, e com fé obediente triunfará sobre tudo o que se opõe a ela.<sup>28</sup> As três cenas corrigem uma ideia

<sup>20</sup> KARRIS, Il vangelo, p. 896. “Lucas utilizou uma fonte da genealogia davídica diferente daquela de Mateus. Esta fonte, que tem 36 nomes completamente desconhecidos a Mateus e ao AT, usava na sua teologia o número sacro bíblico sete. De José a Deus há sete vezes onze nomes. Jesus é o cume do que Deus fez pela criação e pelo seu povo eleito, porque ele inicia a décima segunda e última série de sete.”

<sup>21</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 370.

<sup>22</sup> FABRIS, O evangelho, p. 55.

<sup>23</sup> KARRIS, Il vangelo, p. 897; FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 376; o início da atividade pública de Jesus, segundo a tradição, está circunscrito a seu batismo (cf. At 10,37-38).

<sup>24</sup> ROSSÉ, Il vangelo, p. 140.

<sup>25</sup> “As tentações, formuladas sobre as de Israel, são historicamente conectadas com o batismo. [...] Enquanto Marcos acentua o aspecto de Jesus como novo Adão e Mateus, o do novo Israel, Lucas apresenta o Cristo na sua vitória pascal sobre o inimigo, satanás” (FAUSTI, Una comunità, p. 93).

<sup>26</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 397.

<sup>27</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 400.

<sup>28</sup> KARRIS, Il vangelo, p. 897; FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 397.

equivocada da missão de Jesus como “Filho”.<sup>29</sup> Jesus refuta a ideia de tomar o poder político (Mc 6,45; Jo 6,15), de realizar sinais divinos para todos crerem nele (Lc 11,16; Mc 8,11) e de seguir uma via humana que evitasse a cruz (Mc 8,31-33).<sup>30</sup>

Não há dúvida alguma que o relato das tentações, seja em Lucas ou em Mateus, reveste um significado messiânico. A dupla repetição de “Se tu és o Filho de Deus”, tomada da fonte, é uma prova decisiva. A segunda tentação apresenta duas formas antitéticas de messianismo: um político e outro espiritual. Em Lucas, a alusão claríssima ao drama de Jerusalém, que representa um vértice, confere ao curso da vida de Jesus o seu profundo significado. O Templo, sobre o qual Jesus foi levado e no qual se revelou, terá um papel proeminente no relato da paixão.<sup>31</sup>

### 3.1.5 O sucesso da atividade de Jesus na Galileia (Lc 4,14-15)

Os vv. 14-15 constituem um sumário redacional que resume a atividade de Jesus na Galileia, criando o ambiente em que será narrado o episódio da pregação de Jesus na sinagoga de Nazaré.<sup>32</sup> Ao mesmo tempo, o autor liga o episódio da sinagoga ao das tentações de Jesus (Lc 4,1-13), no qual este foi conduzido pelo Espírito ao deserto e venceu o mal como Filho de Deus.

“Jesus voltou para a Galileia, com a força do Espírito, e sua fama se espalhou por toda a região. Ele ensinava nas sinagogas deles, e todos o elogiavam” (Lc 4,14-15).<sup>33</sup> Com esta declaração solene o ministério de Jesus na Galileia é introduzido por Lucas.<sup>34</sup> Cada uma dessas frases tem um significado próprio.<sup>35</sup> A primeira frase põe a pregação e a atuação taumatúrgica de Jesus sob o sinal da potência do Espírito, o mesmo Espírito que o ilumina na inteligência das Escrituras, como o mostrou as tentações e como o mostrará a pregação na sinagoga de Nazaré.<sup>36</sup>

<sup>29</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 395.

<sup>30</sup> FAUSTI, Una comunità, p. 93.

<sup>31</sup> RIGAUX, Bédé. *Testimonianza del Vangelo di Luca*. Padova: Gregoriana Editrice, 1973, p. 126. Após a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (Lc 19,28-40), ele purifica o Templo (Lc 19,45-47) e passa, então, a ensinar todos os dias lá (Lc 21,37; 22,53). Serão os sumo sacerdotes e oficiais do Templo que prenderão Jesus (Lc 22,52).

<sup>32</sup> À diferença de Mc 6,1-6 e Mt 13,54-58, Lucas desloca o episódio da sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-30) para o início da atividade pública de Jesus, logo após o sumário de introdução (Lc 4,14-15). Segundo CASALEGNO, Lucas, p. 104, “os textos de Marcos e Mateus destacam que Jesus visitou sua cidade no meio da sua atividade apostólica.” A ordem proposta por Lucas visa dar um destaque particular ao episódio de Nazaré. A extensão da perícopes e sua articulação interna e a riqueza de temas, bem relacionado entre si, revelam o trabalho redacional de Lucas em prol de sua teologia (CASALEGNO, Lucas, p. 105).

<sup>33</sup> BÍBLIA sagrada, CNBB, 2019.

<sup>34</sup> Alguns estudiosos consideram os vv. 14-15 como parte integrante da perícopes, devido a seu caráter introdutório. Segundo BOVON, El evangelio, p. 296, os v. 14-15 marcam a transição, olhando tanto para trás como adiante. Essa função introdutória é sublinhada por seu parentesco formal com 4,1. Considerando seu caráter redacional e introdutório, optamos por tratá-los como unidade separada do episódio da Sinagoga de Nazaré.

<sup>35</sup> RIGAUX, Testimonianza, p. 127.

<sup>36</sup> RIGAUX, Testimonianza, p. 127.

A segunda frase retoma o efeito da pregação na Galileia, em forma de louvor, para sublinhar o sucesso de Jesus.<sup>37</sup>

### 3.1.6 Conclusão do percurso

Lc 3,1-20 apresenta João Batista como porta-voz de Deus, que profere o oráculo divino como realização da promessa de restauração definitiva. Delineia a figura de João na linha do profetismo, que exorta seu povo e desmascara as más intenções daqueles que se acham já salvos por fazer parte do povo eleito. A resposta do povo, em forma de diálogo com João, desloca a atenção do leitor do genérico para o particular, focalizado em grupos concretos do meio do povo: multidão, publicanos e soldados.

A expectativa do povo cria a ocasião de pôr a questão do messias, como na narrativa da infância, no qual Lucas aproveita eventos extraordinários para introduzir as questões que serão respondidas em seguida (Lc 1, 65-66). Ao anunciar o Messias, que já está presente no meio do povo, João também anuncia o juízo escatológico, tema que será desenvolvido mais à frente no Evangelho (Lc 7,31-32; 13,25-27; 19,41-44; 20,9-16; 21,29-31).

No episódio imediatamente posterior (vv. 21-22), Lucas narra uma teofania, por ocasião do batismo de Jesus no Jordão. No episódio, Lucas descreve uma sucessão de ações subordinadas à ação principal formulada com o ἐγένετο δὲ (v. 21), que chama a atenção para a importância do evento ali narrado. Essas ações descritas em segundo plano (“ser batizado”, “depois de batizado”, “estando em oração”, “o céu se abriu”, “descer o Espírito Santo”, “veio uma voz”), criam um contexto comunicativo para a declaração fundamental do episódio, formulada com os verbos no presente e no aoristo: “Tu és o meu filho, o amado; em ti me agrado” (v. 22).

A afirmação é proferida de forma enfática, introduzida pelo pronome pessoal σύ (“tu”). O verbo εἰμί no presente do indicativo, tempo da duração, é empregado para afirmar algo fundamental, dirigido ao interlocutor, que é Jesus. O predicativo do sujeito “o meu filho” e o adjetivo “o amado” definem Jesus ante o Pai. A segunda frase, formulada com o verbo no aoristo (ἐν σοὶ εὐδόκησα = em ti me agrado) complementa a identidade filial de Jesus e confere à declaração toda a força teológica do evento, como investidura de Jesus, Filho e Servo.

O Leitor, que acompanha a revelação progressiva da identidade de Jesus, desde o relato da infância, já conhece alguns elementos da cristologia lucana: Messias, filho de Davi, filho do

<sup>37</sup> RIGAUX, Testimonianza, p. 127-128.

Altíssimo, salvador universal, filho obediente que deve cuidar das coisas do Pai. Esses elementos são reiterados nesse novo passo da cristologia lucana e associados a um novo: Jesus é o Filho amado e Servo em quem o Pai se agrada. Essa revelação é significativa como preparação para o início de sua missão messiânica.

A genealogia de Jesus (Lc 3,23-38), posta imediatamente depois da sua investidura como Filho, tem como objetivo apresentá-lo como verdadeiramente humano, cuja origem está em Deus. É, pois, enquanto filho do proto-homem, Adão, cuja origem está em Deus, que Jesus é apresentado como o Filho amado, porque se ajusta à vontade de Deus, seu Pai. A genealogia também apresenta Jesus como salvador universal. À diferença de Mateus (Lc 1,1-17), Lucas faz remontar a origem de Jesus além da vocação de Israel, pois sublinha sua ligação com toda a humanidade.<sup>38</sup>

No episódio seguinte, o da tentação de Jesus (Lc 4,1-13), o leitor pode constatar por que Jesus é o Filho amado: ele vence a tentação como Filho obediente ao Pai, que escuta somente sua voz e realiza sua vontade. É o verdadeiro justo, segundo a categoria sapiencial, que orienta toda a sua vida segundo a obediência filial. O uso da Escritura para combater o mal constata que Jesus cumpre nele, em sua pessoa, a vocação humana de escuta constante da vontade de Deus. No relato da tentação é antecipado ao leitor o embate que Jesus enfrentará durante todo o seu ministério, bem como sua vitória sobre o pecado e a morte.

Nas respostas de Jesus ao diabo, mediante os verbos no futuro, eventualmente de injunção (“Não só de pão viverá o homem” [v. 4]; “Adorarás ao Senhor, teu Deus, e a ele somente prestarás culto” [v. 8], “Não tentarás o senhor, teu Deus” [v. 12]), o leitor tem diante de si um ideal a ser alcançado. Jesus é tentado enquanto Filho de Deus (vv. 3.9), como o justo apresentado no relato do Batismo, que é conduzido pelo Espírito. Onde Adão sucumbiu, assim como Israel no deserto, Jesus, “o novo Adão”, vence a prova por sua fidelidade ao Pai.

Na sequência, a pregação de Jesus na sinagoga de Nazaré é preparada por um breve sumário da atividade de Jesus na Galileia (Lc 4,14-15), no qual é delineado um ambiente propício para situar o ministério de Jesus.

Uma vez que o Leitor, que vem acompanhado desde o prólogo a narrativa acerca da visita de Deus que se concretiza em Jesus, o Messias, Filho de Deus, Salvador da humanidade, pode constatar que tudo o que foi anunciado na infância a respeito de Jesus se cumpriu. Agora,

---

<sup>38</sup> Segundo GEORGE, A. *Lettura del vangelo di Luca*. 2.ed. Assisi: Cittadella, 1977, p. 29, “a genealogia de Mateus ascende de Abraão a Jesus passando por Davi e todos os reis de Judá; a de Lucas vai em sentido contrário, de José a Abraão, subindo até Adão, sem citar nenhum outro rei, exceto Davi (no entanto, corresponde com a de Mateus sobre os nomes de Salatiel e Zorobabel)”.

o leitor poderá acompanhar sua missão messiânica com o olhar atento para reconhecer que as suas ações confirmam quem ele realmente é. Observando a atitude das personagens, o leitor competente, privilegiado por todas as informações recebidas na leitura atenta do Evangelho, poderá constatar no episódio da Sinagoga de Nazaré, que tipo de Messias é Jesus e de que forma salvará a humanidade, em outras palavras, o significado da afirmação: “não sabíeis que devo estar naquilo que é de meu Pai?” (Lc 2,49).

### 3.2 Texto e contexto de Lc 4,16-30

Neste item, serão analisados os limites do texto, sua confiabilidade textual, a posição em que se encontra no contexto literário do Evangelho, bem como a forma literária formulada em função da transmissão do seu conteúdo.

#### 3.2.1 Demarcação e unidade

A delimitação da perícope é bem marcada:

- Os vv. 14-15 funcionam como sumário de transição, que liga o trecho à narrativa anterior (Lc 4,1-13), além de antecipar a atividade de Jesus e seus efeitos nas perícopes seguintes, de Nazaré e de Cafarnaum (Lc 4,16-44).<sup>39</sup>
- No v. 16 temos um novo início assinalado pelas indicações espacial (Nazaré, sinagoga) e temporal (no dia de sábado), e pelos verbos ἔρχομαι e εἰσέρχομαι, indicando ações mais concretas de Jesus em relação à narrativa anterior, cujas ações são mais genéricas.
- Os vv. 29-30 indicam um deslocamento geográfico que marca o término da perícope. Com o v. 29, vemos o encerramento na ação de partida, com a expulsão de Jesus da sinagoga por parte dos ouvintes. E o v. 30 encerra a cena com o comentário do narrador a respeito da atitude de Jesus, de continuar o seu caminho.
- O v. 31 marca um novo episódio na sequência narrativa, com a notícia do ensino de Jesus em outro espaço (Cafarnaum) e a nova indicação temporal (aos sábados).

A unidade e coesão do texto são evidenciados pelos seguintes elementos literários:

---

<sup>39</sup> ROSSÉ, Il vangelo, p. 150; segundo GRILLI, Massimo. *Vangeli sinottici e Atti degli apostoli*. Bologna: Dehoniane, 2016, p. 248, “a nível formal, os vv. 14-15 servem como breve sumário, que conecta a seção precedente (Lc 4,1-13) com a seguinte (Lc 4,16-30): a pregação de Jesus nas sinagogas é o prelúdio do anúncio na sinagoga de Nazaré”.

- Repetição dos vocábulos συναγωγή (vv. 16.20.28), προφήτης (vv. 17.24.27), βιβλίον (vv. 17 [2x].20), os verbos λέγω (vv. 21.22.23.24.25).
- A menção aos profetas Isaías, Elias e Eliseu, em contexto de ensino por parte de Jesus e de rejeição por parte dos ouvintes na sinagoga, põe a atividade de Jesus em continuidade com os grandes profetas de Israel.

### 3.2.2 Crítica textual

As questões de crítica textual de Lc 4,16-30 não são relevantes, embora alguns estudiosos mencionem duas variantes que têm o apoio de códices muito importantes.<sup>40</sup>

No v. 17, alguns manuscritos substituem o verbo particípio aoristo ἀναπτύξας<sup>41</sup> (tendo desenrolado) pelo verbo particípio aoristo ἀνοίξας<sup>42</sup> (tendo aberto). O comentário textual de Metzger atesta que a primeira leitura é original, mas com certo grau de dúvida. Segundo a avaliação deste autor, o mais provável é que a substituição do verbo se deu pelos copistas que estavam mais familiarizados com os livros em forma de códice.<sup>43</sup>

No v. 18, depois da leitura ἀπέσταλκέν με (enviou a mim),<sup>44</sup> alguns manuscritos acrescentam ἰάσασθαι τοὺς συντετριμμένους τὴν καρδίαν (curar os quebrantados de coração).<sup>45</sup> Segundo a avaliação de Metzger, este seria um acréscimo do copista, que introduziu o complemento para concordar com Is 61,1, segundo o texto da LXX.<sup>46</sup>

### 3.2.3 Gênero literário

Há divergência de opinião quanto ao gênero literário, devido ao fato de o episódio conter elementos “declarativos” e “de ameaça”.<sup>47</sup> O episódio se inspira em Mc 6,1-6a, que Lucas

<sup>40</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 433-434; PLUMMER, The gospel, p. 120. O aparato crítico de NESTLE-ALAND, O *Novum Testamentum Graece* (28.ed.), apresenta variantes em vários versículos de Lc 4,16-30. Contudo, optamos por realizar a crítica textual com base no aparato de ALAND, O Novo Testamento Grego (4.ed), por apresentar somente as variantes mais relevantes.

<sup>41</sup> Testemunhas dessa leitura: ⱼ Δ<sup>c</sup> Δ Θ Ψ 0233 f<sup>1</sup> f<sup>13</sup> 28 157 180 205 565 597 700 1006 1010 1071 1243 1292 1342 1424 1505 Biz [E F G H] *Lec* it<sup>a</sup>, aur, b, c, d, e, f, ff<sup>2</sup>, l, q, r<sup>1</sup> vg esl Orígenes<sup>lat</sup> Eusébio<sup>1/2</sup> Severiano; Agostinho.

<sup>42</sup> Testemunhas dessa leitura: A B L W Ξ 33 579 892 1241 l 547 cop<sup>sa, bo</sup> arm eti (geo) Eusébio<sup>1/2</sup>; Cesário.

<sup>43</sup> METZGER, B. M. *Un comentario textual al Nuevo Testamento Griego*. Volumen complementário de The Greek New Testament. 2006. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft; Sociedades bíblicas unidas, p. 114.

<sup>44</sup> Leitura atestada pelos seguintes manuscritos: ⱼ B D L W Ξ f<sup>13</sup> 33 579 700 892\* it<sup>a</sup>, aur, b, c, d, ff<sup>2</sup>, l, q, r<sup>1</sup> vg<sup>ww</sup>, st sir<sup>s</sup> cop<sup>sa, bo</sup> arm eti Orígenes<sup>gr, lat</sup> Pedro-Alexandria Eusébio Dídimo Nestório; Ambrósio Jerônimo Agostinho.

<sup>45</sup> Os manuscritos que atestam esse acréscimo são: A Δ Θ Ψ 0102 0233 f<sup>1</sup> 28 157 180 205 565 597 892<sup>c</sup> 1006 1010 1071 1241 1243 1292 1342 1424 1505 Biz [E F G H] *Lec* it<sup>f</sup> vg<sup>cl</sup> sir<sup>p, h, pal</sup> co<sup>bo</sup> mss<sup>ss</sup> geo esl Irineu<sup>lat</sup> (Hipólito) (Cirilo) Teodoreto; Hilário.

<sup>46</sup> METZGER, Un comentario, p. 114.

<sup>47</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 426.

ampliou com a inserção dos vv. 17-21.<sup>23</sup> e 25-30, e deslocou a cena para o início da atividade de Jesus, antes de Cafarnaum.<sup>48</sup> Para Bovon, o episódio é - segundo a História das Formas - a remodelação artística de um apotegma já elaborado. A ênfase muda da sentença (v. 24) ao apelo às Escrituras (vv. 25-27).<sup>49</sup> Segundo Bultmann, o episódio pode ser considerado como “apotegma biográfico”, como Mc 6,1-6, mas com múltiplos elementos “declarativos”; enquanto Taylor o considera uma “narração sobre Jesus”, que fazia parte da tradição narrativa do evangelho.<sup>50</sup>

Tendo em vista o conteúdo do episódio, centrado no discurso de Jesus que revela sua identidade messiânica, concordamos com Bultmann em defini-lo como apotegma biográfico. Essa afirmação será corroborada mais adiante pela análise do episódio.

### 3.2.4 Lc 4,16-30 no contexto do Evangelho

O episódio da sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-30) é narrado logo após um “sumário redacional” de Lucas (vv. 14-15), que resume a atuação de Jesus na Galileia logo após o batismo no Jordão (Lc 3,21-22) e a tentação no deserto (Lc 4,1-13), eventos que antecedem o início da atuação pública de Jesus, preparando o leitor para a narrativa que inaugura esse início. Esse sumário conecta o episódio da sinagoga de Nazaré imediatamente à narrativa precedente, na qual Jesus, conduzido pelo Espírito ao deserto, vence as tentações (Lc 4,1-13). Trata-se de uma introdução à atividade de Jesus que visa oferecer ao leitor uma visão de conjunto (e positiva) desse início.<sup>51</sup>

Em relação ao contexto maior, conforme a estrutura apresentada abaixo, a perícope de Lc 4,16-30 está situada no início da atividade de Jesus na Galileia (Lc 4,14–9,50), logo após o chamado “tríptico inaugural” (Lc 3,1–4,13), no qual são narrados o ministério de João Batista (Lc 3,1-20), o batismo de Jesus, seguido da sua genealogia (Lc 3,21-38) e as tentações no deserto (Lc 4,1-12).<sup>52</sup>

- Lc 1,1-4: prólogo literário;
- Lc 1,5–2,52: evangelho da infância;
- Lc 3,1–4,13: tríptico inaugural;
- Lc 4,14–9,50: ministério na Galileia;
- Lc 9,51–19,27: ministério durante a viagem a Jerusalém;

<sup>48</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 425. Fitzmyer não toma posição a respeito do gênero literário, limita-se a apresentar a discussão acerca da composição do texto.

<sup>49</sup> BOVON, El evangelio, I, p. 298.

<sup>50</sup> TAYLOR, Vincent. *Formation of the Gospel Tradition*. Londres: Macmillan, 1949, p. 153.

<sup>51</sup> SCHÜRMANN, II vangelo, p. 389.

<sup>52</sup> FITZMYER, El evangelio, t. I, p. 227; BOVON, El evangelio, I, p. 29; GRILLI, Vangeli sinottici, p. 238-239.



- Lc 19,28–24,53: atividade em Jerusalém.<sup>53</sup>

Lucas, ao inserir o trecho logo no início da atuação pública de Jesus confere ao episódio caráter de manifestação programática, ou seja, tem a função de apresentar a pessoa e a missão de Jesus conforme proposto no Evangelho.<sup>54</sup>

De fato, ao situar o episódio no início da obra, Lucas propõe a chave de leitura para compreender não apenas a identidade e a missão de Jesus (Evangelho), mas também a dos apóstolos (Atos), conforme os temas apresentados em Lc 4,16-30: a identidade messiânica de Jesus na linha do profetismo, os destinatários da salvação, a rejeição por parte dos judeus e a consequente abertura aos gentios.<sup>55</sup>

### 3.3 A coesão linguística de Lc 4,16-30

Alguns autores apresentam uma organização da perícope basicamente em cinco subdivisões: a introdução (v. 16); a apresentação do Messias (vv. 17-22); o endurecimento dos nazarenos (vv. 23-24); o anúncio da atuação de Jesus entre os pagãos (vv. 25-27) e a conclusão (vv. 28-30).<sup>56</sup> Essa organização evidencia os três momentos discursivos do episódio.

<sup>53</sup> Levando em consideração que Lc-At são uma única obra em dois volumes, GRILLI, Vangeli sinottici, p. 233-234, propõe uma organização que leve em conta a unidade da obra, construída a partir do tema do “caminho”. O autor apresenta duas organizações possíveis: A primeira, mais clássica, adota os critérios geográficos, com o centro em Jerusalém; a segunda, oferece uma estruturação convergente-progressiva, em forma quiástica, segundo a intuição de K. R. WOLFE (The chiasmic structure of Luke-Acts and some implications for worship. *SWJT*, n. 22, p. 60-71, 1980, p. 67.):

- prólogo: Lc 1,1-4	- prólogo: Lc 1,1-4
- as narrativas da infância: Lc 1,5–2,52	- as narrativas da infância: Lc 1,5–2,52
- o díptico introdutivo: Lc 3,1–4,13	- o díptico introdutivo: Lc 3,1–4,13
1. Atividade de Jesus na Galileia: Lc 4,14–9,50	A. Galileia: Lc 4,14–9,50
2. viagem de Jesus a Jerusalém: Lc 9,51–19,28	B. Samaria e Judeia: Lc 9,51–19,40
3. atividade de Jesus em Jerusalém: Lc 19,29–24,53	C. Jerusalém: Lc 19,41–24,49
4. Caminho da Igreja de Jerusalém com os doze: At 1–12	D. Ascensão: Lc 24,50–53
5. Caminho de Paulo aos confins do mundo: At 13–28	D'. Ascensão: At 1,4–11
	C'. Jerusalém: At 1,12–8,1a
	B'. Judeia e Samaria: At 8,1b–11,18
	A'. Até os confins do mundo: At 11,19–28,31

<sup>54</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 249; segundo SCHÜRMANN, Il vangelo, p. 395-396, “Lucas põe a perícope de Nazaré – diferente da sua fonte marcana (cf. Mc 6,1-6) e da sistematização do material em Q – no início do seu relato sobre a atividade de Jesus, porque para ele ela contém de certo modo todo o evangelho”.

<sup>55</sup> BOVON, El evangelio, p. 29; GRILLI, Vangeli sinottici, p. 233.

<sup>56</sup> CASALEGNO, Alberto. *Lucas: a caminho com Jesus missionário*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 105; cf. também SIKER, Jeffrey S. “First to the gentiles”: a literary analysis of Luke 4:16-30. *JBL*, v. 111, n. 1, p. 73-90, 1992, p. 76 e 81. Casalegno emprega em seu livro o vocábulo “pagão”. Contudo, esse termo não traduz o grego ἔθνος (gentio, nação), usado por Lucas em toda a sua obra (Lucas-Atos), por conservar valor negativo.

Segundo Grilli, a estrutura narrativa gira em torno de três cenas caracterizadas cada uma por um único esquema: palavra de Jesus – reação dos ouvintes.<sup>57</sup> Há, pois, uma dramaticidade crescente em torno das palavras de Jesus, que se tornam cada vez mais claras, e da reação dos ouvintes, que passa da expectativa (v. 20b) ao ceticismo (v. 22) e, enfim, à total rejeição (vv. 28-29).<sup>58</sup> Assim, apresentamos a organização do trecho em três blocos narrativos, articulados sobre o binômio ação-reação, emoldurados por uma breve introdução (v.16a) e conclusão narrativas (v. 30).

v. 16a	Introdução
A. vv. 16-20	A Escritura (vv. 16b-20a) Os presentes reagem com um comportamento de espera (v. 20b)
B. vv. 21-22	Jesus explica as Escrituras (v. 21) Os presentes reagem com ceticismo (v. 22)
C. vv. 23-29	Jesus comenta (vv. 23-27) Os presentes reagem com raiva (vv. 28-29)
v. 30	Conclusão <sup>59</sup>

Vejamos a seguir a distribuição do texto conforme os níveis de primeiro e segundo plano e discurso direto, a fim de verificar a estrutura narrativa de base, os verbos que veiculam as ações principais bem como o enquadramento do discurso nessa estrutura.

### 3.3.1 Distribuição da comunicação

v.	Segundo plano	Primeiro plano	Discurso direto
	<b>Introdução narrativa</b>		
16a	οὗ ἦν τεθραμμένος,	Καὶ ἦλθεν εἰς Ναζαρά,	
	<b>1ª. unidade narrativa</b>		
16b	κατὰ τὸ εἰωθὸς αὐτῷ ἐν τῇ ἡμέρᾳ τῶν σαββάτων εἰς τὴν συναγωγὴν	καὶ εἰσῆλθεν	
16c		καὶ ἀνέστη ἀναγνῶναι.	
17a		καὶ ἐπέδōθη αὐτῷ βιβλίον τοῦ προφήτου Ἡσαίου	
17b	καὶ ἀναπτύξας τὸ βιβλίον		
17c		εὗρεν τὸν τόπον οὗ ἦν γεγραμμένον,	
18a			- Πνεῦμα κυρίου ἐπ' ἐμὲ οὗ εἵνεκεν ἔχρισέν με
18b			- εὐαγγελίσασθαι πτωχοῖς, ἀπέσταλκέν με,

<sup>57</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 248. Esse esquema é retomado por SERGEY, A. *Raccontare la salvezza attraverso lo sguardo*: portata teológica e implicazioni pragmatiche del “vedere Gesù” nel vangelo di Luca. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2014, p. 118-119.

<sup>58</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 248.

<sup>59</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 248.

18c			- <b>κηρύξαι</b> αἰχμαλώτοις ἄφεσιν καὶ τυφλοῖς ἀνάβλεψιν,
18d			- <b>ἀποστεῖλαι</b> τεθραυσμένους ἐν ἀφέσει,
19			- <b>κηρύξαι</b> ἐνιαυτὸν κυρίου δεκτόν.
20a	καὶ <u>πτύξας</u> τὸ βιβλίον		
20b	<u>ἀποδοὺς</u> τῷ ὑπηρέτῃ		
20c		ἐκάθισεν·	
20d	καὶ πάντων οἱ ὀφθαλμοὶ ἐν τῇ συναγωγῇ <u>ἦσαν ἀτενίζοντες</u> αὐτῷ.		
<hr/>			
<b>2ª. Unidade narrativa</b>			
21a		<b>ἦρξατο</b> δὲ λέγειν πρὸς αὐτοὺς ὅτι	
21b			- Σήμερον <u>πεπλήρωται</u> ἡ γραφὴ αὕτη ἐν τοῖς ὥσιν ὑμῶν.
22a	Καὶ πάντες <u>ἐμαρτύρουν</u> αὐτῷ		
22b	καὶ <u>ἐθαύμαζον</u> ἐπὶ τοῖς λόγοις τῆς χάριτος τοῖς ἐκπορευομένοις ἐκ τοῦ στόματος αὐτοῦ		
22c	καὶ <u>ἔλεγον</u> ,		
22d			- Οὐχὶ υἱὸς <u>ἐστίν</u> Ἰωσήφ οὗτος;
<hr/>			
<b>3ª unidade narrativa</b>			
23a		καὶ <u>εἶπεν</u> πρὸς αὐτούς,	
23b			- Πάντως <u>ἐρεῖτέ</u> μοι τὴν παραβολὴν ταύτην·
23c			- Ἰατρέ, <u>θεράπευσον</u> σεαυτόν·
23d			- ὅσα <u>ἠκούσαμεν</u> γενόμενα εἰς τὴν Καφαρναοὺμ
23e			- <u>ποιήσον</u> καὶ ὧδε ἐν τῇ πατρίδι σου.
24a		<u>εἶπεν</u> δέ,	
24b			- Ἀμὴν <u>λέγω</u> ὑμῖν ὅτι
24c			- οὐδεὶς προφήτης δεκτός <u>ἐστίν</u> ἐν τῇ πατρίδι αὐτοῦ.
25a			- ἐπ' ἀληθείας δὲ <u>λέγω</u> ὑμῖν,
25b			- πολλαὶ χῆραι <u>ἦσαν</u> ἐν ταῖς ἡμέραις Ἰησοῦ ἐν τῷ Ἰσραὴλ,
25c			- ὅτε ἐκλείσθη ὁ οὐρανὸς ἐπὶ ἔτη τρία καὶ μῆνας ἕξ,
25d			- ὡς <u>ἐγένετο</u> λιμὸς μέγας ἐπὶ πᾶσαν τὴν γῆν,
26			- καὶ πρὸς οὐδεμίαν αὐτῶν <u>ἐπέμφθη</u> Ἰλίας εἰ μὴ εἰς Σάρεπτα τῆς Σιδωνίας πρὸς γυναῖκα χήραν.
27a			- καὶ πολλοὶ λεπροὶ <u>ἦσαν</u> ἐν τῷ Ἰσραὴλ ἐπὶ Ἑλισαίου τοῦ προφήτου,
27b			- καὶ οὐδεὶς αὐτῶν <u>ἐκαθαρίσθη</u> εἰ μὴ Ναϊμάν ὁ Σύρος.
28a		καὶ <u>ἐπλήσθησαν</u> πάντες θυμοῦ ἐν τῇ συναγωγῇ	
28b	<u>ἀκούοντες</u> ταῦτα		
29a	καὶ <u>ἀναστάντες</u>		
29b		<u>ἐξέβαλον</u> αὐτὸν ἔξω τῆς πόλεως	

29c	καὶ ἤγαγον αὐτὸν ἕως ὄφρου τοῦ ὄρους ἐφ' οὗ ἡ πόλις ὑποδομήτο αὐτῶν
29d	ὥστε κατακρημνίσαι αὐτόν·

### Conclusão

30	αὐτὸς δὲ διελθὼν διὰ μέσου αὐτῶν ἐπορεύετο.
----	--

## Tradução

v.	Segundo plano	Primeiro plano	Discurso direto
<b>Introdução narrativa</b>			
16a	onde <i>fora</i> criado,	E <b>foi</b> para Nazaré	
<b>1ª. unidade narrativa</b>			
16b	segundo o costume dele no dia dos sábados na sinagoga	E <b>entrou</b>	
16c		e <b>levantou-se</b> para ler	
17a		e <b>foi dado</b> a ele o livro do profeta Isaías	
17b	e abrindo o livro		
17c		<b>encontrou</b> o lugar onde estava escrito,	
18a			- O Espírito do Senhor sobre mim, pois ele <b>ungiu</b> a mim
18b			- <b>para evangelizar</b> os pobres <b>enviou</b> a mim,
18c			- <b>para proclamar</b> a cativos libertação e a cegos recuperação da vista
18d			- <b>para enviar</b> a oprimidos em liberdade,
19			- <b>para proclamar</b> um ano do Senhor aceitável.
20a	E, <i>tendo fechado</i> o livro,		
20b	<i>tendo devolvido</i> ao assistente,		
20c		<b>assentou-se</b>	
20d	E todos os olhos na sinagoga <i>estavam fixos</i> nele.		
<b>2ª. Unidade narrativa</b>			
21a		<b>Começou</b> , então, a dizer a eles:	
21b			- Hoje <u>foi cumprida</u> esta escritura nos ouvidos vossos.
22a	E todos <i>davam testemunho</i> dele		
22b	E <i>maravilhavam-se</i> das palavras de graça que saíam da boca dele.		
22c	E <i>diziam</i> :		
22d			- Não <u>é</u> este o filho de José?
<b>3ª unidade narrativa</b>			
23a		E <b>disse</b> a eles:	
23b			- Certamente <u>dizeis</u> a mim este provérbio:
23c			- Médico, <b>cura</b> a ti mesmo.

23d		- Tudo o que <b>ouvimos</b> que aconteceu em Cafarnaum
23e		- <b>faze</b> também aqui em tua terra.
24a	<b>Disse, pois,</b>	
24b		- Amém, <u>digo</u> a vós:
24c		- Nenhum profeta <u>é</u> aceito na sua terra.
25a		- Ora, na verdade vos digo,
25b		- Muitas viúvas <u>havam</u> nos dias de Elias em Israel,
25c		- Quando <b>foi fechado</b> os céus por três anos e seis meses,
25d		- Quando <b>houve</b> grande fome sobre toda a terra,
26		- E a nenhuma delas <b>foi enviado</b> Elias, senão para Sarepta de Sidom, a uma mulher viúva.
27a		- E muitos leprosos <u>havam</u> em Israel no tempo do profeta Elizeu,
27b		- E nenhum deles <b>foi purificado</b> , senão Naamã, o Sírio.
28a	E todos <b>ficaram cheios</b> de ira, na sinagoga	
28b	ouvindo estas coisas	
29a	E levantando,	
29b	<b>expulsaram</b> ele para fora da cidade.	
29c	E <b>conduziram</b> ele até o pico do monte sobre o qual a cidade deles estava construída,	
29d	a fim de <i>precipitá-lo</i> .	
<hr/>		
	<b>Conclusão</b>	
30	Ele, porém, passando por meio deles, <i>prosseguia o seu caminho</i> .	

---

### 3.3.2 Coesão textual

Será analisada, neste item, a unidade de Lc 4,16-30 mediante sua articulação sintática evidenciada na estrutura narrativa acima apresentada. A análise seguirá a organização do texto segundo suas subunidades narrativas (introdução: v. 16a; primeira unidade: vv. 16b-20; segunda unidade: vv. 21-22; terceira unidade: vv. 23-29; conclusão: v. 30).

#### 3.3.2.1 Introdução narrativa (Lc 4,16a)

O episódio da sinagoga de Nazaré é introduzido no v. 16a mediante a preposição coordenativa *καί*, que liga Lc 4,16-30 ao episódio precedente, no qual Jesus atua na Galileia e é bem visto pelo povo (vv. 14-15), fazendo, assim, a transição de uma atividade mais genérica

para o episódio a ser narrado. Com uma oração relativa, construída com o verbo ἔρχομαι, no aoristo indicativo, o autor narra a entrada de Jesus em Nazaré, indicada no complemento acusativo εἰς Ναζαρά. A frase seguinte, em função apositiva, especifica a cidade em relação a Jesus; é introduzida pelo advérbio relativo de lugar οὗ, seguido dos verbos εἰμί, no indicativo imperfeito e τρέφω, no particípio perfeito passivo, nominativo masculino singular, numa conjugação perifrástica.

### 3.3.2.2 Primeira unidade narrativa (Lc 4,16b-20)

A primeira unidade é composta por um quadro narrativo que emoldura o discurso direto, composto pela citação do livro de Isaías, parte central do trecho.<sup>60</sup> Com quatro orações coordenadas pelo καί, o autor narra uma sucessão de ações que especifica a atividade de Jesus em sua cidade “natal”. As orações são construídas com verbos aoristos, que fazem avançar a narrativa, indicando a importância de cada gesto de Jesus, sujeito de todos os verbos.

καὶ εἰσῆλθεν... (e entrou...)

καὶ ἀνέστη... (e levantou-se...)

καὶ ἐπεδόθη... (e foi dado...)

καὶ ἀναπτύξας... (e abrindo...)

εὑρεν... (encontrou...)

As duas primeiras orações, καὶ εἰσῆλθεν κατὰ τὸ εἰωθὸς αὐτῷ ἐν τῇ ἡμέρᾳ τῶν σαββάτων εἰς τὴν συναγωγὴν (v.16b) e καὶ ἀνέστη ἀναγνῶναι (v. 16c), ambas coordenadas pelo καί, descrevem a iniciativa de Jesus na sinagoga. A primeira oração narra a entrada de Jesus em lugar e dia específicos: ἐν τῇ ἡμέρᾳ τῶν σαββάτων εἰς τὴν συναγωγὴν (v. 16b). O

<sup>60</sup> Segundo GRILLI, Vangeli sinottici, p. 249, o trecho está centrado na citação de Isaías, evidenciada pela organização concêntrica:

E entrou, como costumava fazer, no sábado, na sinagoga

A. E se levantou de pé para ler

B. e lhe foi dado o livro do profeta Isaías

C. e desenrolando o livro encontrou a passagem onde estava escrito:

***O Espírito do Senhor está sobre mim, por isto me ungiu:***

***a anunciar a boa notícia aos pobres me enviou,***

***a proclamar aos prisioneiros a liberdade,***

D. ***aos cegos a recuperação da vista,***  
***a enviar os opressores em liberdade,***  
***a proclamar o ano aceito do Senhor.***

C'. Enrolou o livro

B'. e devolveu ao servente

A'. sentou-se

E os olhos de todos na sinagoga estavam fixos sobre ele;  
 cf. também SIKER, “First to the gentiles”, p. 77.

pormenor, κατὰ τὸ εἰωθὸς αὐτῷ, ressalta a religiosidade e fidelidade de Jesus aos preceitos judaicos. A segunda oração, ἀνέστη ἀναγνῶναι (levantou-se para ler, v. 16c), em continuidade com a primeira, inicia uma série de ações – todas construídas com aoristos –, que descrevem a atividade de Jesus nesse local e dia definidos. Esta atividade supõe sua qualificação de leitor mostrada em Lc 2,41-52, especificamente nos vv. 46-47.

A sequência de ações é formulada com duas orações coordenadas pelo καί: ἐπεδόθη αὐτῷ βιβλίον τοῦ προφήτου Ἡσαίου (v. 17a) e ἀναπτύξας τὸ βιβλίον εὔρεν τὸν τόπον οὗ ἦν γεγραμμένον, (v. 17bc). A primeira, construída com o verbo ἐπιδίδωμι, no aoristo passivo, tem como sujeito o substantivo neutro βιβλίον. A proposição genitiva τοῦ προφήτου Ἡσαίου, especifica o substantivo βιβλίον, e o pronome pessoal αὐτός, no dativo, indica Jesus como objeto dessa ação. A segunda oração é composta, focaliza a atenção do leitor na ação de Jesus em encontrar o trecho a ser lido. Ela é precedida pela construção participial ἀναπτύξας τὸ βιβλίον (v. 17b), no nominativo, que indica simultaneidade à ação do verbo principal (v. 17c), formulada pelo verbo aoristo εὕρισκω (encontro). Essa ação é especificada pela proposição acusativa τὸν τόπον, seguida do complemento adverbial de lugar οὗ, que introduz a construção perifrástica ἦν γεγραμμένον. A construção da oração composta dá a entender que Jesus procurava esse trecho específico.

Na sequência, não é mencionado que Jesus começou a ler. O narrador silencia essa informação e introduz imediatamente a citação do livro de Isaías (vv. 18-19). Com isso, orienta a atenção do leitor para o texto da Escritura a ser lido.

A primeira oração, Πνεῦμα κυρίου ἐπ' ἐμὲ οὗ εἵνεκεν ἔχρισέν με (v. 18a), composta com duas frases subordinadas pelo pronome relativo οὗ, põe a missão de Jesus em relação com o Espírito. A oração principal, οὗ εἵνεκεν ἔχρισέν, construída com o verbo aoristo χρίω (unjo), refere-se ao Πνεῦμα κυρίου ἐπ' ἐμὲ, que caracteriza a ação do Espírito sobre Jesus. O duplo emprego do pronome pessoal ἐγώ, no acusativo, no final de cada proposição, enfatiza Jesus como objeto da ação do Espírito. Na sequência (vv. 18b-19), a missão de Jesus é descrita com quatro frases inseridas por verbos no infinitivo aoristo:

A primeira, εὐαγγελίσασθαι πτωχοῖς (v. 18b), pode ser considerada sintaticamente autônoma em relação às demais, mas tematicamente dependente da frase seguinte: ἀπέσταλκέν με (v. 18b).<sup>61</sup> O emprego do verbo εὐαγγελίζω, na voz média, enfatiza a participação do sujeito na ação do verbo. Essa ideia é reforçada pelo emprego do pronome pessoal ἐγώ, no acusativo, na proposição ἀπέσταλκέν με. O verbo ἀποστέλλω, no indicativo perfeito ativo, que expressa

<sup>61</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 250.

uma ação completa no passado, enfatiza o fato da ação ter se completado. Assim, a ênfase está no aspecto de completeza, ou melhor, de cumprimento da ação descrita pelo verbo.

As três frases seguintes expressam a finalidade da ação do verbo εὐαγγελίζω; são formuladas por verbos no infinitivo, e na voz ativa, que enfatiza a ação do verbo; ilustram o significado concreto do “evangelizar os pobres”:

- a) κηρύξαι αἰχμαλώτοις ἄφεςιν καὶ τυφλοῖς ἀνάβλεψιν (v. 18c) – “proclamar aos prisioneiros libertação e aos cegos recuperação da vista”;
- b) ἀποστεῖλαι τεθραυσμένους ἐν ἀφέσει (v. 18d) – “enviar os oprimidos em liberdade”;
- c) κηρύξαι ἐνιαυτὸν κυρίου δεκτόν (v. 19) “proclamar um ano aceitável ao Senhor”.<sup>62</sup>

A cena é concluída com duas orações coordenadas pelo καί: πτύξας τὸ βιβλίον ἀποδοὺς τῷ ὑπηρέτῃ ἐκάθισεν (v. 20abc) e πάντων οἱ ὀφθαλμοὶ ἐν τῇ συναγωγῇ ἦσαν ἀτενίζοντες αὐτῷ (v. 20d). A primeira (v. 20c), formulada com o verbo aoristo καθίζω, corresponde ao verbo ἀνίστημι (v. 16c), do início da cena, encerrando a ação da leitura. Duas frases adverbiais (v. 20ab), construídas com participípios aoristos, funcionam como complemento da ação principal (v. 20c) e também correspondem aos verbos ἐπιδίδωμι (v. 17a) e ἀναπτύσσω (v. 17b), fechando, assim, a cena da leitura.

A segunda oração (v. 20d), construída com o verbo εἰμί no indicativo imperfeito, funciona como *background* da cena que descreve a reação dos ouvintes, especificado com o sintagma πάντων οἱ ὀφθαλμοὶ (os olhos de todos). O objeto dessa ação é Jesus, indicado no pronome pessoal dativo (αὐτῷ), precedido pelo verbo ἀτενίζω, no participípio presente.

Esta primeira unidade encerra-se focalizando a atenção do leitor sobre a atitude dos ouvintes, em preparação à segunda unidade narrativa, que versará sobre a interpretação que Jesus dará ao texto lido.

### 3.3.2.3 Segunda unidade narrativa (Lc 4,21-22)

A segunda unidade narrativa, dispostos em forma de narração e diálogo, destaca a interpretação de Jesus ao texto de Isaías, seguido da reação dos ouvintes.

A primeira oração (v. 21a) é introduzida pela conjunção coordenativa δέ, que põe a cena em continuidade com a anterior. Com o verbo ἄρχω, no indicativo aoristo, seguido do infinitivo presente λέγειν, o narrador põe em primeiro plano o discurso de Jesus. O verbo ἄρχω está na voz média, o que enfatiza a participação do sujeito na ação de “começar a dizer”. O discurso é

<sup>62</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 250.



dirigido aos mesmos ouvintes de antes, indicado no pronome preposicionado πρὸς αὐτοὺς. A conjunção ὅτι introduz o discurso direto (v. 21b), cujo sujeito é ἡ γραφή αὕτη. O advérbio de tempo σήμερον, seguida do verbo πληρώω, no indicativo perfeito passivo, ressalta o aspecto de completude da ação. O tempo perfeito é quase equivalente ao presente, o que ressalta a dimensão de cumprimento.<sup>63</sup> Afirma-se, com isso, a importância desse acontecimento, o “hoje do cumprimento”, o tempo em que a salvação esperada começou a ser cumprida (cf. Lc 2,11).<sup>64</sup> A preposição dativa ἐν introduz o complemento desse verbo: τοῖς ὡσὶν ὑμῶν (“aos vossos ouvidos”), indicando os destinatários desse evento.

Na sequência, quatro orações simples coordenadas pelo καί descrevem a reação dos ouvintes ao que Jesus disse. As três primeiras são construídas com verbos no imperfeito do indicativo ativo, funcionando como fundo narrativo para a última frase, composta por discurso direto. A primeira (v. 22a) tem como sujeito o substantivo πάντες, que indica a totalidade dos ouvintes. O verbo μαρτυρέω, complementado pelo pronome dativo αὐτός, ressalta a acolhida ao discurso. A segunda frase (v. 22b) ressalta ainda mais essa acolhida, com o verbo θαυμάζω e o complemento introduzido pela construção dativa ἐπὶ τοῖς λόγοις τῆς χάριτος τοῖς ἐκπορευομένοις ἐκ τοῦ στόματος αὐτοῦ. A terceira frase (v. 22c), precedida pelo καί, é formulada apenas pelo verbo λέγω, que introduz o discurso direto (v. 22d), construído com uma frase simples e direta: Οὐχὶ υἱὸς ἐστὶν Ἰωσήφ οὗτος. A pergunta tem um estilo retórico e o vocabulário indica o ceticismo dos que a proferem.<sup>65</sup>

### 3.3.2.4 Terceira unidade narrativa (Lc 4,23-29)

A terceira unidade narrativa é mais longa, composta por sete versículos, que podem ser organizadas em três subunidades, todas introduzidas com verbos aoristos. As duas primeiras contêm o discurso de Jesus, ambas introduzidas pelo verbo λέγω, no aoristo (v. 23 e vv. 24-27), e a terceira narra a reação dos ouvintes ao pronunciamento de Jesus (vv. 28-29).

O v. 23 é formulado com cinco orações simples. A primeira, καὶ εἶπεν πρὸς αὐτούς (v. 23a), introduz o discurso direto (v. 23bcde), tendo Jesus por sujeito e os ouvintes na sinagoga por destinatário. A frase seguinte (v. 23b) é carregada de ironia, que ressalta a reprovação de Jesus à atitude dos seus ouvintes. É iniciada com o advérbio πάντως e o verbo indicativo futuro

<sup>63</sup> MARSHALL, Ian Howard. *The gospel of Luke: a commentary on the greek text*. Exeter: The Paternoster Press, 1978, p. 185.

<sup>64</sup> MARSHALL, The gospel, p. 185.

<sup>65</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 252.

λέγω, cujo sujeito está implícito no verbo conjugado na segunda pessoa do plural. O pronome de primeira pessoa, μοι, no dativo singular, direciona a frase ao próprio Jesus, de modo irônico. O complemento da frase, no acusativo, τὴν παραβολὴν ταύτην, indica que o conteúdo a ser proferido em seguida não é qualquer “provérbio”, mas algo específico que retrata aquela situação.

O provérbio é formulado com verbos no aoristo, ressaltando, assim, a força das palavras proferidas. O emprego dos verbos θεραπεύω e ποιέω, no imperativo aoristo, exprime uma ordem relativa a um caso específico; visa chamar a atenção para o aspecto momentâneo da ação ordenada (algo específico, daquela ocasião). O provérbio é iniciado com o substantivo ἰατρίε, no vocativo, enfatizando o sujeito da ação, seguido pelo verbo θεραπεύω, no imperativo aoristo, no uso constativo (ação vista como um todo). O pronome reflexivo de segunda pessoa, σεαυτόν, no acusativo, completa a ação do verbo (v. 23c), indicando o sujeito como objeto dessa ação.

As duas frases seguintes (v. 23d-e) explicam essa primeira (v. 23c), ligando o provérbio proferido por Jesus à sua atividade em Cafarnaum (Lc 4,31-32). A primeira frase (v. 23d) é introduzida pelo pronome relativo no acusativo neutro plural ὅσα, que funciona como complemento do objeto direto, formulado pelo particípio acusativo γίνομαι, que completa o verbo aoristo ἀκούω. O substantivo no acusativo Καφαρναούμ determina o local ao qual se referem os acontecimentos. A frase seguinte (v. 23e) completa o sentido dessa primeira, formulada com o verbo ποιέω no aoristo constativo, seguido da conjunção καί (com sentido do advérbio “também”) e o advérbio de lugar ὧδε. O sintagma preposicionado no caso dativo, ἐν τῇ πατρίδι σου, complementa o sentido do verbo, fazendo referência à atividade de Jesus em sua cidade.

A segunda subunidade é mais longa, composta pelos vv. 24-27, e visa ilustrar o resultado negativo da atitude incrédula dos ouvintes. É introduzida pela conjunção adversativa δέ, que liga o v. 24 ao v. 23, continuando o discurso de Jesus. O verbo λέγω (v. 24a) no indicativo aoristo ativo, introduz o discurso direto (vv. 24b-27b), constituído por um monólogo com oito frases, organizados em dois momentos nos quais Jesus faz afirmações importantes, cada um deles introduzidos pelo verbo λέγω no presente do indicativo.

Jesus inicia seu discurso com a partícula ἀμήν, que dá um tom solene ao que será proferido em seguida. O verbo λέγω, no presente do indicativo, expressa uma ação

momentânea, indica uma ação completa no momento da fala, que adquire teor performativo.<sup>66</sup> O verbo é seguido do pronome de segunda pessoa do plural, no dativo (ὕμῖν), que indica os mesmos ouvintes como destinatário do discurso. A conjunção coordenativa ὅτι introduz o conteúdo do discurso, formulado com uma oração simples (οὐδεὶς προφήτης δεκτός ἐστιν ἐν τῇ πατρίδι αὐτοῦ) que faz referência direta ao que foi dito no v. 23e, a respeito do profeta não aceito em sua pátria. O adjetivo indefinido οὐδεὶς (nenhum), no nominativo, restringe o substantivo προφήτης, sujeito da frase, indicando ausência total daquilo que será afirmado na sequência da frase. O verbo εἰμί, no presente indicativo, precedido do adjetivo δεκτός, em sua função predicativa do sujeito, confere um tom duro à afirmação. O complemento dativo (ἐν τῇ πατρίδι αὐτοῦ) restringe a esfera geográfica do que é afirmado.

As frases seguintes (vv. 25-27) vão ilustrar o que foi afirmado no v. 24. A primeira (v. 25a), é iniciada com uma fórmula solene (ἐπ' ἀληθείας), seguida da conjunção adversativa δέ, e do verbo λέγω, no presente do indicativo. O destinatário é determinado pelo pronome pessoal dativo plural, ὑμῖν, indicando os mesmos interlocutores de antes.

Na sequência (v. 25bcd), o discurso é construído com um período composto por subordinação. A oração principal (v. 25b) rege a duas orações subordinadas (v. 25cd), ambas introduzidas pelas conjunções temporais ὅτε e ὥς respectivamente. Na oração principal, a referência feita às viúvas é assinalada com o adjetivo nominativo plural πολλή, que dá ideia de quantidade ao substantivo feminino χηρά, indicando um número extenso. O verbo εἰμί, no indicativo imperfeito da terceira pessoa do plural é utilizado como predicativo verbal para descrever a existência das viúvas. A proposição dativa que segue, ἐν ταῖς ἡμέραις Ἡλίου ἐν τῷ Ἰσραήλ, completa a frase com indicações temporal e local precisas. A oração subordinada temporal (v. 25c), introduzida por ὅτε, explicita um acontecimento e o tempo de sua duração, ocorrido na época de Elias (v. 25b). A segunda oração subordinada temporal (v. 25d), enfatiza ainda mais o fato ocorrido, informando as consequências do evento (ἐγένετο λιμὸς μέγας = houve grande fome) e sua abrangência (ἐπὶ πᾶσαν τὴν γῆν = sobre toda a terra).

Na oração seguinte (v. 26), composta por subordinação, a afirmação iniciada no v. 25b é contrastada, mediante o καὶ adversativo, com a atitude de Elias no contexto descrito. Ele é o sujeito, mas sofre a ação do verbo πέμπω, que está no indicativo aoristo passivo, que ressalta a iniciativa divina nesse contexto. A proposição acusativa πρὸς οὐδεμίαν αὐτῶν (= a nenhuma

<sup>66</sup> Segundo WALLACE, Daniel B. *Gramática grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Batista regular do Brasil, 2009, p. 517, o presente (instantâneo) pode ser usado para indicar uma ação completa do *momento* da fala. Isso só ocorre no *indicativo*. O presente instantâneo é um típico presente lexicalmente influenciado: normalmente é um verbo, *dizer* ou *pensar* (um presente *performativo*).

delas), expressa uma totalidade negativa em relação ao que foi afirmado no versículo anterior, enfatizando, assim, o contraste entre os eventos descritos. A oração seguinte completa o sentido da afirmação com uma oração subordinada concessiva, introduzida pela conjunção *εἰ*, seguida da partícula negativa *μή*, que indica uma “exceção” ao fato afirmado pelo verbo. A oração concessiva é formulada sem o verbo, com uma proposição acusativa (*εἰς Σάρεπτα τῆς Σιδωνίας πρὸς γυναῖκα χήραν*), que restringe o objeto da ação do verbo da oração principal, em contraposição ao que foi afirmado no v. 25b (*πολλαὶ γῆραι ἦσαν... ἐν τῷ Ἰσραὴλ*).

Uma segunda afirmação na mesma linha conclui o discurso, desenvolvida em duas orações (v. 27). A primeira (v. 27a), uma oração simples, introduzida pelo *καί*, formulada com o verbo *εἰμί*, no indicativo imperfeito, utilizado como predicativo verbal, com a qual se descreve a existência. Dois adjetivos no nominativo plural definem o sujeito da oração (*πολλοὶ λεπροί*). O adjetivo *πολύς* confere a ideia de quantidade, indicando um número extenso ao que será afirmado em relação ao adjetivo *λεπρός*. A proposição dativa complementa o sentido da frase, com as indicações local (*ἐν τῷ Ἰσραὴλ*) e temporal (*ἐπὶ Ἑλισαίου τοῦ προφήτου*). A segunda oração (v. 27b), composta por subordinação, é introduzida pelo *καί*, ligando-a ao período anterior (v. 27a). A oração principal é construída com o verbo *καθαρίζω* (purifico), indicativo aoristo passivo, cujo sujeito é o adjetivo cardinal masculino *οὐδείς*, seguido do pronome pessoal *αὐτός*, no genitivo plural, que faz referência ao adjetivo *λεπρός*, da frase anterior. A oração subordinada, introduzida pela partícula *εἰ μή*, completa o sentido da frase, com os substantivos no nominativo, *Ναιμάν ὁ Σύρος*, em contraposição ao que foi afirmado em relação aos leprosos em Israel (v. 27a).

Essa terceira unidade narrativa é finalizada com a reação dos ouvintes ante o discurso de Jesus (vv. 28-29). A cena é narrada mediante três períodos compostos por subordinação, todas formuladas com verbos aoristos e ligadas entre si pela conjunção coordenativa *καί*.

A primeira oração (v. 28a) é inserida pelo verbo *πίμπλημι* (fico cheio), no indicativo aoristo passivo, seguida do adjetivo plural *πάντες*, no nominativo plural, que restringe o sujeito implícito da oração principal (eles). O substantivo *θυμός* (ira), no genitivo, descreve objeto do qual ficaram cheios, e o complemento dativo de lugar, *ἐν τῇ συναγωγῇ*, ressalta, novamente, o ambiente em que tudo ocorreu. A frase seguinte (v. 28b), formulada com o verbo *ἀκούω*, no particípio presente ativo, seguido do adjetivo demonstrativo plural *ταῦτα*, tem função adverbial, descreve a razão dessa “ira”: as coisas ditas por Jesus (vv. 25-27).

A ira dos ouvintes é ilustrada mediante duas ações descritas com verbos no aoristo, que põem a cena em primeiro plano. A primeira ação (v. 29ab) é formulada com um período composto por subordinação, iniciada com a conjunção coordenativa *καί* e seguida do verbo

ἀνίστημι, no particípio aoristo ativo, no nominativo masculino plural, com função adverbial (v. 29a), que especifica a circunstância da ação do verbo principal, ἐκβάλλω, no indicativo aoristo ativo (v. 29b). O sujeito da oração está implícito tanto na oração participial, quanto no verbo da oração principal. O pronome pessoal αὐτός, no acusativo masculino singular, refere-se a Jesus como objeto dessa ação. A proposição genitiva ἔξω τῆς πόλεως, introduzida pela preposição ἔξω, que indica direção de dentro pra fora, explicita o destino dessa ação.

A segunda ação é composta por uma oração subordinada substantiva reduzida de infinitivo (v. 29cd). A oração principal (v. 29c) é formulada com o verbo ἄγω no indicativo aoristo ativo, terceira pessoa do plural, com o sujeito implícito. O pronome pessoal αὐτός na terceira pessoa do singular, no acusativo, indica Jesus como objeto dessa ação. A proposição genitiva ἕως ὄφρους τοῦ ὄρου ἐφ', define o local de destino para onde conduziram Jesus, que é complementada por uma oração relativa (οὗ ἡ πόλις ὠκοδόμητο αὐτῶν) que especifica esse local. Este pormenor é importante como contexto para a frase seguinte (v. 29d), introduzida pela conjunção subordinada consecutiva ὥστε, seguida do verbo composto κατακρημνίζω (κατά + κρημνός), no infinitivo aoristo ativo, indicando, assim, o propósito final da ação em relação a Jesus, indicado no pronome pessoal αὐτός no acusativo.

### 3.3.2.5 Conclusão (Lc 4,30)

A última oração, que conclui o relato, é introduzida pela conjunção adversativa δέ, sugerindo o contraste entre as ações anteriormente narradas (v. 29) e a ação de Jesus descrita no final deste episódio (v. 30). A oração principal é construída com o verbo πορεύομαι, no indicativo imperfeito médio, terceira pessoa do singular, cujo sujeito é explicitado no pronome pessoal αὐτός, no nominativo masculino singular. O tempo imperfeito, que descreve uma ação em progresso no passado, foi empregado para indicar que Jesus continua seu caminho; e a voz média enfatiza o agente do verbo, Jesus.<sup>67</sup> A oração principal rege a oração participial, formulada com o verbo composto διέρχομαι no particípio aoristo ativo, nominativo masculino singular, que enfatiza o modo como Jesus saiu da situação. A proposição genitiva διὰ μέσου αὐτῶν completa o sentido do movimento pedido pelo verbo.

<sup>67</sup> Segundo WALLACE, Gramática, p. 415, “a voz média mostra que a ação é formada com referência especial ao sujeito”. Em outras palavras, o sujeito é tanto agente quanto objeto da ação; o sujeito age sobre si mesmo.

### 3.4 Coerência comunicativa de Lc 4,16-30

A análise sintática e lexical evidenciou a forma como o texto foi articulado, o “tecido” dos sinais textuais que veiculam a mensagem. Neste tópico, pretende-se mostrar, sob essa tessitura lexical e sintática, o desenvolvimento semântico das subunidades do episódio, a fim de evidenciar os motivos que constituem sua unidade temática.

#### 3.4.1 A cidade “natal” (Lc 4,16a)

A introdução narrativa do episódio visa situar Jesus na cidade onde cresceu, Nazaré, localizada na região da Galileia, lugar onde já era conhecido por sua atividade missionária realizada com sucesso (Lc 4,14-15). A menção à cidade como lugar onde fora criado visa focalizar a atenção do leitor no ambiente onde Jesus era conhecido desde sua infância, logo após os eventos ocorridos na região e a consequente difusão de sua fama. É, pois, nesse ambiente que Lucas insere a primeira atividade de ensino de Jesus. Atividade essa que revelará não apenas sua identidade, mas sua missão salvífica como enviado de Deus a seu povo, primeiramente, e a todas as nações.

#### 3.4.2 A Palavra de Isaías (Lc 4,16b-20)

O sumário redacional (vv. 14-15) que precede este episódio ressaltou a atividade constante de Jesus nas sinagogas, preparando, assim, a narração do início de sua atuação pública. O v. 16b situa a primeira atividade pública de Jesus na sinagoga de Nazaré, em dia de sábado. Com isso, Lucas ressalta a religiosidade de Jesus, sua vinculação a Israel, como fiel observante de suas leis e preceitos, como também foi mostrado no evangelho da infância em relação aos seus pais (cf. Lc 2,22-24; 2,41-42).

O contexto em que Jesus realiza a leitura de Isaías refere-se ao culto sinagodal no sábado,<sup>68</sup> que não é descrito por Lucas, mas apenas o momento da leitura do trecho de um dos profetas (*haftarah*), seguido pelo comentário do texto lido.

---

<sup>68</sup> “O culto sinagodal, depois da recitação do *Shema’ Isra’el* – a profissão de fé composta por três trechos da Torah (Dt 6,4-9; 11,13-21 e Nm 15,37-41), que o pio israelita recita toda noite e toda manhã – previa a leitura da Escritura. As leituras eram tomadas da Torah e dos *Nebi’im* e todo adulto macho podia ser designado como leitor pelo *m<sup>e</sup>turgeman*, que dirigia o ofício sinagodal. À leitura seguia geralmente um comentário que o mesmo adulto designado podia fazer. O culto se concluía com as ‘bendições’.” (GRILLI, Vangeli sinottici, p. 249).

A composição da cena, formulada com a sequência de verbos aoristos que descrevem as ações de Jesus no início (ἀνίστημι, ἐπιδίδωμι, ἀναπτίσσω) e sua correspondência no final (πίττω, ἀποδίδωμι, καθίζω), que funciona como quadro narrativo, ressaltando, assim, a centralidade da leitura do texto de Isaías. Vale notar que Lucas não menciona que Jesus começou a ler a escritura, apenas descreve que tinha a intenção de fazê-lo e logo vem a citação.<sup>69</sup> O verbo εὐρίσκω (= encontro), posto na formulação da frase que introduz imediatamente a citação de Isaías, leva o leitor a supor que Jesus procurou expressamente esta passagem específica. Provavelmente Lucas escolheu o texto de Isaías por seu valor cristológico, com a intenção de ilustrar a identidade messiânica de Jesus.<sup>70</sup>

A citação do trecho do profeta Isaías nos vv. 18-19a é fruto da combinação de Is 61,1-2 e 58,6, com algumas alterações do texto original introduzidas por Lucas, segundo sua intenção teológica.<sup>71</sup>

A expressão πνεῦμα κυρίου, tradução do hebraico יְהוָה אֱלֹהֵינוּ, é geralmente empregada no texto bíblico para designar o “espírito de Deus” que atua como energia vital e confere ao homem dons especiais ou inspira as pessoas.<sup>72</sup> No Antigo Testamento, χρίω é a tradução oferecida pela LXX do hebraico מָשַׁח (“ungir com óleo”), verbo frequentemente usado para referir-se à unção de reis, sacerdotes e sumo-sacerdotes.<sup>73</sup> Do verbo מָשַׁח provém o substantivo מָשִׁיחַ (“ungido, messias”). O leitor que acompanha desde a narrativa da infância a revelação sobre Jesus, sabe que ele é o Messias, da casa de Davi (Lc 2,11; 1,32.69); enviado por Deus para “libertar” o povo (Lc 1,68-79). Os vocabulários que aqui se repetem, χρίω, do qual provém Χριστός e ἄφεσις (libertação), que remonta ao cântico de Zacarias (Lc 1,77), dão ao leitor a ideia de conotação dúplice do messianismo: real e profética.<sup>74</sup> Is 61,1 estabelece uma relação causal entre a unção e o fato de que ao profeta é concedido o Espírito.<sup>75</sup> A comunicação e a

<sup>69</sup> BOVON, *El evangelio*, I, p. 302.

<sup>70</sup> CASALEGNO, *Lucas*, p. 105.

<sup>71</sup> Observe-se o paralelo entre os textos de Isaías 61,1; 58,6d; 61,2 e de Lucas 4,18-19c:

<sup>61,1</sup> Πνεῦμα κυρίου ἐπ’ ἐμέ, οὗ εἵνεκεν ἔχρισέν με· εὐαγγελίσασθαι πτωχοῖς ἀπέσταλκέν με, ἰάσασθαι τοὺς συντετριμμένους τῇ καρδίᾳ, κηρύξαι αἰχμαλώτοις ἄφεσιν καὶ τυφλοῖς ἀνάβλεπναι, <sup>58,6d</sup> ἀποστείλε τετρασμένους ἐν ἀφέσει <sup>61,2</sup> καλέσαι ἐνιαυτὸν κυρίου δεκτὸν καὶ ἡμέραν ἀνταποδόσεως, παρακαλέσαι πάντας τοὺς πενθοῦντας;	Πνεῦμα κυρίου ἐπ’ ἐμέ οὗ εἵνεκεν ἔχρισέν με εὐαγγελίσασθαι πτωχοῖς, ἀπέσταλκέν με, ----- κηρύξαι αἰχμαλώτοις ἄφεσιν καὶ τυφλοῖς ἀνάβλεπναι, ἀποστεῖλαι τετρασμένους ἐν ἀφέσει, κηρύξαι ἐνιαυτὸν κυρίου δεκτόν.
---	--

<sup>72</sup> BALZ; SCHNEIDER, *Diccionario*, v. 2, p. 1025.

<sup>73</sup> BALZ; SCHNEIDER, *Diccionario*, v. 2, p. 2143. “Entre outras coisas a unção tinha um caráter jurídico e sacro, como no caso do rei em Israel, dos sacerdotes e sumos-sacerdotes. A unção era um ato de legitimação de um rei, e o sujeito da ação de ungir é Yahvé ou uma pessoa encarregada por ele (1Sm 9,16; 15,17)”.

<sup>74</sup> ALETTI, *Il Gesù*, p. 77.

<sup>75</sup> BALZ; SCHNEIDER, *Diccionario*, v. 2, p. 2143.

posse do Espírito se vinculam à unção. Lucas relaciona a missão de Jesus com o Espírito (πνεῦμα κυρίου), recebido no batismo (Lc 3,21-22; At 10,37-38).<sup>76</sup> O Pai o ungiu (χρίω) como profeta privilegiado (Is 61,1-2)<sup>77</sup> e esta unção legitima o título de “Messias, Ungido” (Lc 2,11; At 10,38).<sup>78</sup>

A unção de Jesus e a descida do Espírito sobre ele tem um objetivo, descrito na frase imediatamente seguinte: εὐαγγελίσασθαι πτωχοῖς, ἀπέσταλκέν με.<sup>79</sup> O emprego do pronome “mim” do oráculo de Isaías, embora não seja claro que se refira a Jesus, tem sentido óbvio, que será confirmado no v. 21, na afirmação de que a Escritura foi cumprida.<sup>80</sup>

O verbo εὐαγγελίζω, tradução do hebraico רָשַׁע, significa proclamar, trazer uma boa notícia,<sup>81</sup> e está associado à ideia de salvação que Deus operará em favor de seu povo, quando este retornar do exílio e será governado por YHWH (Is 52,7-8).<sup>82</sup> O anúncio profético “interpela à observância do direito e à prática da justiça em vista da libertação integral”.<sup>83</sup> A concretização desse anúncio acontecerá na medida em que no Israel restaurado triunfar a justiça nas relações sociais.<sup>84</sup> Em Lucas, o verbo é empregado diversas vezes em referência à missão de Jesus de anunciar o Reino de Deus (Lc 4,43; 9,22; 8,1; 20,1), e à missão dos apóstolos de anunciar Jesus (At 5,42; 8,4.12.25.35.40; 11,20 etc.).

<sup>76</sup> Segundo CASALEGNO, Lucas, p. 106, a afirmação do v. 18 realça que Jesus é ungido e faz referência ao episódio do batismo (Lc 3,21); trata-se, pois, da unção de Jesus como profeta.

<sup>77</sup> Sobre a unção profética, BLENKINSOPP, J. *Isaiah 56-66: new translation with introduction and commentary*. New York: Doubleday, 2003, p. 222-223, afirma: “Unção é um ritual associado a sacerdotes (Ex 28,42; 29,7; 30,30 etc.) e reis (Jz 9,8.15; 1Sm 9,16; 2Sm 2,4 etc.), mas não a profetas. Aqui [Is 61,1], portanto, a unção é metafórica, transmitindo a ideia de autorização plena e permanente para cumprir a designação dada por Deus pelo profeta”.

<sup>78</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 250; Segundo BLENKINSOPP, *Isaiah*, p. 221, “A linguagem da posseção do espírito combina com a da missão, tanto em Isaías (cf. 6,8; 9,7; 42,19; 48,16) como em outros lugares (Ex 3,13-15; 1Sm 15,1; 2Rs 2,4; Jr 25,17; 26,12-15). A redação do relato de investidura e missão é também uma reminiscência da linguagem que lida com os mesmos fenômenos nos caps. 40-55, especialmente *Ebedlieder* de Duhm (42,1-4 com o comentário dos vv. 5-9; 49,1-6; 50,4-11; 52,13-53,12). Isto pode parecer, comparando a maneira como a missão é descrita em 61,1-3, com duas dessas passagens que contém uma série similar de cláusulas de finalidades introduzidas com o infinitivo (42,7; 49,5-6). A dotação com o espírito de Deus lembra 42,1 (*nātattî rūhî ‘ālān*, “coloquei meu espírito sobre ele”), e anunciar boas novas (verbo *bśr*) é o coração e a alma do mandato profético nos caps. 40-55 (40,9; 41,27; 52,7)”.

<sup>79</sup> Segundo MANI, Marco. *Gesù a Nàzaret* (Lc 4,16-30), *Parole di Vita*, Brescia, v. 55, n. 2, p. 9-15, mar.-apr. 2010, p. 11, Lucas quer acentuar no v. 18 a ligação entre a consagração por obra do Espírito que está sobre ele e a missão recebida de “ir evangelizar os pobres”.

<sup>80</sup> CASALEGNO, Lucas, p. 106.

<sup>81</sup> BALZ; SCHNEIDER. *Dicionário*, v. 1, p. 1633-1634.

<sup>82</sup> Εὐαγγελίζομαι. KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (Eds.). *Theological dictionary of the New Testament*. Grand Rapids: WM. B. Eerdmans, 1973, v. 2, p. 708-709.

<sup>83</sup> AUGUSTA, Maria de Lourdes. *Jesus: boa-nova para os pobres*. Uma releitura de Lc 4,16-30 a partir da América Latina e do Caribe. Dissertação, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2008, p. 109.

<sup>84</sup> AUGUSTA, *Jesus: boa-nova*, p. 109.



O adjetivo πτωχός é a tradução correspondente na LXX do hebraico עָנִי (“pobre”), comumente conhecido no plural ‘ānāwīm, os pobres de YHWH.<sup>85</sup> Os ‘ānāwīm são aqueles que sofrem sob o peso dos poderosos e, indefesos, põem sua confiança somente no Deus de Israel, de quem esperam ajuda.<sup>86</sup> Por esse motivo, em algumas ocasiões, o termo reveste uma dimensão espiritual.<sup>87</sup> Em Is 61,1-2 diz respeito aos pobres de Israel, retornados à sua pátria ou dispersos na diáspora, desmotivados e oprimidos, aos quais é trazido o feliz anúncio de YHWH.<sup>88</sup>

No contexto lucano, os pobres são categorias muito concretas, conforme é ilustrado nos vocábulos “prisioneiros”, “cegos”, “escravos”, mas não são qualificados por uma pobreza puramente material.<sup>89</sup> Os destinatários da missão de Jesus são os pobres de bens (Lc 14,12.21; 16,19-26; 19,8), mas também os pequenos e humildes (Lc 10,21; 14,11; 18,14). As personagens no evangelho da infância são descritos como os pobres de YHWH por excelência (Lc 1,5-7; 1,26-27; 2,25.36-37), principalmente Maria, que representa a “filha de Sião” que celebra a salvação operada por Deus (Lc 1,46-56).

O verbo ἀποστέλλω significa mando, envio, mas adquire sentido de comissionar, encarregar, quando se usa o termo para descrever a missão como tal e na execução do encargo (Mt 2,16; 10,40 par.; Mt 22,3-4; Mc 6,17, 9,37 par.; Lc 1,19; 9,18.43; 9,2 etc.).<sup>90</sup> O significado de ἀποστέλλω no NT está determinado por suas relações, através da LXX, com o hebraico הָלַךְ e com a ideia que este termo encerra de que “enviar” é o mesmo que “fazer-se representar”.<sup>91</sup> O emprego do pronome pessoal ἐγώ no final da frase, assim como seu duplo emprego no início do trecho de Isaías, enfatiza a autoridade do “Servo de YHWH”, enviado para evangelizar os pobres. Em Lucas, Jesus se identifica com o “Servo”, enviado por Deus com autoridade para cumprir sua missão. Essa identificação não é direta, mas oblíqua, pois espera que o leitor, e as personagens, se coloquem num caminho de leitura e reconhecimento dos sinais para, então, reconhecer Jesus.<sup>92</sup>

<sup>85</sup> “O antônimo de עָנִי não é עָשִׁיר - que é o antônimo de שָׁלָם (e שָׁלֵם em Sl 49,2) - mas ‘violento’ (עָשָׂה, פָּרַץ, וְשָׁקַץ) e este é outro indicador para o significado original. O fato de que עָנִי denota alguém que é ‘empobrecido injustamente ou despossuído’ - o termo não é usado para a pobreza merecida - nos ajuda a entender por que Yahweh pode ser apresentado como o protetor de tais עָנִי” (πτωχός. KITTEL; FRIEDRICH, *Theological dictionary*, 1975, v. 6, p. 888).

<sup>86</sup> PÉREZ RODRÍGUEZ, Gabriel. Dimensión existencial de Mt 1-2; Lc 1-2. *Estudios bíblicos*, Madrid, v. 50, n. 1-4, p. 161-175, 2ª época, 1992, p. 165.

<sup>87</sup> Cf. Sf 3,12; Sl 24,16; 33,71s; 66,2.

<sup>88</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 251; a situação social do povo de Israel na época persa é detalhada nas memórias de Neemias 5,1-5.

<sup>89</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 251.

<sup>90</sup> ἀποστέλλω. BALZ; SCHNEIDER, *Diccionario*, v. 1, p. 425-426.

<sup>91</sup> ἀποστέλλω. KITTEL; FRIEDRICH, *Theological dictionary*, 1977, v. 1, p. 403.

<sup>92</sup> MIRIZZI, Domenico. *Il Gesù-esegeta di Luca: analisi narrativa di brani scelti*. Assisi: Cittadella Editrice, 2016, p. 81.

As frases seguintes, que ilustram concretamente o que significa evangelizar os pobres, fazem referência à práxis de Jesus que o identificam com o Messias esperado por Israel (cf. Lc 7,21-22).<sup>93</sup> O leitor que, à diferença das personagens, acompanhou desde a infância a revelação acerca da identidade messiânica de Jesus, o compreende como Messias régio e profeta.<sup>94</sup> De fato, a figura de Jesus é, desde a infância, associada ao profetismo. Lucas se inspira em 1Sm 1-3 para compor o relato da infância e, em alguns episódios, as situações e reações das personagens são análogas.<sup>95</sup>

O verbo κηρύσσω (proclamo) empregado duas vezes na citação, refere-se à proclamação oficial de um decreto real. Em Lucas, está associado ao verbo εὐαγγελίζω, que diz respeito ao anúncio da boa nova de salvação, que se inicia com Jesus e terá continuidade na história com os apóstolos.<sup>96</sup> Duas ações são regidas por esse verbo: αἰχμαλώτοις ἄφεσιν καὶ τυφλοῖς ἀνάβλεψιν.

O adjetivo αἰχμάλωτος (= cativo) refere-se, no texto de Isaías, aos judeus que se tornaram prisioneiros por questões de dívida. A liberdade seria, pois, um perdão, uma libertação das dívidas, motivado pelo ano jubilar, segundo Lv 25,10-13 e Dt 15,2.<sup>97</sup> Em Lucas, o sentido se amplia, abrangendo também o perdão dos pecados.<sup>98</sup> O mesmo termo é empregado em outras passagens lucanas para referir-se ao “perdão dos pecados” (Lc 3,3; 24,47; At 2,38; 5,31; 10,43; 26,18). Na narrativa da infância, o perdão dos pecados apresenta-se como atividade salvadora do Messias (Lc 1,77).

A recuperação da vista (τυφλοῖς ἀνάβλεψιν) é outra obra operada pelo Messias, prometida para o tempo da salvação escatológica, conforme Is 29,18; 35,5; 42,7; 61,1 (LXX).<sup>99</sup> O termo τυφλός significa cego, em sentido literal, mas também em sentido metafórico e figurado. Em Lc 4,18, o termo provém da citação de Is 61,1 (LXX), tradução do hebraico עִוֵּר (cego).<sup>100</sup> Nas Escrituras, os cegos são mencionados frequentemente junto aos paráliticos;

<sup>93</sup> MIRIZZI, Il Gesù-esegeta, p. 83.

<sup>94</sup> ALETTI, Il Gesù, p. 77.

<sup>95</sup> ALETTI, Il Gesù, p. 38: Esterilidade, oração e cumprimento (1Sm 1,1-20 // Lc 1,5-25); cântico de Ana/Maria e retorno para casa (1Sm 2,1-11 // Lc 1,46-56); apresentação no templo, ancião que bendiz os pais, retorno para casa (1Sm 2,18-21 // Lc 2,22-35); crescimento e graça diante de Deus e dos homens; o protagonista permanece no templo (1Sm 2,21.26 // Lc 2,40.43.52).

<sup>96</sup> BALZ; SCHNEIDER, Dicionario, v. 2, p. 2322-2323.

<sup>97</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 435: “No o texto de Melquisedec procedente da gruta 11 de Qumran, o texto de Is 61,1 é usado em conexão com Lv 25,10-13 e Dt 15,2, que se referem ao ‘perdão das dívidas’ com motivo do ano do jubileu.”

<sup>98</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 251-252: “O texto de Isaías, utilizado por Lucas, foi posto pelo judaísmo em conexão com o *Yom-kippur*. Isto significa que o termo *aphesis* (“libertação”) (2 vezes no texto) deve ser entendido seja como libertação de constrições externas seja como perdão dos pecados”. Cf. tb., BOVON, el evangelio, p. 303.

<sup>99</sup> BALZ; SCHNEIDER, Dicionario, v. 2, p. 1813.

<sup>100</sup> BALZ; SCHNEIDER, Dicionario, v. 2, p. 1812.

ambos incluídos no grupo daqueles que eram considerados pela sociedade especialmente enfermos e desgraçados, sem esperança alguma (Mt 11,5 par. Lc 7,22; Mt 15,30.31; 21,14; Lc 14,13.21; Jo 5,3 (cf. LXX Lv 21,18; Dt 15,21; 2Rs 5,8; Jó 29,15; Ml 1,8)).<sup>101</sup>

A frase seguinte: ἀποστεῖλαι τεθραυσμένους ἐν ἀφέσει, um acréscimo de Lucas tirado de Is 58,6, que trata do verdadeiro jejum querido por Deus, refere-se à libertação dos que são oprimidos por causa das suas dívidas.<sup>102</sup> Lucas modifica o verbo da sua fonte, do imperativo presente (ἀπόστελλε) para o infinitivo aoristo (ἀποστεῖλαι) para adequar-se à sua versão do texto citado. O verbo θραύω significa, literalmente, quebro em pedaços, como cerâmica, despedaço; figurativamente e, na voz passiva, diz respeito a pessoas quebrantadas em espírito pela opressão, sejam oprimidos ou sobrecarregados de problemas.<sup>103</sup> Corresponde ao hebraico גָּצַר (= quebrar, esmagar), que empregado no particípio passivo, adquire a função do substantivo “oprimido”.<sup>104</sup>

A citação conclui-se com a frase κηρύξαι ἐνιαυτὸν κυρίου δεκτόν, com a modificação introduzida por Lucas do verbo do texto original καλέω (= chamo, tradução do hebraico קָרָא = proclamar), para κηρύσσω, termo técnico da pregação cristã.<sup>105</sup>

Na sequência da citação, Lucas suprime de Isaías a frase: ἰάσασθαι τοὺς συντετριμμένους τῇ καρδίᾳ (= curar os de coração quebrantado, Is 61,1c) e καὶ ἡμέραν ἀνταποδόσεως (= o dia da vingança do Senhor, Is 61,2b).<sup>106</sup> Como texto programático, a intenção de Lucas é evidenciar a missão de Jesus, antes de tudo, como um anúncio de salvação sem a ameaça do juízo.<sup>107</sup> Segundo Karris, Lucas omite esses elementos que dariam um sentido espiritual ao texto ou o restringiam ao “verdadeiro” Israel.<sup>108</sup>

Os movimentos seguintes de Jesus descritos com os verbos πτίσσω (fecho), ἀποδίδωμι (devolvo) e καθίζω (assento-me) encerram a cena da leitura, cuja correspondência entre o início e o fim deixam entrever a centralidade do texto de Isaías. Desses verbos, καθίζω é o único que está no aoristo indicativo ativo, os demais estão no particípio, que funcionam como *background* da cena. O ficar de pé do início da cena e o assentar-se de Jesus no final, são ações que destacam sua iniciativa na sinagoga. O verbo καθίζω, no mundo da atividade profissional, aparece

<sup>101</sup> BALZ; SCHNEIDER, Dicionário, v. 2, p. 1812-1813.

<sup>102</sup> KARRIS, Il vangelo, p. 899.

<sup>103</sup> Θραύω. FRIBERG, *Analytical Greek Lexicon*. In: Bible Works 10; em todo o NT, o verbo aparece somente em Lc 4,18, no particípio perfeito da voz passiva, que precede de Is 58,6 (LXX) (BALZ; SCHNEIDER, Dicionário, v. 1, p. 1895).

<sup>104</sup> גָּצַר. CLINES, D. J. A. (Ed.). *The dictionary of classical hebrew*. Sheffield: Phoenix Press, 2011, v. 7, p. 548.

<sup>105</sup> ROSSÉ, Il vangelo, p. 154.

<sup>106</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 250.

<sup>107</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 250. O juízo será pronunciado sobre Jerusalém por causa da rejeição do anúncio em Lc 21,22.

<sup>108</sup> KARRIS, Il vangelo, p. 899.

frequentemente em conexão com a atividade de ensinar.<sup>109</sup> A cena ressalta a atividade de ensino de Jesus na sinagoga que, após a leitura, toma a iniciativa para explicar a Escritura como um mestre.<sup>110</sup>

A unidade narrativa é concluída com a frase καὶ πάντων οἱ ὀφθαλμοὶ ἐν τῇ συναγωγῇ ἦσαν ἀτενίζοντες αὐτῷ. O adjetivo πᾶς é enfatizado por sua posição.<sup>111</sup> Posto no início da frase, o narrador visa ressaltar a totalidade dos que estavam na sinagoga. O verbo ἀτενίζω, um dos termos favoritos de Lucas, significa olhar atentamente; trata-se de um olhar intenso como expressão de estima e confiança.<sup>112</sup> O momento, na moldura litúrgica, é envolto pela solenidade.<sup>113</sup> O narrador chama a atenção do leitor para a interpretação do texto lido por parte de Jesus que continuará na unidade seguinte.

### 3.4.3 O “hoje” da salvação (Lc 4,21-22)

Os vv. 21-22 narram a explicação do texto citado e a reação dos ouvintes ante às palavras de Jesus. A primeira frase formulada com o verbo no aoristo põe em primeiro plano o discurso de Jesus direcionado aos presentes na sinagoga: “Começou, então, a dizer a eles”.

O verbo ἄρχω significa começo, vocábulo usado nos evangelhos no âmbito do ensinamento e da pregação de Jesus (Mc 1,45; 4,1; 5,20; Mt 4,17). Em Lucas, a importância do verbo se reflete na acentuação do significado do começo da atividade de Jesus (Lc 3,23; 4,21; 23,5).<sup>114</sup> O emprego do verbo na voz média ressalta que Jesus está especialmente empenhado em realizar esse discurso, no sentido de levar a termo aquilo que pronuncia. Essa ideia é confirmada na frase seguinte, mediante o emprego do verbo πληρόω. O verbo complementar λέγω (falo, digo), focaliza a atenção do leitor na declaração, também preparada pela reação de expectativa sublinhada no versículo anterior (20d).

Jesus fala de modo oblíquo e metaléptico ao proferir a fórmula impessoal: “Hoje foi cumprida esta escritura nos vossos ouvidos”.<sup>115</sup> O narrador divide com o leitor apenas parte da intervenção de Jesus, a saber: a atestação do cumprimento da profecia lida, não comenta o texto de Isaías.<sup>116</sup> O silêncio do narrador a respeito das “palavras de graça que saíam de sua boca”

<sup>109</sup> BALZ; SCHNEIDER. Dicionário, v. 1, p. 2115; segundo o costume rabínico tanto o mestre como o discípulo se sentam. Aqui Jesus senta-se como um mestre.

<sup>110</sup> MARSHALL, The gospel, p. 184.

<sup>111</sup> MARSHALL, The gospel, p. 184.

<sup>112</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 437.

<sup>113</sup> CASALEGNO, Lucas, p. 105.

<sup>114</sup> BALZ; SCHNEIDER. Dicionário, v. 1, p. 498-499.

<sup>115</sup> MIRIZZI, Il Gesù-esegeta, p. 81.

<sup>116</sup> MIRIZZI, Il Gesù-esegeta, p. 81; ROSSÉ, Il vangelo, p. 156.

acentuam o cumprimento das promessas de Deus no hoje de Jesus. Na prática, Lucas atualiza o texto lido referindo-o à pessoa e à missão de Jesus.<sup>117</sup>

O termo σήμερον introduz importante tema lucano, assinala um ponto importante na perspectiva histórico-salvífica de Lucas, o “hoje da salvação”, tema que perpassa o Evangelho.<sup>118</sup> O tempo definitivo da salvação anunciado pela Escritura, a era messiânica realiza-se em Jesus.<sup>119</sup> “Este ‘hoje’ torna-se, assim, um motivo central da teologia de Lucas e abraça a missão de Jesus na sua inteireza: ele se encontra no momento do nascimento (Lc 2,11), e ao longo de todo o seu ministério (Lc 5,26; 13,33; 19,5.9) até o momento da morte (Lc 23,43)”.<sup>120</sup>

Com o sintagma ἡ γραφή αὕτη (“esta escritura”), sujeito da ação sofrida pelo verbo na voz passiva, o narrador acentua que a consolação de Sião, prometida no livro de Isaías e atestada pela profetiza Ana, no relato da infância (Lc 1,38), agora se cumpre mediante a proclamação de Jesus. “Para o evangelista, de fato, o ‘escrito’ é promessa de Deus orientada até Cristo: ela se cumpre no fato mesmo da vinda de Jesus e do seu ensinar que revela tal vinda: a profecia torna-se viva, eficaz, atual.”<sup>121</sup> No momento em que Jesus lê a Escritura, a salvação prometida na palavra profética já se cumpre.<sup>122</sup> O verbo πληρώω (cumpro, levo a termo, realizo), no indicativo perfeito passivo, expressa a uma ação acabada no tempo, e diz respeito ao cumprimento da Escritura em Jesus.

Lucas modifica o programático πεπλήρωται ὁ καιρός de Mc 1,15 [...] convertendo-o na frase, igualmente programática, de Lc 4,21: πεπλήρωται ἡ γραφή αὕτη: o tempo da atividade terrestre de Jesus, como o centro do tempo, é o cumprimento de Is 61,1; porque a atividade terrena de Jesus é atividade pelo poder do Espírito.<sup>123</sup>

Tal atividade realiza-se de forma iminente, pois o que foi anunciado pelo profeta Isaías e proclamado por Jesus na sinagoga, é narrado imediatamente nos episódios seguintes (Lc 4,31-5,16).<sup>124</sup>

<sup>117</sup> SPINETOLI, Ortensio da. *Luca: il vangelo dei poveri*. Assisi: Cittadella editrice, 1982, p. 182.

<sup>118</sup> FITZMYER, El evangelio, t. II, p. 437; segundo BALZ; SCHNEIDER, Diccionario, v. 2, p. 1397, “por meio de sua presença Jesus confirma o cumprimento da promessa (4,21). Lc 5,26; 19,5.9; 23,43 mostram a quem beneficia essa presença. Σήμερον acentua a verdade paradoxal (5,26) da chegada da salvação dentro do tempo (2,11) com o mesmo vigor com que sublinha como a presença definitiva dessa salvação excede toda medida de tempo (23,43)”.

<sup>119</sup> SPINETOLI, Luca, p. 182.

<sup>120</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 252.

<sup>121</sup> ROSSÉ, Il vangelo, p. 156.

<sup>122</sup> SCHÜRMANN, Il vangelo, p. 405: “A ‘interpretação da Escritura’ que Jesus dá deste modo não é mais rabínica, mas tem uma nova qualidade escatológico-messiânica: a proclamação da salvação prometida na palavra profética é já acontecida no momento mesmo no qual Jesus a leu”.

<sup>123</sup> Πληρώω. BALZ; SCHNEIDER, Diccionario, v. 2, p. 997-998.

<sup>124</sup> SPINETOLI, Luca, p. 182.

O cumprimento da Escritura realiza-se ἐν τοῖς ὠσὶν ὑμῶν (“nos vossos ouvidos”), porque é revelado na palavra, que necessariamente precisa ser ouvida, acolhida como palavra-evento que constitui a vinda de Jesus.<sup>125</sup> O tema da escuta é recordado ao leitor mediante essa expressão, cuja conotação salvífica decorre do fato de que os ouvidos, na sentença autorizada de Jesus, se tornam os órgãos privilegiados da percepção (cf. Lc 9,44). Isso sugere ao leitor que a leia de acordo com a linha profética, começando com o oráculo de Simeão (Lc 2,29-32), no qual se cumpre a promessa de salvação.<sup>126</sup>

Na sequência, a reação dos ouvintes dessa palavra é descrita com os vocábulos πάντες, μαρτυρέω e θαυμάζω. Com o vocábulo πάντες, o narrador chama a atenção para a totalidade dos ouvintes de Jesus, sem exceção, acolheram a sua palavra. O verbo μαρτυρέω significa dou testemunho, atesto, testifico. O emprego desse verbo com o dativo de pessoa (αὐτῷ = dele) significa “aplaudir a alguém”,<sup>127</sup> o que ressalta a aprovação dos ouvintes. O verbo θαυμάζω significa “maravilho-me”, “assombro-me”, e designa, frequentemente, a reação das pessoas ante a epifania e a ação da divindade.<sup>128</sup> Em Lucas, o termo aparece mais vezes; desde o nascimento (Lc 2,18.33) até a ressurreição (Lc 24,12.41), a vida de Jesus provoca assombro: sua pregação (Lc 4,22), milagres (Lc 8,25; 11,14) e toda a sua atividade (Lc 9,43).<sup>129</sup>

O objeto desse maravilhamento de todos é descrito no sintagma ἐπὶ τοῖς λόγοις τῆς χάριτος τοῖς ἐκπορευομένοις ἐκ τοῦ στόματος αὐτοῦ (Lc 4,22b). As palavras de graça, lidas em paralelo com At 14,3; 20,24.32, referem-se às “palavras de salvação” anunciadas por Jesus, palavra de Deus que sai da sua boca, conforme texto citado por Jesus na tentação (Lc 4,4; Dt 8,3).<sup>130</sup>

Após a reação de assombro dos ouvintes, a unidade conclui-se com sua atitude cética, cuja frase chama a atenção para a origem simples e humilde de Jesus. Isso seria a prova de que a escuta da palavra foi apenas exterior (Lc 4,22) e que o maravilhamento dos ouvintes não bastou para responder adequadamente ao anúncio e à interpretação imediata, que poria fim à incerteza dos que realmente escutaram: é em Jesus que a Escritura se cumpre.<sup>131</sup>

A pergunta οὐχὶ υἱός ἐστιν Ἰωσήφ οὗτος; (“não é este filho de José?”) explica os motivos do estupor dos cidadãos e, para os leitores que conhecem os eventos de Lc 1,32.35; 3,21-22;

<sup>125</sup> SCHÜRMANN, Il vangelo, p. 406.

<sup>126</sup> SERGEY, Raccontare, p. 123.

<sup>127</sup> Μαρτυρέω. BALZ; SCHNEIDER, Dictionario, v. 2, p. 168.

<sup>128</sup> Θαυμάζω. BALZ; SCHNEIDER, Dictionario, v. 1, p. 1833-1834; θαυμάζω, por sua raiz, está relacionado com θεάομαι (contemplar) e designa, portanto, o assombro que se origina pela contemplação do algo.

<sup>129</sup> Θαυμάζω. BALZ; SCHNEIDER, Dictionario, v. 1, p. 1835.

<sup>130</sup> KARRIS, Il vangelo, p. 900.

<sup>131</sup> SERGEY, Raccontare, p. 124.

4,1-13, adquire sabor irônico.<sup>132</sup> Essa pergunta remete o leitor ao relato da infância (Lc 2,48-49), no qual a filiação divina é apresentada como elemento chave para a compreensão da missão de Jesus. A dupla menção à paternidade, ὁ πατήρ σου (Lc 2,48d) e τοῦ πατρός μου (Lc 2,49c), postos em contraposição, põe em evidência a paternidade celeste como elemento essencial da teologia lucana. É, pois, como filho obediente ao Pai celeste que Jesus realiza sua missão salvífica. Isso já foi atestado tanto no batismo como nas tentações, reforçando o sentido das palavras de Jesus em Lc 2,49c: Cuidar das coisas do Pai constitui seu dever fundamental. E, para o leitor, compreender isso é essencial para acolher a salvação ofertada por Deus, em Jesus, o Filho, Messias e Profeta.

A atitude cética dos ouvintes de Jesus revela a incapacidade de olhar além, o não ver obstinado por causa das preocupações secundárias e das expectativas egoísticas.<sup>133</sup> E recorda ao leitor que é preciso ter fé para realmente escutar a palavra, como Maria o fez no episódio da anunciação (Lc 1,38), e por isso foi declarada “bem-aventurada aquela que acreditou” (Lc 1,45).

A atitude de ceticismo evidencia o tema da recusa que ganhará cada vez mais espaço neste episódio, culminando no desejo de lançar Jesus do precipício (Lc 4,29). E, antecipa o tema da rejeição que percorrerá todo o evangelho, culminando na crucificação de Jesus (Lc 23).

#### 3.4.4 O refuto do profeta (Lc 4,23-29)

A frase inicial, com a fórmula καὶ εἶπεν πρὸς αὐτούς (“e disse a eles”), introduz a reação de Jesus ante o ceticismo dos seus ouvintes, evidenciado na frase anterior (v. 22d). No discurso de Jesus, carregado de ironia, são antecipadas duas realidades que serão verificadas na sequência da narração: a rejeição do médico e do profeta (v. 23) prediz o que acontecerá na paixão (Lc 23); a menção a Elias e Eliseu, profetas enviados a outros povos (vv. 24-27) antecipa o destino universal da Palavra (cf. Lc 24,47).<sup>134</sup>

Primeiramente, o provérbio proferido por Jesus, une no mesmo discurso um provérbio e a notícia do sucesso de seu ministério em Cafarnaum, mencionado indiretamente em Lc 4,14-15 e desenvolvido na sequência narrativa (Lc 4,31-5,11). O provérbio sobre a rejeição do médico, do qual se exigem feitos excepcionais (v. 23c), funciona como *background* para explicitar a imagem do profeta, que não é acolhido em sua própria pátria, do qual se exige realizar em Nazaré os mesmos feitos de Cafarnaum (v. 23d-e).

<sup>132</sup> KARRIS, Il vangelo, p. 900.

<sup>133</sup> SERGEY, Raccontare, p. 135.

<sup>134</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 253.

A imagem do médico aqui aplicada não é aleatória. A objeção “cura a ti mesmo” é ditada devido às reivindicações exclusivistas dos nazarenos, que encontram apoio no parentesco e na proximidade de origem.<sup>135</sup> Mas denota também a incredulidade dos ouvintes pois pede-se que Jesus se cure de suas deficiências antes de fazer o mesmo com os outros.<sup>136</sup> Tal pedido evoca a narrativa da crucificação (Lc 23,26-43), e faz referência explícita às três tentações sofridas por Jesus na cruz: “salva a ti mesmo” (Lc 23,35.37.39).<sup>137</sup>

Este provérbio (v. 23c), juntamente com o segundo (v. 24c), seguido do discurso sobre Elias e Eliseu (vv. 25-27), desmascara os sentimentos dos nazarenos e explica porque Jesus não realiza em sua cidade os feitos de Cafarnaum: a incredulidade dos concidadãos de profetas que se recusam a acolher os oráculos desses mesmos profetas que vivem no meio deles.<sup>138</sup>

A frase οὐδεὶς προφήτης δεκτός ἐστιν ἐν τῇ πατρίδι αὐτοῦ (v. 24c), introduzida de forma solene pela expressão ἀμὴν λέγω ὑμῖν ὅτι (v. 24b), reforça o que foi dito de maneira implícita no provérbio anterior quanto à rejeição de Jesus. O ἀμὴν, anteposto à frase, confere autoridade às palavras de Jesus.<sup>139</sup> O termo προφήτης faz referência tanto a Isaías, como também aos profetas Elias e Eliseu, que agiram fora de Israel. Quanto ao vocábulo δεκτός, o mesmo empregado para referir-se ao “ano aceito pelo Senhor” (Lc 4,19; Is 61,2), é usado aqui para denotar acolhida e aceitação dos homens (cf. At 10,35).<sup>140</sup> O termo é contraposto aos nazarenos para indicar que estes não se beneficiarão da promessa cumprida por Jesus. Essa ideia fica ainda mais explícita nas referências aos profetas Elias e Eliseu, especificamente às atuações fora de Israel.

Mediante a referência ao ministério dos profetas Elias e Eliseu, Lucas não apenas denuncia a recusa do povo eleito, mas reinterpreta o tema do nacionalismo, ampliando o conceito de eleição, que, na tradição judaica, se refere ao povo de Israel.<sup>141</sup> Para Lucas, todos os povos são eleitos por Deus e beneficiários da salvação que se cumpre em Jesus (At 13,46).

A introdução da história de Elias formulada com a frase adversativa ἐπ’ ἀληθείας δὲ λέγω ὑμῖν (v. 25a), chama a atenção para a verdade do que será dito em seguida.<sup>142</sup> A verdade

<sup>135</sup> SERGEY, Raccontare, p. 125.

<sup>136</sup> SERGEY, Raccontare, p. 126.

<sup>137</sup> SERGEY, Raccontare, p. 126; as tentações na cruz fazem referência ao messianismo de Jesus mediante os títulos: “Cristo de Deus, o Eleito”; “rei dos judeus” e “Cristo”. No relato das tentações (Lc 4,1-13), Jesus é tentado enquanto “Filho de Deus” (vv. 3.9).

<sup>138</sup> SCHÜRMANN, Il vangelo, p. 413.

<sup>139</sup> ἀμὴν. BALZ; SCHNEIDER, Diccionario, v. 1, p. 207.

<sup>140</sup> MARSHALL, The gospel, p. 188.

<sup>141</sup> AUGUSTA, Jesus: boa-nova, p. 62.

<sup>142</sup> ἀλήθεια. BALZ; SCHNEIDER, Diccionario, v. 1, p. 173; segundo o autor, “ἀληθως, e de maneira semelhante ἐπ’ ἀληθείας (7 das 10 vezes que aparece ἀλήθεια nos Sinóticos/Atos) significa: *efetivo*, quase com a significação de: não se permitem dúvidas”.



das palavras de Jesus é constatada pela própria história de Israel, evocada nos relatos citados dos textos de 1Rs 17,1-16 e 2Rs 5,1-27. A ausência de feitos em prol de Israel na época dos profetas Elias e Eliseu se deu por causa da idolatria do povo.<sup>143</sup> Aqui, no contexto em que essa história é evocada, a causa é a incredulidade e, conseqüentemente, a falta de acolhimento da pessoa e das palavras de Jesus. A dificuldade dos nazarenos em reconhecer Jesus como enviado de Deus está, pois, em sua origem humilde.<sup>144</sup> Eles não sabem ver por trás das aparências; a cegueira espiritual dos nazarenos resulta no repúdio do Messias.<sup>145</sup>

O duplo emprego do adjetivo πολύς, πολλή, ligado aos vocábulos χηρά e λεπρός, visam chamar a atenção do leitor para o grande número de viúvas e leprosos existentes em Israel na época de Elias e Eliseu e o contraste com o número inexistente de beneficiários de seus feitos: οὐδεμία (nenhuma, v. 26a), οὐδεὶς (nenhum, v. 27b). Esse contraste se torna ainda mais evidente na restrição de beneficiários fora de Israel e em sua nomeação: a viúva de Sarepta e o sírio Naamã. Isso significa que o endurecimento do coração e a falta de conversão do povo eleito levaram os profetas a se preocuparem apenas com os estrangeiros. Para Lucas, a mesma coisa acontecerá com Jesus devido a recusa do seu povo e a conseqüente abertura dos gentios.<sup>146</sup>

A menção dupla a Ἰσραήλ na citação de Elias e Eliseu contrasta com a menção às cidades estrangeiras, Síria e Sarepta. No discurso de Jesus, faz referência aos nazarenos e aos de sua pátria, conferindo ao tema da rejeição de Jesus uma amplitude que abrange todo o Israel.

A reação dos ouvintes é semelhante a Mc 6,3 (σκανδαλίζομαι), antes mesmo das palavras finais de Jesus.<sup>147</sup> A reação dos nazarenos às palavras de Jesus explicita a rejeição latente no v. 23, desmascarada por Jesus no seu discurso (v. 24) e nos dois exemplos de envio de profetas aos gentios.<sup>148</sup> Essa rejeição, progressiva, alcança seu ápice nos vv. 28-29, com a reação violenta dos ouvintes de Jesus.

O verbo πίμπλημι significa “encho completamente, sem deixar qualquer espaço vazio”.<sup>149</sup> O narrador ressalta, com este verbo, que todos os ouvintes na sinagoga, sem exceção,

<sup>143</sup> Sobre o assunto, MIRIZZI, Il Gesù-esegeta, p. 95, afirma o seguinte: “Elias e Eliseu agiram em um dos piores momentos do povo de Israel em relação à fidelidade a Deus. De fato, Elias operou sob o reino de Acab, filho de Omrie e o autor sagrado o descreve como o pior rei entre todos os seus predecessores. Enquanto Eliseu profetizou sob o reino de Ioram, filho de Acab, o qual também ele ‘fez o que era mal aos olhos do Senhor, assim como seu pai’. Elias e Eliseu não puderam fazer sinais porque Israel se afastou da fé em Deus e se voltou para Baal. O povo vivia em completa idolatria”. Cf. 1Rs 16,29-33; 2Rs 3,1-3.

<sup>144</sup> SPINETOLI, Luca, p. 184.

<sup>145</sup> CASALEGNO, Lucas, p. 108.

<sup>146</sup> CASALEGNO, Lucas, p. 109.

<sup>147</sup> MARSHALL, The gospel, p. 190.

<sup>148</sup> SCHÜRMANN, Il vangelo, p. 413.

<sup>149</sup> Segundo LOUW, J. P.; NIDA, E. A. (Eds.). *Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 532, no subdomínio “cheio, vazio”, ao qual o vocábulo pertence, a quantidade se refere principalmente com espaço.

rejeitaram as palavras de Jesus. Tal reação “é o cume de seu ressentimento contra um profeta cujas palavras não conseguiram apreciar e que não fizeram nada para justificar suas reivindicações”.<sup>150</sup> A ira (θυμός = estado de intensa irritação [cf. At 19,28])<sup>151</sup> ao qual ficaram cheios, contrasta com o comportamento maravilhado dos nazarenos no início do episódio, ante as palavras de graça que saíam da boca de Jesus (v. 22b). Na explosão de raiva dos nazarenos, imediatamente seguida de atitude violenta, o leitor entrevê o destino de Jesus aludido em Lc 20,15, predito em Lc 9,22.44; 13,31; 18,31-33 e concretizado nos eventos de Jerusalém, na crucificação (Lc 23).

A intensidade das ações dos ouvintes de Jesus é descrita com dois verbos no indicativo aoristo ativo, ἐκβάλλω e ἄγω. O verbo composto ἐκβάλλω (preposição ἐκ + verbo βάλλω) significa “expulso”, “jogo fora” de forma mais ou menos violenta.<sup>152</sup> O verbo ἄγω, cujo significado fundamental é “conduzo”, também refere-se, com frequência, à ação de conduzir pela força (p. ex. Mc 13,11; Lc 22,54; Jo 7,45; At 5,26).<sup>153</sup> Com força, expulsaram Jesus não apenas da sinagoga, mas da sua cidade “natal” e, na sequência das ações, conduziram-no até o pico do monte,<sup>154</sup> com a clara intenção de precipitá-lo lá de cima, como é afirmado pela conjunção subordinativa consecutiva ὥστε, seguida do verbo composto κατακρημνίζω, que significa “atiro para baixo” (desde uma altura).<sup>155</sup>

Esta última oração descreve a violência das ações dos nazarenos, cume da rejeição de Jesus como profeta enviado por Deus para salvar o seu povo. Esta reação violenta antecipa, prolepticamente, a rejeição da salvação proposta por Jesus, cuja consumação acontecerá em Jerusalém.

### 3.4.5 Jesus seguiu seu caminho (Lc 4,30)

Embora as ações dos nazarenos tenham sido de extrema violência, Jesus permanece soberano em suas ações. A narrativa conclui-se com uma oração adversativa que contrasta a ação de Jesus com as de seus ouvintes. O verbo πορεύομαι, em sentido próprio, pode referir-se

<sup>150</sup> MARSHALL, The gospel, p 190.

<sup>151</sup> LOUW; NIDA, Léxico, p. 677.

<sup>152</sup> ἐκβάλλω. BALZ; SCHNEIDER, Diccionario, v. 1, p. 1235. Cf. Mc 11,15; Mt 21,12; Lc 19,45; Jo 2,15; At 7,58; Mc 12,8; Mt 21,39; Lc 20,12.15.

<sup>153</sup> ἄγω. BALZ; SCHNEIDER, Diccionario, v. 1, p. 73.

<sup>154</sup> Segundo SCHÜRMANN, Il vangelo, p. 417, “Nazaré está localizada em um vale alto, não no topo de uma montanha; no máximo ‘próximo à montanha’, pelo qual é difícil fazer de um ‘declive da montanha’ o lugar do precipício”.

<sup>155</sup> Κατακρημνίζω. BALZ; SCHNEIDER, Diccionario, v. 1, p. 2224.

à ação de caminhar, em sentido real ou metafórico; expressa normalmente movimento.<sup>156</sup> É empregado aqui para indicar a ação de Jesus na conclusão do episódio. Lucas usa o mesmo verbo em outras passagens do Evangelho para referir-se à caminhada de Jesus a Jerusalém, que diz respeito não apenas a um caminhar geográfico, mas tem valor teológico, como um modo de caminhar, um itinerário conduzido pelo Pai.<sup>157</sup>

Isso indica, no final desse episódio, que o caminho de Jesus, sua missão de anunciar a Boa Nova, seguirá seu curso, segundo um plano definido pelo Pai. O verbo na voz média enfatiza Jesus enquanto agente da ação, que está implicado pessoalmente no seu caminhar. Esta ênfase também se faz perceber pelo emprego do αὐτός, referindo a Jesus como sujeito explícito da ação. O verbo composto διέρχομαι (preposição διά + verbo ἔρχομαι), que significa “vou (ou passo) através de”<sup>158</sup>, enfatiza a ideia de que Jesus tinha controle da situação, que seguirá o plano determinado por Deus, que se concretizará em Jerusalém (Lc 9,51), “pois não convém que um profeta morra fora de Jerusalém” (Lc 13,33). O caminho de Jesus é desde o início “uma peregrinação”, ou seja, um caminho até a cruz (Lc 13,33; 22,22) e até o céu (Lc 9,51; 24,50; At 1,10).<sup>159</sup>

A conclusão do relato da sinagoga de Nazaré, com a menção de que Jesus continuou seu caminho, também remete o leitor para o relato imediatamente subsequente (Lc 4,31-44), em que o mesmo realiza seu ministério em Cafarnaum, na qual a promessa de Isaías cumprida em Jesus, começará a ser vislumbrada por todos.

### 3.4.6 Síntese do percurso

A verificação dos verbos aoristos como elementos estruturantes do episódio evidenciou uma organização em três momentos narrativos correlatos, centrados cada um em uma declaração. O desenvolvimento narrativo apresenta uma dramaticidade crescente em torno das palavras de Jesus que, de um lado, esclarece cada vez mais sua identidade e missão e, de outro, provoca a reação dos ouvintes, em um crescendo que passa da expectativa ao ceticismo e, por fim, à rejeição.<sup>160</sup>

<sup>156</sup> Πορεύομαι. BALZ; SCHNEIDER, Dicionario, v. 2, p. 1082.

<sup>157</sup> O mesmo verbo é empregado em Lc 9,51 para indicar o caminho de Jesus a Jerusalém para consumir sua obra. Cf. também Lc 9,53.57; 10,38; 13,33; 17,11; 19,28.

<sup>158</sup> Διέρχομαι. BALZ; SCHNEIDER, Dicionario, v. 1, p. 976.

<sup>159</sup> SCHÜRMANN, Il vangelo, p. 418.

<sup>160</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 248.

O relato da sinagoga de Nazaré, além de apresentar Jesus como Messias na linha do profetismo, também especifica em que consiste sua atuação profética como cumprimento da promessa histórico-salvífica anunciada na Escritura.<sup>161</sup>

Na primeira unidade narrativa (vv. 16b-20) a atenção do leitor é conduzida para o conteúdo da profecia de Isaías proclamado por Jesus na liturgia sinagagal, embora não haja uma indicação direta de que ele tenha feito a leitura. O lugar e o dia em que esse evento acontece cria o ambiente religioso judaico de ensino oficial, contexto comunicativo no qual Jesus irá proferir pela primeira vez seu discurso programático no início de sua atividade pública.

O texto da profecia de Isaías evidencia duas ações principais – “... ungiu a mim” e “... enviou a mim” – veiculadas pelos verbos empregados nos tempos aoristo e perfeito ativos. As demais ações formuladas com verbos no infinitivo aoristo (proclamar... a libertação, enviar... em liberdade, proclamar um ano aceitável...) ilustram em que consiste esse envio para libertar os pobres.

O texto isaiano proclamado por Jesus orienta o leitor a compreender a identidade e missão de Jesus na linha do profetismo, como cumprimento da promessa de salvação esperada para a era messiânica, em continuidade aos relatos da infância (Lc 1-2) e dos episódios imediatamente subsequentes (Lc 3,1-4,15). A proclamação de Jesus na sinagoga de Nazaré inaugura esse tempo de cumprimento, que se concretizará entre os pobres de YHWH, os marginalizados, os que estão em situação de carência e de necessidade, em suma, todos os desamparados constituem o objeto de seu cuidado.<sup>162</sup>

Na segunda unidade narrativa (vv. 21-22), a ação principal é introduzida pelos verbos “começar” (no aoristo) e “dizer”, (no infinitivo), indicando, assim, o discurso de Jesus como ponto focal desta unidade. O que é dito por Jesus retoma o texto antes lido e o leva à categoria de cumprimento, evidenciado pelo verbo no indicativo perfeito ativo (foi cumprida) e pela ênfase no termo “hoje” posto no início da frase.

O “hoje” do cumprimento da Escritura diz respeito ao ano da graça, o tempo da salvação profetizado por Isaías e inaugurado por Jesus, que se concretiza com sua vinda (Lc 2,11; 5,26; 19,5.9.42; 23,43), e se prolonga na vida da comunidade (At 1,6; 3,18).

A reação inicial de “testemunho” e “maravilha” por parte dos ouvintes de Jesus, que denota abertura e acolhimento a seu ensino, logo se transforma em incredulidade e rejeição, implícitas na constatação da origem humilde de Jesus, mediante a pergunta retórica que fazem. Os nazarenos não têm o mesmo conhecimento que o leitor sobre a identidade de Jesus,

<sup>161</sup> CASALEGNO, Lucas, p. 107.

<sup>162</sup> CASALEGNO, Luca, p. 107.

apresentada desde as primeiras páginas do evangelho (Lc 1,32.35; 2,11.49; 3,23).<sup>163</sup> Da expectativa inicial passa-se à incredulidade, criando uma tensão na qual se insere a resposta de Jesus na unidade seguinte.

Na terceira unidade narrativa (vv. 23-29) a ação principal está centrada no discurso de Jesus, inserido pelo duplo emprego do verbo “dizer” no aoristo, o que acirra ainda mais os ânimos dos seus ouvintes, resultando em reação violenta dos mesmos contra Jesus.

O conteúdo do discurso de Jesus abre-se com um dito carregado de ironia, em resposta à interrogação dos seus ouvintes a respeito de sua origem. Em seguida, a menção à atividade realizada com sucesso em Cafarnaum é recordada como desdobramento do provérbio proferido, para exemplificar as intenções dos nazarenos de receber os benefícios messiânicos com exclusividade por serem conterrâneos de Jesus, bem como a sua falta de fé.<sup>164</sup>

No segundo discurso, a menção aos profetas Elias e Eliseu desmascara a incredulidade dos ouvintes de Jesus e, ao mesmo tempo, apresenta quem são os beneficiários do hoje da salvação inaugurado por Jesus. A referência aos profetas Elias e Eliseu, bem como a leitura do profeta Isaías, interpretam a atividade de Jesus na linha do profetismo, destacando que, desde o início de sua atividade ele foi rejeitado. Assim, fica patente para o leitor que a recusa faz parte do anúncio evangélico e, portanto, é sinal da verdadeira pregação e caracteriza o verdadeiro profeta.<sup>165</sup>

O exemplo de Elias e Eliseu também evidencia que o caminho da salvação não é circunscrito a Judeia, nem aos filhos de Abraão, mas assinala a preferência divina aos gentios, que acolhem Jesus com humildade e entusiasmo.<sup>166</sup>

A conclusão da narrativa, com a retirada de Jesus de Nazaré passando por meio dos nazarenos, indica ao leitor que a salvação é direcionada a todos e deve prosseguir o seu itinerário. Nazaré é a primeira etapa desse percurso, constituindo, assim, o modelo programático que orientará o leitor durante seu próprio itinerário de reconhecimento da identidade e missão de Jesus a ser verificada ao longo de sua atividade pública.

---

<sup>163</sup> CASALEGNO, Luca, p. 107.

<sup>164</sup> AUGUSTA, Jesus: boa-nova, p. 66.

<sup>165</sup> CASALEGNO, Lucas, p. 109.

<sup>166</sup> SPINETOLI, Luca, p. 184-185. A ideia de “filiação abraâmica” nesse sentido está relacionada à eleição de Israel como povo de Deus, no qual tem Abraão como “pai”. No entanto, na perspectiva de Lucas, os gentios fazem parte da eleição, pois a vocação de Abraão é para mediação da bênção para nações (Gn 12,3). No relato de Zaqueu, Jesus afirma: “hoje chegou a salvação a esta casa, pois também este é um filho de Abraão” (Lc 19,9). Portanto, a missão de Jesus constitui buscar e salvar o que estava perdido (Lc 9,9; 15).

### **3.5 A focalização pragmática**

A análise sintática evidenciou a unidade do texto mediante sua articulação e a semântica, os motivos (temas) que compõem a unidade temática do episódio narrado. A seguir, propomos evidenciar o eixo fundamental da situação comunicativa e a estratégia posta em prática para alcançar o objetivo proposto pelo autor.

#### **3.5.1 O contexto comunicativo**

A dinâmica narrativa do texto evidencia uma organização em torno do binômio “ação-reação”, estruturado em três momentos nos quais apresenta uma dramaticidade crescente com as palavras de Jesus que, por um lado, tornam mais claras a sua identidade e missão e, por outro, a reação dos seus ouvintes, que vai da expectativa à total rejeição.

O episódio de Lc 4,16-30, posto como abertura do início da atividade pública de Jesus na Galileia, logo após eventos que ressaltam sua identidade messiânica e missão como cumprimento da promessa de restauração anunciada pelos profetas, tem um importante objetivo comunicativo ao ser situado na cidade “natal” de Jesus e, precisamente, durante a leitura oficial da Escritura em uma sinagoga no dia de sábado.

Esse início se dá em contexto de religiosidade judaica e em ambiente que evoca tanto a origem humilde de Jesus quanto sua pertença ao povo judeu e sua consequente inserção na religião. Essas características da identidade de Jesus foram apresentadas no relato da infância, o que significa que o leitor já está bem informado acerca disso. No relato da infância, o contexto religioso de Israel foi palco para a manifestação da identidade messiânica de Jesus; as reminiscências ou citações bíblicas são a prova escriturística da realização da promessa de salvação.

Esses elementos ressaltam, para o leitor, a continuidade com o passado de Israel e a questão acerca da compreensão do seu messianismo, que ultrapassa as fronteiras do judaísmo palestinese. A origem simples põe a questão acerca do modo inaudito de Deus realizar seu plano de salvação, que suscita no meio do seu povo um “poderoso salvador”. A compreensão da identidade messiânica de Jesus passa pela “desconstrução” de uma imagem messiânica popular entre os judeus, para abrir-se a imagem que vai se delineando pela práxis de Jesus ao longo da narrativa evangélica. Essa imagem encontra no episódio da sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-30) o seu ponto de convergência, pois delineia-se como paradigma da cristologia de revelação, que orientará o caminho da veridicção na práxis de Jesus durante todo o seu caminhar

até a consumação em Jerusalém. Os critérios para a compreensão da identidade messiânica de Jesus, delineados no relato da infância, são aqui retomados; assim como as consequências da sua rejeição e a abertura dos gentios.

Segundo Grilli,

a nível pragmático, o contexto comunicativo deixa transparecer a pergunta sobre a compreensão de Jesus e da sua obra nas comunidades judeu-helenistas da diáspora. Trata-se de cristãos como Teófilo (cf. Lc 1,1-4 e At 1,1ss), provenientes do judaísmo helenístico, que se perguntam qual é a identidade e missão de Jesus à luz do mistério histórico-salvífico expresso no Primeiro Testamento.<sup>167</sup>

Assim, o contexto comunicativo que se destaca da atitude de Jesus e da reação dos ouvintes diz respeito a três aspectos fundamentais: a correlação entre Escritura e cumprimento no processo de reconhecimento da identidade de Jesus; a escuta da palavra como condição de acolhimento da salvação no hoje de Jesus; a dimensão universal da salvação evidencia a abertura dos gentios como parte integrante do projeto histórico-salvífico.<sup>168</sup>

Esses aspectos evidenciam a questão fundamental daqueles que abraçaram a fé em Jesus Cristo, que vai além da rejeição expressa por muitos membros do povo judeu (cf. At 28,24-28).<sup>169</sup> Reconhecer Jesus como o messias-profeta enviado às nações, embora rejeitado por seu povo, como concretização do projeto histórico-salvífico, significa também reconhecer sua própria identidade missionária. O leitor pode, então, reconhecer a solidez dos ensinamentos recebidos (Lc 1,4).

### 3.5.2 A estratégia comunicativa

Do contexto comunicativo acima evidenciado nas três unidades narrativas centradas, cada uma, em uma declaração central, podemos apresentar a estratégia comunicativa em três atos linguísticos, todos proferidos por Jesus:

- Um ato declarativo mediante a citação da Escritura (vv. 18-19): “Πνεῦμα κυρίου ἐπ’ ἐμὲ οὗ εἶνεκεν ἔχρισέν με, εὐαγγελίσασθαι πτωχοῖς, ἀπέσταλκέν με...”;
- Um ato representativo na proclamação do “hoje” de Jesus (v. 21): “Σήμερον πεπλήρωται ἡ γραφή αὕτη ἐν τοῖς ὡσὶν ὑμῶν”;

<sup>167</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 253.

<sup>168</sup> FITZMYER, El evangelio, t. I, p. 315, afirma: “Se a salvação faz seu caminho até alcançar os gentios e os samaritanos, não é porque o antigo povo tenha que ser substituído pelo novo, mas porque, na concepção lucana, essa expansão salvífica era parte integrante do plano de Deus e entrava nas promessas feitas a Israel desde sua concepção como povo”.

<sup>169</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 253.

- Um ato representativo na atestação de Jesus acerca do profeta não aceito em sua pátria (v. 24): “Ἀμὴν λέγω ὑμῖν ὅτι οὐδεὶς προφήτης δεκτός ἐστιν ἐν τῇ πατρίδι αὐτοῦ”.

### 3.5.2.1 A citação de Isaías como ato declarativo

“O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele ungiu a mim...” Jesus profere um ato declarativo que adquire toda a sua força pragmática no contexto comunicativo em que é proferido. A leitura sinagoga, em dia de sábado, com todo o ambiente de prática religiosa, com ênfase nas ações protagonizadas por Jesus, judeu originário daquela cidade, deixa transparecer sua força ilocutória.

Ao proferir a Escritura, o texto isaiano sobre o ano da graça do Senhor, caracterizado pelas ações que beneficiarão os pobres, que não são apenas os desprovidos de bens materiais, mas todos os necessitados de salvação, entre eles os gentios, Jesus realiza o que diz. As palavras da Escritura, proferidas de modo oblíquo por Jesus, fazem coincidir as palavras proféticas e o estado do mundo. Essa força ilocutória é tanto mais visível pela menção do Espírito do Senhor, no próprio texto bíblico, que corresponde ao Espírito recebido por Jesus no batismo. O próprio Deus que ungiu Jesus como filho e profeta agora torna presente na sua pessoa a salvação prometida a Israel na profecia de Isaías. É Deus quem envia Jesus para salvar o seu povo.

Ao proclamar o texto isaiano sobre a libertação prometida a Israel no passado, numa liturgia sinagoga, em sua cidade “natal”, Nazaré, Jesus realiza aquilo que diz, ou seja, que o tempo de espera findou-se, e começa, agora, o tempo do reinado de Deus, onde os pobres são evangelizados, os presos são libertos, os cegos curados, os pecadores perdoados, e a todos o evangelho é anunciado (cf. Lc 7,22-23).

Esse ato declarativo convida o leitor a pôr esse evento salvífico em relação com a pessoa do mensageiro, mediante a correlação entre o texto lido e a proclamação do “hoje” em Jesus. É o reconhecimento de que toda a Escritura encontra em Jesus sua plenitude. Como no relato da infância, o leitor é convidado, junto com as personagens Maria e Zacarias, a louvar a Deus que enviou um salvador, recordando que as promessas veterotestamentárias se cumprem em Jesus, o Messias.

O tempo da salvação inaugurado por Jesus tem seu início proclamado na sinagoga de Nazaré, em ambiente religioso judaico. Mas o próprio fato de ser situado na “Galileia das nações” oferece ao leitor uma clara identificação com a comunidade lucana de origem helenista, cuja identidade e missão estão fundamentadas nessa ἀρχή.



### 3.5.2.2 O cumprimento no “hoje” de Jesus como ato representativo

O segundo ato linguístico proferido por Jesus, “Hoje foi cumprida esta escritura nos vossos ouvidos”, corresponde a um ato representativo, pois quem fala está empenhado em sustentar a verdade do que afirma. Ao proclamar que “hoje esta Palavra se cumpre nos vossos ouvidos”, Jesus adapta as próprias palavras à situação do mundo, ou seja, que a libertação prometida no texto isaiano se cumpre no “hoje” da comunidade que escuta a voz do ungido do Senhor, o enviado a proclamar a Palavra de libertação (Lc 4,18-19). É o hoje de uma promessa que se cumpre (Lc 4,21); é o hoje da liberdade concedida pelo perdão dos pecados (Lc 5,24); é o hoje da habitação de Jesus na casa dos pecadores (Lc 19,5.9).<sup>170</sup>

O ato representativo visa levar o leitor a tomar consciência que hoje é o tempo da salvação prometida; salvação que se cumpre na pessoa desse homem simples de Nazaré. O acolhimento da salvação passa, assim, pela modificação do olhar sobre Jesus, para além da aparência, capaz de reconhecer nele o enviado de Deus; é o olhar profundo da fé de quem aguarda ansiosamente a salvação prometida (Lc 2,29-32).

Mas as mesmas palavras proferidas por Jesus constituem um ato declarativo porque muda a situação de quem as escuta e chama à resposta.<sup>171</sup> A expectativa dos ouvintes, descrita pelo narrador com a frase “os olhos de todos estavam fixos nele”, criam o contexto em que as esperanças de salvação ansiadas pelo povo de Israel finalmente são cumpridas. No entanto, as palavras se cumprem na escuta atenta (cf. Lc 10,39; 11,28; 8,21), que não é apenas um simples escutar ou prestar atenção, mas é compromisso, obediência.<sup>172</sup>

Nesse caso, o “hoje” de Jesus atravessa e interpela o hoje de cada leitor, de todos os tempos, à escuta atenta da Palavra de salvação, que se concretiza na abertura ao plano de Deus para a humanidade, “que acontece no caminho de Jesus, desde o nascimento (Lc 2,11) até sua morte (Lc 23,43) e entronização messiânica na ressurreição (At 13,33)”.<sup>173</sup> Exige a resposta humana que, “em um momento decisivo, é chamado a assumir a responsabilidade de abrir-se à graça (Lc 19,9; 23,43) ou fechar-se na rejeição (Lc 4,21.28-29) e na infidelidade (Lc 22,34.46)”.<sup>174</sup>

<sup>170</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 254.

<sup>171</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 254.

<sup>172</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 254.

<sup>173</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 254.

<sup>174</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 255.

### 3.5.2.3 A atestação da rejeição do profeta em sua pátria como ato representativo

Com o dito “Nenhum profeta é aceito na sua terra”, introduzido pelo solene “Amém, digo a vós”, Jesus profere um ato representativo de sua missão em meio ao povo eleito. As suas palavras, solenes, adaptam-se à situação em que se encontra, de rejeição e de incredulidade. Ele está empenhado em sustentar a verdade da afirmação proferida aos seus destinatários imediatos, os nazarenos, ou seja, Jesus crê firmemente naquilo que profere, de que, como profeta, ele é rejeitado pelos seus. A referência aos profetas Elias e Eliseu exemplifica a verdade do seu dito e a consequência da rejeição do enviado de Deus.

Nesse ato representativo, o narrador visa propiciar ao seu leitor o conhecimento de que a falta de abertura a Jesus como profeta e messias, que vem salvar a humanidade de seus pecados, resulta na perda da graça da salvação ofertada a todos. Isso deve levar o leitor a modificar sua consciência diante do modo como vê e se espera a concretização da salvação, que acontece não por causa da pertença ao povo eleito, mas mediante a abertura de quem escuta verdadeiramente a Palavra-evento que é Jesus Cristo.

Assim, a universalidade da salvação atinge seu objetivo no momento mesmo em que o ser humano reconhece sua condição de ouvinte atento da Palavra. E, assim, no programa messiânico de Jesus é sublinhado que a difusão da Palavra entre os gentios está em continuidade com a história da salvação vivida por Israel (cf. Is 40,3-5).<sup>175</sup> A abertura dos gentios evidencia a força salvadora da Palavra de Deus que não retorna vazia, mas realiza aquilo para a qual foi designada (cf. Is 55,10-11).

A obediência da Palavra, vocação que define a identidade filial de Jesus (Lc 2,49), torna-se condição indispensável para a concretização do evento salvífico que é a vida, morte e ressurreição de Jesus, acontecida no hoje de cada leitor. A força salvadora que é suscitada por Deus não pode ser detida pela incredulidade e exterioridade de uma fé baseada apenas na aparência. Essa força salvadora segue seu caminho proposto por Deus até alcançar sua meta: chegar aos corações humildes e generosos que são capazes de perceber a salvação nos gestos de amor e doação de um simples homem de Nazaré que é porta-voz de Deus por excelência, pois carrega em sua carne a vocação primigênia da humanidade querida por Deus: “não sabeis que devo estar naquilo que é de meu Pai?”.

As “coisas” do Pai são o anúncio do tempo de salvação prometida para os pobres, os cegos, os oprimidos, ou seja, os pobres de YHWH, os verdadeiros ouvintes da Palavra que, no

---

<sup>175</sup> GRILLI, Vangeli sinottici, p. 269.

Evangelho lucano assumem um rosto concreto: não apenas os israelitas, mas todas as nações. Dessa forma, a profecia isaiana, que está na base do programa narrativo lucano, se torna atual: de Jerusalém a salvação sairá para todos os povos (At 1,8; Is 2,3). Esta será, pois, a missão dos apóstolos, testemunhas de todos esses fatos (Lc 1,1-2); e do leitor que se deixa conduzir pela Palavra-evento que é Jesus Cristo.

### **3.6 O leitor-modelo delineado em Lc 2,41-52 e Lc 4,16-30**

Os capítulos 1–2 do evangelho lucano constituem a porta de entrada da narrativa evangélica, na qual são apresentados não somente os principais temas a serem desenvolvidos ao longo do evangelho, mas sobretudo sua cristologia. A identidade cristológica de Jesus é construída progressivamente, sob o olhar atento do leitor, que deverá verificar ao longo da atividade pública de Jesus sua verdadeira identidade messiânico-profética e filial. Nesse processo revelatório, o episódio de Jesus aos doze anos (Lc 2,41-52) constitui o ponto culminante, pois conclui esse processo de revelação com as primeiras palavras de Jesus (v. 49).

Esse texto ilumina tudo o que anteriormente foi revelado acerca da identidade messiânico-filial de Jesus e, ao mesmo tempo, prepara o leitor para verificar, em sua práxis (Lc 3–24), a coerência entre identidade e missão. Esse processo de verificação é iniciado na Galileia, nos relatos preparatórios da atividade pública de Jesus (Lc 3,1–4,13) e, sobretudo, no episódio da sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-30), no qual Lucas apresenta o programa messiânico de Jesus.

O chamado “tríptico inaugural” (Lc 3,1–4,13) constitui, de fato, uma grande perícopes, uma unidade literária tomada de Mc e enriquecida com a genealogia e a instauração do Messias-profeta em transição do rei – protótipo da imagem do Messias, e prepara o discurso inaugural de Jesus em Lc 4,16-30.

Para compor a narrativa de Lc 4,16-30, Lucas emprega tradições sobre a atuação de Jesus em Nazaré, tomadas de sua fonte marcana (Mc 6,1-6), desloca esse episódio para o início da atividade de Jesus e o amplia com material próprio e citações escriturísticas, para dar ao trecho o papel de programa de seu Evangelho.

Desse modo, pode-se constatar que a linha do autor e a condução do Leitor-modelo são muito claras.

Com o prólogo, Lucas insere o leitor, já conhecedor da tradição acerca de Jesus, no processo de reconhecimento da ação salvífica de Deus na história, mediante a verificação dos fatos que revelam a identidade e missão de Jesus.

No relato da infância, a revelação da identidade de Jesus é apresentada em paralelo com João Batista. Desde o início, Lucas destaca o ambiente religioso judaico e as expectativas de salvação veterotestamentárias, evocadas nas personagens que remontam ao tempo de Israel. Assim, nesse horizonte são apresentados tanto o Messias quanto o seu precursor.

Lucas apresenta João na linha do profetismo, associando sua imagem à figura de Elias, profeta anunciado para o fim dos tempos (cf. Mt 3,23). Dessa forma, introduz o leitor no ambiente escatológico de cumprimento das expectativas messiânicas para o fim dos tempos. Em relação a Jesus, sua identidade messiânica é apresentada na linha davídica, conforme 2Sm 7,9.13-14.16; mas também é ressaltada sua identidade filial. Com as denominações “Filho de Deus” ou “Filho do Altíssimo”, Lucas ressalta a particular relação de Jesus com Deus, tema muito caro ao evangelista, que será retomado em Lc 2,49.

Um motivo importante ressaltado por Lucas na narrativa da infância é a fé, como escuta atenta da palavra de Deus e o respectivo acolhimento da salvação realizada em Jesus, o Messias. Tal motivo foi apresentado a partir de duas personagens femininas, que ressaltam a importância que o evangelista dava ao papel das mulheres no processo de reconhecimento da vida de Jesus. Maria, a mulher humilde de Nazaré, que por seu sim incondicional, acolhe em seu ventre o filho de Deus. Isabel, que reconhece na saudação de Maria, a mãe do seu Senhor e que brada o grito de alegria messiânica, que reconhecer a chegada da salvação. Essa mesma fé é também retomada no episódio de Simeão e Ana, personagens que representam o Israel que espera a salvação prometida.

Simeão, que acolhe o menino nos seus braços, louva a Deus por seus olhos terem visto a salvação prepara para todos os povos; e Ana, que testemunha a libertação a tanto esperada por Jerusalém.

Todas essas afirmações a respeito do Messias orientam o leitor a compreender a dimensão mais profunda da identidade de Jesus, proferida por ele mesmo no templo de Jerusalém, mediante palavras ainda enigmáticas (Lc 2,49), porque chama a atenção para algo ainda a ser aprofundado no decorrer do itinerário de leitura. Assim, o percurso continua numa nova etapa, também ela iniciada com a aparição de João, o precursor anunciado no relato da infância (Lc 1,5-25).

Em Lc 3,1-20, Lucas apresenta João Batista como arauto que anuncia e prepara o tempo da salvação escatológica prometida a Israel. Desde a narrativa da infância, a figura de João está entrelaçada com a de Jesus, no projeto histórico-salvífico, cada um com seu respectivo papel.

João é quem prepara o caminho do Senhor, mediante sua pregação e batismo, que leva o leitor a tomar consciência da necessidade de mudança de vida para acolher a Boa-Nova da

salvação oferecida por Jesus Cristo. Mudança essa que acontece em atos concretos pedidos a cada pessoa em sua atividade específica (Lc 3,10-14). A atuação de João prepara a aparição de Jesus também por levantar a questão da vinda do Messias, devido aos eventos inaugurados por ele e que levam o leitor a fazer memória da Escritura que anuncia a vinda escatológica do Messias.

À imagem do Messias triunfante, da casa de Davi, esperado pelo povo judeu, João agrega a de um Messias que vem salvar o ser humano dos seus pecados, por isso, a urgência de mudar de conduta, pois a salvação alcança o ser humano por inteiro.

Na sequência narrativa (Lc 3,21-22), a entronização de Jesus mediante sua epifania cumpre o que João falou a respeito do Messias, no episódio imediatamente anterior. A entronização de Jesus torna visível ao leitor de modo solene o que já foi anunciado acerca de sua identidade desde a infância. Jesus é o Messias da casa de Davi, é o Filho do Altíssimo, mas também é o Servo de YHWH, que leva até as últimas consequências sua fidelidade ao projeto do Pai. Por isso, a voz divina atesta a verdadeira identidade de Jesus: o Filho amado, em quem Deus põe seu agrado.

Durante sua preparação no deserto (Lc 4,1-13), logo após o batismo, Jesus enfrenta, de modo prefigurativo, todas as provações que passará ao longo de seu ministério público. A prova é necessária para que o leitor perceba que, como humano, Jesus foi posto à prova. E foi, precisamente, como humano que Jesus, o “Filho de Adão-Filho de Deus” (Lc 3,37), venceu todas as provas, revelando ao seu leitor que é a fidelidade ao Pai que o torna eficaz em sua missão salvífica. Fidelidade que está fundada em sua relação com o Pai, que lhe concedeu o seu Espírito, numa união íntima e indissolúvel.

O olhar panorâmico dos quatro primeiros capítulos de Lucas nos possibilitou constatar que o pronunciamento público de Jesus na sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-30) ainda está na atmosfera do fim do relato da infância, no qual a automanifestação de Jesus no Templo (Lc 2,41-52) constitui conclusão e cume. Não são dois episódios separados, como alguns afirmam, o tempo de Israel e o tempo de Jesus. Ambos fazem parte de um mesmo tempo de cumprimento, sendo que o deslocamento de Jesus, do Templo a Nazaré, significa um novo passo na revelação da cristologia lucana.

Algumas passagens dos Atos dos Apóstolos confirmam essa hipótese. Os textos de At 1,22 e 10,37 afirmam que o início da obra de Jesus começa com o seu batismo, como preparação do seu ministério. Isso mostra que Lucas, no momento da composição, une (e não divide) a história da infância (Lc 1,5–2,52) e a atividade de Jesus (Lc 3,1–4,13). A sinagoga de Nazaré é o ponto de chegada dessa cristologia de revelação e, ao mesmo tempo, o ponto de partida do

leitor no processo de verificação da identidade messiânico-profética de Jesus, mediante a sua práxis.

No episódio de Jesus aos doze anos, a sua afirmação em resposta à indagação de Maria, sua mãe, levou o leitor a tomar consciência de que a atitude de Jesus, seu modo de agir em relação aos pais revela sua obediência em relação ao dever fundamental de sua vida: “estar naquilo que é de meu Pai” (Lc 2,49). Tal atitude, iluminada por esse dito ambivalente, diz respeito não apenas à identidade messiânica de Jesus, que ultrapassa a compreensão judaica de Messias, mas aponta, também, para sua missão universal como concretização do projeto de salvação querido por Deus.

A própria concepção de “filho” nesse episódio carrega um significado sapiencial e profético, se observarmos o contexto comunicativo em que Jesus profere o dito: Jesus está entre os mestres, mostrando seu conhecimento da Escritura. Jesus configura-se como um justo, alguém que ajusta incondicionalmente sua vida à vontade de Deus.

Essa dimensão filial de Jesus será, pois, retomada nos relatos do “batismo” e da tentação, manifestando ao leitor Jesus como filho de Deus na linha do messias-servo e profeta. A genealogia manifesta a filiação divina de Jesus incluindo-o na família de Deus, mediante o proto-homem, Adão.

A dimensão profética de sua identidade também está aludida no episódio da automanifestação de Jesus (Lc 2,41-52). Lucas se inspirou na história da juventude do profeta Samuel para compor o quadro dos eventos narrados em Lc 1,5–2,52.<sup>176</sup> O protagonismo de Jesus no Templo, aos doze anos (Lc 2,42), bem como os sumários de crescimento (Lc 2,40.52), se inspiram no relato do jovem Samuel (1Sm 2,21.26).<sup>177</sup>

O episódio da sinagoga de Nazaré fecha esse arco narrativo da manifestação da identidade messiânica de Jesus, iniciado no relato da infância. Mediante o processo de acumulação, Lucas retoma, no episódio do programa messiânico, o que foi afirmado acerca de Jesus e do alcance de sua missão. O leitor tem a competência para compreender a identidade messiânica de Jesus, atestada mediante suas obras, que revelam a misericórdia de Deus em prol dos necessitados, físico e espiritualmente. Em Lc 7,18-23, quando João Batista envia seus discípulos a Jesus para perguntar se ele era o Messias, Jesus remete para sua atividade taumátúrgica, mostrando-lhes que a sua identidade é atestada por sua práxis.

Ao final desse percurso, pode-se verificar o Leitor-modelo previsto por Lucas, já mencionado no seu prólogo.

---

<sup>176</sup> ALETTI, Il Gesù, p. 38.

<sup>177</sup> ALETTI, Il Gesù, p. 38.

A intenção de Lucas é construir um leitor que saiba interpretar na história a manifestação da salvação de Deus, reconhecendo em Jesus o messias na perspectiva do servo e profeta, que age no cotidiano, na vida simples, mediante uma práxis libertadora do ser humano em sua totalidade.

A cooperação entre Leitor-modelo e leitor empírico visa levar à compreensão de que a salvação operada por Jesus está em continuidade com a história de Israel e inserida na história universal, à qual todos os seres humanos têm acesso, não apenas um povo seletivo. A abertura dos gentios à salvação não constitui um desvio no percurso, embora historicamente esteja associada à rejeição de Israel, mas faz parte intrínseca do plano de Deus, que elegeu um povo, do meio das nações, para ser bênção para as nações (Gn 12,1-4).

A estratégia do texto consiste em levar o leitor a superar os aparentes empecilhos impostos pela cultura e religião judaica, desvinculando-se de uma ideia messiânica restrita ao judaísmo palestinese, para abrir-se à novidade que Jesus representa num contexto em que a salvação era considerada somente para os “santos”. A grande novidade que representa Jesus é a verdade de Deus que envia o seu filho para buscar e salvar os que estão perdidos. Nisso, a história da salvação, que teve sua etapa inicial com o primeiro Adão, expulso do paraíso, tem sua plenitude, ou ponto central, em Jesus, o segundo Adão, que restitui a humanidade ao seu lugar de origem: à comunhão com Deus.

Mas a história continua o seu curso, no qual a humanidade redimida por Deus é chamada a abrir-se ao evento que é Jesus. E, para isso, o discípulo-missionário de Jesus continua a caminhar na história, testemunhando a Palavra-evento, pela força do Espírito Santo, que conduz a comunidade até sua consumação, quando Cristo vier em sua glória.

### **3.7 Síntese conclusiva**

O caminho de leitura proposto no capítulo anterior continua no estudo do episódio da sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-30). O modelo de leitor traçado por Lucas no relato da infância, particularmente no episódio de Jesus aos doze anos (Lc 2,41-52) encontra, aqui, seu ponto de convergência. A cristologia lucana revelada na narrativa da infância preparou o leitor para a compreensão do messianismo de Jesus evidenciado no episódio da sinagoga de Nazaré que, enquanto texto programático contém, em síntese, toda a obra lucana (Lc-At).

Os episódios que antecedem o relato de Lc 4,16-30 conduzem o leitor no processo de identificação do messianismo de Jesus, já revelado no relato da infância, mas agora voltado para o início da atividade pública de Jesus. A pregação de João, na linha do profetismo, e em

contexto de expectativa messiânica, constitui ocasião para Lucas inserir a primeira aparição de Jesus. O primeiro evento importante desse processo se dá na manifestação de Jesus como o filho amado, em quem Deus põe seu agrado. Nele está concentrada toda a história humana iniciada com Adão, filho de Deus, por isso, a salvação é universal. E é, pois, como filho de Adão, filho de Deus, conduzido pelo Espírito, que Jesus vence a prova, por sua fidelidade ao Pai. O olhar atento do leitor poderá, depois desses eventos, reconhecer nas ações de Jesus a confirmação de sua identidade messiânica.

A análise do texto de Lc 4,16-30 pressupõe o estudo de alguns elementos literários: os limites do texto, sua confiabilidade textual, sua relação com a macronarrativa e a forma literária que orienta na busca do sentido do texto.

As indicações espaciotemporais, bem como outros elementos, repetições de vocabulário e temática profética depõem a favor da unidade do texto como um todo coeso que, embora vinculado ao sumário redacional dos vv. 14-15, pode ser analisado como uma unidade autônoma. Uma breve análise do aparato crítico demonstrou não haver problemas relevantes em relação ao texto estabelecido. Em relação à posição que Lc 4,16-30 ocupa no Evangelho lucano, trata-se de um episódio programático posto no início da atividade pública de Jesus, logo após os relatos que constituem o “tríptico inaugural” (Lc 3,1–4,13), logo após o relato da infância (Lc 1,5–2,52). Quanto ao gênero literário, apresentamos apenas a opinião de alguns estudiosos, sem entrar na questão.

A estrutura narrativa evidencia uma organização interna em três subunidades cada uma delas articulada sob a palavra de Jesus e a reação dos ouvintes.

A sintaxe evidenciou uma narrativa estruturada, em sua maior parte, por períodos compostos por subordinação, no qual o principal agente dos verbos é Jesus, seja na leitura do texto, em sua explicação ou na réplica que dá aos seus ouvintes. Nas três subunidades narrativa, destacadas pelos verbos de primeiro e segundo plano, o enfoque é dado ao discurso direto, no qual a narrativa cria o contexto comunicativo no qual este deve ser entendido.

Mediante análise semântica do texto, ficou evidente a apresentação do messianismo de Jesus na linha do profetismo. Sua missão é apresentada, no texto, como instauração do ano jubilar em prol dos mais necessitados. O cumprimento da Escritura é tema central no episódio, enfatizado pelo vocabulário empregado e pelo contexto de expectativa e maravilhamento diante das palavras de Jesus. Nessa mesma perspectiva, situa-se a pregação de Jesus em reação à descrença dos seus ouvintes, na qual se delineia, mediante a exemplificação da atuação dos profetas Elias e Eliseu, o alcance universal da salvação, parte integrante de seu projeto histórico-salvífico. A falta de acolhida dos ouvintes de Jesus traduz-se em atitude violenta, que prefigura



o destino do profeta Jesus, que deve consumir sua obra em Jerusalém; mas que, por enquanto, segue seu caminho.

A situação comunicativa delineada pelos elementos formais, sintáticos e semânticos deixa transparecer a pergunta sobre a compreensão da identidade messiânica de Jesus e de sua obra salvífica universal como cumprimento das promessas veterotestamentárias.

É, pois, estratégia de Lucas iniciar a narrativa da práxis de Jesus com um episódio programático que convida o leitor a constatação de que o cumprimento da salvação prometida a Israel acontece no hoje de Jesus, presente a cada leitor de todos os tempos. Esse evento salvífico torna-se presente ao leitor mediante a escuta atenta da Palavra que se configura na decisão de abrir-se ou não à graça. Tal decisão requer abertura ao novo, inaugurado por Jesus, e evidenciado pela acolhida da Palavra pelos gentios, em que o plano histórico-salvífico alcança seu objetivo.

Ao final deste percurso, fica evidente a importância da leitura de conjunto do relato desde o prólogo Lc (1,1-4) até o episódio da sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-30) como uma unidade narrativa em que o tempo do cumprimento se concretiza em Jesus. A narrativa da infância (Lc 1,5–2,52), com sua conclusão e cume em Lc 2,41-52, constitui importante estratégia do autor para a compreensão da identidade messiânica de Jesus e o alcance de sua missão retomados em Lc 4,16-30. O Leitor-modelo, construído ao longo desse arco narrativo, poderá atestar na práxis de Jesus, mediante sua atuação profética, que a salvação prometida no tempo de Israel se concretiza na história; e que a abertura dos gentios faz parte dessa promessa.

## CONCLUSÃO

A narrativa da infância, longe de querer apresentar a vida oculta de Jesus, objetiva oferecer aos leitores da obra lucana (Lc-At) uma melhor compreensão e clareza acerca da identidade messiânica de Jesus e do alcance de sua missão. Lucas compôs sua narrativa a partir de fontes da tradição, da releitura e citações das Escrituras em sua versão grega (LXX), com o objetivo de reler a vinda de Jesus como cumprimento das promessas veterotestamentárias, segundo as quais Deus visita o seu povo.

O fato de Lucas iniciar, à diferença de Mc, a narrativa com os episódios da infância de Jesus (como também Mateus 1–2), diz respeito ao seu objetivo de apresentar uma narrativa bem ordenada desde o início (Lc 1,1-2). Para Lucas, o início dos eventos acontecidos entre nós não se restringe à narrativa de sua atuação pública (Lc 4,14-15; Mt 4,12-17; Mc 1,14), que coincide com a pregação de João Batista, logo após ser batizado (Lc 3,1; 10,37; Mc 1,1-11; Mt 3,1-17), mas remonta aos relatos dos anúncios e nascimentos de João e Jesus (Lc 1,5–2,21), apresentação de Jesus no Templo (Lc 2,23-40), concluindo com sua manifestação no Templo, aos doze anos (Lc 2,41-52). O porquê de Lucas acrescentar à narrativa da infância já completa (cf. Mt 1–2) um último episódio, que trata da sua juventude (Lc 2,41-52), diz respeito ao caráter de cume e conclusão da cristologia revelada gradativamente ao longo do relato da infância (Lc 1–2), que apresenta nos seus personagens o modelo de reconhecimento da identidade messiânica de Jesus.

A discussão entre os estudiosos acerca da inserção de Lc 2,41-52 no relato da infância (Lc 1–2) deixa entrever a pluralidade de fontes por Lucas empregada, que dificulta a organização interna dos vários episódios que compõem a narrativa, bem como o lugar que o episódio ocupa nessa estrutura bem definida (*synkrisis*) e seu conteúdo (infância). Do ponto de vista literário, é indiscutível que a narrativa contém sete cenas, mas a disposição das mesmas depende dos critérios aplicados por cada estudioso. No nosso caso, preferimos considerar a organização da narrativa em três grandes seções – demarcadas por enlaces e sumários redacionais –, que evidenciam a dinâmica narrativa no desenvolvimento gradativo da cristologia nelas revelada. Assim, no episódio da automanifestação de Jesus no Templo (Lc 2,41-52), à diferença dos relatos antecedentes, ele mesmo manifesta sua identidade messiânica, mediante seu agir que é explicado por um dito em que afirma a necessidade de “estar naquilo que é de meu Pai” (Lc 2,49).

Este é, pois, o tema central do episódio, conforme muitos estudiosos afirmaram, em discussão com outras posições que defendem uma temática voltada para a manifestação da

sabedoria de Jesus (Meynet), ou para ambos os temas (Bultmann, Schürmann, Bovon, Valentini). No entanto, uma não exclui a outra, uma vez que é no contexto sapiencial (Jesus, sentado, entre os mestres, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas) que Jesus pronuncia suas primeiras palavras no Evangelho (Laurentin, Van Iersel, Brown, Coleridge, Aletti). O tema da sabedoria constitui o *background* para a afirmação da identidade messiânica.

A importância do dito de Jesus no relato de sua permanência no Templo levantou a questão do sentido desse dito enigmático, cuja interpretação gerou extensa discussão. As diversas propostas apresentadas pelos estudiosos centraram-se no esforço de preencher o que se acreditava ser a ausência de um substantivo na formulação do ἐν τοῖς τοῦ πατρὸς μου (Lc 2,49b). Para preencher essa “ausência”, foram propostas as interpretações local (“casa”, referida ao Templo) ou funcional (“coisas”, “negócios”, “assuntos”) do referido sintagma. Os que optaram por uma interpretação local, centrada no vocábulo “casa”, foram influenciados pelo contexto narrativo em que Jesus é encontrado, a saber, no Templo. Alguns, como Laurentin, chegaram a rejeitar qualquer outra interpretação. Os que optaram pelo sentido funcional, reconheceram a necessidade de manter a ambiguidade do termo, uma vez que favorece uma interpretação aberta do sintagma (sem excluir o Templo dentre as “coisas do Pai”).

Embora muitos ainda persistam na interpretação “casa”, acreditamos que esse vocábulo não corresponde ao sentido original do texto grego. Por esse motivo, neste estudo, ressaltou-se o conhecimento e o frequente emprego de Lucas do referido vocábulo, inclusive, em algumas passagens do Evangelho, em referência ao Templo. Por outro lado, não há, gramaticalmente, nenhuma lacuna ou elisão no sintagma, pois o plural neutro do pronome possessivo em grego é a forma gramaticalmente perfeita para expressar o que pertence ou diz respeito à referida pessoa. Isso nos levou à conclusão de que a intenção de Lucas era manter o texto enigmático por meio do emprego dessa terminologia ambivalente, com a intenção de instigar o leitor a descobrir na narrativa da práxis de Jesus (Lc 3–24) em que consiste a necessidade fundamental de Jesus (Lc 2,49).

Pois bem, nosso estudo de Lc 2,41-52, em sua vertente comunicativa, partiu do pressuposto de que deixar o texto ambivalente é parte da estratégia lucana, com vistas a seu leitor, que, no seu percurso de leitura, vai construindo a figura do Messias proposta pelo Evangelho. Esse percurso de leitura inicia-se pelo prólogo lucano (Lc 1,1-4), que nos revelou um leitor que está inserido na fé cristã, já evangelizado, conhecedor dos eventos acontecidos entre nós e que, agora, recebe a catequese lucana para dar solidez a tudo o que lhe foi ensinado. O leitor sabe, então, que deve reler a história de Jesus, desde o início (infância), para

compreender com clareza a salvação realizada em Jesus, Messias e Filho de Deus, cuja missão de salvação ultrapassa os limites de Israel.

Partindo dessa perspectiva, fizemos um percurso de leitura dos episódios da infância que antecederam Lc 2,41-52 sob a óptica do leitor. Nesse percurso, o leitor tomou conhecimento da visita de Deus a seu povo, mediante o reconhecimento da messianidade de Jesus à luz da gesta divina recordada na Escritura. As personagens do relato, representantes dos *anawin*, apresentam o modelo do leitor que, sob o olhar da fé, reconhece a concretização da salvação messiânica no hoje de sua história. A fé é elemento essencial no processo de reconhecimento de Jesus Messias; só pela fé é possível reconhecer que a promessa divina, condensada na Escritura se cumpre na história cotidiana do seu povo. Nessa perspectiva, Maria é apresentada como *typos* do discípulo, como modelo de fé a ser seguido, pois por sua fé ela tornou-se mãe do salvador. Aí está sua bem-aventurança, porque “acreditou”. E o que não compreende, ela medita no coração (Lc 2,19.51). Em Maria, o leitor encontra seu modelo a seguir: deve pôr-se a caminho do discipulado para compreender a profundidade do acontecido.

A identidade messiânica de Jesus é descrita mediante o recurso às Escrituras (Is 7,14; 2Sm 7,12-16), ressaltando sua descendência davídica, na linha da perspectiva judaica. A apresentação de João como precursor do Messias, com a função e preparar-lhe o caminho, visa sublinhar os tempos escatológicos, como releitura de Ml 3,1.22-23, na linha do profetismo, especialmente de Elias. A dimensão profética da identidade de João alude à de Jesus, que será mais clareada nos episódios posteriores.

O relato da infância também nos orientou na compreensão da identidade messiânica de Jesus, possibilitada pelo horizonte cultural e religioso de Israel, pois ele constitui a salvação prometido no Antigo Testamento para o tempo escatológico. O relato também já aponta para uma dimensão mais universal da salvação (Lc 2,11.14.29-32.49), não como libertação política de Israel do domínio romano, mas uma libertação mais profunda, que toca o ser humano na sua dimensão existencial: o perdão dos seus pecados (Lc 1,76-77). O pecado está na raiz da injustiça, como a própria pregação de João o demonstrará (Lc 3,1-14).

Os episódios antecedentes (Lc 1,5–2,40) prepararam o leitor para o relato da automanifestação de Jesus (Lc 2,41-52), conclusão de toda a narrativa da infância, em preparação para a leitura da obra lucana (Lc-At). A revelação gradativa da cristologia lucana, como manifestação da visita de Deus a seu povo, chega a seu ponto alto com a inclusão das nações, como já expressou o cântico de Simeão (Lc 2,32) e é implicado no tema de Jerusalém, para onde subirão as nações conforme Is 2,3. O ambiente religioso judaico, marcado pela observância dos preceitos e a peregrinação ao Templo, centro religioso do judaísmo, ambiente

em que são inseridos a manifestação da identidade de Jesus, ressalta a dimensão de continuidade entre a promessa de Israel e seu cumprimento em Jesus Cristo.

A análise de Lc 2,41-52 em chave comunicativa contemplou três aspectos importantes no processo de comunicação de um texto: a sintaxe, a semântica e a pragmática.

O estudo da sintaxe privilegiou a organização do texto a nível narrativo, tendo como eixo estrutural os verbos de primeiro e segundo plano. Essa análise nos possibilitou perceber com maior clareza a dinâmica narrativa que conduz a atenção do leitor para o protagonismo de Jesus aos doze anos, que age independente dos pais, e esta atitude leva o leitor a se perguntar pelo porquê de seu comportamento. As cenas de busca criam a dramaticidade do episódio na condução do leitor ao clímax narrativo, onde as questões levantadas pela atitude inesperada de Jesus, que permaneceu em Jerusalém, são respondidas por ele. O desfecho acontece no Templo, em ambiente sapiencial de ensino, no qual Jesus profere suas primeiras palavras no Evangelho. O diálogo posto em forma de quiasmo ressalta que a questão fundamental está, pois, na atitude de Jesus, que desafia a compreensão de seus pais (e também do leitor modelo).

A resposta de Jesus, com um dito enigmático que diz respeito ao seu dever fundamental em relação ao seu Pai celeste, em clara oposição aos pais terrestres, põe em evidência o sentido de seu agir: “estar naquilo que é de meu Pai” configura a prefiguração de toda a obra messiânica de Jesus, antecipada aqui como chave de leitura para a compreensão de sua identidade messiânica. O comentário do narrador a respeito da incompreensão dos pais e da atitude meditativa de Maria convida o leitor a continuar seu itinerário para uma ulterior compreensão a partir da práxis de Jesus ao longo de sua atividade pública.

No plano semântico, o texto evidencia a importância do ambiente religioso e do caráter de fidelidade no cumprimento dos preceitos judaicos, reforçando a ideia de que Jesus está inserido na fé do seu povo. A peregrinação a Jerusalém, lugar onde está o Templo, a morada de YHWH no meio do seu povo (Sl 9,12; 78,68-69; 132,13), para o qual todas as nações se dirigirão para receber a instrução divina (cf. Is 2,1-4; Mq 4,1-2), cria o contexto em que são narrados os eventos. O contexto é de ensino, ressaltado pela presença dos mestres, pela apresentação de Jesus em atitude de discípulo, que também alude ao seu *Bar Mitzwah*, no qual, aos doze anos, torna-se filho do preceito, o verdadeiro discípulo que se tornou mestre, porque assume em sua existência o significado profundo da Lei de Deus: ser instrução para o seu povo. É, pois, nesse ambiente sapiencial que Jesus pronuncia o dito revelador de sua messianidade, refletida na sua identidade de Filho de Deus.

O dito de Jesus corresponde ao seu agir, que supera as expectativas dos seus pais – uma simples peregrinação a Jerusalém –, para dedicar-se ao que realmente importa: “estar naquilo

que é de meu Pai”. Esse é o dever (δεῖ) fundamental de Jesus, superando uma mera peregrinação à cidade de Jerusalém que, na perspectiva judaica, é o lugar para onde se dirigirão todas as nações para buscar a salvação. No entanto, em alusão a Is 2,1-4, é Jesus que, assumindo em sua existência a Instrução divina, sairá de Jerusalém em direção às nações, tema desenvolvido no livro dos Atos dos Apóstolos. Por esse motivo optamos por manter o sentido natural de ἐν τοῖς τοῦ πατρὸς μου como pronome possessivo abstrato, ao invés de postular a complementação “casa”, pois esta interpretação não dá conta do valor prefigurativo que o dito veicula como explicação do agir messiânico de Jesus. Estar “naquilo que é do Pai” inclui o Templo, é claro, mas não se limita a ele. Isso porque a perspectiva universal da teologia lucana, que perpassa toda a obra, encontra aqui sua chave de leitura. O Templo, assim como o ambiente religioso judaico, tem sua importância por pontuar o papel de Israel na história da salvação, bem como as raízes para se compreender a identidade messiânica de Jesus. Mas Lucas vai além, demonstra que a casa e o dom salvífico do Pai agora se encontram em Jesus, lugar do encontro com Deus, que se dirigirá para além das fronteiras de Jerusalém. A salvação deve ultrapassar os limites de Israel, não apenas na dimensão geográfica, mas principalmente religiosa e cultural. “O que é do Pai” diz respeito à salvação de Deus que Jesus se compromete a manifestar em sua vida e ações, conteúdo do episódio da sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-30).

O retorno de Jesus com seus pais, ao final do episódio, revela que o Templo é circunstancial, e não finalidade de sua caminhada. E a meditação de Maria, modelo do discípulo, convida o leitor a ir mais adiante, para verificar na práxis de Jesus o sentido de suas palavras.

A conclusão decorrente das análises sintática e semântica é que a estratégia de Lucas visa corrigir a compreensão da identidade messiânica de Jesus restrita ao povo de Israel, a partir da reflexão sobre seu agir, evidenciando a ênfase dada ao diálogo mãe e filho. Primeiramente, o leitor é convidado a confrontar suas expectativas em relação a Jesus, a partir da compreensão restrita de sua messianidade para abrir-se à novidade de sua pessoa refletida em seu agir. Essa necessidade de se rever a pré-compreensão de Jesus é expressa no ato mesmo de Jesus perguntar à sua mãe “por que me buscáveis”, evidenciando ao leitor sua incompreensão da forma de Jesus agir. Por isso, pelo ato representativo “não sabíeis que devo estar naquilo que é de meu Pai?”, o leitor é induzido a mudar sua consciência em relação ao que pensa conhecer de Jesus, deixando que ele mesmo se revele. A obediência ao Pai constitui a atitude basilar de Jesus, que o leva a comprometer-se com tudo o que é d’Ele, e logo o discípulo descobrirá do que se trata, pois o próprio Jesus o revelará: basta abrir-se ao novo que ele representa.

Em continuidade ao processo de leitura da narrativa lucana, apresentamos a demonstração da identidade messiânica de Jesus a partir de uma perícopes chave do Evangelho. Estudamos o texto da sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-30), primeiramente porque, no final de Lc 2,41-52, Jesus retorna para Nazaré (Lc 4,16-30), mas, sobretudo, porque o episódio constitui o programa messiânico de Jesus. Na sinagoga, seu discurso revela sua missão messiânico-profética e os destinatários da salvação inaugurada por Jesus, revelando, ao leitor, o significado concreto de “estar naquilo que é de seu Pai” (Lc 2,49b).

Seguimos a mesma dinâmica que usamos na narrativa da infância. Começamos nosso estudo pelo caminho do leitor, mediante a leitura dos episódios que antecedem o episódio de Nazaré. Nossa leitura evidenciou que a aparição de João Batista confirmou o que foi anunciado na infância a respeito de sua missão de preparar um povo bem-disposto para o Senhor. João também apresentou os destinatários da salvação, pessoas do povo que se abrem à palavra profética e buscam a conversão. A apresentação de João na linha do profetismo também antecipou ao leitor o destino de Jesus ligado ao de todo profeta. O ambiente de expectativa, criado pela pregação de João, preparou a aparição de Jesus, saído do meio do povo e manifestado a todos. Com sutil diferença em relação aos demais Evangelhos, o enfoque não foi dado ao batismo de Jesus, mas à manifestação do Espírito, que o investe para sua missão profética, e à voz divina que declara sua predileção pelo Filho amado, depositário do seu agrado. Essa voz confirma o que já foi revelado na infância, a respeito da filiação divina (Lc 1,32.35) e da obediência ao Pai (Lc 2,49).

Na sequência, a genealogia posta imediatamente depois desses eventos, ressaltou a dimensão universal da salvação ao situar Jesus na descendência que remonta a Adão, filho de Deus, sublinhando sua solidariedade com toda a humanidade. Na narrativa das tentações, o leitor pôde constatar porque Jesus é o Filho amado; ele vence a tentação por sua obediência ao Pai, escuta somente sua voz e cumpre radicalmente sua vontade. Assim, em Jesus, novo Adão, a humanidade tem um ideal a ser alcançado em sua caminhada existencial, sob a condução do Espírito na escuta atenta da Palavra de Deus. É, pois, mediante essa escuta atenta que consiste na adesão radical ao projeto de Deus, que a salvação se concretiza no hoje de cada leitor.

O episódio da sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-30), evidenciou esse cumprimento. A narrativa posta no início da atividade taumatúrgica de Jesus, enquanto programa messiânico, apresenta os destinatários da salvação, incluindo os gentios entre os pobres de YHWH, a quem Jesus é enviado; e nesse cumprimento também o leitor associa o messianismo de Jesus ao profetismo, que, na linha da atuação de Elias e Eliseu, evidencia a dimensão universal da salvação. A localização desse episódio em Nazaré, cidade “natal” de Jesus, durante a liturgia

sinagoga no sábado, visa dar um teor solene ao primeiro ensino de Jesus, posto no interior da religiosidade judaica.

A coesão linguística do episódio e a disposição dos verbos de primeiro e segundo planos mostraram uma organização interna bem articulada em torno do discurso direto; a palavra de Jesus e a consequente reação dos ouvintes constituíram o eixo fundamental da narrativa. As ações principais protagonizadas por Jesus põem em primeiro plano seu discurso como cumprimento da Escritura que anuncia a salvação de Deus em prol dos mais necessitados, os *anawim*, no qual estão incluídos todos os que anseiam pela salvação. A práxis de Jesus, relatada nos episódios imediatamente posterior (Lc 4,31-44; 7,21-22), ilustrará a salvação anunciada na sinagoga de Nazaré, confirmando, assim, sua messianidade.

A centralidade do texto de Isaías nos possibilitou perceber a intenção de Lucas em retratar a missão messiânica de Jesus na linha do profetismo, cuja unção pelo Espírito do Senhor remete o leitor ao episódio do batismo, no qual Jesus foi investido da missão de evangelizar os pobres, para anunciar o ano da graça do Senhor. Esse tempo propício é o “hoje” de Jesus, pronunciado por suas palavras que cumprem aquilo que diz. A força ilocutória das palavras de Jesus está em sua autoridade, conferida pelo Espírito do Senhor, que concretiza em sua pessoa o hoje do cumprimento da Escritura proclamada aos ouvidos do leitor.

É a explicação de Jesus que confere o caráter de cumprimento à Escritura lida, atualizando a profecia de Isaías em sua pessoa. O hoje da salvação proclamado pelo anjo na narrativa do nascimento de Jesus (Lc 2,11) e reiterado por Simeão na apresentação de Jesus no Templo (Lc 2,30) é confirmado pelo próprio Jesus ao proclamar a abertura do ano da graça do Senhor (Lc 4,21). A reação de maravilhamento e assombro dos ouvintes diante da palavra de graça que saía da boca de Jesus dá lugar ao ceticismo que nasce da visão puramente exterior, incapaz de perceber a verdade do que está diante dos seus olhos. Essa descrença, desmascarada pelo próprio Jesus em seu discurso carregado de ironia, evidenciou o fechamento dos judeus; e a consequente rejeição é a atestação da verdadeira identidade profética de Jesus. Além disso, o leitor também toma consciência das consequências do fechamento dos judeus à graça da salvação oferecida por Jesus, e ao mesmo tempo é atestada a abertura universal da salvação pela própria Escritura, mediante a história dos profetas Elias e Eliseu, enviados por Deus aos gentios.

O contexto comunicativo ressaltou para o leitor a continuidade com o passado de Israel e a questão da compreensão da identidade messiânica de Jesus, que ultrapassa as fronteiras do judaísmo – acento marcado em toda a obra Lc-At. Essa compreensão só é possível mediante o



processo de desconstrução de uma concepção messiânica popular entre os judeus piedosos de Jerusalém para abrir caminho ao que o próprio Jesus revela de si mesmo em sua práxis.

Assim, mediante os atos de fala de Jesus, o leitor toma conhecimento da dimensão atual do cumprimento da Escritura, que se realiza na boca de Jesus de modo pleno, ao proclamar o “hoje” da salvação que se concretiza em sua pessoa. Esse “hoje” é representativo, pois convida o leitor a tomar consciência de que o tempo da salvação se faz presente a ele no exato momento em que a Palavra chega ao seu ouvido; e a abrir-se à salvação oferecida na simplicidade do homem de Nazaré, mediante um olhar mais profundo, na escuta atenta à Palavra, à luz da fé e do compromisso obediente à sua vontade (Lc 19,9; 23,43).

A rejeição dos nazarenos mencionada na palavra de Jesus (Lc 4,24), representativa de sua missão contestada entre o povo eleito, diz respeito não apenas ao fechamento de Israel à salvação de Deus, mas aponta para a vocação dos gentios como realização desse projeto histórico-salvífico. A abertura dos gentios à salvação ofertada por Jesus Cristo mostra que a universalidade da salvação alcança seu objetivo no momento mesmo em que o ser humano abre seus ouvidos para escutar a Palavra de salvação que é o próprio Jesus, em quem converge toda a Escritura veterotestamentária.

Na sinagoga de Nazaré, Jesus anuncia a abertura universal da salvação, que provoca a resistência dos piedosos e prefigura a rejeição do anúncio de Jesus ao longo de seu ministério, consumado em Jerusalém. Interpreta o episódio da automanifestação de Jesus no Templo (Lc 2,41-52), pois “aquilo que é do Pai” não é aceito pelo judaísmo estabelecido. Lucas dá um sentido mais amplo à chegada do enviado de Deus ao seu Templo, prefigurada em Ml 3,1-5 (último capítulo do AT segundo a LXX), não mais ligado à purificação do Templo, mas recapitulando em Jesus o sentido do Templo como lugar do encontro com Deus. Como em Isaías (2,3) a instrução de Deus deverá ir ao encontro das nações, o próprio Jesus vai ao encontro dos perdidos, resgatando-os para a comunhão com Deus. Assim, realiza o que foi prefigurado no relato da automanifestação de Jesus no Templo (Lc 2,41-52), entendido que, ao pronunciar o dito “devo estar naquilo que é de meu Pai” (2,49), Jesus realiza o projeto histórico-salvífico, que não está circunscrito a Israel e o Templo, mas se expande para as nações, os “pertences” do Pai (Ex 19,5, lembrado de modo contrastante em Lc 4,6).

Essa é a linha mestra na condução da leitura do Evangelho lucano. O leitor delineado por Lucas ao longo dessa narrativa, desde o prólogo (1,1-4) e até a sinagoga de Nazaré (4,16-30), compreenderá que o programa messiânico de Jesus, em cumprimento da promessa de salvação contida na Escritura, deve ser entendido na linha do profetismo, com uma clara abertura aos gentios. O leitor de Lucas, mediante o percurso feito, é capaz de superar uma visão

restrita da salvação realizada em Jesus, cuja dimensão universal está presente no texto desde o início, e que somente o leitor competente é capacitado a atualizar, mediante o diálogo profundo com o texto à luz dos eventos testemunhados. Os elementos para essa compreensão estão dados no texto, e somente o leitor modelo, inscrito no próprio texto, qual estratégia comunicativa, poderá atualizá-lo. Esse é o convite que Lucas faz ao seu leitor empírico, que acompanha a missão de Jesus de anunciar a salvação a todos os povos: tomar consciência de que, na sua práxis, Jesus revelou que a salvação de Deus acontece no hoje de cada pessoa que se abre a ele, independentemente de sua condição social, cultural, religiosa etc. Assim, o texto cumpre a sua meta: comunica “a solidez dos ensinamentos que recebestes” (Lc 1,4).

## REFERÊNCIAS

ALAND, B. *et al.* (Ed). O Novo Testamento Grego. 4.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012. Baseado em The Greek New Testament. 4.ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2007.

ALAND, Kurt. *et al.* (Ed.). *The Greek New Testament*. 3.ed. Stuttgart: United Bible Societies, 1985.

\_\_\_\_\_. *Synopsis quattuor evangeliorum: locis parallelis evangeliorum apocryphorum et patrum adhibitis edidit*. 7.ed. Stuttgart: Wurttembergische Bibelanstalt, 1971.

ALETTI, Jean-Noël. *Il Racconto come Teologia: studio narrativo del terzo Vangelo e del libro degli Atti degli Apostoli*. Bologna: Dehoniane, 1997.

\_\_\_\_\_. *Il Gesù di Luca*. Bologna: Dehoniane, 2012.

\_\_\_\_\_. *Voltar a falar de Jesus Cristo: a escrita narrativa do Evangelho de Lucas*. Lisboa: Cotovia, 1999.

ALONSO-SCHÖKEL, Luis; SICRE DIAZ, José Luis. *Profetas I: Isaías; Jeremias*. Madrid: Cristiandad, 1980.

ARRÁIZ, Santiago M. María, un corazón dócil ante la palabra de Dios: modelo esplendoroso de la contemplación (Lc 2,41-52). *Lumen Veritatis*, Mairiporã, SP, n. 15, p. 17-78, abr.-jun. 2011.

AUDET, Jean-Paul. Autour de la théologie de Luc I-II. *Science et esprit: revue philosophique et theologique*, Montréal, v. 11, p. 409-418, 1959.

AUGUSTA, Maria de Lourdes. *Jesus: boa-nova para os pobres*. Uma releitura de Lc 4,16-30 a partir da América Latina e do Caribe. Dissertação, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2008.

BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard (Eds). *Diccionario exegetico del Nuevo Testamento*. v. 2. Salamanca: Sigueme, 1998.

\_\_\_\_\_. *Diccionario exegetico del Nuevo Testamento*, v. 1., 3.ed. Salamanca: Sigueme, 2005.

BAR MITZWAH. In: WIGODER, G.; SECKBACH, F. (Eds.). *Encyclopaedia Judaica Jerusalem*. New York: MacMillan, 1971. v. 4. p. 244.

BIBLE WORKS, LCC. *BibleWorks*. Versão 10.0.4.114. Norfolk: BibleWorks, 2015. CDRom.

BÍBLIA NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 28.ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

BÍBLIA. *Novo Testamento interlinear grego-português*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

BÍBLIA de Jerusalém. 7.ed. São Paulo: Paulus, 1995.

BÍBLIA Sagrada: tradução oficial da CNBB. 2.ed. Brasília: CNBB, 2019.

BLASS, Friedrich; DEBRUNNER, Albert. *Grammatica del Greco del Nuovo Testamento*. 2.ed. Brescia: Paideia, 1997.

BLINKINSOPP, Joseph. *Isaiah 56-66: new translation with introduction and commentary*. New York: Doubleday, 2003.

BORN, Adrianun van den. (Red.). *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOVON, François. *El evangelio según San Lucas I: Lc 1-9*. Salamanca: Sigueme, 1995. (BEB 85).

BROWN, Raymond Edward. *El Nacimiento del Mesías: comentario a los relatos de la infancia*. Madrid: Cristiandad, 1982.

\_\_\_\_\_. *The birth of the Messiah: a commentary on the infancy narratives in Matthew and Luke: new updated edition*. New York: Doubleday, 1993.

BULTMANN, Rudolf. *Historia de la tradición sinóptica*. Salamanca: Sigueme, 2000.

CASALEGNO, Alberto. *Lucas: a caminho com Jesus missionário*. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. *Gesù e il tempio: studio redazionale di Luca – Atti*. Brescia: Morcelliana, 1984.

CLINES, David J. A. (Ed.). *The dictionary of classical hebrew*. Sheffield: Phoenix Press, 2011. v. 7.

COLERIDGE, Mark. *Nueva lectura de la Infancia de Jesús. La narrativa como cristología en Lucas 1-2*. Madrid: Almendro Córdora, 2000.

DE JONGE, Henk J. Sonship, Wisdom, Infancy: Luke ii. 41-51a. *New Testament Studies*, v. 24, p. 317-354, 1978.

DEL ÁGUA PEREZ, Agustín. *El método midrásico y la exégesis del Nuevo Testamento*. Valencia: Institución S. Jerónimo para la Investigación Bíblica, 1985.

DUPONT, Jacques. Luc 2,41-52: Jésus à douze ans. *Assemblées du Seigneur*, v. 14, p. 25-41, 1961.

ECO, Umberto. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

EINERT, Francis D. The multiple meanings of Luke 2,49 and their significance. *Biblical Theology Bulletin*, Roma/New York, v. 13, n. 1, p. 19-22, Feb. 1983.

ELLIOTT, James Keith. Does Luke 2,41-52 anticipate the Ressurrection? *Expository Times*, v. 83, n.3, p. 87-89, 1971.

ESCUADERO FREIRE, Carlos. Alcance cristológico de Lc. 1,35 y 2,39. *Communio*, Sevilha, v. 8, n. 1, p. 5-77, 1975.

\_\_\_\_\_. *Devolver el evangelio a los pobres: a proposito de Lc 1-2*. Salamanca: Sigueme, 1978.

FABRIS, Rinaldo. O evangelho de Lucas. In.: FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2006. (Bíblica Loyola 2)

FAUSTI, Silvano. *Una comunità legge il vangelo di Luca*. Bologna: Dehoniane, 1995.

FERRARO, Giuseppe. *I racconto dell'infanzia nel vangelo di Luca*. Napoli: Dehoniane, 1983.

FITZMYER, Joseph A. *El Evangelio según Lucas*. Tomo I: introducción general. Madrid: Cristiandad, 1986.

\_\_\_\_\_. *El Evangelio según Lucas*. Tomo II: traducción y comentario – capítulos 1–8,21. Madrid: Cristiandad, 1987.

GEORGE, Augustín. *Lettura del vangelo di Luca*. Assisi: Cittadella, 1977.

GRILLI, Massimo. A transfiguração do caminho: leitura de Mc 9,2-13 a partir da sua instância comunicativa. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 64, n. 253, p. 75-106.

\_\_\_\_\_. Autore e lettore: il problema della comunicazione nell'ambito dell'esegesi biblica. *Gregorianum*, Roma, v. 74, n. 3, p. 447-459, 1993.

\_\_\_\_\_. *L'opera di Luca. 1. Il Vangelo del viandante*. Bologna: Dehoniane, 2012.

\_\_\_\_\_. *Vangeli sinottici e Atti degli apostoli*. Bologna: Dehoniane, 2016.

\_\_\_\_\_; GUIDI, Maurizio; OBARA, Elżbieta M. *Comunicazione e pragmatica nell'esegesi biblica*. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2016.

HERRERO, Salvador Villota, "En las (cosas) de mi padre". Del trasfondo paterno divino en Lc 1–2 a la respuesta filial de Jesús en Lc 2,49. *Antonianum*, v. 88, p. 217–238, 2013.

JANSEN, J. F. An Exposition of Luke 2,41-52. *Interpretation. A Journal of Bible and Theology*, v. 30, p. 400-404, 1976.

KARRIS, Robert J. Il vangelo secondo Luca. In: BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (Ed.). *Nuovo grande commentario biblico*. Brescia: Queriniana, 1997. p. 880-942.

KILGALLAN, John J. Luke 2,41-50: Foreshadowing of Jesus, Teacher. *Biblica*, v. 66, n. 4, p. 553-559, 1976.

KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. (Eds.). *Theological dictionary of the New Testament*. Grand Rapids: WM. B. Eerdmans, 1973. vv. 1, 2, 6.

KOHLBERGER III, John R. et al. *The exhaustive concordance to the Greek New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 1995. p. 677-680.

LAURENTIN, René. *Jésus au Temple: mystère de paques et foi de Marie em Lc 2,48-50*. Paris: Lecoffre, 1966.

\_\_\_\_\_. *Structure et Théologie de Luc I-II*. Paris: Gabalda, 1957.

LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene Albert. (Eds.). *Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MANI, Marco. Gesù a Nàzaret (Lc 4,16-30), *Parole di Vita*, Brescia, v. 55, n. 2, p. 9-15, mar.-apr. 2010.

MANICARDI, Ermenegildo. Redazione e tradizione in Lc 1-2. *Ricerche Storico Bibliche*, Bolonha, v. 4, n. 2, p. 13-53, luglio/Dic. 1992.

MANNS, Frédéric. Luc 2,41-50 témoin de la bar mitswa de Jesus. *Marianum*, Roma, v. 40, n. 121-122, p. 344-349, 1978.

MARGUERAT, Daniel. *A primeira história do cristianismo: Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_; WÉNIN, André. *Sapori del racconto biblico: una nuova guida a testi millenari*. Bologna: Dehoniane, 2013.

MARSHALL, Ian Howard. *The gospel of Luke: a commentary on the greek text*. Exeter: The Paternoster Press, 1978. (The New International Greek Testament Commentary)

MARTINS, José Miguel Ferreira. Os motivos da rebeldia de Jesus-Menino: contributos para a exegese de Lc 2,41-52. *Theologica*, Braga, v. 44, n. 1, p. 133-167, 2009.

MASINI, Mario. *Luca: il vangelo del discepolo*. Brescia: Queriniana, 1988.

METZGER, Bruce M. *Un comentario textual al Nuevo Testamento Griego*. Volumen complementario de The Greek New Testament. 4.ed. New York: Sociedades bíblicas unidas, 2006.

MEYNET, Roland. *Il Vangelo di Luca: analisi retorica*. Roma: Dehoniane, 1994.

MIRIZZI, Domenico. *Il Gesù-esegeta di Luca: analisi narrativa di brani scelti*. Assisi: Cittadella Editrice, 2016.

MORGENTHALER, Robert. *Statistik des neutestamentlichen Wortschatzes*. 4.ed. Zürich: Gotthelf-Verlag, 1992.

MUÑOZ IGLESIAS, Salvador. El Evangelio de la Infancia en San Lucas y las infancias de los héroes bíblicos. *Estudios Bíblicos*, Madrid, v. 16, n. 3-4, p. 329-382, jul./dic. 1957.

MUÑOZ NIETO, Jesús María. *Tiempo de anuncio: estudio de Lc 1,5-5,52*. Taipei: Facultas Theologica S. Roberti Bellarmino, 1994.

NICCACCI, Alviero. Dall'aoristo all'imperfetto o dal primo piano allo sfondo. Un paragone tra sintassi greca e sintassi ebraica. *Liber Annuus. Studium Biblicum Franciscanum*, Jerusalém, v. 42, p. 85-108, 1992.

OBARA, Elżbieta M. *Le strategie di Dio: dinamiche comunicative nei discorsi divini del Trito-Isaia*. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2010. (Analecta Biblica, 188).

PAZ, César Mora; GRILLI, Massimo; DILLMANN, Rainer. *Lectura pragmalínguística de la bíblia: teoría y aplicación*. Estella: Verbo Divino, 1999.

PEREIRA, Isidro. *Dicionário grego-português e português-grego*. 8.ed. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1998.

PÉREZ RODRÍGUEZ, Gabriel. Dimensión existencial de Mt 1-2; Lc 1-2. *Estudios bíblicos*, Madrid, v. 50, n. 1-4, p. 161-175, 2ª época, 1992.

PLUMMER, Alfred. *A critical and exegetical commentary on the Gospel according to St. Luke*. 10.ed. New York: Charles Scribner's Sons, 1914.

RASCO, Emílio. *La teología de Lucas: origen, desarrollo, orientaciones*. Roma: Universita Gregoriana, 1976.

RIGAUX, Beda. *Testimonianza del Vangelo di Luca*. Padova: Gregoriana Editrice, 1973.

RODRIGUES, Márcia Eloi. *O Cristo pós-pascal na narrativa da infância segundo Lc 2,41-52*. Dissertação, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2008.

RODRÍGUEZ CARMONA, Antonio. Jesús comienza su vida de adulto (Lc 2,41-52). *Estudios Bíblicos*, Madrid, v. 50, n. 1-4, p. 177-189, 2ª época 1992.

\_\_\_\_\_. *La religión judía: historia y teología*. 2.ed. Madrid: BAC, 2002.

ROSSÉ, Gérard. *Il vangelo di Luca: commento esegetico e teologico*. 4.ed. Roma: Città nuova, 2006.

SCHÜRMANN, Heinz. *Commentario teológico del nuovo testamento: il vangelo di Luca*. Brescia: Paideia, 1983. v. 3.

SERGEY, A. *Raccontare la salvezza attraverso lo sguardo: portata teológica e implicazioni pragmatiche del "vedere Gesù" nel vangelo di Luca*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2014.

SEARLE, John R. *Actos de habla: ensayo de filosofía del lenguaje*. Barcelona: Planeta-De Agostini, 1994.

SEPTUAGINTA. Id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes edidit Alfred Rahlfs. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006. (Impressão brasileira pela Sociedade Bíblica do Brasil)

SIKER, Jeffrey S. "First to the gentiles": a literary analysis of Luke 4:16-30. *Journal of Biblical Literature*, New Haven, v. 111, n. 1, p. 73-90, Spring 1992.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de exegese bíblica*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

SPINETOLI, Ortensio da. *Introduzione ai vangeli dell'infanzia*. Brescia: Paideia, 1967.

\_\_\_\_\_. *Luca: il vangelo dei poveri*. Assisi, Cittadella Editrice, 1982.

SYLVA, Dennis D. The cryptic “en tois tou patros mou dei einai me” in Lk 2,49b. *Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche*, v. 78, p. 132-140, 1987.

NEF ULLOA, Boris Agustín. *A apresentação de Jesus no Templo (Lc 2,22-39): o testemunho profético de Simeão e Ana como ícone da história da salvação*. São Paulo: Paulina, 2012.

TAYLOR, Vincent. *Formation of the Gospel Tradition*. Londres: Macmillan, 1949.

VALENTINI, Alberto. La rivelazione di Gesù dodicenne al tempio (Lc 2,41-52). *Estudios Bíblicos*, Madrid, v. 50, n. 1-4, p. 261-304, 2ª época. 1992.

\_\_\_\_\_. *Vangelo d'infanzia secondo Luca: riletture pasquali delle origini di Gesù*. Bologna: Dehoniane, 2017.

VAN IERSEL, B. The finding of Jesus in the Temple. Some observations on the Original Form of Luke 2,41-51a. *Novum Testamentum*, v. 4, f. 3, p. 161-173, Oct, 1960.

WALLACE, Daniel B. *Gramática grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009. (Tradução de Roque Nascimento Albuquerque do original *Greek Grammar Beyond the Basics*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1996.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 7.ed. rev. atual. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

WEINERT, Francis D. The multiple meanings of Luke 2,49 and their significance. *Biblical Theology Bulletin*, v. 13, p. 19-22, 1983.

WINTER, Paul. Luke 2,49 and Targum Yerushalmi. *Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche*, v. 45, p. 145-179, 1954.

\_\_\_\_\_. Luke 2,49 and Targum Yerushalmi again. *Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche*, v. 46, p. 140-141, 1955.

WOLFE, K. R. The chiasmic structure of Luke-Acts and some implications for worship. *Southwestern Journal of Theology*, Texas, n. 22, p. 60-71, 1980.